# Amor por encomenda



MARI SALES




MARI SALES

**1ª. Edição**
**2019**

**Copyright © Mari Sales**

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

**Edição Digital:** Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# Sumário


Sinopse
Prólogo
Renata
Capítulo 1
Bia
Capítulo 2
Bia
Capítulo 3
Bia
Capítulo 4
Bia
Capítulo 5
Bia
Capítulo 6
Davi
Capítulo 7
Bia
Capítulo 8
Bia
Capítulo 9
Bia
Capítulo 10
Bia
Capítulo 11
Bia
Capítulo 12
Bia
Capítulo 13
Davi
Capítulo 14
Bia

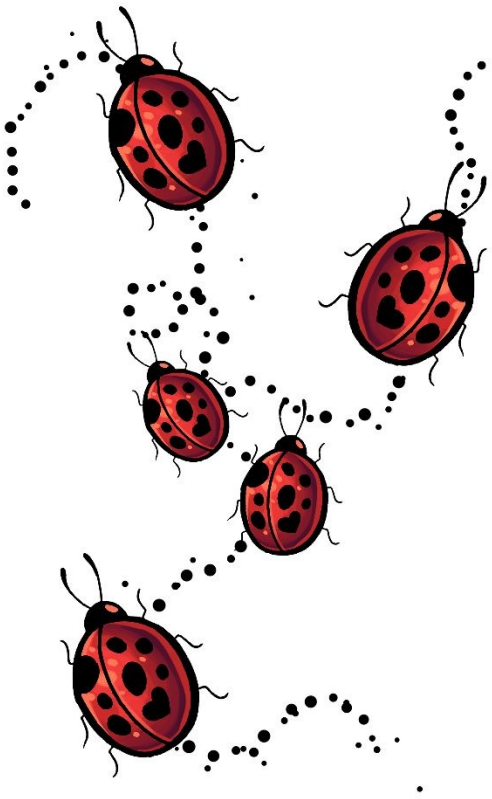
Capítulo 15
Bia
Capítulo 16
Bia
Capítulo 17
Bia
Capítulo 18
Bia
Capítulo 19
Bia
Capítulo 20
Bia
Capítulo 21
Davi
Capítulo 22
Bia
Capítulo 23
Bia
Sete semanas
Capítulo 24
Bia
Nove semanas
Capítulo 25
Davi
Capítulo 26
Bia
Capítulo 27
Bia
Capítulo 28
Bia
Capítulo 29
Bia
Capítulo 30

Bia
Doze semanas
Capítulo 31
Bia
Capítulo 32
Bia
Vinte e duas semanas
Capítulo 33
Davi
Capítulo 34
Bia
Capítulo 35
Bia
Capítulo 36
Bia
Capítulo 37
Bia
Vinte e cinco semanas
Capítulo 38
Bia
Capítulo 39
Bia
Capítulo 40
Bia
Capítulo 41
Bia
Trinta e duas semanas
Capítulo 42
Bia
Capítulo 43
Davi
Capítulo 44
Davi

Capítulo 45
Bia
Trinta e seis semanas
Capítulo 46
Bia
Capítulo 47
Bia
Capítulo 48
Bia
Capítulo 49
Bia
Capítulo 50
Davi
Capítulo 51
Davi
Capítulo 52
Bia
Trinta e sete semanas
Capítulo 53
Bia
Davi
Capítulo 54
Bia
Capítulo 55
Bia
Capítulo 56
Bia
Capítulo 57
Bia
Capítulo 58
Jarbas
Capítulo 59
Catarina

Capítulo 60
Bia
Trinta e oito semanas e três dias
Capítulo 61
Bia
Capítulo 62
Bia
Capítulo 63
Bia
Capítulo 64
Bia
Capítulo 65
Bia
Capítulo 66
Bia
Capítulo 67
Bia
Capítulo 68
Bia
Capítulo 69
Davi
Bia
Capítulo 70
Bia
Capítulo 71
Bia
Capítulo 72
Bia
Capítulo 73
Bia
Capítulo 74
Davi
Bia

Capítulo 75
Bia
Capítulo 76
Bia
Capítulo 77
Bia
Capítulo 78
Davi
Bia
Epílogo
Bia
FIM
Agradecimentos
Sobre a Autora
Outras Obras



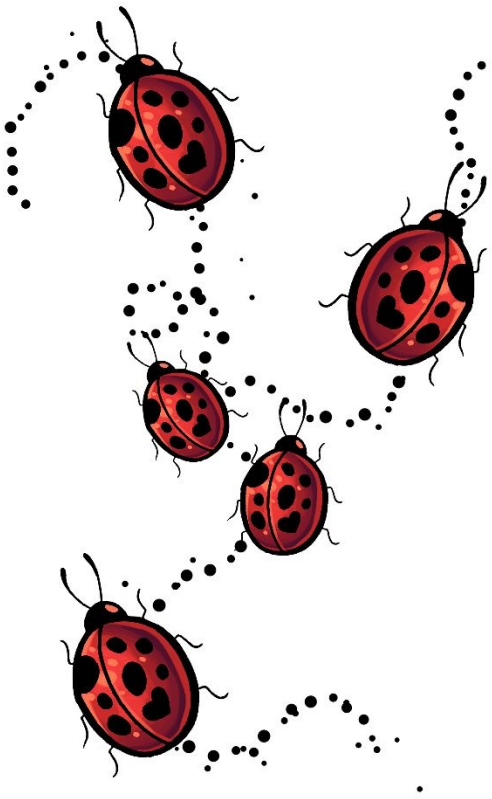
# Sinopse

A tão sonhada vida de Beatriz estava caminhando conforme o planejado. Sua meta profissional, tão importante para sua realização pessoal, foi alcançada: passou em um concurso público concorrido e depois de anos apenas estudando, poderia viver a vida como a jovem que era e ter sua única família por perto, a irmã Renata.

Aprender novos ofícios, conhecer pessoas e fazer amizades, talvez encontrar um amor, estava nos planos de Bia, mas Renata tinha outros interesses e caberia apenas a sua irmã decidir sobre isso: sacrificar novamente sua vida para ajudar a irmã a ter um filho ou apenas magoar quem ela mais ama?

Para Davi, a nova servidora pública não deveria despertar seu interesse, ainda mais quando ela vinha cheia de bagagem. No ápice da sua juventude e independência, com uma família intrometida, mas amorosa, ele não sabia se tinha condições psicológicas e afetivas para ser apenas um amigo de quem ele tem tanta atração.

Enquanto Bia espera o momento para poder viver sua própria vida, Davi tenta encarar o desafio de esperar esse momento para compartilhar com ela.



# Prólogo

## Renata

Era o quinto chá de bebê que ia esse ano e meu peito apertava mais e mais a cada fralda, riso ou barriga de gestante que surgia na minha frente. Estava há mais de um ano tentando engravidar e mesmo que o médico já tivesse me alertado sobre a dificuldade para isso, por conta de algum problema que não queria assumir que eu tinha, não desistiria tão fácil.

Eu teria o meu bebê!

— Denis ajuda tanto na madrugada. Depois que amamento a Julinha, eu praticamente capoto na cama — uma das minhas amigas que recém deu à luz conta em nossa mesa com um lindo arranjo de flores azuis.

— Deve ser bem puxado... — comento e forço um sorriso acolhedor. Eu que queria estar contando esse tipo de história. — É por essas e outras que acho que ainda não é meu tempo. — *É sim, é sim*, grito em desespero na minha mente.

Todas as minhas amigas estavam com suas famílias formadas. Filho na barriga, filho no colo ou até mesmo com um segundo filho. Estava ficando para trás da mesma forma que fiquei quando perdi meus pais.

Odiava ser a diferente da turma, a coitada que precisava ser consolada. Tratei de casar logo e Rildo foi o anjo cinza que alegrou meus dias de solidão. Ele era bom para mim, amável, mas muito frio. Sabia que gostava de mim, que gostava de me mimar e fazer minhas vontades, mas seu verdadeiro amor sempre seria seu trabalho.

A segunda mais amada do meu marido, a segunda mais amada dos meus pais e agora, a última a ter um filho.

Céus, o que fiz de tão ruim para seguir essa vida nunca sendo prioridade de alguém?

— Você vai esperar até quando para ter esse filho, Renata? Você sabe que não existe tempo certo.

— Michele, eu não terei um filho apenas porque todas vocês já têm um. — *Mentira, eu quero sim, muito!* — Quero viajar, conhecer a Europa, Ásia... Já conversei com Rildo, vamos tentar ano que vem ou no próximo. Não há pressa.

Ninguém sabia do meu sofrimento interno, das minhas visitas quase

que semanais no médico. Apesar de ter um encaminhamento para terapia, achava que a solução dos meus problemas não seria conversar com alguém, mas a geração de um.

— Amiga, e se você tiver algum problema? Hoje é tão comum isso... vai treinando, que quando tiver que ser, será. Ser mãe é tão lindo... — Lisie acaricia seu ventre inchado e olha apaixonada pelo filho que brinca no pula-pula. Ela já estava no segundo e eu?

— Como você disse, o que tiver que ser, será! — Sorri de forma amarga, porque todas estávamos tão preocupadas com nossas aparências, ou nosso próprio umbigo, que o sentimento alheio ficou de lado. — E o nome do bebê, Lisie? Já decidiu?

Mudei o foco do assunto e tantas outras mulheres começaram a palpitar na vida da minha amiga, não mais na minha.

Meu próximo passo seria inseminação artificial. Meu marido não protestava, mas sentia em seu olhar frio o quanto o desagradava ter que fazer exames e mais exames apenas para descobrir que o problema sou eu, meu útero.

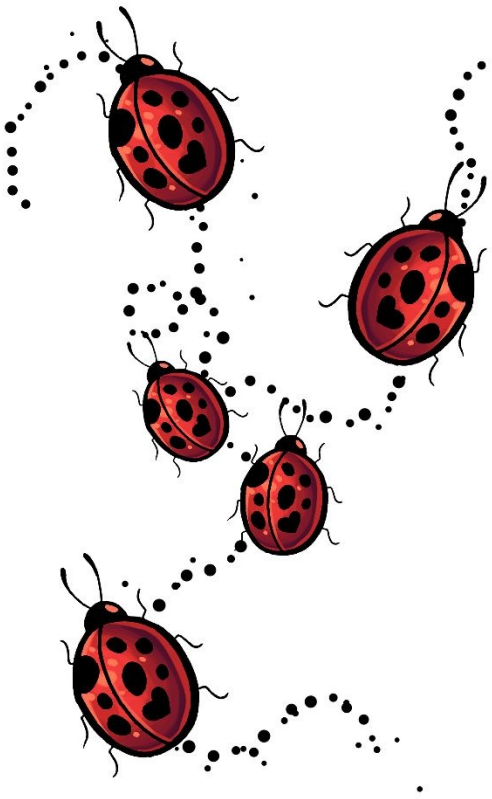
As chances para engravidar seriam mínimas, mas não poderia perder as esperanças. Preocupava-me em engordar, ter estrias, o peito caído e demorar a emagrecer como minhas amigas, mas queria ter algo meu. Sabia que quando esse bebê nascesse, ele iria preferir a mim, eu seria sua primeira escolha.

Eu seria a mãe, poxa vida!

Olhei novamente a mesa decorada em branco e azul em tons pastéis. Ursinhos, coroa, nuvens e amor. Era uma mesa repleta de um sentimento que transbordava da família e encontrava nossa pele, nosso próprio coração.

Minha irmã estava longe, minha sogra era tão gelada quanto meu marido e eu estava sozinha nesse mundo, esperando minha vez de construir minha própria família.

E eu faria de tudo para tê-la.



# Capítulo 1
## Bia

Estava tão concentrada nas palavras escritas em meu caderno, com a intenção de memorizar tudo o que passou na aula, que não reparei o alvoroço na porta da sala.

— Bia, você já viu? — Júlia perguntou de forma afoita, conseguindo minha total atenção. Ela pulava como uma criança que ganhou um chocolate. — A empresa do concurso da Receita Federal publicou a lista dos classificados.

Meu coração acelerou e achei que iria ter um infarto naquele momento. Depois de três anos focada apenas em fazer concursos, esse era um resultado que aguardava ansiosamente. Tal concurso público foi o culpado por eu ter abandonado minha vida pessoal e social. O cargo era Analista Administrativo, correspondente a minha graduação, Administração de Empresas. Isso era apenas o primeiro passo para o meu objetivo de vida, ser Fiscal de Tributos.

Depois que o choque passou, peguei meu celular com as mãos tremendo enquanto Júlia seguiu para outro colega, alarmando todos que estavam reclusos em seu mundo aguardando a próxima aula do cursinho preparatório.

Muitos nos chamavam de folgados, alguns realmente estavam ali apenas por preguiça de trabalhar e enrolavam seus pais estando aqui enquanto ficavam nas redes sociais. Eu era uma pessoa com um objetivo e depois de passar dois anos no mercado de trabalho e descobrindo que minha opção de curso me oferecia apenas cargos com salários ofensivos por serem tão baixos, coloquei uma coisa na minha cabeça e segui focada.

Eu seria uma servidora pública. Ganharia bem, teria minha estabilidade financeira e faria meu papel da melhor forma, além de usufruir de férias e do status que era trabalhar para um Órgão federal.

Não era esnobe, apenas metódica. Fazia planejamentos, tinha um cronograma fixado na minha parede do quarto e o seguia à risca. Era feliz com minha vida controlada na ponta da caneta, não havia ninguém para me dizer se estava certa ou errada.

Minha mão ainda tremia e agora, começava a suar, quando abri o site com o resultado e procurei meu nome. Passar nesse concurso mudaria minha vida completamente, uma vez que estaria lotada na cidade em que minha irmã

mais velha morava. Éramos apenas nós duas depois que nossa mãe morreu atropelada quando eu tinha quinze anos e minha irmã dezoito. Nosso pai faleceu de câncer quando eu tinha dezoito e minha irmã vinte e um.

Quando perdemos nossos pais, minha irmã casou com o primeiro milionário que passou pela sua vista e mudou de cidade. Eu abandonei nossa casa e fui morar numa *kitnet*, às custas da previdência privada e os seguros de vida que minha irmã fez questão de deixar para mim, já que ela vivia muito bem, obrigada, com seu milionário.

Depois de apertar o botão voltar do celular sem querer três vezes, consegui chegar na página com os nomes dos classificados para o meu cargo e lá estava, piscando e radiante no segundo lugar, Beatriz do Carmo Silveira. Eu tinha passado, eram cinco vagas efetivas e mais trinta vagas de reserva.

— Eu passei! — sussurrei, com a garganta fechada pela emoção. Eu havia conseguido, não precisaria mais ficar desesperada em decorar toda essa legislação.

Minha meta tinha sido alcançada e eu teria um hiato de estudo de cinco anos, onde aprenderia muito sobre o local que eu iria trabalhar e teria férias. Conseguiria um namorado ou dois, seria uma jovem de vinte e cinco anos normal, que ia para baladas e teria amigas para conversar sobre tudo e nada.

— E aí, passou? Eu fiquei classificada em décimo! — Júlia pegou o celular da minha mão e conferiu o resultado. Ela era uma boa amiga de curso, mas nada além disso. Nossas conversas se resumiam aos estudos e não fazia questão de mudar, uma vez que meu foco não era me distrair com amizades. — Uau, em segundo? — Ela devolveu o aparelho e sua voz mudou um pouco de tom. Seria descrença? Não me preocupei em interpretar, já estava guardando meu material na bolsa. — Fiquei sabendo que eles estão precisando urgente de pessoas, com certeza você será chamada.

— Assim espero — falei com um sorriso, beijei seu rosto e terminei de arrumar minhas coisas. — Vou matar o resto das aulas, vou tentar entrar em contato com eles e com minha irmã.

— Vai se mudar? Largar tudo? — Ela parou na minha frente incrédula.

Observei minha amiga mais próxima nessa vida e sorri. Ela era linda, com seu cabelo loiro bem pintado, olhos azuis e rosto de boneca. Seu corpo tinha muitas curvas e tinha certeza que ela não ficava em casa no final de semana estudando como eu.

Cabelos marrons sempre presos em um rabo de cavalo, olhos castanhos e roupas fora de moda, eu só pensava em estudar, decorar e seguir o

cronograma. Se não fosse os sete dias que eu tirava de descanso a cada seis meses, na casa da minha irmã, eu estaria louca ou seria uma eremita.

Júlia e eu só tínhamos uma semelhança, que era o foco em passar nesse concurso.

— Minha vida está mais lá do que aqui. Não tenho mais pais e já estava na hora de passar num concurso, já são mais de anos dedicados a isso.

— Eu vou sentir sua falta — ela falou em tom de choro, mas estava claro que era apenas por obrigação.

— Eu também — respondi da mesma forma, a abracei e saí da sala, para fora do prédio do cursinho preparatório para concursos.

Por não ter uma renda própria, preferia usar o transporte público ou táxi. Nunca me faltou nada, mas não iria pedir dinheiro para minha irmã para me bancar, uma vez que escolhi essa vida de estudos.

Sentei no banco do ponto de ônibus e busquei o contato da minha irmã no meu celular. Acho que mais feliz que eu, seria ela. Nossa conexão nunca foi muito íntima, mas todas as vezes que nos falávamos, nos últimos meses, ela parecia cada vez mais carente de família. Renata contava sobre suas amigas, os filhos dos amigos e ficava nostálgica. Ela tinha dificuldades para engravidar e já estava tentando nos últimos dois anos.

— Renata? — perguntei assim que a ligação foi iniciada.

— *Bia! Parece até que foi magia, estava pensando em você!* — sua voz estava animada e isso me fez sorrir mais ainda.

Não sabia como era o relacionamento dela com o marido. Sabia que era muito bonito na mesma proporção que era sério. Nunca conversamos mais que dois minutos e nunca me importei. Enquanto minha irmã estivesse feliz, eu estaria feliz, mesmo com um cunhado com cara de limão azedo.

— O que você pensava sobre mim?

— *Eu vi um vestido lindo, que ficaria perfeito no seu corpo violão. Sabe que minha altura e meu corpo de tábua não servem para muitas roupas.*

Sempre achei o contrário. Ela poderia vestir qualquer coisa porque era magra e alta, já eu, baixinha, peituda e bunduda, um vestido poderia me transforar em algo bizarro.

— Você sabe que não uso vestidos.

Sempre que a visitava, voltava com quase um guarda-roupa inteiro de roupas novas. Depois que ela descobriu meu tamanho, era obrigada a aceitar seus presentes. Icônico, claro, porque nunca recusei nada que minha irmã me

oferecesse. Talvez, com minha própria renda, eu começasse a mudar isso.

— *Se eu souber que todos os vestidos que te dei nunca foram usados ficarei muito chateada.*

Revirei os olhos e confirmei que o ônibus que se aproximava era o meu. Levantei e acenei para que parasse.

— Não liguei para discutir as roupas que gosto de usar. Era para dizer que eu passei! — Meus olhos começaram a marejar assim que o ônibus parou.

— *Passou? Aonde?*

— No concurso da Receita Federal. Vou me mudar para a mesma cidade que você, finalmente! — Passei meu cartão transporte pelo aparelho e a roleta liberou minha passagem. Sentei em um dos muitos assentos vagos, já que era meio da tarde e não horário de pico.

— *Não!* — Renata gritou em decresça.

— Sim!

— *Isso é uma brincadeira, Bia? Irmã, isso parece providência Divina, céus... que coincidência.* — Ela parecia emocionada.

— Claro que não é. Você sabia que minha meta sempre foi ser Fiscal da Receita Federal, mas que começaria com um cargo abaixo, para me ambientar. Eu passei em segundo...

Escutei choro do outro lado da linha e a acompanhei. Eu sabia pelo que eu estava chorando, mas não sabia o motivo dela. Acreditava que fosse que, finalmente, teríamos nossas vidas juntas novamente.

— *Você irá morar na minha casa* — decretou controlando o choro.

— Eu não vou...

— *Você vai e sem discutir. Eu sou rica, tenho uma casa enorme e nunca peguei no seu pé além das roupas mequetrefes que você usa. Não tirarei sua privacidade.*

— Não, quem vai tirar privacidade sou eu.

— *Você já ficou em casa, sabe como funciona e ninguém tira privacidade de ninguém aqui, Bia. A casa é enorme, meu marido fica mais trabalhando que em casa e podemos, finalmente, jantar juntas. Todos os dias.*

Tampei minha boca para controlar o soluço que soltaria. Não ter pai e mãe era sentir, constantemente, falta desses pequenos gestos. Talvez, quando eu formasse uma família, poderia fazer esse papel e tampar o buraco que sentia.

Mas sempre fui a pessoa desapegada desse tipo de coisa. Não que eu tivesse aversão, mas ter um relacionamento, que pudesse atrapalhar meu objetivo

profissional, nunca foi uma opção para mim. Não era virgem, mas poderia contar nos dedos quantas vezes tive intimidade com um homem.

— Você jogou baixo — resmunguei, limpando meu nariz na manga da minha blusa.

*— Senhora analítica, faça os cálculos. Economize dinheiro, compre uma casa, faça amigos e participe de uma orgia.*

— Renata!

*— Viva, Bia. Pensando bem, esquece a orgia. Chega de ficar reclusa e só estudar. Você já estava ficando chata tendo apenas os cadernos e apostilas como companhia. Quando você vem?* — Ela mudou de assunto e observei as ruas e prédios através da janela. Faltava pouco para chegar ao meu destino.

— Vou confirmar com eles se tem pretensão para nomearem mais de um, já que passei em segundo e começarei os tramites burocráticos para me mudar daqui.

*— Beleza, vou pedir para a Gertrudes preparar seu quarto, vou deixá-lo mais intimista e aconchegante.*

— Ele já era isso, Renata.

*— Também vou pedir para Jarbas arrumar o Onix para você usar aqui. Te proíbo de andar de ônibus.*

— Eu não sou sua filha para mimar... e quem é Jarbas?

*— Eu sou rica, você é minha irmã e futura hóspede. Quando você sair de casa, faz o que quiser e sofra atoa. Estando sob o meu teto, só terá luxo e motivo para sorrir*.

Levantei, apertei a cordinha para anunciar minha intenção de descer no próximo ponto e suspirei resignada, já com as lágrimas extintas. Eu poderia brigar por isso, mas enquanto não cobrar pelos mimos, iria aproveitar. Como ela encheu a boca para dizer, era rica e fazia o que quisesse com o dinheiro.

— Tudo bem, tudo bem, madame. Se eu virar dondoca igual você, a culpa será sua.

*— Por favor, que você vire e seja uma mulher menos ranzinza.*

— Eu não sou ranzinza — retruquei descendo no meu ponto e caminhando em direção a minha *kitnet*.

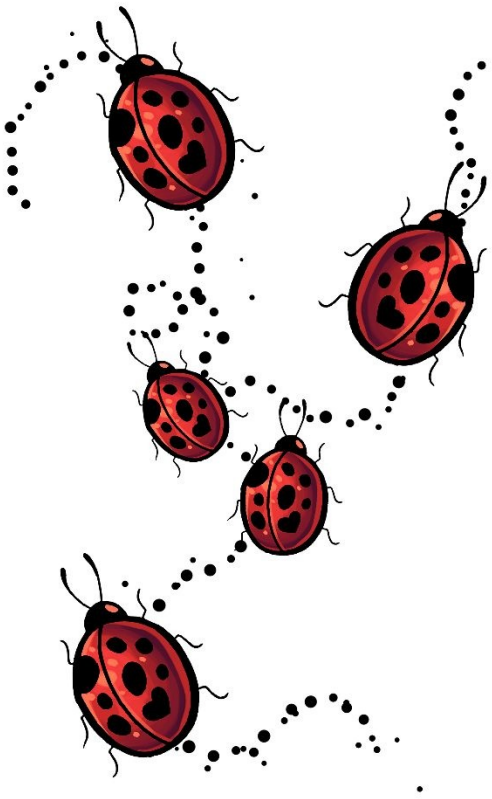
*— Precisa de dinheiro para alguma coisa?* — Ignorou qualquer início de discussão.

— Está tudo sob controle. Quando eu tiver uma previsão de data para mudança, eu te aviso. Beijo.

*— Foge do assunto sempre que é dinheiro... ranzinza! Sua estadia em casa será magnífica. Obrigada por isso.*

— Beijo Renata! — insisti em encerrar a ligação. Ela não disse mais nada e eu guardei o celular na minha bolsa.

Esse seria o início do fim da minha busca pela realização profissional.



# Capítulo 2
## Bia

Assim que saí da sala de desembarque, existia um homem muito bem-apessoado e vestido de camisa social com uma placa com meu nome.

— Oi. Você deve ser o Jarbas. — Abordei, que abriu um enorme sorriso para mim.

— E você, dona Beatriz. Bem-vinda ao Mato Grosso.

— Sério que você vai me envelhecer vinte anos com esse “dona Beatriz”? — Fiz uma careta e ele perdeu o sorriso. — Eu sou a irmã da dona Renata, mas não tenho nem uma unha de madame igual a ela. Bia — estendi minha mão —, me chame de Bia.

— Oi Bia. — Ele pegou minha mão, balançou e depois capturou a alça das minhas duas malas gigantescas. — O carro está no estacionamento.

Enquanto caminhávamos lado a lado, fiquei curiosa sobre ele. Parecia ter um porte atlético e seu cabelo bem alinhado dava um charme de sobriedade, apesar de algo em sua postura me dizer que não tinha nada de sério.

— Jarbas é seu nome mesmo? Achei que nunca iria conhecer um Jarbas motorista na minha vida que não fosse na ficção.

— Sim, pelo jeito, minha mãe era fã desse cara. Eu sempre gostei da direção, mas minha paixão é o motocross.

Arregalei meus olhos e ele olhou para mim com um sorriso encantador. Isso explicava muita coisa do que senti ao analisar sua postura.

— Você tem uma moto de motocross?

— Não só isso, como toda uma equipe. Infelizmente não me sustenta o suficiente, por isso trabalho junto com a minha mãe, Gertrudes. Depois que o último motorista machucou o joelho, dona Renata precisava de alguém de imediato e eu mais que depressa aceitei.

Agora, tudo ficou mais claro. A última vez que estive aqui, seu Carlos era motorista.

— E tenho certeza que minha irmã paga bem. Ela não tem problema em torrar o dinheiro do marido.

— Não... — Ele me sorriu novamente, com os olhos brilhando em conhecimento de causa.

Poucos passos depois, ele parou, desativou o alarme e abriu o enorme porta-malas do carro. Colocou minhas duas pesos pesados para dentro e abriu a porta do passageiro, atrás, para mim.

— Ah, não. Enquanto minha irmã não reclamar, eu prefiro sentar ao seu lado.

Ele fechou a porta, deu de ombros e abriu a porta do passageiro da frente. Jarbas se ajeitou no banco do motorista e seguiu o fluxo da avenida.

— Tem pista de motocross aqui na cidade?

— Sim, vez ou outra tem circuito na cidade, mas a maioria é fora.

— Você consegue folga para participar? — perguntei curiosa pela postura da minha irmã e por sentir uma ligação com esse homem como há muito não sentia. E não tinha nada a ver com sexual.

— Sempre, porque meu pai ou meu primo assumem esses dias e ganham um extra.

— A mulherada deve ficar louca com aquele macacão de motoqueiro — brinquei e depois fiquei envergonhada pela intimidade que nem tinha ao dizer tal coisa. Era tão fácil conversar com ele.

Escutei um riso alto e me envergonhei ainda mais. Vi que me olhava de relance por alguns segundos e voltou seu foco no trânsito.

— Pode se dizer que sim.

Até chegar na casa da minha irmã, conversamos mais sobre o motocross e eu, sobre meu novo emprego. Quase dois meses se passaram desde quando recebi a notícia de que passei em segundo lugar como Analista Administrativo na Receita Federal. Por sorte, eles anunciaram a chamada dos que passaram em menos de um mês e minha nomeação saiu essa semana. Precisava levar um monte de documentos para eles, para então, ser empossada no cargo.

Não era do tipo ansiosa, mas cada vez que pensava naquele prédio imponente e cheio de vidros, meu intestino quase dava um nó, minhas mãos suavam e meu coração palpitava.

— Vejo que é a realização de um sonho — Jarbas disse assim que estacionou o carro na frente da mansão da minha irmã.

— É só o começo, Jarbas. Ter sucesso no meu lado profissional é algo muito importante para mim. — Além de ser a minha base de equilíbrio mental. Eu não me sentia tão sozinha quando estudava ou estava no cursinho.

Ele abriu a sua porta e antes que eu saísse, segurou meu braço.

— Pode contar comigo para o que precisar. Pode entrar direto, eu levo suas malas.

Ele deu um leve aperto e me soltou, me deixando levemente abalada. Será que eu sentia algo por ele? Era recíproco?

O que foi tudo isso de poder contar com ele?

Estava tão focada em começar a trabalhar, que não dei um segundo pensamento a isso. Segui apressada para a porta de entrada, abri-a e procurei minha irmã pela imensidão que era o térreo. Duas salas gigantescas era o primeiro cômodo que me recepcionava.

— Renata? — chamei um pouco alto.

— Aqui, Bia! — a voz da minha irmã ecoou no final do corredor. Era o quarto da bagunça, onde ela guardava todas as coisas que um dia começou a trabalhar como hobby.

Como não tinha um emprego, o marido a usava apenas para cuidar das economias domésticas e isso nunca a incomodou. Renata dizia que sobrava tempo para pensar nela e em gastar o dinheiro dele.

Segui até o cômodo da bagunça e sorri ao ver que o hobby da vez era costurar. Havia vários tecidos espalhados por uma mesa central e ela estava sentada na frente de uma máquina de costura.

— O que você está aprontando? — perguntei.

Abruptamente ela levantou da cadeira, me abraçou e voltou a qualquer coisa que estivesse fazendo. Olhei mais de perto e vi que era pequenos panos com detalhes de bichinhos e tons pastéis.

— Isso é...

— Pano de boca. Já estou pensando no futuro — ela disse com convicção e franzi a testa encucada.

— Você está grávida e não me falou?

— Não, mas meu bebê chegará antes mesmo do que imaginei.

Ela suspirou, terminou e mostrou o resultado para mim. Um pequeno quadrado com uma estampa de ursinho no canto. Era azul, ou seja, próprio para um bebê menino.

— Você já até decidiu o sexo do bebê? Como estão as tentativas? Decidiu fazer a inseminação?

— É tudo complicado, mas depois eu conto para você. — Ela jogou o pano em cima da mesa e me puxou para fora do lugar. — Camila fez seu bolo favorito, nega maluca. Quer escolher o cardápio do almoço?

Sorri assim que entrei na cozinha que tinha o mesmo tamanho da minha *kitnet*. Havia panelas em cima do fogão, dois bolos e salgados em cima da mesa. Parecia coisa de cinema e pensei, aliviada, que não precisaria mais limpar banheiro tão cedo.

— Gertrudes já deixou tudo limpinho no seu quarto. Camila — ela chamou atenção da senhora com os cabelos ocultos pela touca branca —, faça o que minha irmã quiser. Ela também é dona da casa

— Para com isso, Renata. — Eu me sentia uma usurpadora, me aproveitando de um status que não tinha.

— Se não quiser, não peça. Mas quando quiser algo, Camila fará com maior prazer, não é mesmo?

— Claro, dona Renata. Seja bem-vinda, dona Beatriz. — Camila sorriu para mim e não parecia incomodada com o jeito da minha irmã.

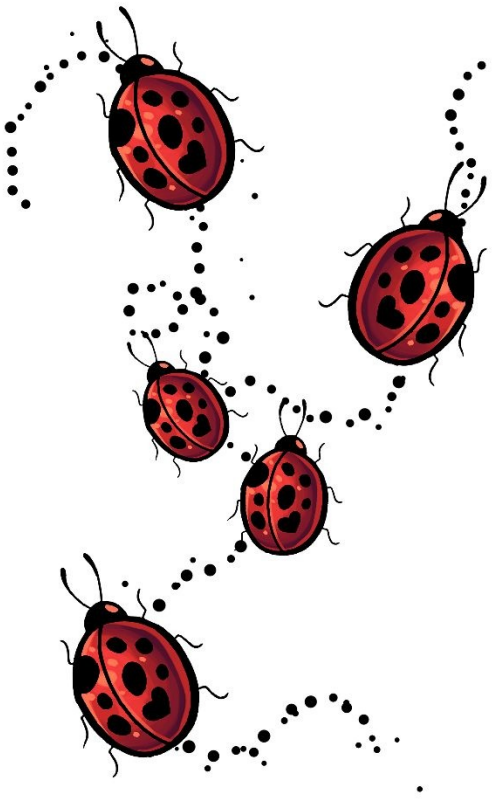
— Bia, só Bia. — Meu nome completo lembrava muito minha mãe me chamando e isso sempre me incomodou. Passou tanto tempo, mas era uma ferida ainda aberta.

— Tudo bem, Bia. Quer algo especial para almoçar? — Ela enxugou as mãos no pano de prato apoiado em seu ombro.

— Panquecas — sorri travessa.

Fiquei boa parte do dia na cozinha, explicando como gostava da massa e recheio da panqueca. Minha irmã, sempre do meu lado, não economizou nos mimos. Renata sempre foi carinhosa, mas seu jeito exagerado estava me deixando desconfiada.

O que será que ela estava aprontando?



# Capítulo 3
## Bia

Estava no carro com Jarbas dirigindo, voltando da minha posse na Receita Federal. Foi uma celebração simbólica, no auditório do prédio. A apresentação de todos os servidores novos foi rápida e nem tive a oportunidade de conhecer algum futuro colega de serviço. O Delegado da Receita Federal estava lá e toda a pompa que aquele Órgão tinha me intimidou um pouco.

Eu trabalharia ali mesmo?

— Pelo jeito vou ter que começar a usar as roupas que minha irmã me deu. Acho que eu era a única de calça jeans lá — resmunguei para Jarbas, que riu de mim.

Durante a semana, ele me acompanhou em todos os lugares, mesmo eu falando que poderia ir sozinha com o carro que minha irmã me emprestou. Falar qualquer coisa era a mesma coisa que nada, então, Jarbas estava ao meu lado e desenvolvemos uma amizade que nem percebi surgir. Ele era fácil de lidar, divertido e muito atencioso.

Mal-acostumada era pouco para o que estava sentindo. Constantemente precisava me lembrar que essa era a casa da minha irmã, a vida da minha irmã e não a minha.

Meu cunhado, como sempre, saía cedo, voltava tarde e não interagíamos. Cheguei até a questionar minha irmã se ela não tinha medo dele encontrar uma amante. Renata parecia bem segura em dizer que ela era a mulher perfeita para Rildo, que amava o trabalho e quando chegava em casa, tomava o chá de perna que dava.

Ele tinha uma beleza sóbria, tinha nove anos de diferença de idade da minha irmã e comandava uma grande empresa de defensivos agrônomos, além de estar envolvido com a política. Eu não tinha interesse em saber dos seus assuntos e ele nunca me destratou.

Minha irmã me queria na casa, ele parecia satisfeito com isso.

— Ih... acho que a madame em você está querendo aflorar — Jarbas zombou e eu bati em seu braço de brincadeira.

— Eu não sirvo para isso. Pelo menos, não agora. — Olhei para minha perna e suspirei. — Eu gosto tanto de jeans...

— Deixe os engomadinhos serem engomadinhos. Continue vestindo o

que você quiser.

— Eu sei, só queria me encaixar. — *E não me sentir tão solitária*.

Olhei a paisagem de pedra. Já era noite e as luzes faziam com que os prédios fossem mais sombrios do que pareciam de manhã. Lembrei o quanto era sozinha e tendo apenas minha irmã como amiga.

As amizades que fiz no cursinho ficaram para trás e ninguém sentiu minha falta. Nem eu a deles, então...

— Você sabe que sua irmã pode fazer acontecer. Ela parece te tratar como filha.

— Sim e já está exagerado demais. Ela está escondendo algo e vou descobrir.

Ele parou o carro na garagem e saímos juntos.

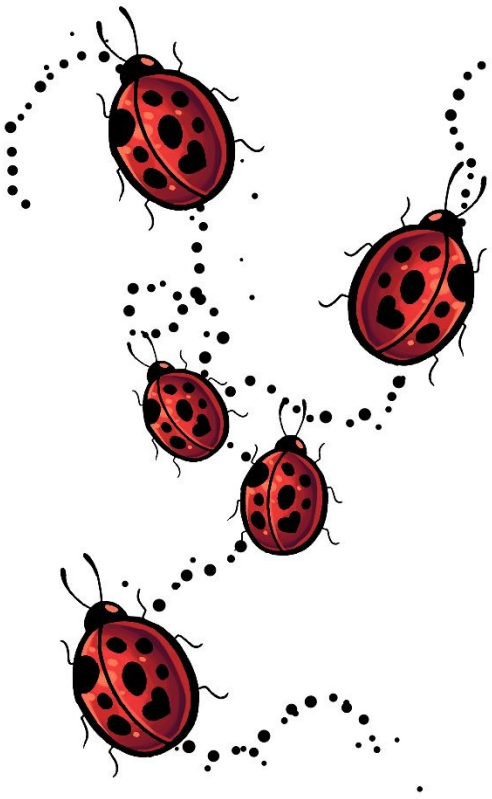
— Vou para casa. Amanhã tenho treino de motocross, meu primo vai vir no meu lugar.

— A próxima vez eu quero ir junto. — Aproximei para beijar seu rosto em despedida e segui para a porta de entrada da casa.

— Está convidada sempre. Boa noite!

— Boa noite!

Abri a porta com um sorriso no rosto e ele morreu dos meus lábios assim que vi minha irmã e meu cunhado sentados na sala com rostos sérios. O que será que aconteceu?



# Capítulo 4
## Bia

— Eu e Rildo precisamos conversar com você.... — Renata se aproximou, me colocou sentada em uma poltrona e voltou para ficar do lado de seu marido, que segurou sua mão.

Acreditava que essa era a primeira vez que via uma troca de carinho em público entre os dois. Com a mão suando, olhei os dois, preparada para ser enxotada da casa. Era o único assunto sério que vinha na minha mente.

— Pode... pode falar — falei nervosa, olhando para minha irmã, que encarava o chão.

— Sabe o quanto anseio ter um filho, certo?

— Sim. — Minha suspeita só ganhava mais força. Eles terão um bebê e precisavam que eu saísse da casa.

Antes que eu entrasse em desespero, bati na minha testa mentalmente e me repreendi. Não seria o fim do mundo ter que sair daqui por causa de um sobrinho ou sobrinha, não queria ficar aqui desde o início.

Mas por qual motivo meu coração não parava de palpitar no meu peito?

— Eu não contei para você, mas tentei por duas vezes fazer inseminação artificial e não deu certo. Eu pensei em adotar e... — Ela olhou para Rildo, que apenas negou com a cabeça. — Descobrimos que o problema era o meu útero. Eu não consigo segurar um bebê.

Suas palavras atingiram meu coração e fiquei tocada. Nunca tive intenção de ter um bebê, até porque, não tinha um namorado ou marido para sonhar junto. Mas conseguia imaginar o sofrimento que minha irmã estava passando, era como se um sonho fosse impedido de ser realizado por sua própria culpa.

Olhei para o meu cunhado e achei o fim da picada ele não aceitar adotar. Ela não disse com todas as palavras, mas entendi o recado. Isso tirou alguns pontos que tinha comigo, afinal, quantas crianças órfãs precisavam de um lar? Ele poderia, com certeza, fazer uma feliz.

— Oh, irmã, se eu pudesse fazer algo... — lamentei.

— Pode! — Seu olhar encontrou o meu e parecia que estava só esperando essas exatas palavras para falar o que realmente queria. — Você pode

fazer, Bia.

— Como? Eu...

— Seja minha barriga de aluguel!

Parecia que meu mundo parou e tudo parecia uma realidade paralela. Ela estava falando sério? Pedindo algo como isso de verdade?

— No dia que você me ligou, avisando que tinha passado no concurso, uma matéria sobre a mudança da legislação para barriga de aluguel passava na televisão e para mim, não tinha sinal divino maior do que isso. Eu já tinha desistido de ter um filho, aceitado que todas as minhas amigas teriam bebês e eu não, que não conseguiria construir uma família... só que você ligou...

— E você achou que poderia comprar minha barriga com todos esses mimos? — perguntei chateada.

Minha conclusão não poderia ter sido outra. A atenção exagerada, o carinho sufocante... então, esse era o real motivo.

— Eu faria isso com ou sem essa intenção, Bia. Sabe o quanto te amo.

Olhei para meu cunhado, que me encarava com um ar de reprovação, como se fosse minha obrigação ceder a esse tipo de coisa. Minha vontade era de falar que não estávamos negociando pastagem ou uma plantação, era uma vida!

Tentei organizar minha mente da melhor forma e voltei para a discussão:

— Renata, eu nunca pensei em ter um filho, muito menos de outra pessoa. Nem sei se sirvo para ser mãe! Acabei de tomar posse...

— Melhor ainda, irmã. Quando você for me dar o bebê, não sentirá tanto a dor da separação. Você será a madrinha dele. Por favor! — Ela se levantou e se ajoelhou na minha frente. — Você sempre foi a mais centrada e profissional, além de nossos pais sempre valorizarem o quanto você tem um bom coração. Pense sobre isso, se nunca se casar, pelo menos passará pela experiência de gerar um bebê, coisa que eu nunca saberei, mesmo querendo e estando casada.

*Slap*!

Que tapa na cara!

Não foi por maldade, mas me atingiu da mesma maneira. Ela insinuou que eu nunca teria ninguém ao meu lado, para o resto da vida encalhada e a barriga de aluguel nada mais era do que um favor para mim.

Seria eu vendo tudo por uma perspectiva negativa ou foi ela que mudou muito?

— Você tem noção do que você acabou de me dizer? — perguntei com irritação, controlando o choro. Por mais que poderia ser verdade, não doía menos. — Você poderia usar tantos outros argumentos para me convencer e usou o pior deles. Eu não vou ficar eternamente sozinha, algum dia vou me casar sim!

Ela parecia ter caído em si, se levantou e foi chorar nos braços de Rildo, que se levantou e a abraçou.

— Pense com carinho, você pode tornar o sonho da sua irmã realidade.

E assim ele me dispensou e com prazer subi as escadas para o meu quarto, ou melhor, o quarto que estava hospedada, porque mais que depressa, precisava sair daqui. Nada era para mim, tudo para me usar.

Será que a felicidade da minha irmã estava mesmo nas minhas mãos?

Abri a porta e a fechei com pressa. Encostei minhas costas na madeira e observei o luxo que me cercava há algum tempo. Qualquer pessoa ficaria encantada com a cama *king size*, o pequeno closet e o canto de estudos, além do banheiro com banheira. Era muito mais do que já tive na vida, mesmo com meus pais vivos, e minha irmã fazia questão de me proporcionar nas férias.

Respirei pausadamente e tentei controlar o subir e descer do meu tórax. Muita calma nessa hora, serenidade e paciência.

Com os pensamentos mais equilibrados, refleti minha estadia aqui. Diferente das outras vezes que estive aqui, ela só exagerou no mimo. Ela me deu liberdade para pedir as coisas aos seus funcionários e me trouxe Jarbas, que estava se tornando um grande amigo... bem, pelo menos eu achava.

Removi minha roupa nem um pouco adequada para trabalhar e fui tomar um banho antes de deitar. Não era nem nove horas da noite, mas a carga de informação que tinha recebido naquele dia tinha me deixado exausta.

A ducha maravilhosa me lembrava, novamente, o quanto eu tinha um luxo que não foi conquistado por mim. Minha irmã fez seu papel de esposa e com um homem rico, conseguiu tudo o que queria.

Quando terminei o banho e me encaminhei para o closet, comecei a me imaginar grávida. Primeiro, não conseguia me ver nessa situação. Não tinha contato com gestantes e só de pensar na minha barriga crescer mais do que o normal, eu...

Meu trabalho! Como poderia começar o sonho da minha vida com tempo contado? Em nove meses eu tiraria licença e... o que falar para meus colegas de serviço?

Peguei minha camisola surrada da *Sonhart* e fui deitar na cama. Apesar de mais parecer uma blusa, eu usava essa roupa para dormir quando

sentia falta de ter minha mãe por perto. Normalmente, ligaria para Renata, diria o que me afligia e ela resolveria tudo com dinheiro.

Como se esse problema fosse fácil...

Algumas batidas na porta do meu quarto me fizeram suspirar.

— Posso entrar? — Renata perguntou entrando, mesmo eu não respondendo.

Virei meu corpo para a sua direção e ela sentou na cama, me observando. Seus olhos estavam avermelhados e toda a pose confiante que ela tinha foi substituído por submissão.

— Você... — ela começou, mas a cortei.

— Farei como Rildo pediu, vou pensar. — Apesar de já estar decidida em não seguir com essa loucura. Só não queria desapontar minha irmã.

— Imponha qualquer condição. Dinheiro não é problema...

— Assim você me ofende, irmã. — Sentei na cama e fiquei na mesma altura que ela, apoiada em cima das minhas pernas. — A questão de aceitar ou não ser sua barriga de aluguel vai além do financeiro. Há tantas outras opções...

— Rildo não quer adotar. Ele tem medo de não amar a criança se não for do nosso próprio sangue. Eu já pesquisei sobre tudo, a parte legal e como fazer. O incômodo é mínimo para fazer a inseminação e todo o pré-natal será bancado por mim. Sei que você tem um plano de saúde, mas colocarei como agregada no meu, que cobre mais procedimentos. Eu já pensei em comprar enxoval no exterior, o quarto a sua frente seria o dele, você nem precisaria sair de casa, poderá amamentar...

— Calma, muita calma nessa hora. Amamentar? — Levantei minhas mãos a sua frente. Ela estava no final do livro enquanto eu nem tinha lido a sinopse. — Você já planejou até o nascimento sem eu ter aceitado?

— Droga, Bia, se não for por mim, faça pela família! — ela disse chorosa e começou a encarar o lençol. — Odeio não ter mais nossos pais por perto, não ter uma casa de parente para viajar, já que nossos tios sumiram depois do velório. Só de pensar que chegarei aos quarenta anos e não terei um herdeiro ou alguém para deixar tudo o que construí, me destrói.

— Eu entendo sua necessidade de ter uma família, a gente casa pensando nisso... bem, a maioria. Mas seus motivos parecem tão egoístas, tão...

— Mesquinho? — Ela me encarou com lágrimas nos olhos e isso me fez desistir de qualquer negação. Estava completamente desarmada quando vi sua desolação. — Me chame do que quiser, eu quero ter um filho. Por algum

motivo, meu corpo não aceita gerar e você é a única pessoa que pode fazer isso por mim. Não temos família, cada dia mais somos apenas nós duas e no fim da vida, pelo jeito, seremos só nós duas. A família vai morrer.

Como ela conseguiu massacrar qualquer intenção negativa minha?

— Você já tentou outro tratamento? — Tentei resolver de outra forma. Tinha que ter outra solução que não fosse eu. — O que você realmente tem?

— Endometriose, ovário policístico... escolha a doença, o médico só não removeu meu útero até hoje, porque eu o ameacei de morte se eles me tornarem estéril antes de ter um filho. — Ela pegou nas minhas mãos e apertou. — Eu sei que você é saudável, sua menstruação sempre foi regular e nunca teve cólicas como eu. Não precisa decidir agora, vamos no médico comigo, verificar se você está apta para isso e... — Sua mão só faltava esmagar a minha de tanta força. *Alguém me ajuda!* — Tente, por mim.

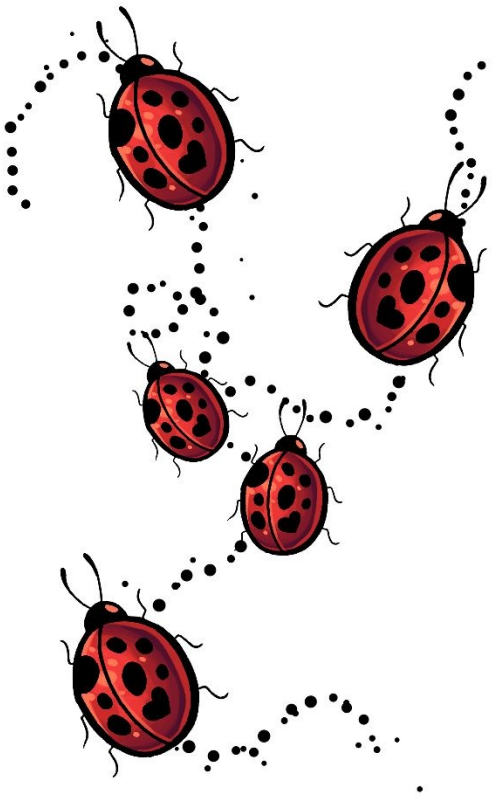
Pensar nas consequências? Eu só queria que esse olhar derrotado saísse do olhar da minha única família. Seu desespero atingiu meu peito e tomou conta da minha mente antes mesmo que eu pudesse dizer o contrário.

— Vou tentar. — O cansaço era nítido na minha voz, mas não a impediu de se jogar nos meus braços, me derrubando na cama.

— Eu te amo, Bia. Eu te amo! — Ela começa a me beijar, entre risos e choros. — Por você, eu serei a mulher mais feliz desse mundo. Obrigada, eu te amo!

— Também te amo, Renata — disse insegura e confusa.

Olhei para o teto e minha mente começava a divagar para o dia de amanhã. A verdade era que precisava pensar mais antes de dizer algo, mas a felicidade que ela transmitiu apenas por eu dizer que iria tentar me fez querer seguir com essa loucura, mesmo que as consequências fossem as piores para mim.



# Capítulo 5

## Bia

Os pensamentos sobre me transformar em uma barriga solidária se dizimaram assim que estacionei o carro no meu novo emprego, no sonho se tornando realidade. Passei os últimos dias da minha folga entrando no mundo da minha irmã, escutando tudo o que ela pretendia fazer assim que o bebê começasse a ser gerado na minha barriga.

Nos momentos em que ficava sozinha, pesquisava sobre o assunto, a parte legal e como tudo isso poderia funcionar sem que envolvesse sentimentos meus pelo bebê.

Confesso que a cada palavra lida sobre o assunto, o pânico me tomava, fazendo com que encerrasse minha leitura e esquecesse sobre engravidar para realizar o sonho da minha irmã.

Dava tempo de desistir dessa loucura, minha irmã não me obrigaria a algo se desistisse no meio do caminho.

Ou não?

Todo esse assunto foi jogado para escanteio e meu peito se encheu de orgulho e esperança quando pedi orientação para a recepcionista do Órgão e ela me indicou onde ficava o setor de Recursos Humanos.

No prédio da receita federal, o térreo era uma imensidão sem paredes, com um local específico para atendimento ao contribuinte. Em um canto havia uma escada grande e circular, que dava acesso aos quatro andares. O primeiro era o setor de Tecnologia da Informação e o RH, para onde me direcionei.

Carina, a chefe do local, de forma muito simpática me encaminhou para o terceiro andar, meu local de trabalho até que eu passasse no concurso de Fiscal. Minha vida estava metodicamente planejada na minha mente, nada poderia desviar meu caminho.

— Você trabalhará junto com Catarina e os fiscais. — Chegamos à sala com duas mesas em posições perpendiculares uma da outra e uma porta entre elas. — Nessa porta é onde os fiscais trabalham. Você fará um pouco de recepção e auxílio administrativo. Seu chefe imediato já foi avisado.

— Tudo bem — respondi maravilhada com minha mesa na cor gelo. Havia um computador aparentemente moderno e uma cadeira confortável.

— Vou voltar para minha sala, não há problema em você estar aqui sozinha, alguém deve chegar logo. Seja bem-vinda ao time. — Carina apertou

meu ombro e saiu, me deixando sozinha naquele ambiente.

Curiosa, abri a porta que separava as mesas e encontrei uma imensidão de mesas, papéis e cadeiras. Imaginei as pessoas sentadas ali e foi impossível não sorrir como uma boba. Era meu primeiro emprego e aquele lugar seria o meu último. Meu sonho era ser Fiscal e para isso, o concurso que eu passei era meu primeiro passo.

Notei um porta treco amarelo em cima de uma mesa, com desenhos feitos à mão por uma criança e sorri. Alguém tinha filhos carinhosos.

Sentei na minha cadeira e olhei para todos os cantos sonhadora. A mesa da pessoa que eu trabalharia junto estava cheia de papéis organizados, além de outros itens de papelaria. Será que me daria bem com ela? Como era mesmo seu nome?

Fiquei imaginando mil e um cenários até que uma mulher espalhafatosa e cheia de sacolas apareceu. Arregalei meus olhos quando tudo foi jogado em cima da minha mesa. Ergui meu pescoço e observei uma jovem mulher, cheia de curvas e cabelos revoltos me dar as costas para abandonar sua bolsa em cima da outra mesa e então, me encarar. Seu rosto ostentava um enorme sorriso e naquele momento, meu santo bateu com o dela.

Eu me daria muito bem com ela.

— Levanta, preciso cumprimentar a minha salvadora! — Ela deu a volta da minha mesa e assim que abriu os braços, levantei e a abracei. — Finalmente uma mulher para me fazer companhia. Não aguentava mais estar sozinha com esse bando de homens insensíveis.

— Você é Catarina? — perguntei me afastando e feliz por ter lembrado seu nome.

— Nina para os íntimos, como você já é em apenas alguns segundos. — Piscou um olho.

— Então me chame de Bia.

Trocamos um enorme sorriso. Incrível como poderia me conectar com alguém dessa forma, estava se tornando um hábito.

Ela me olhou da cabeça aos pés sem malícia. Eu vestia uma calça social e camisete com mangas três quartos enquanto ela vestia calça jeans e uma blusa cheia de babados, informal chique.

Onde ela estava que não a vi no dia da posse? Se ela poderia vir de jeans, eu também.

— Você é um pequeno pedaço de mal caminho. Os meus Fiscais

solteirões convictos estarão perdidos quando te conhecerem. — Ela riu do meu desconforto, até porque, encontrar um namorado era a última coisa que queria nesse momento. Trabalhar seria minha nova paixão. — Não se preocupe, aqui não tem política de não relacionamento com o colega de trabalho.

— Você já se envolveu com algum? — a pergunta saiu sem antes eu me frear. Prendi a respiração esperando sua resposta.

— Nenhum deles tem um caminhão suficiente para fazer o mínimo de viagens — respondeu divertida, sem se ofender.

Largou-me e foi para as sacolas em cima da minha mesa. Retirou um bolo, salgados e uma caixa de suco. Era um café da manhã completo.

— Em nome do Setor de Fiscalização, quero te dar as boas-vindas. Eu te vi no evento da posse, mas nem me atrevi a te abordar, apenas para ter o gostinho de ver seus olhos brilhando hoje. Coma o que quiser!

Era assim todo emprego novo? Como deixei tanto tempo passar sem sentir isso, querida e amparada?

Apesar de já ter tomado café da manhã, para não fazer desfeita por quem me recepcionou tão bem, peguei um salgado. Assim que o coloquei na boca um homem alto e com barba espeça apareceu.

— Bom dia — resmungou para Catarina e me olhou com o cenho franzido.

— Bom dia senhor Dalton. Temos funcionária nova — Nina disse pegando um salgado e colocando na boca.

Ele parou de andar apenas para me observar, então engoli minha comida e estendi minha mão.

— Olá, sou Beatriz.

— Seja bem-vinda, Catarina te orientará em tudo o que precisarmos — falou como se tivesse pressa. Apertou minha mão estendida apenas alguns segundos e entrou pela porta que dava para a sala dos fiscais.

Será que fiz algo de errado?

— Não ligue, Bia, esse é o chefe e ele só pensa em trabalhar. Falar banalidade com ele é quase impossível.

Olhei para minha colega com um pouco de receio e meu estômago começou a reclamar. Parecia tudo tão bem e então, alguém chegou sem a mesma recepção, me deixando insegura.

Aos poucos vários homens chegavam, uns mais extrovertidos, outros com ar cansado, alguns bonitos, outros com aparência mais comum... realmente,

era um setor bem masculino.

Enquanto ia conhecendo meus colegas, conversava com Catarina, comia meu segundo café da manhã e ela ia me informando sobre como o serviço funcionava. Não havia telefones diretos para os fiscais, apenas o programa de mensageria interna, acessado pelo computador. Se alguém necessitava falar com eles, precisava perguntar pelo computador antes de encaminhar o telefone sem fio.

Nós cuidávamos para que o setor pudesse funcionar, providenciando material de papelaria quando necessário, fazendo relatórios, arquivamento de documentos, encaminhamento de documentos oficiais e lançamento nos sistemas internos. Não achava que teria algum problema com isso e ainda teria tempo para aprender mais sobre o ofício da fiscalização. Eles pareciam tão fechados, será que conseguiria amizade com alguém para me apresentar o que um fiscal fazia? Será que Nina poderia ser essa pessoa?

— Só há fiscais homens? — perguntei assim que terminamos de comer e observei o mar de mesas apenas com homens sentados a elas, tão centrados e sérios.

— Sim, um setor completamente masculino se não fosse por mim, agora, por você também! — Ela piscou os olhos divertida, recolheu todas as embalagens vazias e colocou no lixo perto da sua mesa. — Vamos começar a pôr a mão na massa. Ligue seu computador, vou te mostrar todos os nossos sistemas.

Sentei na minha cadeira, olhei para a CPU que ficava debaixo da mesa e inclinei meu corpo para apertar o botão de ligar. Assim que endireito meu corpo, olhos claros me observam e meu rosto ficou quente, sem nenhum motivo aparente.

— Bom dia Davi. Essa é Bia, nossa nova escrava da fiscalização — Nina brincou, diferente de como tratou os outros fiscais.

— Bem-vinda, Bia — a voz rouca fez com que os pelos da minha nuca se arrepiassem e antes que eu pudesse dar bandeira que me sentia afetada por esse homem, levantei e estendi minha mão por cima da mesa.

— Obrigada senhor Davi — respondi formalmente.

Sua mão apertou a minha com firmeza e prendi a respiração quando sua testa franziu. Soltei minha mão meio trêmula junto com o ar preso nos pulmões e dei um passo para trás, olhando para o chão, um pouco envergonhada por ter feito algo de errado que nem sabia o que era.

— Relaxa, Bia, Davi faz parte dos manos, nada de senhor para ele.

Ela pegou sua cadeira e arrastou para o meu lado. Ele, por sua vez,

seguiu para dentro da enorme sala.

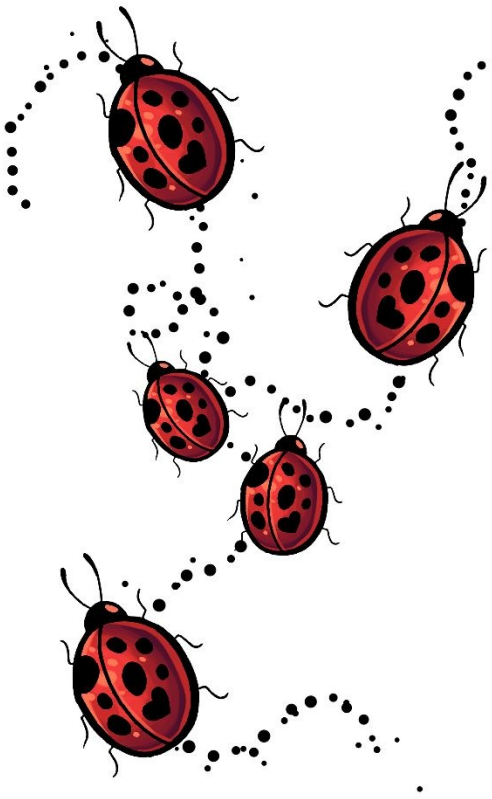
— Droga, precisamos pedir seu login e senha para a TI.

Olhei para meu computador, para Nina que colocava o telefone no ouvido e então, para dentro da sala dos fiscais. Davi estava se acomodando em sua estação de trabalho e parecia tão... bem. Ele era o dono do porta treco amarelo e um misto de sentimentos contraditórios invadiu meu ser.

*Ele era casado? Separado? Tinha filhos? Se interessaria por mim?*

Nesse momento, a voz da minha irmã feliz por eu ter aceito tentar ser barriga de aluguel me atingiu como um soco no estômago... eu não poderia pensar em ter um relacionamento amoroso agora. Mais uma vez teria que pausar minha vida pessoal para conquistar outro objetivo.

Sem lamentações, não havia nada definido, por isso, quando Nina falou que o rapaz da TI viria com minha senha, voltei para meu mundo cor de rosa, ou melhor, azul marinho da Receita Federal. Esse era meu sonho e ele foi conquistado. Isso que importava.



# Capítulo 6
## Davi

Assim que sentei na cadeira meus olhos foram para a porta e para o perfil da nova funcionária. Bia não parecia ter mais de dezoito anos por causa do seu jeito ingênuo e carismática. Estava nítido o quanto parecia encabulada por me cumprimentar.

Meus olhos confirmaram que fui o último a chegar para trabalhar e fiz uma careta. A reação da nova funcionária poderia ter acontecido com todos, nada exclusivo para mim.

E por qual motivo isso me importava?

Digitei minha senha no computador e comecei a verificar meus e-mails. Por mais que tentasse me concentrar, os acontecimentos do final de semana estavam tirando minha paz.

Era o quarto filho da família Diniz, aquele que não foi planejado. Meus pais já eram idosos, mas nenhum pouco inativos, pelo contrário, estavam sempre se intrometendo na vida dos filhos, principalmente a minha. Aposentados, eles viviam para os netos, meus sobrinhos, filhos das minhas três irmãs que estão bem casadas e moravam em suas próprias casas.

Todos meninos, uns mais carinhosos, outros mais ativos, para não dizer bagunceiros. Olhei para o porta treco que Abílio fez e sorri. Era apenas para os pais, mas o genioso fez questão de presentear o tio, que o ensinou a andar de motoca, patinete e agora, com cinco anos, bicicleta sem rodinhas.

Eu, por outro lado, mesmo tendo meu próprio apartamento, continuava na casa que nasci e cresci por uma questão de comodidade. Toda e qualquer preguiça que eu tinha de me mudar acabou assim que a última tramoia aconteceu. Uma das amigas da minha irmã mais velha, Denília, jantou conosco em casa e não passou um momento sem me assediar. Quando percebi que era mais uma tentativa da minha mãe encontrar uma namorada para mim, subi até meu quarto e lá fiquei, até que a própria visita invadir meu cômodo íntimo e apelar para uma investida carnal.

Em outro ambiente, em outra situação, eu não negaria uma mulher bem-disposta. Todavia, se a tocasse, era capaz dela e minha família colar-nos como chiclete e minha vida se tornaria pior do que já estava.

Juliana era bonita, tinha um belo corpo, mas seus hábitos não

combinavam com os meus. Consumismo e gastos desnecessários valiam muitos pontos negativos quando eu pensava numa segunda saída com uma mulher.

Estava no limite da minha paciência e não pensei duas vezes quando acompanhei a amiga da minha irmã até a porta de casa. Logo depois fiz uma mala e parti para meu apartamento, sem trocar uma palavra sequer com dona Maria Auxiliadora, minha mãe, que me encarava chorosa quando parti.

Meu canto já estava mobiliado, com todos os eletrodomésticos e algumas roupas pessoais. Como faltava alguns utensílios, passei o final de semana comprando mantimentos para a geladeira e a dispensa. Ainda não conversei com minha mãe sobre meu surto, mas meu pai já havia ligado e me tranquilizado sobre o estado dela, inclusive, falou que finalmente tomei uma atitude de homem.

Não respondi em respeito ao meu progenitor.

Meu pai tinha um enorme coração, mas não negava as raízes rústicas e antiquadas. Qual era o problema de morar com meus pais, se eu não tinha pretensão de casar?

— Davi, você já conferiu os relatórios que Dalton enviou na sexta-feira? — Guilherme conseguiu me tirar do transe que estava e automaticamente abri as pastas virtuais de relatórios.

— Os que ele enviou quinze minutos antes do expediente terminar? — Constatei que nem toquei neles e abri o arquivo para começar a trabalhar, esquecendo os e-mails que deveria conferir antes de tudo. — Está intacto aqui.

— Essa é uma relação de contribuintes que precisamos fazer uma análise mais profunda. Já conferi alguns e queria sua opinião antes de concluir o relatório.

Guilherme sentava ao meu lado e normalmente fazíamos tudo juntos, desde as conferências até os relatórios mais gerenciais. Ele era um bom colega de trabalho e muitas vezes, de balada também.

Olhei de relance para a porta e encontrei olhos castanhos me observando, que rapidamente desviaram e Bia ficou de costas. Olhei para meu colega que sorria malicioso para mim. Ele percebeu minha conferida.

— Você e quase todo mundo teve uma boa impressão dela.

— Espero que seja tão eficiente quanto Nina — falei tentando desviar sua atenção do meu interesse repentino.

— E eu espero que ela seja mais aberta, porque se for influenciada por Catarina. — Ele queria dizer que talvez Bia aceitasse as investidas dos colegas, coisa que Nina nunca fez. Catarina era linda, inteligente, competente e

completamente profissional, apesar de muitos confundirem seu jeito espontâneo com leviandade.

Acreditava que apenas eu tinha um relacionamento mais amistoso com ela, inclusive, já fomos almoçar juntos algumas vezes, apenas como amigos.

Alegre, divertida e muito companheira, Nina já fez vários marmanjos babarem por ela. Intocada, ela conseguiu respeito e admiração dentro desse Órgão, sendo disputada aos berros pelos Superintendentes e Secretários.

— Pare de cobiçar a nova funcionária, Guilherme — disse de forma rabugenta.

— Eu, *né*?

Ele desviou seu olhar para a porta e fiz o mesmo. Bia continuava de costas para nós e esperava, sem saber o motivo correto, que ela não caísse nas lábias do meu amigo ou de qualquer outro homem desse lugar.

Procurei os fones de ouvido, meu acompanhante de muitas análises de relatório e tentei focar no que me realizava. Passar nesse concurso público não era um sonho de vida, mas se tornou no momento que comecei a colocar a mão na massa. Sempre fui apaixonado por números e estatísticas, trabalhar na bolsa de valores seria a profissão para a qual me preparava. Sorte ou destino, fiz esse concurso, estudei e passei.

Estava há três anos nesse setor, era um dos mais novos, com vinte e nove anos. Fui subestimado e muitas vezes deixado de lado, até que mostrei meu valor apontando erros de análise em relatórios antigos. Inclusive, apresentei uma nova forma de trabalho ágil, que tanto está na moda nos tempos de hoje, como o SCRUM.

Valorizava meu trabalho tanto quanto minha liberdade pessoal.

Meu celular vibrou na mesa e o identificador de chamadas indicava ser minha mãe. Abandonei meus fones, apertei o botão de aceitar a ligação e levantei da minha cadeira, sabendo que essa conversa não interessava a ninguém do meu serviço.

— Oi mãe — cumprimentei sem muito entusiasmo e passei pela recepção, vendo apenas Nina em sua mesa. Olhei para meu relógio de pulso e constatei ser mais de uma hora, intervalo para o almoço, não vi o tempo passar.

*— Oi meu filho, como você está? Não veio almoçar no domingo, nem deu notícias... ficou com Juliana?*

Precisei rir, porque dona Maria Auxiliadora era exagerada e as vezes tentava indiretas comigo que não tinham nada a ver com a realidade. Segui andando descendo as escadas, com a intenção de já sair para o horário de

almoço.

— Não, mãe e a senhora sabe disso. Tenho certeza que notou um espaço vazio no meu guarda-roupas.

*— Seu pai me falou, mas não quis acreditar. Você saiu de casa sem me dar tchau? Sem ao menos agradecer a sua mãe por tudo que fiz por você, desde carregá-lo nove meses em meu ventre?* — Apesar dela aparentar estar brava e seu tom de voz estar mais alto que o normal, estava sendo apenas ela e eu sorri.

Acenei para a recepcionista do prédio e saí pela porta envidraçada. A diferença de temperatura entre os ambientes era clara e fiz uma careta, quase fechando meus olhos pelo sol escaldante que me recepcionava.

— Não foram oito meses?

*— Não brinque com o emocional da sua mãe, seu ingrato. Tento arranjar as melhores noras para você apenas dispensar. São vinte e nove anos e nenhuma namorada, Davi Luís!*

— Seria mais fácil eu arranjar uma namorada se a senhora não colocasse uma louca atrás de outra no meu quarto — falei um pouco alto e olhei para os lados para ver se alguém escutou. Para meu infortúnio, Bia, a funcionária nova, se aproximava com os olhos arregalados até onde estava, a alguns metros da recepção.

Maravilhoso.

*— Eu só quero o seu bem...* — ela resmungou fanhosa.

— E eu, minha liberdade. Depois conversamos. Beijo.

Guardei o celular no meu bolso e sorri sem graça para uma Bia mais envergonhada ainda. Ela murmurou um cumprimento, sem a intenção de parar, mas eu interrompo seu caminhar com uma mão no seu braço.

*O que estava fazendo?*

— Já almoçou? — Meu coração acelerou no peito quando senti sua pele arrepiar e involuntariamente deixei minha mão deslizar até seu pulso. Trouxe minha mão para perto do corpo e fechei as mãos com força, para evitar de fazer outra aproximação louca.

— É... — Desviou o olhar para os seus pés, depois para os lados, visivelmente desconfortável. Tomou um fôlego e me encarou com a testa franzida. — Comi muito com Nina de manhã e aproveitei o almoço para ir ao médico com minha irmã.

Ela parecia ter dito algo que não gostou, porque arregalou os olhos e cruzou os braços na sua frente, completamente desconfortável.

— Está tudo bem com você? — *Caramba, o que será que ela tem? Por que quer saber se ela está ou não doente me incomodava tanto?*

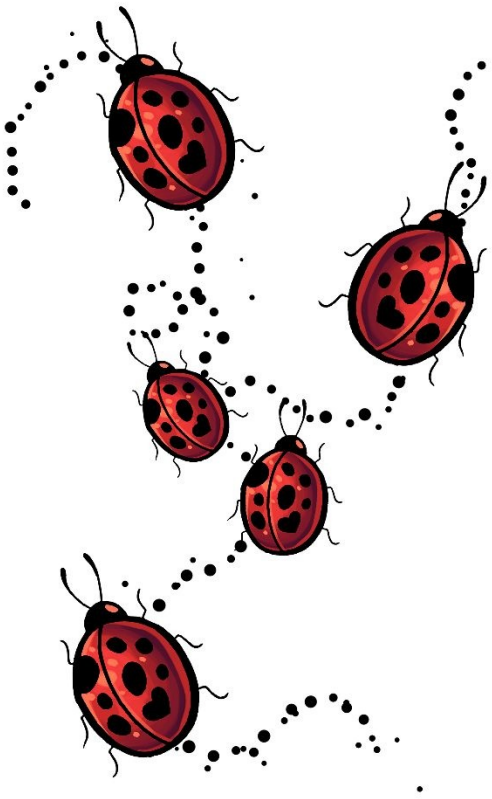
— Boa pergunta... — ela murmurou e depois sorriu forçado. — Eu acompanhei minha irmã, já vou voltar para o meu posto. Bom almoço.

E sem conseguir pará-la novamente, observo-a entrar rapidamente no prédio enquanto meu coração começou a acelerar mais e mais no meu peito.

— Acho que a falta de comida está nublando meu juízo... — resmunguei e segui até o estacionamento, para o meu carro.

Ninguém sentia atração com apenas um olhar, impossível isso acontecer com os outros, principalmente comigo. Acho que sair de casa me abalou mais do que imaginava, precisava criar uma rotina e isso faria tudo voltar ao normal.

Ou melhor, precisava tirar minhas férias!



# Capítulo 7
## Bia

Pega de surpresa, Renata me ligou para acompanhá-la no médico que iria fazer a inseminação. Encontramo-nos na clínica no horário do almoço e Jarbas foi a única coisa boa e segura nessa situação.

Intimidada e com vontade de gritar para todos os cantos que não queria fazer parte disso, assisti minha irmã conduzir a consulta com o médico e ele me encaminhar vários exames para fazer em jejum. Ele também orientou quanto a avaliação psicológica e os trâmites legais. Sobre a doação do óvulo e espermatozoides, isso já havia acontecido alguns meses atrás, ou seja, minha irmã já tinha intenções quanto a isso, estava bem preparada.

Simplesmente não conseguia sentir raiva ou alegria. Dormente, vi minha irmã seguir para casa enquanto eu voltava ao meu trabalho, que por sinal, me agradou muito. Jarbas enviou uma mensagem preocupado comigo, apenas minha irmã não percebeu o quanto estava abalada quanto a realização desse procedimento, do quanto a realidade me afetou.

**Jarbas >> Aconteceu alguma coisa? Sabe que pode contar comigo para qualquer coisa.**

**Bia >> Se você estiver em casa quando voltar do serviço, conversaremos. Obrigada.**

Ele se tornou um grande amigo em pouco tempo. Nina parecia alguém que eu poderia confiar, mas não me sentia confortável o suficiente para soltar uma bomba dessa logo no primeiro dia de trabalho.

Será que serei mandada embora por que engravidei logo nos primeiros meses?

Todos esses questionamentos desapareceram quando caminhei em direção ao prédio da Receita Federal e escutei Davi falando sobre alguém, que achava que fosse sua mãe, arranjar namoradas para ele.

Não era apenas eu que tinha problemas com a família se intrometendo na sua vida pessoal. Sabia que tinha uma escolha, só não conseguia aceitar ser a pessoa que destruísse o sonho da minha irmã.

*Ela está destruindo o seu sonho com o dela*, minha consciência se manifestou. Esqueci qualquer confusão quando senti o toque urgente de Davi em mim. Poderia um homem ter esse poder sobre uma mulher?

Estava há tanto tempo sem me relacionar com homens. Desde a última vez que namorei, meu primeiro e único namorado, que fez questão de deixar claro que eu preferia estudar a ele, não entendia mais nada sobre como funcionava a paquera, o famoso flerte dos livros de romance.

Ele estava interessado ou era apenas educação?

Confusa, falei o que não devia e praticamente fugi como o gato foge de água. Mesmo que alguma coisa desse certo e tudo se transformasse em um mar de rosas, quem, em sã consciência, namoraria alguém grávida, sendo que o filho nem era dela própria?

Segui para o banheiro do meu andar e descobri a copa no caminho. Tomei quase um litro de água e agradeci a mulher responsável pelo delicioso café forte e doce que tomei hoje de manhã.

Quando voltei para minha sala e sentei na cadeira, abandonei todos os pensamentos conflitantes e me concentrei no trabalho, que no momento, era o de organizar algumas pastas e e-mail do diretório virtual compartilhado.

Não sabia quanto tempo tinha se passado quando escutei a voz da minha colega de trabalho:

— Boa tarde, Bia. Tudo bem com você?

Só nesse momento percebi o quanto fui sem educação.

— Me desculpa, cheguei e nem te cumprimentei. Boa tarde, Nina. — Virei minha cadeira e a encarei com minha melhor cara de cachorro abandonado, o que a faz sorrir, nem um pouco ofendida com minha atitude anterior. — Estou bem sim, muito feliz pelo serviço novo, estou nas nuvens, para falar a verdade. — Assim que as palavras saíram da minha boca, Davi entrou como um furacão e apenas murmurou um cumprimento.

Sem perceber, fiquei encarando-o sentar em sua estação de trabalho até escutar os risos de Nina.

— Estou feliz por estar viva para ver esse momento — ela disse baixo e de forma conspiratória. Franzi a testa para tentar entender, mas ela apenas deu de ombros e piscou um olho. — Quando você terminar, me avisa que já tenho outro serviço para você.

— Tudo bem. — Preferi não questionar, qualquer coisa que remetesse a relacionamento amoroso me fazia lembrar da minha irmã e essa era a última coisa que queria nesse momento.

***

— ... agora não sei se quero continuar com tudo isso, mas quando penso em dizer não para minha irmã, só de pensar em ser a pessoa que irá destruir seu sonho, eu mudo de opinião novamente.

Terminei de comer a pipoca no grande pote e encarei Jarbas, que estava silencioso desde que comecei a contar minha aflição. Na verdade, nem sabia o que tinha contado, só despejei todos os sentimentos que transbordavam de mim naquele momento. Nunca tive um amigo confidente, muito menos um homem e comecei a ficar com medo de tê-lo afugentado.

Era quase meia-noite, Jarbas pediu para esperá-lo na sala de tevê, porque tinha um compromisso, mas queria conversar comigo. Era quase onze horas quando ele apareceu e eu estava quase dormindo sentada. Todos na casa estavam em seus próprios quartos e preferi que fosse assim, porque minha irmã não presenciaria minhas aflições.

Fiz pipoca de micro-ondas e enquanto ficava pronto, comecei meu monólogo.

Insegura por ter falado demais, coloquei o pote dentro da pia e controlei as lágrimas para não escorrerem dos meus olhos. A próxima vez iria guardar tudo para mim. Sentimento de rejeição era um dos piores vilões do coração.

— Ei... — Senti uma mão no meu ombro, desliguei a torneira e o encarei. — Está tudo bem?

— Sim... acho que é frescura minha, desculpe te chamar para escutar minhas loucuras. — Tentei sorrir, mas deve ter sido uma careta, porque Jarbas franziu a testa.

— Não é loucura. O que você me contou é algo complexo, estou pensando em como solucionar isso e ambas ficarem felizes com o resultado.

— Eu não preciso de uma solução, só precisava desabafar — reclamei e cruzei os braços na minha frente.

— Como não precisa de solução? Você já sabe o que vai fazer? Se continuar com essa história, pode correr o risco de perder o emprego, que é seu sonho, inclusive de ter um relacionamento amoroso.

Arregalei meus olhos e senti um frio no estômago, com medo do que eu falei e nem lembrava.

— Eu falei do...

— Sim, do Davi. — Ele sorriu e me abraçou, como um irmão faria.

Não retribuí o abraço, mas curti suas mãos afagando minhas costas. — Sei que será apenas por nove meses, mas será que vale a pena se anular para fazer outra pessoa feliz?

— Ela é minha irmã, minha única família. Se eu não fizer, ela sofrerá. Se eu fizer, eu preciso me adaptar. E sobre o emprego, conferi a legislação, eles não podem me mandar embora só porque engravidei. Mas...

— Exatamente, Bia. Sempre, em qualquer decisão que você tomar, haverá um "mas". A opção que você escolher, ser ou não ser, trará dor. Caberá a você escolher qual conseguirá tolerar. Qual peso você suporta carregar?

Finalmente descruzei os braços e apertei sua cintura, com força. Suas palavras me atingiram com tanta intensidade e me fizeram enxergar o que não via antes, apesar de estar tão claro como água.

Haverá dor, sofrimento e com certeza sacrifícios. Vivi tanto tempo sozinha e sem meus pais, que agora que estou com a minha irmã, mesmo com essa proposta indecente, não tinha como negar.

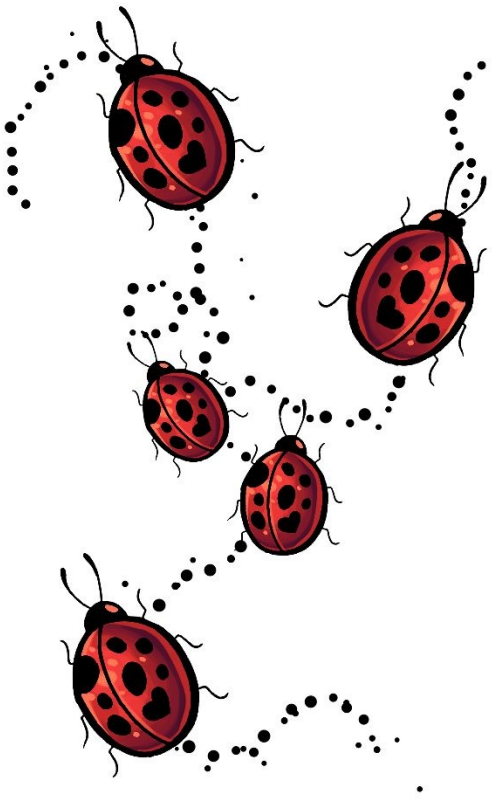
Suportaria o peso de mais um ano sabático sem curtir a minha vida, mas não uma vida inteira de desilusão da minha irmã.

— Você poderia ser meu irmão — falei abafado contra seu peito e ele riu.

— Eu não tenho condições de ser irmão da dona Renata, prefiro ser amigo mesmo. — Ele beijou minha testa e se afastou. — Você está com cara de quem decidiu o que fazer sem ao menos eu sugerir a solução.

Sorri de forma triste, sabendo que precisaria pausar meu sonho mais uma vez, porém, para um bem maior e em nome do amor de irmã que sentia. Preferia eu sofrer do que vê-la nessa situação.

— Está preparado para me ver chorar à toa e inchar como um boneco de ar?



# Capítulo 8
## Bia

As próximas semanas passaram comigo com a cabeça nas nuvens. Enquanto eu me realizava profissionalmente, me sentia importante e requisitada na Receita Federal e para os fiscais. Para minha irmã, eu era apenas um objeto de sua felicidade.

E essa incômoda sensação de ter sido acolhida por minha irmã pelo simples interesse, me acompanhava diariamente.

Por incrível que pareça, nas minhas oito horas de trabalho, eu vivia no meu mundo feliz, trocava olhares furtivos com Davi e me divertia com Nina. No horário do almoço e depois do meu expediente, eu seguia para o médico. Remédios, ultrassom, exames constrangedores, tudo o que não visitei o ginecologista quando adolescente eu o fiz agora.

O tratamento antes da inseminação não era um mar de rosas, além dele ser dolorido e desgastante. Para evitar sofrer ainda mais, me apeguei ao trabalho e na ânsia de aprender mais e mais sobre minha nova profissão.

Os cuidados que minha irmã tinha por mim redobraram e cada dia me sentia mais sufocada. Um dia desses, acabei externando essa situação na volta para meu serviço, no horário do almoço.

— Nós não precisamos almoçar todos os dias juntas. O médico também falou que não precisamos ir nele antes da próxima consulta. Você está ansiosa e está me deixando também! Já fiz os exames, ele já conferiu, agora é esperar.

— Estamos falando do meu filho, Bia. Você carregará ele, mas se alguma coisa acontecer, me sentirei culpada — ela falou em tom de drama e suspirei impaciente.

Estávamos ambas no banco de trás do carro enquanto Jarbas dirigia. Fomos ao médico verificar se estava tudo bem comigo e se os lábios apertados com que nos recepcionou foi um indício de impaciência, acho que estava a um passo de perdê-la.

— Para de frescura, Renata. Eu estou bem, as coisas não vão acontecer de um dia para o outro. Eu posso engravidar de quatro bebês ou mesmo não engravidar. O médico falou dos riscos e não há nada de superproteção que você faça que vá mudar o resultado — falei de forma amargurada.

Olhei para o retrovisor e meu amigo e funcionário da minha irmã também me olhou. Trocamos informações de forma silenciosa, ele me pedindo para não surtar e eu, querendo que ele a jogasse para fora do carro.

Estava morrendo de fome, me sentindo inchada e com as emoções à flor da pele. Eu não pretendia mudar de ideia, mas com certeza iria impor meus limites, sendo um deles, ter um pouco de espaço.

O carro parou na frente do prédio que eu trabalhava e o choro silencioso da minha irmã partiu meu coração. Droga de pressão psicológica e coração mole que eu tinha, precisava me vacinar contra isso.

— Desculpa... — comecei e ela me cortou segurando minha mão.

— Eu entendo que estou sendo excessiva, exagerada... mas eu me sinto tão impotente e fraca, não tenho a capacidade de gerar um filho, de construir uma família e acho que estou passando essa frustração para você. Estou fazendo com você o que eu mesma faria comigo se estivesse grávida. É o meu sonho, por favor, me entenda...

— Renata, estou pedindo apenas espaço, quero poder ficar sozinha. O bebê continuará sendo seu, tomarei todos os cuidados necessários. Infelizmente, quem estará grávida sou eu e alguns limites são necessários para minha sanidade mental.

Quando o assunto era gravidez, ela se tornava uma manteiga derretida. Enquanto para todos os outros parecia determinada e ativa, a impotência de gerar um bebê a tornava fraca e depressiva.

— Eu queria que você parasse de dirigir — ela soltou e me livrei de suas mãos, abri a porta e saí, antes que eu respondesse com algo impaciente e sem educação.

Jarbas saiu do carro também e me parou segurando minha mão. Meus olhos seguravam lágrimas de frustração que queriam escorrer e ele apenas me abraçou com força e beijou minha testa.

— Paciência, minha amiga. Você precisa aprender a não retrucar. Escute, ignore e faça o que seu coração mandar.

Ele se afastou apenas o suficiente para me encarar.

— Foi você ou outro que esteve comigo todos esses dias? Consegue ter paciência com isso? Estou cansada, Jarbas!

— E depois? Ainda terá mais nove meses. Você aceitou estar nessa posição, agora aprenda a lidar e ignorar. Recuse os convites, diga não e desvie seu caminho do dela.

Ele olhou por cima do meu ombro, esticou sua mão para apertar a minha e voltou para o carro. Virei de costas para ele e vi Nina perto da porta de entrada me encarando de forma curiosa.

Droga, será que ela escutou alguma coisa? Eu não tinha intenção de contar sobre essa aventura tão cedo para meus colegas. Já bastava o questionamento que eu mesma fazia para mim mesma sobre o amor que sentirei por esse ser que será gerado na minha barriga ou se terei coragem de entregar para minha irmã, não quero ter que responder o que eu mesma ainda não descobri.

Andei em direção a ela focando na minha felicidade de estar dentro desse local e ela abriu um enorme sorriso enquanto me mostrei sem graça.

— Quem era o bonitão que estava todo de chamego com você? — Ela abriu a porta e entramos juntas.

Aliviada por não ter nada a ver com o que conversamos, retribuí o sorriso sem intimidação.

— Jarbas, o motorista da minha irmã e meu amigo.

— Não me diga que aquele aprendiz de deus grego é SÓ seu amigo! — ela falou um pouco alto enquanto subíamos as escadas e olhei para os cantos, com medo de alguém ter escutado.

— Nina, pode parecer mentira, mas nada além de amizade nos envolve. Ele foi a primeira pessoa que me acolheu quando cheguei aqui e mesmo ele sendo muito bonito, não consegui sentir nada que não fosse... — parei de falar, porque descendo as escadas estava Davi e não sabia mais o que dizer.

Estávamos criando um padrão, eu escutando suas conversas comprometedoras e ele as minhas.

Vestido com seu habitual jeans azul escuro e camisa social, cabelo levemente bagunçado e barba por fazer, ele roubava minha sanidade pouco a pouco, todos os dias. Impossível não querer dar uma segunda olhada e gravar todas as suas características, inclusive esse jeito cuidadoso que ele tinha quando falava comigo ou solicitava alguma coisa.

Um dia, inclusive, quase perguntei se ele me falava sobre o seu trabalho, mas consegui me conter antes de parecer abusada.

Ele me olhava curioso e estava preocupada que entendesse tudo errado, fazendo com que minhas chances acabassem.

*Desde quando eu estava preocupada em ter uma chance com Davi, ou melhor, um namorado?*

— Boa tarde — ele falou olhando para mim, passou entre nós e nossos braços se encostaram, fazendo meu corpo reagir com um arrepio dos pés à cabeça.

Antes que eu desfalecesse, Catarina me pegou pelo antebraço e me fez seguir o resto dos degraus, até chegar à minha mesa.

— O que foi isso? — apesar de ter sussurrado e estendido a letra do final, parecia um grito abafado.

— Acho que estou fraca, não almocei ainda — desconversei e orei para que ela acreditasse.

Ela me fez sentar na cadeira, puxou a dela, conferiu se tinha alguém na sala dos fiscais e depois me fez encará-la.

— Primeiro, se o tal Jarbas é apenas seu amigo, eu preciso do telefone dele. Sério, a olhada que ele me deu depois que te abraçou foi tipo... uau. — Ela estava empolgada e meu coração começou a acelerar, com medo do que viria depois do primeiro item. — Segundo, vai fazer dois meses que você trabalha comigo. Posso não te conhecer tão bem, mas sou boa observadora e há algo acontecendo. Você pode contar comigo. Entendeu? — Ela apertou minhas mãos para reforçar suas palavras e meus lábios forçaram para baixo enquanto eu impedia das lágrimas escorrerem. Quão sentimental eu poderia ficar? — Terceiro... se você não der bola para o Davi, para ele entender que você está a fim, eu vou falar.

— Não! — rapidamente falei, morrendo de vergonha sobre estar evidente o meu interesse por ele.

— Qual o problema, Bia? Ele é solteiro, gente boa, vem de uma família fantástica...

— Não tenho planos para um relacionamento... não agora. Por favor... — Nem sabia o motivo de pedir alguma coisa, já que na minha mente só havia confusão.

— Você terminou um relacionamento recentemente? É traumatizada? O que te impede?

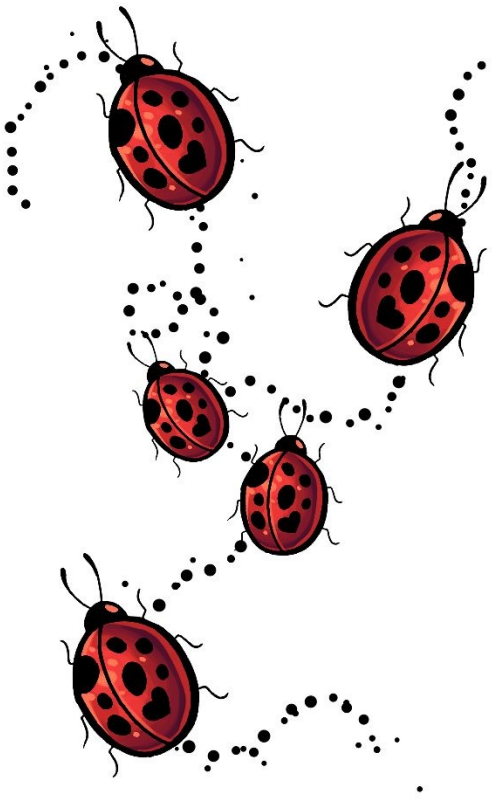
Será que era o momento de desabafar com alguém além de Jarbas? Não, ainda não, eu tinha muita coisa para resolver comigo mesma antes de jogar tudo isso no colo de mais alguém.

— Jarbas também é solteiro e ainda é piloto de motocross. — Forcei um sorriso, peguei meu celular da bolsa e busquei nos contatos o nome dele.

— Fugindo do assunto. Hoje vou deixar passar, porque é desse gato que estamos falando.

Agradeci com os olhos para ela e antes de passar o telefone de Jarbas, encaminhei uma mensagem perguntando se eu poderia fazer isso. Pouco tempo depois ele respondeu não autorizando tal coisa, porque seria ele a encaminhar a primeira mensagem para minha amiga encantadora. Além de bom amigo, ele era um galanteador.

Era bom focar na vida dos outros e esquecer um pouco a bagunça da minha.



# Capítulo 9
## Bia

Eu vi a vida passar de forma simples e cativante pelas mensagens trocadas por Catarina e Jarbas. Apesar da discussão na hora do almoço com minha irmã, a noite eu parecia mais leve, já que ela me deu espaço e pude respirar sem pensar que era apenas um meio para um fim.

*Chega de me sentir usada.*

— Sua amiga é uma peça rara — meu amigo disse enquanto olhava o celular e compartilhávamos um pote de sorvete. Já passava das dez e apenas nós estávamos acordados.

— Enquanto eu fazia cursinho, muita gente falava que Órgão público tinha gente invejosa e ranzinza. Nina me mostrou que essas pessoas não tinham a mesma sorte que eu, de ter ela como companheira.

Ele sorriu, digitou alguma coisa no celular e colocou uma colherada de sorvete napolitano na boca. O pote não era tão grande e por não ter almoçado, eu com certeza, comeria tudo sem precisar de ajuda.

— Vai continuar me falando o que vocês estão conversando?

— Acho que agora o assunto é para maiores de dezoito anos. — Levantou o olhar para mim apenas para piscar um olho e voltar a digitar.

Disfarçadamente, inclinei meu corpo para frente e tentei ler o que era tão obsceno. Eles pareciam descrever o que estavam fazendo, enquanto Jarbas dizia comer sorvete – e não falou que estava comigo –, ela disse que iria tomar banho e estava se despindo.

— Jarbas, não vai fazer... essas coisas comigo do seu lado. — Peguei o pote de sorvete e me afastei. Pensei em Davi, em cenas íntimas e meu ventre se contorceu. Meu rosto ficou vermelho na hora.

— É apenas uma brincadeira, Bia. Volte com o sorvete, não vou te deixar comendo tudo sozinha — falou rindo e finalmente deixou de olhar o aparelho para me encarar. — Você não almoçou, não é mesmo?

— Não, nem jantei, porque fugi da minha irmã e agora vou fugir de você.

Ele largou o celular, eu fui andando para a grande sala e nos encontramos no meio do caminho. Eu ri quando ele me pegou pela cintura, me ergueu e me fez sentar em cima do balcão. O pote de sorvete estava bem firme

nos meus braços, gelando meus seios e minha pele.

— Tem certeza que não tem problema eu me envolver com Catarina? — perguntou sério. Seus braços apoiaram um de cala lado, perto do meu quadril.

— Ela prefere Nina. E não, não tem problema quanto a isso da minha parte.

Coloquei uma colherada na boca e o encarei com um enorme sorriso. Se alguém visse o quanto eu e Jarbas estávamos próximos, diriam que éramos amantes, mas para mim, dentro de mim, eu só conseguia sentir amizade. Cada toque que ele me dava eu sentia carinho e afeto, diferente do toque de Davi, que me deixava desconcertada, além de despertar outros músculos que há muito não utilizava.

*Céus, eu me acendia só de pensar nele!*

— Eu te conheço, está aproveitando que estou distraído com Catarina para não desabafar comigo. Vou deixar passar, você vai dormir e amanhã será um novo dia.

— Você namoraria alguém grávida de outra pessoa? — soltei e enchi minha boca de sorvete, torcendo para que o frio amortizasse a resposta que eu escutaria.

A careta de Jarbas era toda a resposta que eu precisava, fiz um movimento e ele se afastou, para que eu saísse de cima do balcão.

— Não interprete errado...

— Boa noite Jarbas — cortei e fui guardar o que restou do pote de sorvete no freezer.

— Não é algo simples de se avaliar. Se fosse você, eu namoraria, Bia. Você vale a pena o esforço.

— Até amanhã... — falei já me afastando, de costas para ele e controlando as lágrimas de cair. Ignorei o quanto sua última frase poderia ter uma segunda interpretação, minha cabeça não teria condições de lidar com ele gostando de mim se não for apenas amizade.

Cansada de mendigar carinho, eu precisava parar de ficar me lamentando, estava parecendo minha irmã. Ou eram apenas os milhões de hormônios que corria pelo meu corpo por conta do tratamento de inseminação.

Assim que cheguei no meu quarto, enviei uma mensagem para Nina, escovei os dentes e fui dormir, com o pensamento de que amanhã era um novo dia, com novas emoções e possibilidades.

***

Para quem estava prestes a engravidar de um filho que não era seu, amanhã não era um novo dia, mas com certeza tinha novas emoções.

Depois de várias semanas de tratamento, o dia da inseminação chegou, uma sexta-feira que não fui trabalhar. Estava desconfortável com minha irmã observando tudo o que o médico e a enfermeira faziam, mas na altura do campeonato, eu apenas fechava os olhos e deixava as coisas acontecerem.

Foi incômodo e enquanto o procedimento acontecia, orava para todos os santos que conhecia para que isso desse certo da primeira vez. As chances eram boas, mas havia risco e era nisso que não queria me focar. Eu não saberia se teria condições de passar por tudo novamente, além de encarar a decepção da minha irmã.

*Céus, como o sofrimento dela me afetava tanto!*

Jarbas foi meu apoio silencioso na volta para casa. Minha irmã chorava de felicidade e esperança, colocando a mão no meu ventre enquanto eu olhava para o retrovisor e pedia colo para o meu amigo.

— Vai dar tudo certo, Bia. Seremos uma grande família feliz, você será uma madrinha maravilhosa e quando nosso filho tiver grande, contaremos essa história e todos seremos felizes. Minhas amigas até hoje não acreditam que tive coragem — Renata falava mais para si mesmo do que para mim. Eu sabia que ela era preocupada com o que suas amigas iriam falar, parecia mesquinho, mas era só o jeito dela, era sua forma de se encaixar nesse mundo. Eu entendia essa necessidade, porque eu buscava me encaixar no trabalho.

— Eu sei, minha irmã. Por isso, nada de me aborrecer, preciso de concentração para que esses mini-Rildos entre nas mini-esferas-Renatas — brinquei e até meu amigo motorista riu. Era estranho pensar que tinha as coisas do meu cunhado dentro de mim.

— Obrigada, Bia. Amo você, amo, amo, amo...

Ela beijou minha bochecha várias vezes e isso me acalmou por um momento. Eu estava fazendo a coisa certa. Por mais que tudo indicasse que minha situação era um trem desgovernado, saber que não impedi minha irmã de ser feliz era tudo o que almejava por agora.

Nesse momento, não me importava o rumo da minha vida se minha irmã ficasse sempre feliz assim.

Carregada no colo por Jarbas, ele me levou até o quarto e Renata se deitou ao meu lado com o celular na mão.

— Precisa de alguma coisa? — ele perguntou com voz baixa, agachado ao meu lado.

— Sorvete napolitano — sorri e passei a mão no rosto dele, que fez uma careta. — É o meu preferido, você sabe.

— Sim, também sei que só o come quando quer fugir da realidade. Você não está sozinha — disse com tanta convicção, que não tive dúvida nenhuma. Ele beijou minha mão e depois minha testa. — Vou providenciar.

Vi-o sair do quarto e minha irmã me cutucou rindo.

— Irmã, sei que meu motorista é bonitinho, mas posso te apresentar outros mais interessantes e ricos.

Revirei meus olhos e virei em sua direção, contendo o riso para minha irmã querendo dar uma de cupido, do seu jeito. Além do que, ela sempre pensou nisso, no poder aquisitivo de seus pretendentes e não no quanto seu corpo reagia ao toque do amado, o coração acelerava e o estômago embrulhava de emoção...

*Davi...*

Balancei minha cabeça para tentar esquecer as consequências pelo menos por agora.

— Você sabe que Jarbas é apenas meu amigo. E outra, não pretendo me envolver com ninguém, não pelos próximos nove meses.

— Será que você está grávida? — Ela colocou a mão com cuidado na minha barriga e sorri. — Bia, é meio louco, mas sinto dentro de mim que vai dar certo, que finalmente fiz algo certo na minha vida.

— Você já fez muitas coisas certas, Renata. Já te falei que não poder ter um filho não tem nada a ver com certo ou errado. A medicina evoluiu...

— Às vezes me sinto fraca, Bia. Vejo você toda independente, tendo um amigo homem, trabalhando para ter seu próprio dinheiro e eu aqui, torcendo para você ter um filho do meu marido, sendo que poderíamos adotar.

— Isso que você disse é tão errado! — Segurei seu rosto com minhas mãos. — Eu não estou tendo um filho do seu marido, mas seu e dele. Sou apenas um forno assando o pão que vocês fizeram.

Nós rimos alto e nos abraçamos.

— Se algum dia nossa ligação era sensível, agora, está mais forte do que nunca. — Ela me abraçou com cuidado enquanto eu a abraçava com força.

— Eu sou independente, mas sempre morri de saudades de estar junto de você. Eu sei o quanto um sonho é importante na vida da gente. Trabalhar na Receita Federal é meu sonho e... — Respirei fundo e me afastei, ela tinha

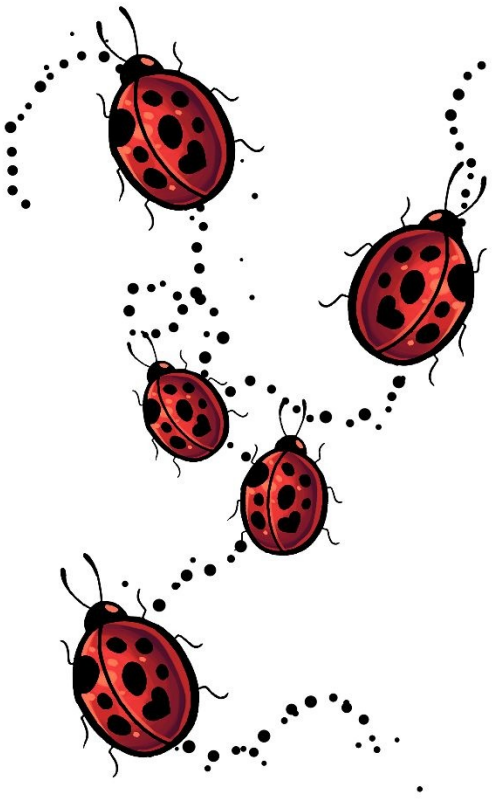
lágrimas nos olhos e eu, um sorriso na face. — Não há dinheiro que compre um sonho, ainda mais quando almejado com tanto amor. Você vai amar e proteger esse bebê, não é mesmo?

— Com todo o meu ser! Obrigada por realizar meu sonho e me tornar completa. — Renata beijou minha testa e me encarou chorosa.

— Não haveria outra forma de fazer isso. Não viveria feliz sendo responsável pela sua frustação.

— Napolitano chegando! — Jarbas chegou e Renata me ajeitou na cama, arrumando as almofadas nas minhas costas para ficar meio sentada e meio deitada.

Pelo menos tinha o lado bom nisso tudo, que era ser paparicada.



# Capítulo 10
## Bia

Fui trabalhar na outra semana sob o olhar inquisidor de Nina. Não apresentei atestado médico, mas justifiquei uma leve indisposição, situação que foi confirmada por Jarbas.

Ela tinha acabado de chegar e nem ligou seu computador, foi me assediar:

— Fale logo.

— Falar o quê, Nina? Bom dia para você também — brinquei.

— Jarbas não quis me dar detalhes, mas falou que você ficou de repouso o final de semana inteiro. O que está acontecendo?

— Não é nada grave — disse baixo e olhando para a sala dos fiscais. Não precisava de mais preocupação, ainda mais por não ter visto Davi ainda. Resolvi mudar de assunto: — Quero saber de você e Jarbas. Por que não se encontraram até agora?

— Porque ele é um fanfarrão e o farei entrar em ebulição antes da gente se encontrar de verdade — responde com um olhar malicioso.

— Já pensou que vocês poderiam estar curtindo noites e noites selvagens enquanto estão apenas brincando no celular? — Sorrio quando ela faz um biquinho fajuto.

— Para falar a verdade, está tão bom assim, que tenho medo da vida real não ser como imagino. Ele não me chamou para sair, nem eu, então, vamos continuar só na imaginação.

— Não se preocupe, isso vai mudar, porque vou perturbar tanto as ideias dele. — Como sempre, Davi tinha o poder de saber quando estava falando de Jarbas e aparecia nesses momentos.

Com uma camisa branca, calça jeans claras e um enorme relógio no pulso, ele chegou e não parou de andar quando nos cumprimentou.

— Bom dia Nina, Bia.

— Bom dia Davi. Reparou que Bia não veio trabalhar na sexta? — Arregalei meus olhos para minha amiga e assim, o homem parou de andar e me encarou. — Ela disse que estava indisposta, mas até agora não falou o que era.

— Não exagera, Nina — resmunguei e desviei meu olhar dele.

— Está se alimentando bem, Bia? — Ele deu um passo na minha direção, fazendo com que meu olhar voltasse para ele e meu coração acelerasse. — Já reparei que você, muitas vezes, diz sair com sua irmã, mas não almoça.

Ele tinha conhecimento do que conversava com Nina?

— Pois é, além de comer mal, pode ser apenas uma TPM, não é mesmo? — Catarina tentou chamar nossa atenção, o que não aconteceu, já que parecíamos em um mundo só nosso.

Até quando eu ficaria assim ao falar com ele?

Outro fiscal chegou, tirando nossa concentração e levando o homem que eu tanto almejava para longe.

— Você não presta, Catarina Azevedo — resmunguei, fingindo irritação.

— Alguém vai arrancar a verdade de você. Se não for eu, que seja ele.

Piscou um olho, voltou para sua mesa e começamos a trabalhar, esquecendo o pequeno interlúdio matutino. Focar no que precisava fazer no meu serviço era um ótimo remédio para esquecer que mesmo que tudo estivesse encaminhado entre mim e Davi, a gravidez iminente sempre seria um obstáculo a vencer. Eu nunca o faria passar por algo como isso.

Durante o dia, Jarbas e minha irmã enviaram várias mensagens, preocupados comigo. Quando os dispensei no horário do almoço, inventando uma desculpa de que precisava terminar o serviço acumulado, vários protestos aconteceram, chamando atenção da minha colega.

— Se você não disser agora, vou tomar o celular da sua mão — falou com irritação da sua mesa.

— É só minha irmã e seu *peguete* virtual exagerando. — Tive uma ideia e sorri de uma hora para outra. — Isso, faça o favor de falar para Jarbas que vou almoçar com você. Preciso de normalidade.

Digitei no meu celular algumas palavras e senti o aparelho ser tomado da minha mão por Catarina.

— Jarbas, o almoço é meu e da Beatriz Carrero. Fale para a irmã madame que ela e seus segredos serão meus hoje. — Nina enviou uma mensagem de áudio e guardou o meu celular no bolso traseiro da sua calça.

Como sempre, falar de Jarbas era a mesma coisa que atrair Davi, que saiu da sua sala e nos olhou com preocupação.

— Você vai levá-la para almoçar? — Davi perguntou para minha colega, que o olhou com a mesma irritação que me olhava.

— Não, você irá nos levar. Vamos.

Olhando de Nina para Davi, a vi pegando sua bolsa e ele me estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Sabendo que o atrito da sua mão na minha poderia causar um embaraço, como eu desmaiando, segurei a respiração. Minha mão foi até a dele, que apertou com suavidade e me ajudou a me movimentar. O formigamento do seu toque me fez soltar o ar que havia prendido.

— Vamos, Davi, rápido e silencioso. Isso é um sequestro.

Com um enorme sorriso no rosto, sou guiada pela mão forte do homem que admirei desde quando entrei no meu novo serviço. Com os dias de trabalho, descobri que ele além de ser muito bonito, era inteligente, praticamente um prodígio. Ele sempre tinha bons assuntos para discutir do mundo financeiro e isso despertou meu interesse em estudar.

Enquanto Nina ia na frente, fazendo com que eu deixasse de pegar minha bolsa, eu e Davi seguíamos atrás. Estava feliz por estar junto das duas pessoas que mais estimava nesse lugar.

Fui levada para fora do prédio e em direção ao estacionamento.

— Vocês são doidos — falei entre risos quando Davi me soltou para abrir o carro e me colocar no banco do passageiro.

— Você não viu nada. Tente resistir e te colocaremos no ombro desse fortão — Catarina falou batendo no braço musculoso que segurava a minha porta.

Essa era minha colega de serviço, tratava todos com intimidade, mesmo que não tivesse amizade íntima. Sentou no banco de trás e apertou meus ombros enquanto eu colocava o cinto de segurança.

— Eu não trouxe minha bolsa, vocês vão pagar tudo — falei como se não me importasse, mas já pensando como iria recompensar o almoço pago por eles.

— Os sequestradores somos nós. — Davi sentou no banco do motorista e deu partida no carro.

— Ela precisa de algo bem gorduroso e que entupa sua veia — Nina disse e fiz uma careta. Gostava de lanches e frituras, mas não era o que pensava para o dia de hoje.

Olhei para todos os lados e o vi sorrindo. Ele fez um movimento com o volante e me olhou de esgueiro enquanto dirigia.

— O que você quer comer? — perguntou de forma branda e Catarina

não podia ficar sem quebrar o clima.

— Awwwwwwww, que lindo. — Ela apertou meu ombro e o dele. — Hoje não, Davi, eu não quero ficar de vela, é apenas um momento de descontração.

Senti meu rosto esquentar e numa tentativa de me acalmar, Davi apertou meu joelho coberto pela calça jeans, o que me deixou mais desconfortável ainda.

— Vamos no shopping, cada um come o que quiser lá, tudo bem? — Fez uma careta olhando para o espelho retrovisor e sorriu para mim.

— Ah, Davi, quem te viu, quem te vê. Fazendo cara feia para mim? — Catarina brincou e eu tentei desacelerar o meu coração.

Ele estava me paquerando? Será que ele percebeu o quanto me desconcertava, o quanto seu toque me afetava?

Seria tudo isso recíproco?

— Nina, você me faz passar cada uma... — falei olhando para trás.

— Essa é a vantagem de me ter como amiga. Viver fortes emoções todos os dias. — Ela tirou o meu celular do bolso e me entregou. — Pronto, veja se tem alguém surtando.

Debloqueei o aparelho e mais de dez mensagens de Jarbas me cumprimentaram. A última me fez gargalhar.

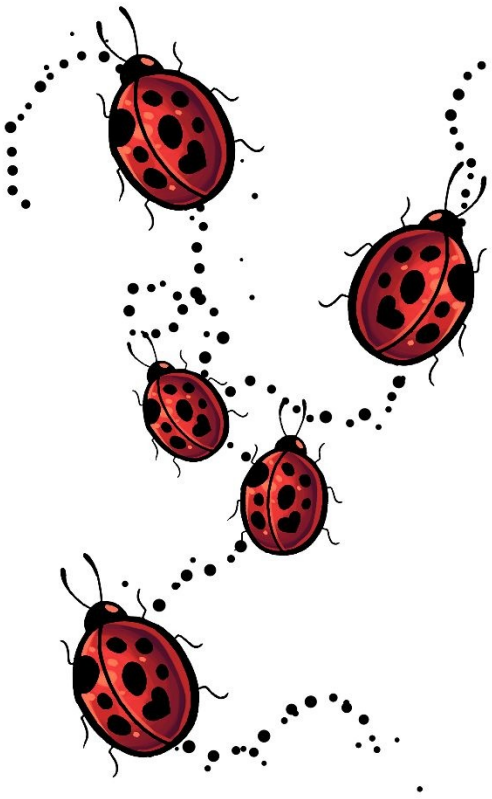
**Jarbas >> Catarina, quando acho que gosto de adrenalina, você me faz odiar essa necessidade de fortes emoções. A irmã dela está quase me matando de tanto perguntar por Bia que não responde as mensagens. Não me faça invadir seu local de trabalho com a louca da Renata. Ela pode ser mortal. Onde está nossa Bia?**

No automático, apertei o botão de gravar áudio:

— Querido, não tenha um infarto, estou bem. Avise Renata que vou almoçar com o pessoal do trabalho e mais tarde conversamos. Estou bem — reforcei e respirei fundo, feliz por ter um pouco de normalidade fora do normal.

Olhei para o lado e vi quando os lábios de Davi entortaram.

Droga, acho que acabei com o clima.



# Capítulo 11
## Bia

— Conta melhor quando foi que você optou por um namoro virtual ao invés de um real? — Davi perguntou com humor logo após todos terem escolhidos seus almoços.

Sentados em uma mesa para quatro pessoas, Nina, com seu sanduíche natural, estava sentada a minha frente e Davi, com seu lanche gorduroso ao meu lado. Escolhi *self-service* e enchi meu prato de salada, carne e batatas fritas.

Como a conversa tinha se tornado tão íntima? Eu não sabia, mas parecia que os dois eram tão próximos quanto Jarbas e eu. Não cabia ciúmes da minha parte, apesar desse monstrinho querer me cutucar.

— Davi, eu não estou namorando, é apenas uma paquera descompromissada. Além do mais, nós estamos nessa brincadeira juntos, não é algo só meu. — Catarina comentou sem nenhum constrangimento sobre ela e Jarbas.

— Com certeza deve existir um castigo para quem deixa um homem de bolas azuis.

— Como você é machista, Davi! — Nossa amiga se inclinou na mesa e bateu em seu braço com força. Ele olhou para mim com diversão e entendi que falou isso apenas para vê-la se descontrolar. — Falando em relacionamento, como vai sua vida amorosa, *hã*? Pelo menos eu tenho um amigo para me divertir...

Parei o garfo no meio do caminho e o voltei para o prato. Peguei o copo que continha suco natural de laranja e tomei um gole, ansiosa para saber o que ele tinha para contar.

— Aquela última grudou igual cheiro de carniça — ele respondeu baixo e fiquei olhando para minha amiga ao invés dele, senão, meu olhar de decepção iria ser facilmente detectado.

Apesar de parecer totalmente contraditória, eu o queria ao mesmo tempo que sabia que não poderia tê-lo enquanto estivesse envolvida com a barriga de aluguel da minha irmã. Como não mandamos nos sentimentos, sentir que queria e depois sentir que não o queria era irracional dessa forma.

— Quem, a Juliana? — Nina questionou e vi pela minha visão periférica ele concordar com a cabeça. Eu sorria com amargues enquanto minha

amiga ria alto e largava seu lanche. — Qual a dificuldade de falar não para aquela louca, Davi? Você finalmente conseguiu sair da casa dos seus pais, mas não soube negar as investidas de uma mulher?

— Só se eu falar em japonês, porque até em inglês expliquei para essa doida que não estou interessado. E além do mais, tenho outras quatro malucas incentivando Juliana a me perseguir. — Ele me olhou de lado, mas continuei concentrada em comer e encarar Catarina.

Céus, essa conversa estava massacrando meu coração, por mais que ele estivesse dizendo que não tinha interesse na mulher.

— Isso é desculpa esfarrapada. Pelo que te conheço, você negou os avanços dela por uma semana e então, desistiu e provou da fruta. Só que ao invés de afugentar o encosto, você o grudou. Estou errada?

Dessa vez tive que olhar para o homem que eu tinha uma paixão guardada e se sua careta era uma indicação de que tudo o que Nina falou tinha um cunho de verdade, então, foi minha vez de bater em seu braço.

— Hei, o que é isso? — Ele me olhou assustado e franzi a testa. Sabia que não tínhamos a mesma intimidade que ele e minha amiga, mas como estava na roda, fingi ser da mesma turma.

— Mulher só espera uma oportunidade de mostrar seu potencial e se infiltrar na sua vida. Existe as que entendem a rejeição e outras que interpretam isso como paixão enrustida. Já ouviu falar no ditado que quanto mais você pisa, mais gruda, como chiclete no sapato? — O olhar dele em mim ficou intenso e antes que meu rosto ficasse vermelho de vergonha, virei para frente e pedi socorro. — Me ajude aqui, mulher. Vamos tentar colocar juízo pelo menos na cabeça de um homem nesse planeta.

— Faço dela as minhas palavras, Davi. O estrago já foi feito, só espero que não tenha provado mais de uma... — Ele fez um movimento com os ombros e corpo, denunciando que foi mais de uma vez. Eles se encontraram mais de uma vez! — Bia, vamos ter que levar o rapaz para a reabilitação, só um especialista para dar conta desse cérebro.

— Vocês são exageradas. Eu sou solteiro, qual o problema de eu ter um caso com uma mulher? Tudo bem que ela se acha minha namorada, mas tudo isso é apenas um percalço.

— O problema é que esse atraso de vida não te faz enxergar quem realmente vale a pena — falei e percebi que foi muito mais do que deveria. Evitei olhar em seus olhos, eu estava com o coração em ritmo frenético e precisava sumir dali. — Vou no banheiro, já volto.

Em disparada, segui o rumo indicado pelas placas e fiz o que tinha que fazer no toilette. Minha mente se debatia entre voltar à mesa e pedir desculpas pelo que falei, para que não entendessem que eu tinha interesse em Davi ou fingir que nada aconteceu.

Seguindo de volta, achei prudente escolher a segunda opção. No caminho, observei os dois inclinados para frente, parecendo discutir. Assim que me aproximei, eles voltaram ao normal e seus sorrisos sem graça indicavam que o assunto era sobre mim.

— Gente, acho que escolhi a comida errada, não aguento mais comer verde — brinquei ao colocar uma garfada na boca e mastigar com uma careta.

— Estou feliz com meu sanduíche aqui, mas nada que um sorvete não resolva todos os nossos problemas de aceitação alimentar. — Catarina comeu o último pedaço da sua comida e me observou almoçar.

*Por que está olhando desse jeito para mim?*

— O que foi? Meu dente está sujo? — Olhei dela para Davi, que me observava com atenção.

Droga, o que será que conversaram enquanto eu não estava aqui? Apesar de parecer óbvio meu interesse por ele, nunca falei em alto e bom tom para nenhum dos dois.

— Nina falou, eu falei, agora é sua vez, Bia — a voz baixa e levemente rouca me fez enrubescer. Eles queriam saber sobre mim e claro, relacionamento amorosos.

Dei preferência para comer mais duas outras garfadas da minha comida antes de responder qualquer coisa. Eu não tinha vergonha em dizer que há mais de anos não me relacionava com ninguém. Ou dizer isso mostraria o quanto era inexperiente? Ou talvez... frígida?

— É.... eu.... — gaguejei.

— Recatada do jeito que é, eu chutaria que é virgem. — Reviro meus olhos para a afirmação demasiada da minha amiga.

— Exagerada! Eu namorei sim, mas não sou pegadora. Eu tinha um objetivo de vida e como meu ex falava, foquei tanto em estudar que amava mais os livros do que a ele. — Dei de ombros ao perceber meu próprio tom de amargura e finalizei minha refeição. Achava que essa era uma ferida cicatrizada, mas estava aberta ainda, por algum motivo que não sabia.

— Seu ex era um idiota — Davi chamou atenção por dizer essas palavras com raiva. Em seus olhos havia ira e compreensão. — Pelo o que você já me contou, se esforçou ao máximo para ter a estabilidade que esse concurso

público podia oferecer. Não é errado priorizar os estudos. Quem estava ao seu lado não soube valorizar a mulher especial que você é.

Tentei não arregalar os olhos para sua declaração. Era um elogio e com certeza uma indireta para o que ele achava de mim. Infelizmente, não apagou da minha mente rancorosa que ele tinha outra pessoa em sua vida e eu, um filho que não era meu, possivelmente a caminho.

Um guardanapo de papel voando interrompeu nossa troca de olhares e Nina se levantou com uma falsa cara de brava.

— Eu não vim para ficar de vela. Levante e vá comprar um sorvete para nós, Davi. Por sua conta!

Terminei o restinho do suco do meu copo e vi Davi se afastar. Ela se aproximou de mim, envolveu seu braço no meu e sorriu de orelha a orelha.

— Ele está tão na sua.

— Você estava junto comigo quando ele falou da tal Juliana? — inquiri com deboche o nome da outra, porque essa notícia foi igual comer abacaxi mal escolhido, azedo e que provocava afta.

— Como eu já te falei antes, se você não demonstrar interesse, ele vai continuar se divertindo com as erradas. Você é a certa! — Ela empurrou seu corpo contra o meu e saiu andando em direção ao homem que me interessava. Muito.

— E se eu demonstrar interesse e ele só quiser amizade, preferir a outra? — perguntei baixo e insegura.

Nem sabia o motivo de cogitar me relacionar com Davi. Era muito injusto começar algo com toda a bagagem que eu carregava.

— Quando falamos de amor, não há jogo certo muito menos estatísticas para garantir um final feliz. O não você já tem, qualquer coisa além disso é lucro e um passo para ter um bom relacionamento.

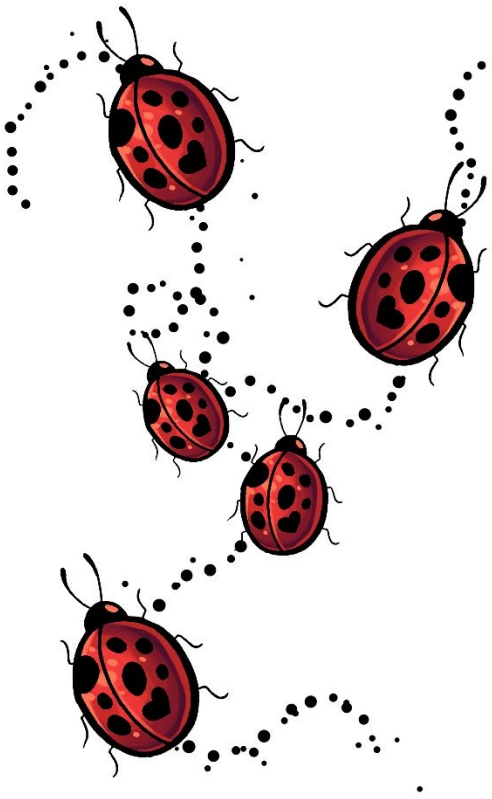
— Falou a mulher que não quer enfrentar Jarbas cara a cara — rebati com amargura.

— Eu não tenho vergonha de assumir meus sentimentos, só prefiro adiar ao máximo algo que não posso enfrentar agora.

Ela me fez parar, ficou de frente para mim e pegou minha mão para tocar sua pele debaixo da sua blusa, na região da barriga. Detectei uma superfície cheia de irregularidades e aspereza, fazendo com que eu ficasse mais confusa ainda... ou melhor, agora sim havia entendido seu receio.

Seu corpo tinha uma deformidade, provavelmente de queimadura e ela

tinha vergonha disso.



# Capítulo 12
## Bia

A volta para a Receita Federal foi mais tranquila e divertida. Cantamos as músicas da rádio aos berros e seguimos meia hora atrasados para nossos locais de trabalho.

O assunto sobre Catarina ficou inconclusivo, porque não me deixou questionar e sabia que isso não era algo que deveria falar na frente de Davi. Guardei essa informação para abordá-la depois.

— Obrigada pelo almoço e pelo sorvete — falei assim que saí do carro e dei a volta para ficar perto dele.

— Foi um prazer, você é uma ótima companhia. — Ele sorriu para mim e passou a mão no meu antebraço.

Olhei para os lados, preocupada se alguém visse a demonstração de carinho num local tão perto do trabalho e ao longe vi Catarina seguindo sem nós. Ele olhou para a mesma direção que eu e riu baixo.

— Ela é uma figura.

— Sempre acreditei que existia apenas interesseiros em Órgãos públicos, mas ela me mostrou o contrário.

— Só ela? — ele perguntou baixo e virei meu rosto em sua direção. Ele tinha aproximado seu corpo do meu e seu cheiro refrescante invadiu meus sentidos.

— É...

— Você aceitaria sair comigo hoje? Só nós dois?

Sua mão colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e dei um passo para trás envergonhada. Abaixei minha cabeça e minha barriga foi a primeira coisa que enxerguei antes de voltar a encará-lo.

Não havia mais dúvida sobre o interesse dele por mim. Será que eu contava tudo antes de qualquer coisa?

— Eu estou interessada em você, Davi. — Fiquei feliz por não gaguejar, já que meu coração queria sair pela boca. — Você precisa saber de algo sobre mim...

Meu celular tocou, interrompendo minha fala, mas não nossa interação de olhares. Ele parecia querer me desvendar e eu tentava ocultar todos os meus

empecilhos de estar com ele.

— Precisamos voltar... — ele falou e segui ao seu lado. Peguei o celular e a foto da minha irmã me fez gemer de tédio.

— Oi Renata.

— *Nunca mais faça isso comigo! Você está carregando meu filho, eu preciso saber como vocês estão!* — ela falou um pouco descontrolada. Apertei meu nariz, entre meus olhos e respirei fundo antes de responder sem ser grossa:

— Renata, eu só almocei com meus amigos de serviço e não há nada certo sobre a... isso! — Consegui evitar falar gravidez e ter que explicar algo para Davi antes do tempo.

— *Jarbas estará aí meia hora antes de você sair. Você volta direto para casa, precisa repousar.*

— Eu combinei de sair com um amigo, então, não precisa me buscar. — Olhei para Davi, que sorria de orelha a orelha. Ele abriu a porta da recepção para que eu entrasse e seguiu ao meu lado com o peito estufado. Tive que sorri, seu orgulho era o meu próprio.

— *Você não vai...*

— Você não é minha mãe e quando eu voltar, conversamos sobre isso. Estou no meu horário de trabalho e cheia de serviço.

Começamos a subir as escadas.

— *Você não vai sair transando por aí carregando meu...*

Encerrei a ligação com raiva e com vontade de tacar o aparelho escada abaixo. Davi percebeu e tomou o aparelho da minha mão antes que o estrago fosse feito.

— Família pode ser um saco as vezes — tentou apaziguar.

— No meu caso, é só minha irmã mesmo. — Parei no meio da escada, respirei fundo e segurei em seu ombro, mais para me equilibrar do que sentir o seu músculo sob a camisa.

Uau, ele era firme!

— Prefere deixar nossa saída para outro dia? — perguntou decepcionado, eu encarei sua camisa bem passada.

— Não prefiro, mas é melhor. Preciso definir alguns limites com minha irmã antes de perder a sanidade. — Levantei o olhar e o vi preocupado. — Pode ser amanhã?

— É... — Ele parecia sem graça. — Pedi férias e amanhã não venho, só volto depois de trinta dias. — Meus ombros caem e fiquei decepcionada. —

Inclusive já marquei viagem. Não sabia o que fazer para me livrar da Ju...

— Você está viajando para tentar se afastar da sua namorada? — perguntei indignada e voltei a subir as escadas, não sabendo o que pensar nem o que dizer.

*Que homem enrolado!*

— Espera, Bia! — Ele me parou segurando meu cotovelo e o olhei com raiva. — Não me olhe assim. Juliana não é minha namorada e nunca será. Se eu soubesse que também gostava de mim antes....

— Bem, nem eu sabia sobre você. — Soltei meu braço da sua mão e tomei meu celular da outra. — Preciso voltar ao trabalho.

— Me dá uma chance. — Ele subiu mais rápido que eu e me parou com seu corpo no degrau acima. Precisou quase que agachar para que nossos olhos ficassem na mesma altura. — Por favor...

A preocupação com minha resposta e sua tentativa de implorar me fez relaxar de forma momentânea. Davi queria se envolver com minha vida e mal sabia o transtorno que ela estava.

Talvez essa viagem tenha sido providencial. Trinta dias era tudo o que precisava para descobrir se estava grávida ou não e caso negativo, mostrasse a minha irmã que infelizmente não tentaria novamente. Eu queria tentar com ele.

Ou não.

Quando se tratava da minha irmã, sabia que nada do que eu planejasse dizer ou fazer seguiria o meu caminho, mas o dela. Quando apelava para o lado família, eu era sempre a primeira a ceder.

— Viaje, dê um fim nessa sua ex e daqui trinta dias conversamos.

— Ela não é nada minha, Bia! Me dê seu número, não ficarei trinta dias sem falar com você. — Ele tirou o celular do bolso e me olhou ansioso.

E se eu me apaixonar pelas mensagens igual Catarina se apaixonou por Jarbas? Eu não poderia... não quando meu estado era incerto.

— Não se prenda a mim...

— Não me sinto assim. Quero te conhecer, quero... — Alguém começou a descer as escadas e o olhei com desespero.

— Depois nos falamos — sussurrei e ele balançou a cabeça em acordo, virou e subiu os degraus comigo atrás.

Ele entrou primeiro no departamento e segui sem vontade para minha mesa. Sentei na cadeira e nem um segundo depois que desbloqueei minha máquina, uma mensagem no programa de mensagens apareceu para mim. Era

Catarina.

**Catarina >> E aí, beijou?**

**Beatriz >> Depois falamos sobre isso. Se alguém ver essas mensagens podemos ser penalizadas.**

**Catarina >> Para de me enrolar. E fique despreocupada, não há auditoria, o rapaz da TI que mexe nisso me garantiu. Ele é meu brother.**

Olhei para ela, que fez um movimento com a mão, pedindo que continuasse a conversa. Olhei para a porta dos fiscais e meus olhos se cruzaram com os preocupados de Davi.

Céus, como iria trabalhar hoje?

Voltei minha atenção para o computador e digitei a mensagem com rapidez.

**Beatriz >> Você sabia que ele vai entrar de férias amanhã? E que marcou uma viagem apenas para despistar a Juliana? Por que ele não dá um pé na bunda simplesmente?**

Catarina riu segundos depois e minha vontade era de explodir alguma coisa... ou alguém.

**Catarina >> Bem-vinda ao mundo virtual, companheira. Ele viaja, mas vocês poderão se comunicar por mensagens. É muito bom...**

**Beatriz >> Não.**

**Catarina >> Quem não dá assistência, abre vaga para a concorrência.**

**Beatriz >> Eu não vou me comunicar por mensagem. Que faça a viagem, que encontre uma modelo e tenha uma noite tórrida, não me importo. Eu só não preciso de mais rolo na minha vida.**

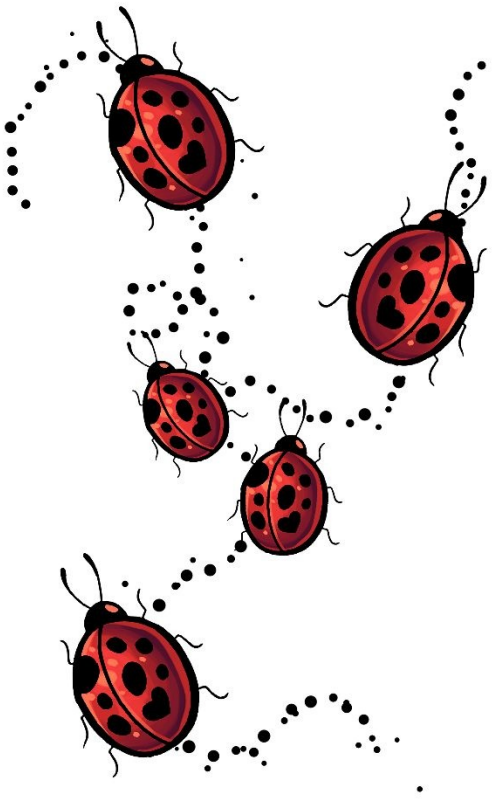
**Catarina >> Mentirosa....**

Ela riu e a olhei com o centro franzido. Era verdade o quão mentirosa fui nessas palavras, não queria admitir a verdade.

— Você não é minha pessoa favorita hoje — resmunguei.

— Claro que sou e sempre serei. — Piscou um olho e voltou sua atenção para o computador.

Isso tudo porque era meu primeiro dia de trabalho depois da inseminação. Imagine quando eu tivesse que falar que estava grávida?



# Capítulo 13
## Davi

O serviço não rendeu nada. Todos os relatórios e análises que precisava fazer repassei para Guilherme, que sentindo meu humor decair a cada minuto, nem questionou de estar sobrecarregado.

A cada cinco minutos meus olhos buscavam Bia e meu coração apertava. Era muito ruim a minha situação e falar na frente dela, na hora do almoço, não foi inteligente. Estava ficando irracional perto dela e não me importava, a não ser que ela me rejeitasse.

Bia está interessada. Falou com todas as letras que me queria, mas o que achei que seria meu bote salva-vidas, agora estava me levando para longe dela.

Maldita Juliana!

Não queria assumir a culpa nessa situação, mesmo sabendo que tinha minha parcela. A mulher era insistente e se eu a proibisse de ir ao meu apartamento, tudo estaria resolvido.

Mas não...

Eu pensei com a cabeça de baixo e aproveitei os momentos que ela me proporcionou, até semana passada, quando encontrei suas roupas no meu guarda-roupas.

Tudo tinha limite.

A mulher surtou se achou que iria dividir meu canto com ela. Coloquei tudo dentro de uma mala, troquei a fechadura da porta de entrada, com medo dela ter feito uma cópia da chave e a esperei na portaria.

Como todos os dias ela apareceu depois da academia, com sua bolsa cheia, a roupa colada e o sorriso que me lembrava de outros momentos íntimos. Devolvi seus pertences, falei que não poderíamos nos ver mais e ela reagiu... bem.

Esperei um escândalo, choro e tudo mais, só que ela foi esperta ao não alardear minha rejeição. Entendi sua estratégia quando ela voltou no outro dia para o meu apartamento como se nada tivesse acontecido e precisei negar sua entrada novamente.

Avisei todas as minhas irmãs, inclusive minha mãe, o quanto essa mulher tinha algum problema em entender que não a queria mais. Qual não foi

minha surpresa das quatros falarem que tinham mais o que se preocupar do que meus problemas de relacionamento?

No celular foi fácil bloquear suas mensagens e ligações, mas pessoalmente... estava pensando seriamente em procurar outro apartamento para morar. Enquanto isso não acontecia, iria viajar e dar um chá de sumiço por trinta dias. Se ela não entender o recado, eu com certeza, envolveria a polícia.

Estava me tornando um frouxo?

— Cara, você está no mundo da lua. Qual é a *peguete* da vez? — Guilherme perguntou assim que o primeiro fiscal se levantou para ir embora. Olhei rapidamente para porta e vi Bia arrumando suas coisas.

Caramba, precisava ser rápido!

— Depois nos falamos, cara. — Bloqueei minha máquina, peguei minha carteira, celular, chaves do carro e quase corri atrás da mulher que parecia completar alguma coisa dentro de mim.

Ela era linda, inteligente e carinhosa. Não demonstrava muito, mas pelo pouco que interagimos no serviço, parecia muito interessada no ofício dos fiscais. Ávida em aprender, não deixava passar nada e não tinha como não a admirar a cada tarefa que delegava a ela.

Era certo que meu interesse começou pela beleza inocente, solidificou com o dia a dia e agora estava mais que cimentado quando ela disse que me queria.

Poderia ser mais perfeito que isso?

— Bia! — chamei antes que ela começasse a descer as escadas.

Catarina passou por mim e murmurou um “boa sorte”. Ela sabia algo a mais do que eu e a interrogaria quando chegasse em casa, por telefone. No almoço ela me interrogou sobre meu interesse na sua colega de trabalho e mais que depressa disse de toda a minha boa intenção.

A mulher que tirou minha concentração hoje à tarde virou para mim e não pensei duas vezes em pegar no seu pulso e levá-la até o último andar, onde havia uma pequena sacada. Não era usada pelos funcionários que não fossem da limpeza, mas nesse horário, todos haviam ido embora e só voltariam antes de começar nossa jornada de trabalho do próximo dia.

Subimos em silêncio os últimos degraus, nesse momento havia soltado sua mão e ela não relutou em me seguir, para meu alívio. Cumprimentei alguns colegas que cruzaram conosco e chegamos ao meu destino sem nenhum empecilho.

Do lado de fora, o sol começou a se despedir e o barulho do trânsito ressoou para afugentar o silêncio. Como não era uma sacada que sobressaía o prédio, poucos poderiam nos ver. Parecia mais uma janela aberta que um local exposto.

Observei Bia olhar para fora e escorar na janela, admirando a altura e tudo o que ela poderia proporcionar.

— Não sabia que existia um lugar assim aqui. É lindo. — Ela virou a cabeça e me olhou com um sorriso cansado. — Podemos vir sempre?

— Não está restrito, mas não é comum ter pessoas por aqui. Descobri esse local por acaso, quando procurava um pano para limpar o refrigerante da minha mesa. Estava trabalhando até tarde e fiz uma pequena bagunça com a janta. — Sorri e me encostei ao seu lado, também observando a paisagem de pedra. — Por favor, me dê uma chance.

— Quando você voltar — ela não pestanejou ao responder. Virou seu rosto e eu a encarei de forma intensa. Ela iria me dar uma chance, meu coração não se cabia quieto de tanta felicidade.

— Eu quero hoje.

Queria mostrar meu interesse no agora, que a viagem foi apenas um erro de cálculo. Faria qualquer coisa para poder tê-la hoje em meus braços. Olhei para seus lábios depois para seus olhos, indicando minhas intenções e ela voltou a olhar para o horizonte.

— Hoje não é um bom dia. Apesar de não esperar sentada você voltar das férias, prefiro que seja apenas depois. Há coisas que estão acontecendo na minha vida que você deverá saber antes.

— O quê?

— Prefiro começar alguma coisa quando você voltar. Quem me garante que não conhecerá o amor da sua vida durante a viagem? — Virou para mim e sorriu triste. — E ainda tem a sua ex...

— Ela nunca foi nada além de uma *ficante*. Não dê valor para quem nada representa para mim — falei com um pouco mais de força e relutei para não envolver meu braço em seu ombro, ou mesmo a abraçar por trás. — Acredite em mim.

Ela demorou um pouco para responder, mas valeu a pena todo o nervosismo, porque estendeu seu braço e segurou minha mão.

— Eu acredito em você. É apenas despeito da minha parte. — Apertou minha mão e tentou se soltar, mas não deixei e a trouxe para meus lábios. Depositei um beijo demorado e aproveitei esse momento.

Olhar para os seus olhos e sentir o nervosismo por estar perto de mim através da sua mão macia e trêmula me fez ganhar coragem. Puxei sua mão para perto da minha cabeça e seu corpo veio junto, colando barriga com barriga, peito com peito. Sua cabeça se inclinou o suficiente para continuar me olhando nos olhos e com calma, trouxe sua mão para que ficasse atrás na minha nuca. Peguei a outra mão e fiz o mesmo, então, seus braços envolviam meu pescoço e nossa posição era mais do que perfeita para o que eu queria fazer.

— Você quer começar daqui trintas dias, a contragosto vou aceitar. — Passei a mão na sua bochecha e senti seu nervosismo através das batidas do seu coração. Sentia seu ritmo cardíaco tão acelerado quanto o meu. — Irei roubar um suvenir para que me acompanhe durante a viagem.

E o fiz. Inclinei meu rosto, uni nossos lábios e seus olhos se fecharam antes dos meus. Ela não relutou em nenhum momento, ao contrário, forçou mais ainda a união dos nossos corpos e abriu seus lábios para receber minha língua, que estava ávida por conhecer a dela.

Talvez fosse porque nunca me envolvi com alguém que realmente tivesse um interesse além de apenas alguns momentos... ter Beatriz em meus braços despertou algo dentro de mim que achei que não tinha vocação.

Eu a queria perto de mim e não só para essa troca íntima de saliva.

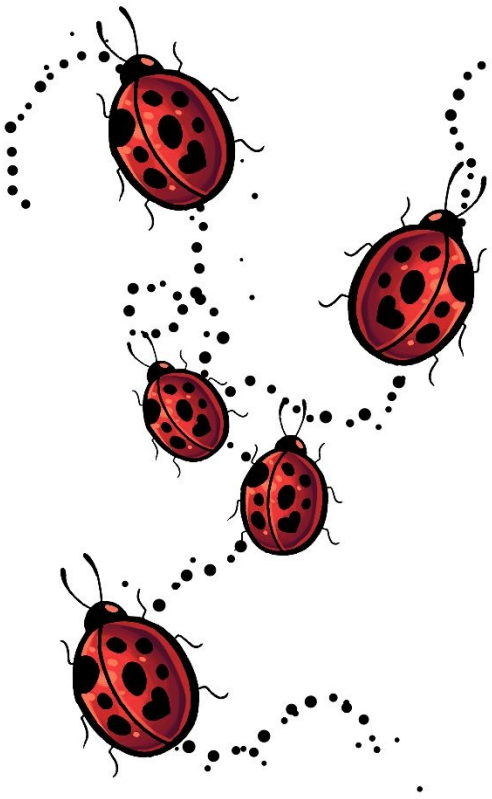
Aprofundei o beijo, envolvi meus braços em sua cintura e antes que avançasse o sinal, já que o local nem a ocasião eram propícias para o que tinha em mente, encerrei nosso contato de lávios e encarei seus olhos assustados e nublados pela recente interação íntima.

— Serão os piores trinta dias da minha vida.

— Não se prenda e aproveite! — sussurrou e beijou meu rosto.

Não a segurei quando ela deu passos para trás, ainda me encarando. Também não a impedi de se afastar, ganhei algo muito mais valioso para pensar enquanto estiver afastado daqui.

Havia ganhado na loteria e não deixaria meu prêmio escapar.



# Capítulo 14
## Bia

Virei minhas costas para Davi e caminhei como se estivesse nas nuvens. Cada passo dado para longe dele era como se algo me puxasse e impedisse de continuar, como um ímã. Eu não podia me render a essa loucura chamada paixão, mas com certeza iria aproveitar todas as sensações que me proporcionava.

Desci as escadas e arrisquei um olhar para trás. Ele não estava me acompanhando, iria sair de férias e nossa última interação foi um beijo. Respirei fundo e caminhei suspirando como uma adolescente apaixonada. Inevitável não sorrir, me sentir atraente e querida.

Há quanto tempo não tocava outros lábios? Só não tinha teia de aranha, porque escovava meus dentes sempre depois das refeições. O gosto de café e seus braços acolhedores me fizeram ignorar tudo a minha volta até sair do confortável ambiente com ar condicionado e ir para o calor abafado da cidade.

Tentei sair dos meus devaneios quando vi o carro da minha irmã parado rente a calçada. Jarbas saiu do automóvel e orei, mentalmente, para que apenas ele tivesse vindo me buscar. Ele não pareceu aborrecido e abri meu maior sorriso para o amigo que não se importava das minhas atitudes.

— Convenci sua irmã de não vir comigo. Você me deve e vou te cobrar com juros — brincou e me recepcionou com um beijo no rosto. — Você está bem? — seu tom mudou para preocupado.

— Estou sim, muito bem — respondi eufórica demais quando ele contornou o carro comigo e abriu a porta para que eu entrasse.

— Posso saber o que teve de tão bom nesse almoço? — Ele fechou a porta e o esperei se acomodar no banco do motorista para responder.

— Para falar a verdade, o almoço foi algo revelador. Digamos que... nada muito bom. — Olhei para seu perfil, que agora manobrava para entrar no tráfego. — Descobri que Davi tem uma... *ficante* que não larga no pé. Ele recém saiu da casa dos pais e Nina tem uma justificativa para não se encontrar pessoalmente com você.

— Espera, calma... — Jarbas olhou para mim rapidamente e apertou com força o volante. — Nina não quer me ver de propósito? Por quê?

Eu queria tanto contar sobre a minha vida, mas deveria imaginar que

seu interesse cairia em Catarina e não às minhas coisas.

— É algo que não vou contar, Jarbas, mas me achei no dever de esclarecer isso para você. Não é um jogo nem algo proposital. Nina parece uma mulher confiante e despojada, só que ela apresentou um outro lado para mim em apenas alguns segundos.

— E você não vai me contar? — Mudou de marcha de forma brusca.

— Ela não me pediu segredo, mas não... não vou contar. Apenas saiba que para ela, o importante está além das aparências. E para você?

O carro parou no sinal vermelho do semáforo e ele virou todo seu corpo para mim. Seu olhar feroz e curioso me fez sorrir, porque plantei uma sementinha e esperava que ela germinasse no solo certo.

— Que papo é esse de aparências? A mulher é linda, divertida e nunca incomoda com assuntos superficiais. Eu não preciso ver além do que já conheço dela. — Alguém buzinou e Jarbas voltou a guiar o carro, uma vez que o sinal ficou verde.

— Eu já falei...

— Quanto de sorvete? Qual outro doce que você gosta? Irei te subornar até você não ter condições de me negar o que sabe.

Ele estava mais que determinado, apesar do humor que envolvia a coação. Isso era bom ou ruim? Precisava saber.

— Por que nunca a convidou para sair?

— O assunto surgiu e ela desconversou. Nunca perguntei diretamente, porque sabia que ela negaria e que existia algo por trás. — Ele me olhou de canto de olho. — Agora você sabe e... estou há um passo de fazer uma loucura. — Ele parecia indispor de humor nesse momento.

— Comigo? — perguntei assustada e tencionei meus ombros.

Sua risada alta e espontânea me fez relaxar e até sorrir. Hoje estava sendo o dia de fortes emoções, altas e baixas.

— Apesar de você ser uma linda mulher e tudo em você me deixar fascinado — ele buscou minha mão e apertou rapidamente antes de voltar ao volante —, todos os meus pensamentos pervertidos guardo para Catarina.

Fiquei sem graça com suas palavras e ele logo percebeu, porque mantive silêncio. Eu ainda gostaria de falar sobre mim e Davi, mas saber que ele era atraído por mim me desconcertou.

Novamente o carro parou no trânsito e ele virou o corpo para mim.

— O clima pesou, desculpa. — Ele pegou minha mão e beijou seu

dorso. — Você precisa entender que não somos irmãos. Há certas coisas que vão além do racional. Mas posso te garantir uma coisa, somos amigos, nunca te desrespeitarei e você poderá contar comigo para tudo. Sempre.

A buzina do carro de trás fez com que nossa interação fosse interrompida novamente. Ele não soltou minha mão quando voltou a guiar o carro e meu coração acelerou pela confusão que minha mente fez.

Ele gostava ou não de mim?

— Bia? — chamou preocupado.

— Eu...

— Nada mudou. Vou continuar cuidando de você, tentando destruir todos os sistemas de defesa que Catarina não precisa ter comigo e não ficar louco com sua irmã desesperada. — Ele deu um apertão na minha mão e finalmente a soltou.

— Se não existisse a Nina, você tentaria algo comigo? — perguntei baixo e preocupada. Era uma questão indiscreta, mas tinha necessidade de saber para que voltasse a ser como era.

Ele riu novamente e o olhei confusa. *Qual era a graça?*

— Você está confundindo as coisas, Bia. Seríamos amigos sempre, porque nossa atração não é sexual, mas fraternal.

— E existe isso?

— Acabei de inventar. — Ele manobrou o carro e sorriu para mim. — Vamos mudar de assunto, te proíbo de mudar comigo porque não entende como a mente dos homens funcionam. Então me diga, o fiscal tem uma namorada?

— *Ficante*, como ele mesmo ressaltou. — Fiz bico e agradeci por Jarbas ter uma boa memória. — Parece que ele fez serviço completo nela e a mulher não desgruda mais, mesmo que ele tenha dito não.

Outra risada alta e acompanhei, porque parecia uma situação tão juvenil. Era bom ter outro clima entre nós.

— E ele saiu da casa dos pais recentemente — falou entre o riso. Bem, Jarbas tinha escutado tudo, só preferiu falar da Catarina primeiro.

— Não justifica. Qual o motivo dele sair de casa se não está casado?

— Economizar com motel? Maturidade? Não deixar a família se intrometer com suas mulheres?

Abri a boca em choque e ele fechou minha boca com um dedo no meu queixo com diversão. Tinha que admitir, ele era homem e sabia exatamente o que Davi estava passando ou pensando. Não foi algo parecido com isso

comentado no almoço, o quanto homens pensam de forma semelhante?

— Quem é você, um vidente?

— Ah, Bia... — Ele fez uma curva com o carro e entrou na rua da casa da minha irmã. — Tem coisas que acontecem na família que se repetem em outras. Ainda bem que aprendi rápido e moro em um apartamento minúsculo, quase uma *kitnet*, mas saí debaixo da asa de dona Gertrudes.

— Sua mãe arranjava namoradas para você? Ela parece tão...

— Não, ela espantava todas. Não se engane com o sorriso acolhedor, porque mal você chegou, ela já me proibiu de te namorar, porque ninguém é suficiente para mim.

O carro foi estacionado e saí um pouco abalada com essas informações. Por que eu não seria boa para Jarbas? Antes que eu perguntasse em voz alta, minha irmã apareceu perto do carro e me abraçou, como se eu tivesse sido sequestrada e só agora saí do cativeiro.

— Não fique sem dar notícias e não namore. Por favor, são apenas alguns meses. — Ela parecia estar chorando e tentei me afastar, sem sucesso.

— Renata, pare de loucura, porque não quero ser radical. Você não é minha mãe! Poxa vida, não posso nem almoçar com meus colegas de serviço? Você é da polícia agora? — Continuei tentando sair de seu abraço e ela se afastou, a vergonha estava estampada em seu rosto.

— Eu não sou mamãe.

— Sim, você não é nossa mãe e carregar seu filho não te dá o direito de controlar meus passos. Vamos combinar uma coisa? — Bati em minhas costas mentalmente por estar firme nas palavras o suficiente para que minha irmã entrasse na linha. — Eu vou seguir minha vida do jeito que quero. Da minha parte cabe ser prudente e não fazer nada que uma grávida não faria. Da sua, cabe me acompanhar nas visitas ao médico e confiar! — ressaltei a última palavra.

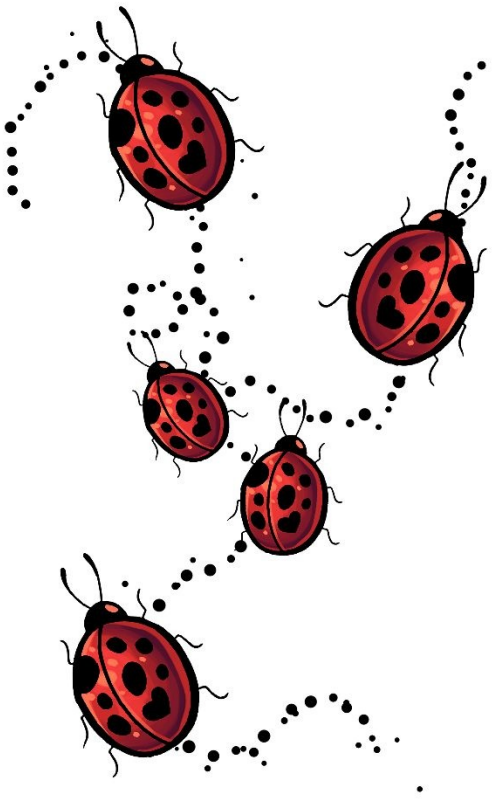
— Mas eu confio em você! — falou ofendida.

— Tanto que faz Jarbas me levar e buscar no serviço, mesmo me emprestando um carro para poder dirigir. Ainda por cima diz que não posso sair transando por aí. — Olhei para o lado e agradeci que meu amigo não estava presenciando a discussão.

— Eu exagerei, me desculpa. — Ela pediu e dessa vez, quando veio me abraçar, eu a abracei também. Ela também estava confusa quanto a tudo isso, não poderia ser egoísta e pensar apenas em mim. — Estou com tanto medo.

*Eu também*, quis responder com meus lábios, mas deixei apenas minha

mente saber.



# Capítulo 15
## Bia

— Termina de contar o que aconteceu lá no shopping.

— Que susto, Jarbas! — pulei para longe da geladeira quando fui procurar um pouco de qualquer coisa para beliscar, já que não havia jantado.

Conversei muito com minha irmã sobre seu comportamento e ela prometeu mudar. Era uma situação diferente para nós duas, ela recebia muita pressão social quanto a ter uma família com filhos e não consegui dissuadi-la sobre não se preocupar com a opinião alheia. Melhor não ter descentes do que colocá-los no mundo para serem esquecidos.

Ela pediu que eu não namorasse, respondi que seria discreta quanto a isso. Falando assim até parecia que eu estava segura sobre algo, nada como uma casca grossa não servisse de muleta para minhas incertezas. Ficar com Davi seria fácil, difícil era saber se ele iria me querer grávida. Ou se não desse certo, continuaríamos amigos?

Eram muitas questões incertas a se pensar, meu cérebro entrava em parafuso e eu corria para geladeira para acalmar minha ansiedade.

Era mais de onze horas da noite e arriscava dizer que esse hábito, tanto de comer fora de horário quanto as conversas com meu amigo, se tornaria uma rotina. Ele tinha livre acesso a casa, uma vez que Renata confiava muito na sua família.

— Tenho certeza que foi um susto saber que seu fiscal tem outra. — Ele pegou um dos bancos do balcão e se sentou, inabalado com meu pijama desgastado da sonhart.

Sim, eu estava em um dos meus momentos depressivos.

— Será que é verdade? — Peguei um pote com uvas verdes e coloquei na nossa frente. Ele de um lado, eu de outro do balcão. — Ele disse que falou *não* para ela até em inglês, mas a doida continua voltando.

— Tem gente que não entende o *não*, ainda mais se uma terceira pessoa a convence que o *não* que o fiscal fala é sim.

— É Davi.

— Eu vou continuar o chamando de fiscal, Bia. Se acostume. — Pegou uma uva e mastigou com um sorriso brincalhão.

— Faz tanto tempo que não namoro... — Mastiguei uma uva, olhei

para o teto e comecei a falar comigo mesma: — O safado me paquera, dá várias indiretas, me beija e ainda por cima sai de férias. Como vou...

— Explica melhor, porque não sabia que vocês tinham ficado. — Ele conseguiu recuperar minha atenção me interrompendo.

— Não ficamos. Foi só um beijo, um muito...

— Não preciso de detalhes, um beijo está bom, minha mente é muito gráfica.

— Então, Jarbas, nos beijamos, eu gostei e só vou vê-lo mês que vem. É muito patético da minha parte querer esperar? — Interrompi sua gracinha e coloquei três uvas na boca.

— Você já contou que pode estar grávida? — Continuou comendo comigo.

— Não, mas vou contar quando ele voltar, se ainda estiver interessado... — Abaixei a cabeça. — Me sentindo a pior das mulheres. Estúpida ao extremo.

— Só porque muitas no seu lugar iriam ter uma atitude diferente? Depois você fala que sua irmã está preocupada com a opinião dos outros.

— Não estou preocupada...

— Está sim! Qual o problema de esperar? Você vai anular sua vida, viver pelos cantos e chorar toda noite?

— Claro que não. Mas pensando assim, eu posso não dar abertura para outros homens me conhecerem.

— E desde quando você está preocupada em achar um namorado? — A pergunta acertou o alvo e cheguei à conclusão que eu faria o que quiser. É verdade, era dona do meu nariz, vacinada e pagava minhas próprias contas... ou melhor, poderia pagar, mas minha irmã era demasia acolhedora.

— Você promete não me deixar virar uma covarde?

Ele inclinou seu corpo para frente, tomou meu rosto em suas mãos e me olhou com intensidade.

— Beatriz Carrero, você é a mulher mais corajosa e altruísta que conheço. Pessoas com seu brio nunca se tornarão covardes. — Ele voltou para sua posição anterior e coloquei minha mão no meu coração para tentar controlá-lo.

Eu não era tudo isso que ele via, era? Se fosse verdade, será que Davi enxergava vinte por cento disso?

— O-Obrigada...

— Tenho uma corrida no final de semana, numa cidade a duas horas daqui. — Ele mudou de assunto e voltou a comer as uvas. — Você levará Catarina.

Respirei fundo algumas vezes antes de mudar de assunto junto com Jarbas.

— Isso foi um convite? — perguntei divertida. — Você falou com ela sobre nossa conversa?

— Não. Na verdade, não consigo parar de pensar no que você falou, parece até um enigma de filme. — Fez uma careta e sorri.

— Se você realmente gosta dela como eu vejo, não é nada para se preocupar.

— Se realmente fosse isso, eu já estaria com ela debaixo de mim!

— Ah, não, sua vez de economizar detalhes comigo! — Tampei meu rosto e rimos um pouco. — Vou te ver correr? — Tirei as mãos do rosto e sorri com prazer.

— Vai me ver de macacão, sujo e suado — respondeu galanteador. — Haverá outros como eu, quem sabe você não acha alguém para se divertir e mostrar a todos que é uma mulher independente, moderna e não está esperando o fiscal?

Fiz uma careta. Só de pensar em outro eu já me sentia culpada. Era uma merda quando se apaixonava por alguém que nem iniciou um relacionamento com você. Outra coisa, quem disse que eu precisava ser isso tudo?

Bem, era só eu não me fechar, até porque, tanto quanto Davi poderia me rejeitar por estar possivelmente grávida, um piloto de motocross também.

Além do mais, precisava levar em consideração o que Jarbas estava pretendendo com tudo isso, que nada tinha a ver comigo e meu lado mulher.

— O que você vai aprontar para Nina?

— Eu? — questionou ofendido e entortei a boca para aquela falsidade. — Só quero vê-la novamente. No serviço eu não posso abordar, seria muito invasivo, mas numa pista de motocross, estarei no meu território e ela haverá de ceder.

— Não faça mal a Nina.

— Pelo tempo que conversamos e nos conhecemos, tenho certeza que consegui mostrar que não sou esse tipo de homem — falou sério, levantou do banco e me deu um beijo no rosto. — Boa noite.

— Desculpa, eu não quis te ofender. — Meu coração se apertou. Será que pisei em alguma ferida?

— Não há nada para se desculpar. Durma bem, amanhã te levo para o trabalho novamente. — Ele sorriu de boca fechada e foi embora, me deixando desolada. Na ânsia de tentar proteger uma amiga, ofendi outro.

Bem que diziam que não se mete a colher em briga de marido e mulher, ou melhor, no relacionamento alheio.

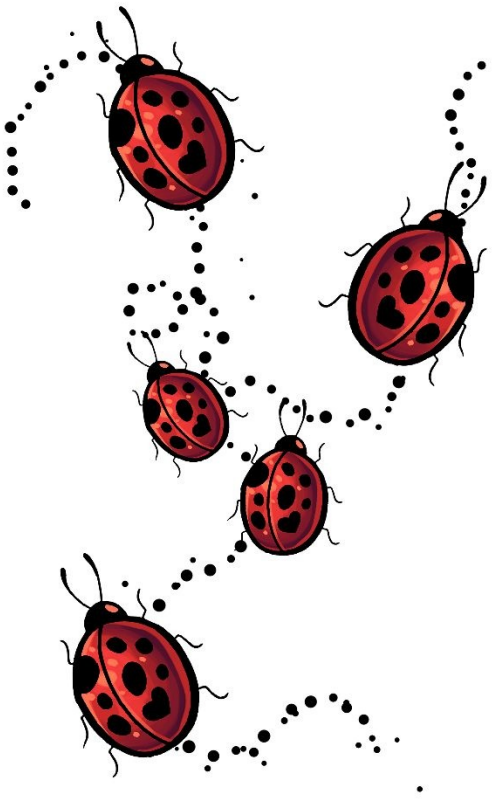
Guardei tudo o que usei, subi correndo as escadas e peguei meu celular, para reforçar minhas desculpas para Jarbas. Ele era um bom amigo, hoje tivemos muitas emoções e eu só queria dormir em paz.

**Bia>> Por favor, me desculpa, não quis te ofender. Não fique chateado comigo.**

A mensagem não foi lida e muito menos visualizada pelos próximos trinta minutos. Sabia que Jarbas deveria estar se recolhendo para dormir, porque ele não era do tipo que ignoraria mensagens, não fugiria do assunto.

Numa tentativa vã de tentar dormir e deixar o assunto para o outro dia, procurei o nome de Davi pela internet. O primeiro site que apareceu na pesquisa é o resultado do concurso que ele participou. Na parte de imagens, apareceu duas dele, ambas vinculadas a manchetes do próprio site de notícias do Órgão sobre melhorias nos processos internos de análise de declarações e fiscalização. Que ele era inteligente eu já sabia, mas não imaginava o quanto.

Nervosa e boba como estava, fiquei olhando para os olhos cativantes de Davi na foto até cair no sono com o celular na mão.



# Capítulo 16
## Bia

Como um bom remédio, o sono me fez relaxar e esquecer o que sentia antes de dormir. Jarbas não estava chateado e ainda brincou comigo por sofrer à toa.

Seria esse os sintomas da gravidez ou apenas minha ansiedade aflorando?

— Leva um lanchinho para comer a tarde. Camila fez agora de manhã pão de batata recheado. — Renata mostrou uma pequena bolsa térmica para mim. Seu sorriso era forçado e ela até parecia sem graça.

Estávamos na cozinha, eu acabava de tomar um suco e já tinha inclusive conversado com Jarbas, que estava na porta me esperando. O madrugador do meu cunhado já havia passado por nós e foi trabalhar. Seu olhar chateado para mim dizia que minha irmã falou com ele sobre a nossa conversa e pelo visto, não gostou e tomou partido dela.

Não iria recusar, até porque, ela nunca saberia se eu comesse ou não. Aproximei da minha irmã, peguei o bolsa e sorri.

— Obrigada.

— Se você precisar de algo...

— Eu ligo, sempre faço. Não precisa pisar em ovos, ainda somos irmãs, você a exagerada e eu a centrada.

— A careta, você quis dizer. — Ela parecia aliviada. — Quando vai usar as roupas que comprei para você?

— Quando eu quiser. — Beijei seu rosto. — Tchau.

Meu relacionamento com Renata deveria melhorar estando na mesma casa, mas pelo visto, a gravidez e o que estava enraizado em nós não mudaria em apenas alguns meses.

Todas as minhas suspeitas foram comprovadas durante a semana, quando ela se excedia querendo me ver todos os dias no horário do almoço.

Enquanto minha irmã estava preocupada em criar um vínculo sem noção comigo, eu contava os dias para o final de semana, o motocross e o encontro entre Nina e Jarbas. Por algum tempo eu poderia esquecer que Davi estava viajando seja lá para onde e meu coração não apertava cada vez que o imaginava voltando e me dispensando.

***

— Por que mesmo vim com você? — perguntou Nina com nervosismo quando nos aproximávamos da cidade.

O primo de Jarbas, Tomás, dirigia até a cidade onde seria a corrida de motocross. Ela relutou até o último minuto para vir comigo, porque deixei a cartada mestre para o final. Disse que minha irmã doida só me deixaria ir se alguém fosse comigo e Nina era minha única amiga além de Jarbas. Ela não poderia me privar de ver algo que tanto ansiava e apelar para o lado psicológico sempre foi a melhor opção.

— Aceita que dói menos.

Estávamos lado a lado no banco traseiro. Hoje eu não estava em um dia muito bom. Além da Nina fazer essa piada a viagem inteira, o que já estava me irritando, o meu humor e algumas dores no corpo, devido aos remédios que tomava para fertilização, estavam me incomodando muito.

— Está tudo bem, Bia? — ela perguntou com cautela.

— Desculpa, deve ser TPM — resmunguei.

— Não, você está estranha mais que o normal essa semana. Já te falei que você deveria conversar com Davi por mensagem, ele já me autorizou a te dar o número dele, falta você...

— Agora o meu humor está relacionado a homem? Vamos mudar de assunto? — Coloquei minha cabeça apoiada no vidro da janela suspirei.

Droga de vida incerta. Primeiro, não sabia se estava grávida. Segundo, quando Davi voltasse, não tinha certeza se ele ainda iria me querer. Terceiro...

— Será que Tomás poderia me levar de volta? Ou me deixar na rodoviária, eu não quero incomodar.

Olhei para Catarina e vi o quanto minha estupidez a afetou. Ela não tinha culpa do que sentia e eu, sinceramente, queria que esse dia se tornasse agradável para nós, principalmente ela e Jarbas.

Mal sabiam eles que me faziam tão bem, só queria retribuir.

Com o coração acelerado pela culpa, virei de corpo inteiro para ela e tentei encontrar seus olhos, que estavam olhando para frente, séria.

— Me desculpa? — perguntei da forma mais suave que consegui. — Estou tomando uns remédios que estão...

— Te fazendo dar coice de graça? — respondeu chateada e finalmente

me olhou. — Eu sei que você não é minha amiga de infância, mas essa semana você está muito diferente. Na verdade, venho reparando isso pelas últimas semanas. Cada ser humano tem um limite para aguentar pancadas e o meu acabou agora.

— Algo está acontecendo comigo e escondi. Preciso que você prometa não contar para ninguém.

— O quê?

— Eu posso estar grávida — falei mesmo ela não me prometendo. Seu olhar arregalado me faz acreditar que estivesse pensando em algo não verdadeiro. — Calma, não é do Davi muito menos de qualquer namorado que eu já tive ou deixei na minha antiga cidade. Sou barriga solidária da minha irmã.

Todos os empregados da Renata sabiam do nosso drama, por isso não me importei de falar na presença de Tomás. O silêncio se manteve enquanto eu e Nina nos encarávamos e controlei para não chorar. Ela não poderia contar para ninguém e tinha que me perdoar. Ou isso, ou Jarbas iria interceder.

Quando menos esperei, Nina riu alto e de forma descontrolada. O carro parou, percebi que era a pista de motocross e preocupei com o que viria a seguir.

— Por favor, Nina. Promete que não vai contar para ninguém. Os remédios estão me deixando muito mal e...

— Como você vai esconder uma gravidez? — Ela segurou minhas mãos e sorriu largo. — Deveria ter me contado antes, economizaria os apelidos e xingamentos na minha mente direcionados a você.

— Porque eu também posso não estar grávida e criaria um alarde à toa. Fora que apareceu Davi na minha vida.

— Que novela mexicana. — Ela olhou para fora e abriu a porta do seu lado. — Vai me contando, quero saber todos os detalhes. Como isso aconteceu?

— Vou ficar no posto na estrada. Qualquer coisa a senhora liga — Tomás falou antes de começar a me mexer no banco.

— Obrigada Tomás. — Saí do carro. Infelizmente, com ele não tive a mesma aproximação que tive com o primo. Muito sério e religioso, ele fazia questão de se manter distante e profissional, por isso as formalidades.

Enrosquei meu braço em Nina e ela andou pela terra olhando tudo com muita admiração e curiosidade.

— Desembucha buchuda.

— Não sei se estou grávida — resmunguei.

— Jarbas sabe? Claro que sabe, foi no final de semana passado que você fez o procedimento. Estava tudo na minha cara e não vi.

Caminhamos até a arquibancada improvisada. As motos já corriam e saltavam na pista.

— Não estava na cara. O tratamento para fazer a fertilização bagunça muito com nosso corpo e psicológico. Eu tentei ao máximo lutar, mas hoje está impossível.

Sentamos em um banco e ela me abraçou de lado.

— Vem cá, *gravidinha*, vou te agradar. Que remédios são esses?

— Já disse, não estou...

— Não está grávida, mas pode. Você ainda não aceitou isso? — Ela me olhou e abaixei minha cabeça, cansada dessas dúvidas. — Você foi forçada a fazer? Por que não adotar? Por que se arriscar?

— É uma longa história, Nina. Não fui forçada, mas digamos que essa situação veio num momento em que eu pensava em, finalmente, poder viver minha vida, a que tanto estava escondida atrás de livros e metas para concursos.

— Davi sabe?

— Não, mas vou falar com ele quando voltar, se ainda existir um clima entre nós, coisa que duvido — respondi com despeito, porque na verdade, eu esperava, do fundo do coração, que ele ainda me quisesse, mesmo depois da bomba que eu jogaria em seu colo.

Catarina se remexeu, pegou o celular e me mostrou uma conversa. Era dela com Davi, muitas vezes ele perguntava se eu já havia cedido em conversar com ele por mensagem e ela respondia atrevida que custaria caro para conseguir tal milagre.

— Se isso não te mostrar que ele está interessado, eu não sei o que é.

— Mas não vou começar algo sem antes colocar todas as cartas na mesa.

— Está certa, muito justo. Quando você saberá que está grávida?

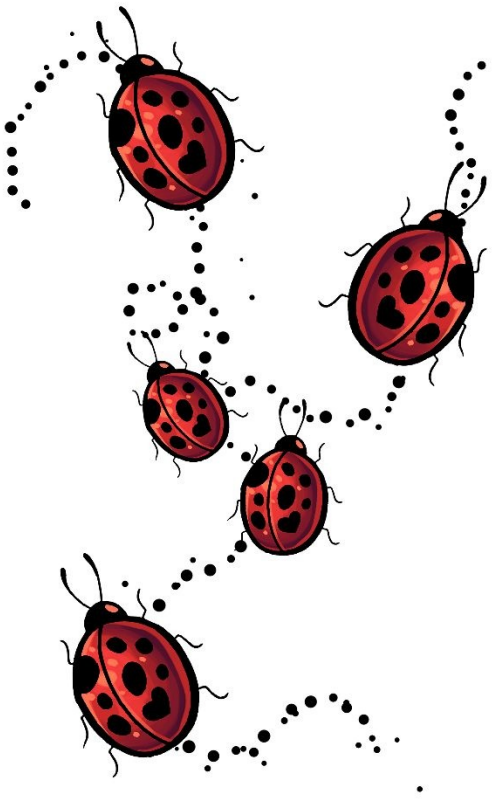
— Vou enrolar ao máximo. — Olhei para as motos e tentei encontrar Jarbas. Hoje não deveria ser sobre mim, mas sobre Nina e meu amigo.

— Pelo visto não é só você que luta com demônios diariamente — ela falou baixo e retesou ao meu lado.

Vi mais ao longe Jarbas se aproximar, vestido com o macacão e sem capacete. O cabelo estava bagunçado e o suor escorria da sua testa quando se aproximou e ficou dois degraus abaixo de nós na arquibancada. Seu olhar não

era para mim quando falou:

— Obrigado por vir. Quero meu beijo de boa sorte.



# Capítulo 17
## Bia

Apenas me afastei de lado quando vi o primeiro passo de Jarbas na direção de Nina. Ele não a cumprimentou, nem pediu licença, só a pegou pela cintura, fez com que se levantasse e colou seus lábios no dela como se fossem recém-casados.

Primeiramente fiquei envergonhada, olhei para o lado e tentei não ser testemunha da intimidade alheia, mas o comichão que senti me obrigou a voltar a olhar para cima e presenciar o final do beijo, o olhar nos olhos, o sorriso e aquela cumplicidade.

*Ciúmes? Inveja?*

Meus lábios se curvaram para cima assim que Jarbas falou algo no seu ouvido, olhou para mim e piscou.

*Felicidade. Missão cumprida.*

— Aguarde o show e não deixe minha Catarina ir embora antes de terminar tudo.

Ele se virou, correu para longe da gente e deixou duas mulheres hipnotizadas. Estranho estar sentido atração por aquela situação? Não era pelo homem ou pela mulher, mas por viver um romance como o deles. Eu conhecia a índole dos dois, sabia que se Nina se permitisse, eles seriam felizes para sempre. Algo dentro de mim vibrava por eles.

Agora, no meu caso... além de desconhecer meu futuro, não tinha noção do que me aguardava com Davi. Como era sua família, suas ambições e intenções?

— Que homem. — Nina caiu sentada ao meu lado e rapidamente pulei para perto dela, suspirando como se fosse comigo.

— Acho que isso torna tudo mais real e divertido, não é? — Abracei-a de lado. — Obrigada, apesar das dores, ver que pelo menos você se dará bem hoje muda meu humor.

— Desde quando você gosta de olhar? — ela brincou e soltei sua lateral, para podermos nos olhar. — Não sei se eu vou liberar hoje.

— Por causa disso? — Toquei sua barriga, por cima da blusa e ela afirmou com a cabeça.

— Prefiro ir com calma. As duas últimas experiências não foram

muito agradáveis. Sei que com Jarbas pode ser diferente. O difícil é aceitar que pensei da mesma forma com Romão.

— Você não tinha uma amiga como eu. Se ele pensar em fazer alguma coisa desrespeitosa, acabo com a raça dele — falei brava e ela riu. Acho que tudo isso estava sendo bom para ambas. — Vai dar tudo certo.

— Você precisa falar isso para si mesma. — Apertou minha mão e encarei o chão. Era mais fácil falar para os outros do que para mim mesma.

— Vamos continuar com assunto Jarbas e Catarina. Viu como meu humor mudou?

Antes que ela respondesse, a voz no alto-falante anunciou o início da corrida. Levantamos e gritamos em prol do número sete.

O barulho das motos, a pouca água que tomei e o calor intenso me fizeram cambalear algumas vezes, mas nada que minha acompanhante percebesse. Jarbas era fenomenal nas acrobacias, além da velocidade. Parecia até que eu estava torcendo para vencer meu próprio campeonato e assim que ele cruzou a linha de chegada em segundo, tinha certeza que iria acompanhá-lo nas corridas sempre que pudesse.

O sentimento de vitória, de pertencer a um mundo e torcer por alguém me fez amar a vida que estava tendo. Eu apenas sobrevivia sob livros e um muro que construí para focar no meu lado profissional, já que o pessoal não tinha nada de interessante para usufruir.

Engraçado como saber disso só me fez agradecer mais ainda por me anular por esse tempo. Qualquer coisa longe disso não me traria o hoje. O importante era que não passei dos vinte e cinco anos para descobrir o lado bom de estar viva e ter amigos.

Não precisamos dizer nada, corremos na direção do pódio, ansiosas por cumprimentar o campeão. Apesar de segundo lugar, vê-lo naquela posição tinha gosto de primeiro.

Já desinibida, Catarina soltou minha mão e foi correndo abraçar Jarbas, que estava tirando os óculos e capacete. Ele estava sujo, provavelmente fedendo, mas ela não se importou quando o envolveu com seus braços.

A tontura veio novamente e numa tentativa de procurar um apoio com o braço para trás, tropecei de lado e caí sentada.

— Droga — resmunguei e coloquei minhas mãos na cabeça, fechei os olhos e respirei fundo. Tossi, porque no ar tinha mais terra do que oxigênio.

— Bia! — Jarbas gritou e Nina correu para o meu lado ajudar a levantar.

Só o que faltava, eu seria a verdadeira empata foda deles.

— Estou bem, gente. Preciso de água, vou pedir...

— Água! — Jarbas gritou e me pegou no colo. Ele correu para um canto com sombra enquanto algumas pessoas da equipe o acompanharam. Uma garrafa de água foi posta na minha frente e tomei todo o líquido, estava sedenta.

A roupa suja do meu amigo esfregando na minha limpa passou despercebido nesse momento. Pensei na minha irmã e no quanto ela surtaria por estar sendo descuidada. Nunca tive nada disso antes de tomar esses remédios que pareciam bombas dentro da gente.

Odiava não estar no controle de mim mesma, ter que ser altruísta para minha irmã e estar pensando nisso tudo, porque se aceitei fazer o procedimento, tinha que parar de pensar em arrependimento.

— Caramba, Bia, por que não me falou que estava passando mal? — Nina perguntou desconsolada quando fui posta numa cadeira dentro de uma recepção com ar condicionado. Havia muitas televisões, pessoas e marcas estampadas nas paredes.

— Eu vou pegar o prêmio e já volto. Não saiam daqui! — Jarbas beijou minha testa, a de Catarina e se afastou três passos. Voltou, beijou os lábios dela e correu, dessa vez sem olhar para trás.

— Sério, case com ele antes que eu mesma faça — brinquei.

— Tenho certeza que Davi não pensa dessa forma. Se eu não casar com ele, ninguém o fará, porque você vai estar com outro. — Ergueu o dedo para mim e franziu a testa. — O que aconteceu lá?

— Estou um pouco tonta. Acho que foi o sol e a falta de água. Não me sinto eu mesma desde que comecei o tratamento, mas está difícil aceitar. — Suspirei e fechei os olhos. — Que vergonha, me desculpa.

— Imagina que você precisa se desculpar. Só estamos preocupados, querendo ou não, você já pode estar...

— Essa é outra coisa que ainda não consegui me acostumar. Que loucura que inventei para mim. — Abri os olhos e sorri fraco. — Pelo menos vou ter você para poder desabafar também.

— Poderia me ter desde o início.

— Eu não queria despejar algo assim no primeiro dia de trabalho. — Fiz uma careta.

— Sua boba. — Ela buscou uma cadeira e sentou ao meu lado. As pessoas dentro do local nos observavam e não diziam nada. — O que será que é

aqui?

— Não sei, mas estou me sentindo uma intrusa — falei de forma conspiratória.

— Eu também, mas se for necessário, uso a carta de namorada do vice-campeão.

— Namorada é? — Empurrei meu ombro no dela e tomei toda a minha garrafa d’água.

Ela riu e acompanhamos a entrega do prêmio por uma das televisões. Pelo falatório, entendemos que estávamos dentro de um camarote. Havia políticos, empresários e outras pessoas importantes e com bastante poder aquisitivo naquele lugar, além de nós duas.

— Só espero que minha irmã não fique sabendo desse episódio — falei quando tudo acabou e já imaginando Jarbas correndo até nós.

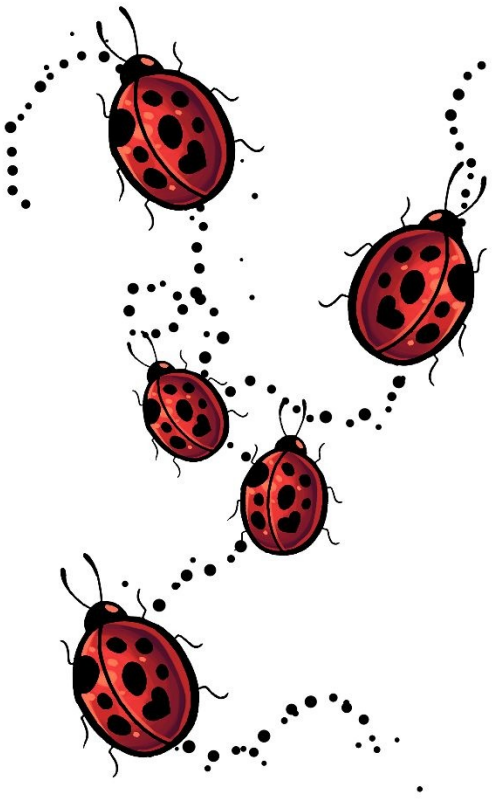
— Agora eu estou entendendo tudo tão bem! — Ela se levantou assim que meu amigo entrou. Novamente suspirei apaixonada ao presenciar o abraço caloroso e o beijo aterrador dos dois.

— Mais tarde, Catarina. Vou levar Bia para um pronto atendimento e depois para casa.

— Ah, não. Por favor, você sabe o quanto minha irmã vai surtar — resmunguei e me levantei. — Eu estou bem, não judie de mim mais do que já estou sofrendo.

Nina disse algo no ouvido de Jarbas que o fez rir e abraçar sua cintura com força. O sorriso encantador que ele esboçou foi o argumento suficiente para que eu fingisse estar muitíssimo bem. Iria no meu médico na segunda-feira e verificaria se estava tudo bem comigo, mas sem minha irmã saber.

— Mais uma garrafa de água e estou pronta para comemorarmos — falei por fim.



# Capítulo 18
## Bia

Não sei o que era pior, ter descoberto que Davi foi viajar para a praia ou novamente aguentar a superproteção da minha irmã. Infelizmente, meu episódio de quase desmaio caiu nos ouvidos dela, a imprensa noticiou tudo, e ela só acalmou depois que fiz mais outros quinhentos exames. Ainda era prematuro confirmar uma gravidez, por isso precisava me manter bem hidratada, alimentada e sem fazer esforço. Isso quis dizer que tive Jarbas sendo meu motorista pela próxima semana também. Precisava de mais alguns dias para que um exame de sangue fosse feito para confirmar de efetivo o sucesso da gravidez ou não.

Enquanto meus amigos avançavam no seu relacionamento, eu tentava não os atrapalhar, mas era impossível já que para não me deixar de fora, eles me incluíram nas duas vezes que saíram para jantar.

Já dentro de casa, além de Gertrudes, tive minha própria irmã me mimando exageradamente, o que estava me deixando irritada. Por incrível que pareça, ser curta e grossa com Renata estava se tornando uma constante.

Todo dia de manhã, no café, era quase a mesma coisa.

— Tem certeza que não quer companhia para o almoço? — minha irmã perguntou pela terceira vez. Estava ficando ansiosa por amanhã ser o dia que saberemos se estava grávida ou não.

— Como eu disse ontem e todos os dias dessa semana, sim, tenho certeza. — Terminei o suco e levantei da cadeira. — Tchau.

— Jarbas, tome cuidado.

— Sempre, senhora Renata — ele respondeu e cutuquei seu estômago de brincadeira.

Entramos no carro e suspirei aliviada. Trabalhar parecia meu lugar favorito.

— Sabe o que lembrei agora? — O motorista interrompeu meu silêncio assim que entrou no tráfego.

— Que você esqueceu de comprar o meu sorvete ontem? — comentei de brincadeira.

— Droga, isso também... mas não era o que iria falar. Lembra que você me falou sobre Catarina, ver a beleza além dela.

— Ah, isso. — Virei meu rosto para encará-lo.

Pelo que Nina me contou, eles só tiveram alguns amassos e nada mais. A paixão que sentia estava aumentando a cada momento e não entendia como ela conseguia se controlar tanto, uma vez que eles já se conheciam há mais de um mês, por mensagens. Ela tentou negar, mas sabia que me incluir nos jantares era uma fuga.

— Sim, isso... até agora não consegui desvendar esse mistério.

— Não se preocupe, uma hora você vai. Só pare de me aceitar como vela nas suas saídas.

— Você não fica de vela.

— Sim, eu fico e só estou indo porque Nina praticamente me empurra para dentro do carro. — Cutuquei seu braço com meu dedo. — Tenha a mesma atitude que você teve quando a viu no motocross. Tem noção do quanto foi romântico?

Não respondeu, mas sorriu olhando o trânsito. Provavelmente estava relembrando a cena e não o culpava de vê-lo sumir no seu mundo. Os dois eram perfeitos um para o outro.

Chegamos na frente do meu serviço e não me surpreendi ao ver minha colega de serviço e musa inspiradora de Jarbas nos esperando. Deixei-os às sós e segui para o meu posto de trabalho pensando que em poucos dias a dúvida e meus sofrimentos estavam para acabar. Nada melhor do que ter certeza se estava grávida ou não para traçar o rumo do meu futuro.

***

Para o almoço, alguns fiscais, mais Nina e eu fomos até uma *masseria*. Era bom quando todos se encontravam fora do ambiente do trabalho, porque conhecia um pouco mais do lado pessoal dos homens sérios. Eles eram muito focados e muitas vezes fechados, mas no restaurante, pareciam outras pessoas.

Guilherme era o mais divertido de todos, sempre fazendo uma piada. Ele sentava ao lado de Davi na sala dos fiscais e tinha um ou outro colega que fazia piadinha sobre os dois serem mais que amigos.

Se Davi não tivesse me beijado do jeito que fez antes de entrar de férias, eu com certeza, acreditaria.

— Com licença — Guilherme pediu e se levantou. Ele estava sentado ao meu lado e contornou a mesa para cumprimentar um casal de senhores.

— É os pais de Davi — Nina sussurrou no meu ouvido e larguei tudo o que estava fazendo para olhá-los. Não foi um bom momento, porque eles também me olhavam e meu colega os trouxe para perto de nós.

— Aqui, dona Maria e seu Everaldo. Essas são Beatriz e Catarina, trabalham com a gente.

— Oh, eu não sabia que tinha mulheres fiscais com vocês! — dona Maria cumprimentou com um beijo no rosto cada quando nos levantamos. Estava muito sem graça e não sabia explicar o real motivo.

— Somos Agentes Administrativos. Deixamos toda a carga pesada para os meninos — Nina falou e continuamos de pé. — Como está Davi?

— Você acredita que ele viajou sem avisar a namorada?

— Juliana é só *ficante*... — bufei e tapei minha boca com a mão. Como deixei escapar esse comentário?

Seu Everaldo virou a cabeça para o lado para me encarar e dona Maria ergueu uma sobrancelha intrigada.

— É... foi o que ele comentou conosco... e.... — *Céus, alguém me ajude!*

— Não se preocupem, tenham certeza que a pessoa certa foi avisada da viagem, não é mesmo Bia? — Guilherme abraçou meu ombro e apertou, me deixando ainda mais sem graça. Olhei para todos os lados, menos para os pais de Davi. — Querem se juntar a nós?

— Não, meu filho, vocês são jovens e nós estamos aproveitando um almoço romântico, já que a noite sempre tem um neto para cuidarmos. Apareça em casa no domingo, sabe que sempre tem um prato extra para você, Guilherme. Prazer em conhecer todas. Catarina, Beatriz.

Dessa vez ergui meus olhos para os seus e respirei aliviada por não ver nada além de diversão. Despedimos de forma educada e voltamos a sentar.

Olhei para a nossa mesa e percebi que ninguém parecia ter prestado atenção na nossa interação.

— Que vergonha... — resmunguei para Nina.

— Não fique assim, dona Maria Auxiliadora será uma ótima aliada se ela souber que estão de rolo — Guilherme falou e virei meu rosto para ele com os olhos arregalados.

Ele sabia sobre mim e Davi?

— É verdade, Bia. A mãe dele é doida para arranjar uma namorada para o filho. Você é muito melhor que a Juliana. — Virei meu rosto para Nina e

fiz uma careta. Até ela iria me atormentar?

— Eu...

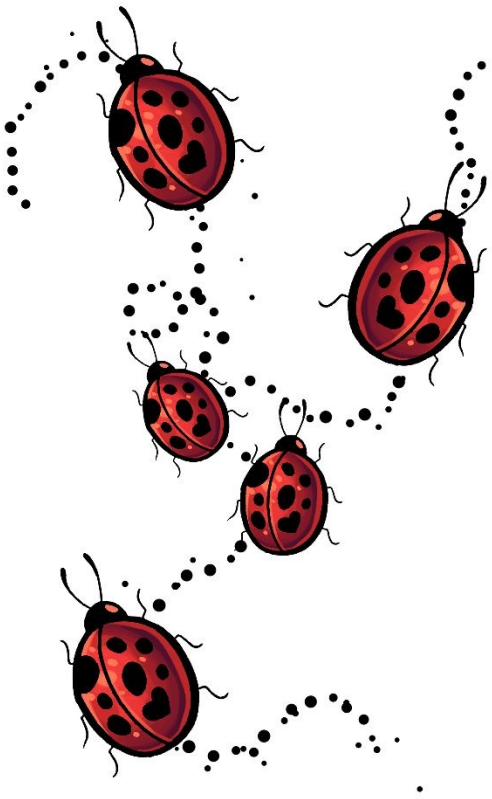
— Fica tranquila, se precisar que eu interceda com Juliana, terei o maior prazer. — Virei para Guilherme novamente e vi seu sorriso malicioso. — A mulher é gostosa, não será trabalho.

— Você não está ajudando, idiota! — Catarina ergueu o corpo acima de mim e bateu no ombro dele. — Davi tem que voltar de férias e assumir logo o que quer.

— Ele já assumiu e agora com os pais sabendo, porque dona Maria entende as minhas indiretas, Davi vai estar na sua rapidinho. — Guilherme bateu seu ombro no meu e sorriu. Tudo parecia simples para ele.

Estava entre dois cupidos e não tinha a menor ideia do que fazer. Olhei para a mesa dos pais de Davi e vi dona Maria me sorrir. Ela estava me observando e isso fez com que meu apetite acabasse no mesmo instante.

E se a próxima Juliana fosse eu? Só esperava entender o *não* quando ele fosse proferido.



# Capítulo 19
## Bia

Coletaram meu sangue e estava esperando o resultado. Poderia ter ido trabalhar, ou mesmo voltado para casa, mas a ansiedade era demais. Precisava saber tanto quanto a doida da minha irmã, que iria fazer um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro.

— Senta Renata.

— Não consigo, não consigo. — Colocou as mãos na cintura. — Tem noção da grandeza que é essa informação na minha vida?

— Tanto quanto ela será na minha própria. Nós duas mudaremos, por isso estou pedindo, senta, porque estou passando mal só de te ver.

Ela me obedeceu na hora e já me conferiu da cabeça aos pés. Minha saúde era seu calo e minha moeda de troca.

— Você está bem?

— Agora sim. Pega o celular e vai jogar alguma coisa para passar o tempo.

Peguei meu aparelho e enviei uma mensagem para Catarina. Ainda não tinha começado o expediente, a desesperada da minha irmã me acordou às cinco da manhã e assim que o laboratório abriu, me fez entrar e ser a primeira.

**Bia >> Estou fazendo exame. Quando chegar te conto como foi.**

Ela me respondeu poucos segundos depois. Provavelmente estava com o celular na mão conversando com Jarbas, que no caso, estava do lado de fora nos esperando.

**Nina >> Não, você irá me contar antes, porque não vou apagar um incêndio desconhecido na frente dos outros. Se não quiser me falar, peça para Jarbas que ele será o mensageiro. Te espero na copa do nosso andar.**

**Bia >> Você está certa, obrigada por tudo.**

— Beatriz Carrero — o rapaz de roupa branca me chamou e antes que levantasse, minha irmã o fez e tomou o papel de sua mão.

Não tive como reagir ou me desculpar com o funcionário, porque as lágrimas da minha irmã ao segurar o papel me deixaram confusa. Isso era positivo ou negativo?

Levantei com calma, peguei o papel da sua mão e enquanto lia o

resultado, minha irmã me abraçava, fazendo o papel tremer na minha mão e dificultar minha leitura. O exame Beta HCG deu mais de 800 mUI/mL reagente. Olhei nos valores de referência e concluí sozinha que realmente estava grávida.

— Meu bebê... você está grávida, eu vou ter um bebê! — Ela começou a pular de felicidade. Contagiada por seu humor, fiz o mesmo, apesar de me sentir um pouco dormente.

Acabou a incerteza, não há mais brincadeiras, estava grávida e ficaria por mais nove meses desse jeito.

— Vamos logo no médico para fazermos um ultrassom.

— A consulta é só no almoço, Renata. Eu ainda vou conseguir chegar no horário para trabalhar, vamos.

— Não! Para quê trabalhar? — Ela abaixou e falou com minha barriga: — Bebê lindo da mamãe, diga para sua tia que ela não precisa trabalhar.

Respirei fundo e contei até dez. Era lindo da mesma forma que era trágico. Tive que manter a calma, por mais que isso fosse a última coisa que eu queria no momento. Chutar, bater e gritar estavam no topo da minha lista de coisas a se fazer nesse instante.

— Titia tem uma vida e está emprestando só a barriga para a mamãe e não sua vida! — falei com voz de criança, dei as costas para ela e saí do laboratório. Ela logo me acompanhou.

— Desculpe, estou empolgada, vou ter um bebê! — Ela pegou o celular e escutei-a falar com Rildo. — Positivo! Nós vamos ter um bebê!

Enquanto ela entrou no carro e se fechou no seu mundo, olhei para Jarbas que estava me esperando do lado de fora do carro.

— Positivo? — perguntou, mesmo que soubesse a resposta.

Uau, como isso era estranho. Sorri, apesar do medo dentro de mim.

— Positivo. Se prepare para me comprar muitos e muitos sorvetes napolitanos. — Ele me abraçou e abriu a porta de trás do carro. Essa era a única vez que eu andava no banco traseiro quando Jarbas dirigia.

— Vamos para o shopping! — Renata anunciou.

— Ele só abre as dez horas e preciso trabalhar. Para a Receita, por favor. — Toquei o ombro do motorista e ele acenou concordando.

— Vou comprar mais fraldas para fazer pano de boca e vou comprar linha de tricô! Já pensou, aquelas toquinhas e sapatinhos tão fofos e delicados? — Minha irmã estava feliz e me forcei a entrar na sua onda, porque a luta contra isso acabou. Dentro de mim existia uma criança e aceitar doeria muito menos.

— E aquelas toquinhas de bichinhos? Aproveita que você pode torrar o cartão do Rildo, faz um enxoval todo fofo e engraçadinho — brinquei.

— Quero tema navio. O quarto será inteiro azul e vermelho, com coisas do mar.

— Mãe moderna? Adiciona uns ursinhos. Meninos podem gostar de navios, mas meninas devem preferir um bichinho. — Olhei para frente e vi Jarbas me olhando pelo retrovisor. Não queria aceitar que minha irmã colocou na cabeça que seria menino.

— Eu estou sentido, Bia. É menino e já vou atrás de nomes de bebês, porque quero algo forte, como Arthur ou Miguel.

Respirei fundo e continuei sorrindo. Era estranho que um exame me falou que estava grávida, mas não sentia... nada. Tirando toda a dor por causa das injeções e remédios para a fertilização *in vitro*, eu me sentia normal.

Assim que nos aproximamos do meu local de trabalho, Renata desandou a me dar mil e uma recomendações.

— Mamãe Renata, seu filho é o que está sendo gerado na minha barriga e não eu. — Beijei seu rosto e abri a porta. — No almoço nos encontramos para ir ao médico.

Segui para dentro sem olhar para trás. Cumprimentei todos e me senti da mesma forma quando perdi a virgindade, sabia o que aconteceu comigo, mas ninguém enxergava além de mim.

Fui direto para copa e então lembrei do lugar que estive com Davi. Como Nina ainda não estava lá, entrei como se conhecesse o local. As moças já haviam feito o café e quando passei para a parte da varanda, ninguém me impediu.

Olhei para o sol que já estava imponente no céu e relembrei o toque, o beijo que dei e suspirei.

— E então? — Minha amiga me encontrou. Virei para ela e dei de ombros.

— Positivo. Primeira etapa concluída, resta saber se dou conta de enfrentar as outras.

Ela não me deu parabéns, apenas me abraçou forte e deu todo o conforto que eu precisava. Nessas horas sentia tanta falta de ter minha mãe por perto, ou um outro irmão para conversar. Tinha que agradecer que, apesar de não ter os parentes reais, tinha os postiços que estavam valendo tanto quanto.

— Você sabia que eu te admiro muito? — Ela se afastou e me olhou da

cabeça aos pés. — Fazer o que você está fazendo é algo de outro mundo. Apenas para as fortes e destemidas como você.

— Não, é loucura desse mundo mesmo. Já conferi na legislação, eles não podem me mandar embora, mas minhas reais férias só vão contar depois de um ano efetivo de trabalho, ou seja, os seis meses de licença maternidade não contarão para isso.

Ela sorriu e balançou a cabeça em negação.

— O trabalho é importante para você, mas e o coração?

Dei de ombros, a verdade era que eu queria chorar. Esperei vinte e cinco anos para ter o emprego dos meus sonhos e aparecer alguém como Davi, para sentir o que sentia quando estava com ele. Será que aguentaria esperar mais nove meses?

— Quando ele voltar vou contar. — Olhei para o céu e sorri. — Foi aqui que ele me beijou. Não queria começar nada, porque sabia que se o admirava trabalhando, algo a mais me faria apaixonar. — Voltei a olhar para ela. — Sou muito carente, não sou?

— Você é humana.

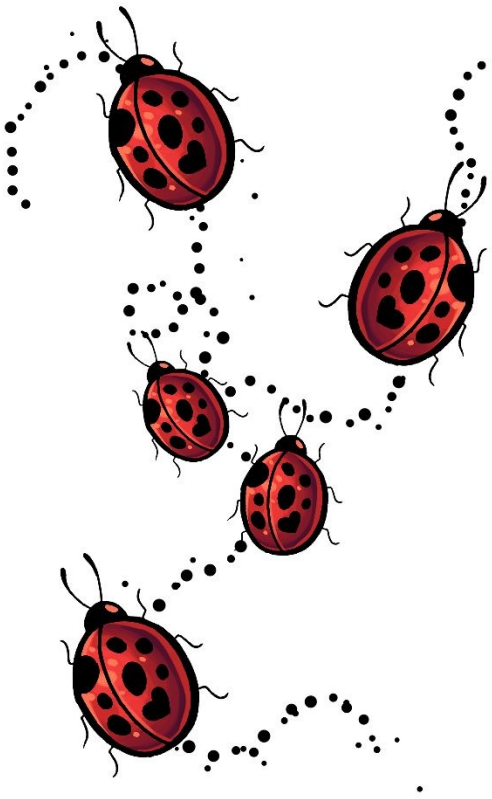
— Será que ele vai aceitar minha gravidez numa boa? Uma vez perguntei para o Jarbas...

— Esqueça o que você perguntou para alguém que não estava atraído por você. Pare agora mesmo com o *ses* na sua vida e foque no agora, verbo presente! — Ela colocou as mãos nos meus ombros e apertou. — Temos muito trabalho pela frente, minha amiga. Saiba que pode contar comigo e mesmo ele não sendo seu, já me sinto tia!

Seu sorriso me contagiou e a abracei novamente.

Ela falou algo que realmente precisava digerir. Esquecer as condições e me manter no presente, esse deveria ser meu lema a partir de agora. Lidar com a situação apenas quanto elas surgirem.

Que os céus me deem força!



# Capítulo 20
## Bia

— Olha que coisa mais linda, Bia! — Renata levantou um macacão azul claro com um ursinho bordado. Conferi o material e balancei a cabeça em concordância.

Estávamos numa loja de roupas de bebês no shopping, na hora do almoço. Havia momentos em que conseguia escapar de Renata, em outros, entrava no seu mundo e babava por tanta coisa linda que existia que envolvia bebês.

— E esses aqui? — Mostrei um sapatinho rosa com lacinhos, parecia de boneca. Implorei com os olhos e ela analisou o pequeno item.

Era engraçado o quanto ela gastava dinheiro com enxoval masculino e eu a forçava comprar roupa para menina. Como dinheiro não lhe faltava, ela dizia que tudo o que não for de acordo com o bebê, faria uma doação. Então, que assim fosse, alguém sairia beneficiário das roupinhas novas além do próprio herdeiro da família.

Não vi os dias passarem muito menos tive tempo de me preocupar com minha própria vida, uma vez que Renata me introduziu no grupo das amigas dela. Todas eram mães ou estavam grávidas e mesmo que minha irmã não fosse gestante, elas tratavam como se fosse... eu e ela.

Era tão estranho quanto divertido.

Mesmo não me tornando mãe, o mundo dos bebês me conquistou em uma visita a loja de enxoval no centro da cidade. Berços, cadeira de amamentação, trocador, mamadeiras, *bodys*, mijão... eram tantas coisas e muito a se pensar, o que foi bom, porque esqueci de fazer a contagem regressiva de quando Davi voltasse.

— Ow, olha esse Renata! Sua cara! — Peguei o pequeno *body* preto com o escrito “meu primeiro pretinho básico” e levantei para mostrar.

Meu sorriso congelou e meu coração parou por poucos segundos quando Davi e sua mãe entraram na mesma loja. Em um primeiro momento, apenas dona Maria me viu e sorriu. Baixei minha mão enquanto Renata elogiava minha escolha e então, os olhos dele encontraram os meus.

Ele voltou.

Minha cabeça fez um cálculo rápido e cheguei à conclusão que seu dia

de voltar de férias seria amanhã. Parecia ter demorado uma eternidade, mas também passou que nem percebi.

Os dois seguiram em minha direção, alternando entre olhar para mim e para as roupinhas empilhadas no balcão.

— Que bom te ver, Beatriz. Tudo bem com você? — dona Maria foi a primeira a me abraçar sem se preocupar com minha inércia. Ela se apresentou para minha irmã e olhou as roupinhas também.

Meus olhos não desviaram em nenhum segundo dos dele. Era Davi, ele tinha voltado.

— Oi — ele falou baixo e rouco, se aproximou e me abraçou.

Céus, como seu calor era tão bom! Como não lembrava o quanto seu cheiro era delicioso?

— Oi — falei perto do seu ouvido também baixo e ele me apertou mais forte.

Isso queria dizer que ele ainda me queria?

— Davi, você sabia que a irmã da Beatriz vai ter um bebê? — a mãe nos interrompeu e gelei. Meu coração acelerou, minha mão suou e uma dor de cabeça apareceu, porque estava com medo do que minha irmã pudesse falar antes de mim.

Não era para ele saber dessa forma!

Afastei de seu abraço, olhei para minha irmã como que implorando para não falar mais do que já tinha e mexi nas roupinhas.

— Parabéns — escutei a voz dele e fiquei mais nervosa ainda.

— Esse bebê é tão esperado. A Bia é a madrinha e tem papel fundamental na vida dele!

— Já sabe o sexo? — dona Maria perguntou e dessa vez olhei para minha irmã com ódio.

— Ainda não, estamos no primeiro mês.

O que poderia fazer para que esse reencontro não se torne um desastre?

— Preciso ir, já deu meu horário! — Larguei tudo o que escolhi, dei um beijo na minha irmã confusa, na mãe de Davi e nele. Rápida e objetiva.

— Eu te levo — minha irmã começou.

— Jarbas está me esperando no carro, obrigada — dispensei de forma brusca, saí da loja e me arrependi.

O cara tinha demonstrado interesse e eu estava fugindo! Precisava me explicar.

Quando virei meu corpo, trombei com o dele, que me acompanhou e me encarava confuso.

— Caramba, Davi. Desculpa, é que...

— Vamos conversando enquanto chegamos até o seu carro — ele falou brando, mas havia um pouco de ressentimento disfarçado. — Onde ele está?

— Na saída Norte.

— Então vamos.

— Como foi as férias? — perguntei enquanto andávamos lado a lado. Estava constrangida e com uma enorme necessidade de ficar nos seus braços novamente.

— Boas — respondeu sucinto e revirei os olhos. Homens sendo diretos, muito parecida comigo mesmo. — Imaginei nosso reencontro de outra forma.

— Eu também, mas nada do que faço nessa cidade, desde que vim morar aqui, é como planejei. — Olhei para ele e sorri forçada. — Bem-vindo ao meu mundo bagunçado.

— Você está bem? Parece diferente. — Ele me parou segurando meu cotovelo. Olhei para o chão, não queria falar naquele momento, não estava preparada.

— Podemos conversar amanhã? Você vai trabalhar?

Ele ergueu meu queixo com seus dedos e tinha certeza que poderia sentir as batidas do meu coração por esse toque, porque um sorriso acolhedor em sua face se formou. Ele inclinou sua cabeça e uniu nossos lábios em um beijo casto e abrasador.

Estava ficando com meus hormônios descontrolados, porque queria fazer muito mais do que isso!

— Davi — resmunguei quando se afastou, mas pareceu um gemido. Meu rosto esquentou e ele envolveu seu braço no meu ombro e nos conduziu para o caminho da saída do shopping.

Tinha coisa mais gostosa do que andar com um homem do porte dele? Vestindo uma camiseta vermelha, jeans desbotado e aquele relógio grande que o tornava quase um modelo de capa de revista, o fazia se destacar a cada passo. Todos olhavam para nós e meu peito inflou de orgulho por ele ter me escolhido.

Bem, pelo menos nesse momento. Vamos ver depois dele saber da

minha história.

— Você tem algo para contar e quero escutar. Vou te buscar no trabalho hoje.

— Deixa para amanhã — pedi quando atravessamos a porta do shopping, Jarbas saiu do carro e levantou a mão.

Davi parou, me virou para ele e segurou minhas mãos. O estacionamento era um local aberto, com muito movimento de pessoas e carros.

— Você ainda me quer? — perguntou sério.

— Sim — respondi sem titubear.

— Vou te pegar hoje no serviço.

— Pode ser amanhã? Por favor?

Ele analisou meu rosto, olhou para o lado em que Jarbas estava e levantou a sobrancelha.

— É sério o que você tem a dizer?

— Sim, mas...

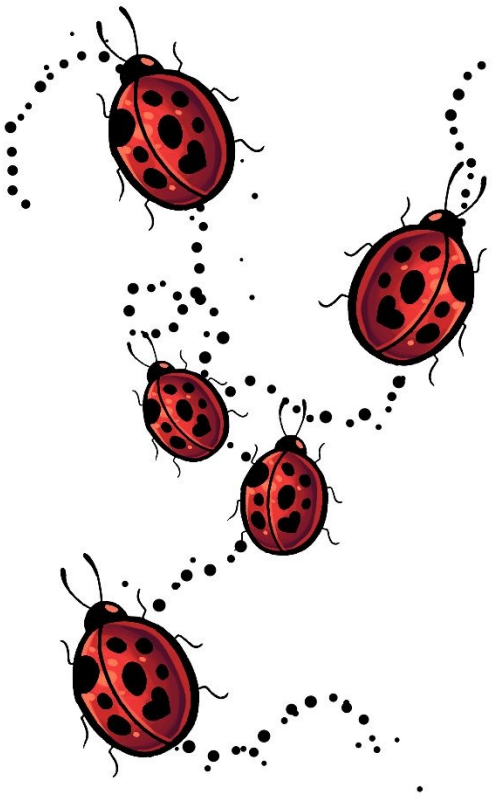
— Que esse assunto fique para amanhã então. — Beijou minha testa, soltou uma mão da minha e começou a caminhar em direção ao carro. — Só espero que esse cara e Nina estejam namorando firme.

— Sim e você precisa ver o quanto eles são lindos juntos — falei empolgada e feliz ao lembrar que há dois dias eles finalmente se conheceram de corpo e alma. Soube os detalhes por Catarina, e Jarbas, além de ter o meu respeito, agora tinha minha total admiração.

Com um sorriso que não saiu dos lábios desde quando tudo aconteceu entre ele e sua amada, Jarbas avançou para abrir a porta para mim, mas Davi foi mais rápido. Olhou do motorista para mim, segurou meu queixo com delicadeza com sua mão e deu outro selinho. Foi uma clara demarcação de posse e território, estaria mentindo se eu falasse que algo dentro de mim não gostou.

— Até amanhã Bia.

Ele se afastou sem olhar para mais ninguém e precisei de um momento antes de sentar no banco e contar todos os detalhes daquele encontro para Jarbas.



# Capítulo 21
## Davi

*Não era posse, apenas mostrar que era homem suficiente para assumi-la.* Repeti essas palavras na minha mente até voltar para buscar minha mãe. Iríamos comprar algumas roupas para meus sobrinhos, porque esqueci de comprar algo na minha viagem e minha mãe veio dar sermão.

O que poderia fazer se passei quase trinta dias pensando na garota que beijei e de certo modo, me encantei?

Fui a praia, em baladas, vi pessoas, conheci mulheres, mas tudo com um gosto de despedida. Não queria assumir em voz alta, mas na minha mente já tinha mais do que firmado que ela com certeza seria minha.

Essa viagem era apenas uma forma de fugir da louca da Juliana, que tentou entrar em contato comigo no meu primeiro dia de viagem. Não pensei duas vezes, a bloqueei e desde então não sabia mais nada.

Que continue assim.

Viajar sozinho foi interessante, porque esqueci dos protocolos familiares, inclusive dos tais presentes para os meus sobrinhos.

Quando cheguei de viagem, dois dias atrás, pensei em falar com Bia, mas me contive, ainda mais quando liguei para minha mãe avisando e ela logo comentou que a conheceu, junto de Catarina e Guilherme, em um restaurante. Nenhum dos dois haviam comentado e como minha mãe não deu de casamenteira para cima de mim, com Bia, isso me preocupou mais ainda.

O que se passava na cabeça dessas mulheres?

Assim que voltei na loja, a irmã da Bia estava no caixa e minha mãe conferia algumas roupas. Ela tinha um semblante intrigado, algo que não estava aí antes de chegarmos.

— Tudo bem mãe?

— Acho que não vamos conseguir enganar suas irmãs com essas roupas. Eles estão precisando de shorts, mas será brinquedo dessa vez. — Dona Maria Auxiliadora acenou para a atendente da loja, indicando que não ficaria com nada e saiu comigo.

— Não é mais fácil eu só assumir que não comprei e vou trazer algo daqui? Quanta frescura.

— Meu filho, as crianças estão ansiosas para que você entregue um

presente da SUA viagem. Além de estarem com saudades. — Ela balançou a cabeça em negação enquanto seguíamos até a loja exclusiva de brinquedos. — Está na hora de você começar a ter um pouco de tato com as crianças.

— Quando eu tiver um filho, eu começo com isso. Faço meu papel de tio muito bem feito, ensinando a fazer arte e deixando as mães deles loucas. — Ri e abracei minha mãe, que me acompanhou na risada.

— Olha lá, o destino pode te surpreender.

Parei e vi minha mãe entrar na loja. Estava chocado e com medo do que ela queria dizer sobre isso. Assim que me recuperei, abordei dona Maria:

— O que você quer dizer? — meu tom não foi de brincadeira.

— Eu? — pareceu ofendida, mas a conhecia, era apenas atuação. — Vá escolher um brinquedo para o João Lucas, Davi e que não seja mais um jogo de videogame.

— É Juliana? — perguntei, temendo a resposta. — Ela falou alguma coisa? Eu a bloqueei no meu celular, não quero mais nada com ela.

— A namorada que você deixou para trás, não é? Antes de começar algo com Beatriz, seja decente e termine tudo com a moça. — Ela começou a olhar carrinhos de controle remoto e meu coração começou a acelerar.

— Nunca fui namorado dela e mesmo assim terminei o que tínhamos antes de viajar. Esqueceu que pedi ajuda a você e minhas irmãs para que ela entendesse meu *não*? — Como ela continuou fingindo que meu nervosismo não era nada, insisti: — Diga logo, ela falou algo?

— Está chateada, andou chorando para Dora, eu e suas irmãs brigamos e decidi não me envolver mais nisso. Até seu pai concordou comigo. Cansei, já aceitei que você ficará solteiro para o resto da vida. Se quiser, pode voltar para casa, seu quarto continua lá — falou num fôlego só e a deixei andar pela loja enquanto tentava não surtar.

Cheguei de viagem e não tive contato com ninguém da minha família que não fosse os meus pais. Chafurdei por dois dias no sofá de casa, assistindo televisão e imaginando como abordar Bia com meus presentes.

Sim, para ela eu comprei e por enquanto estava me achando exagerado. Ficará para entregar quando estiver mais sério... bem, pelo menos um dá para entregar sem compromisso.

Quando minha mãe perguntou o que trouxe para os meus sobrinhos e respondi que nada, ela me levou aqui e já marcou um jantar com todos em casa, ou seja, era praticamente um evento, precisando inclusive de garçom e manobristas.

Sem exageros, tudo aconteceria na casa dos meus pais. Era difícil perder o hábito de falar que ali era minha casa também.

Encontrei alguns bonecos dos Vingadores que sabia que todos gostavam. O bom de ter apenas sobrinhos meninos era a facilidade de comprar o mesmo brinquedo para todos. Gabriel, o menor, não entendia muito, mas não se importava de estar no meio dos grandes e se envolver na bagunça.

Paguei a conta, acompanhei minha mãe andar e olhar vitrine por mais alguns minutos e seguimos para sua casa, eu dirigindo, ela no banco do carona e as sacolas no banco de trás.

— Quando vai falar com Juliana?

Apertei o volante com força e pensei antes de responder:

— Já conversei com ela. Não irei dar esperança para qualquer coisa que ela acha que tivemos.

— Que bom que falou isso, ela estará no jantar e assim vocês podem esclarecer tudo isso.

— Mãe! — Olhei-a indignado. Quando ela resolvia acolher alguém como da família, ela fazia o serviço completo.

— E cuidado com o que você vá falar para não deixar o clima tenso. Ela não é mais nada sua, mas continua sendo amiga da sua irmã, quase uma prima.

Não disse mais nada. Essa conversa tinha me irritado, não poder falar com Bia hoje e ter que rever Juliana estava me deixando com o saco cheio.

Liguei o som do carro e me concentrei nas músicas. Precisava me acalmar, porque meus sobrinhos precisavam do tio brincalhão e não do emburrado.

Estacionei no lado de fora da casa e conferi com os olhos todos os carros estacionados ao redor. Dora, minha irmã mais nova, já estava lá e com certeza com Marco Antônio, meu sobrinho de quatro anos. Ela era a que tinha o horário mais flexível, por trabalhar como esteticista em domicílio.

Carreguei as sacolas e acompanhei minha mãe.

— Tio Diii! — Meu sobrinho correu abraçar minhas pernas. Soltei as sacolas no chão e o levantei no colo.

— Marcão, como você está? Sentiu minha falta? — Beijei seu rosto e ele abraçou meu pescoço com força.

Uau, tinha alguém carente aqui.

— Ele sentiu sua falta, irmão — Dora falou baixo e brando,

justificando o carinho excessivo. — Se divertiu tanto na viagem que esqueceu que tem família? — agravou seu tom.

— Não enche — resmunguei e tirei o pequeno do colo assim que ele abrandou o abraço. — Vamos ver o que o tio trouxe para você?

— Oba!

Passei a tarde com as crianças. Enquanto minhas irmãs iam chegando, os meninos ficavam comigo e a sala ficava uma zona. Almofadas de um lado, brinquedos de outro, eu estava tranquilo e toda preocupação foi embora.

Até todos sentarmos para jantar, não havia notado a presença de Juliana e não tinha intenção nenhuma de falar com ela. Minhas irmãs pegaram no meu pé como sempre, com indiretas por eu estar com os meninos. Ignorei todas e assim manteria minha noite.

Meus cunhados eram tranquilos, aproveitavam o meu momento babá e curtiam suas esposas na área de fundo ou na cozinha.

— Vamos comer, meninos — Juliana anunciou na porta da sala e respirei fundo antes de me levantar munido dos meus dois sobrinhos menores a tira colo.

— Olá — cumprimentei sem graça. Ela parecia tão bonita como sempre e mesmo assim, não me afetava como antes. Era apenas uma mulher.

— Oi! — respondeu sorrindo demais, mecânico e observei seus movimentos, estanhando o fato de não querer tirar satisfação. Ela virou as costas e seguiu para a mesa da cozinha do fundo, a que cabia todos.

— Tio, ela é sua namorada? — João Lucas, meu sobrinho de oito anos, me perguntou e fez todos os seus primos e seu irmão me olharem curiosos.

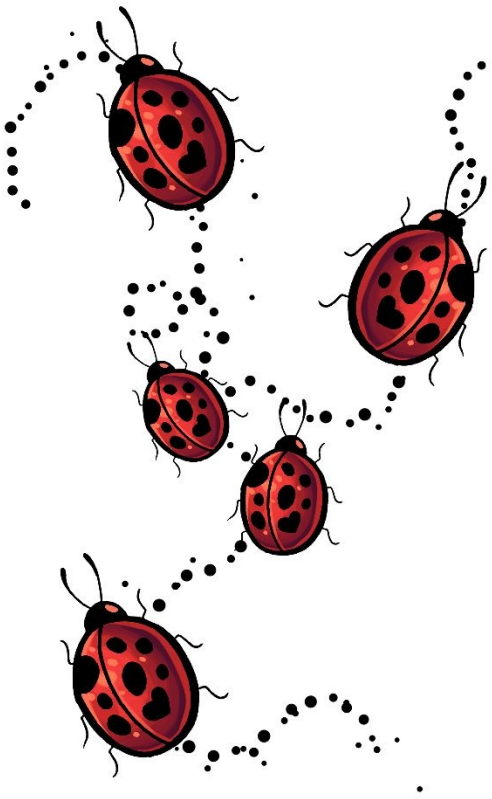
— Não, ela é amiga da sua mãe.

— Eu escutei a mamãe falar que você beijou. — Parei de andar e deixei que Juliana seguisse e não escutasse minha conversa.

Ajoelhei no chão, coloquei os quatro na minha frente e falei bem sério:

— Tio Di não tem namorada, tudo bem? — Levantei a sobrancelha para João, que acenou concordando.

— Traga meus netos, Davi! — minha mãe gritou e corri para levar os quatro, orando para que eles não soltassem uma pérola no meio do jantar.



# Capítulo 22
## Bia

Parecia que tinha corrido uma maratona, porque fiquei tensa a tarde inteira, me contendo de pedir a Nina o telefone do Davi. Depois da aprovação de Jarbas quanto ao modo protetor dele, abrir a porta e tudo mais, estava mais do que ansiosa para contar tudo sobre mim.

Aquele beijo poderia ter sido nosso último e minha ansiedade subiu a níveis estratosféricos. Trabalhar? Eu só fiz o que era mecânico. Ainda bem que minha amiga estava ainda sob o efeito Jarbas e com pensamentos no mundo da lua, senão iria me pressionar para dizer o que realmente estava acontecendo comigo.

— Venha ver o que eu fiz! — Renata gritou assim que coloquei meus pés dentro de casa.

— Já vou — respondi também no grito. A verdade era que queria deitar naquele enorme sofá que ela falava que era apenas para visitas e dormir. Caramba, quanto sono eu sentia!

Caminhei até seu quarto da bagunça bocejando e sorri quando reparei nas sacolas das compras de hoje. Ela não economizou em nada.

— Aprendi a tricotar para o meu filho! — Ela ergueu linha e agulhas para mim, toda entusiasmada. Estava sentada em uma poltrona, ao seu redor haviam muitas cores de linhas para o tricô. — Vou fazer um cachecol.

— Irmã, o bebê não vai usar cachecol. — Ri de sua inocência.

— Verdade! — Ela largou tudo em cima da mesa e foi folhear uma revista. — Mas esse gorro e sapatinho parecem tão difíceis.

— Então faça o cachecol para mim como treino, depois passa para as coisas do bebê.

Ela se aproximou, ajoelhou e beijou minha barriga.

— Mamãe só quer tudo do melhor para você, mas também algo feito por mim. Trabalhos manuais vem com energia do coração. — Ela se levantou. — Você parece abatida.

— Estou com sono, normal, já vou subir.

— Quem eram aqueles...

— Ah, isso, eles são, ou melhor, falou algo para dona Maria? —

Lembrei do nosso encontro no almoço.

— Sim, falei. — Fiz uma careta. — Qual o problema? Nunca falamos sobre esconder as coisas, Bia. Ninguém vai falar mal de mim ou de você, não deixo!

Dei passos para trás, apoiei minhas costas na parede e fechei os olhos. Nesse momento a mãe de Davi poderia ter contado para ele e eu não saberia como olhá-lo amanhã. Não contei nada no serviço, temendo tanto com o preconceito quanto com as doze semanas de risco de aborto espontâneo que o médico falou.

Para que alardear antes do tempo? Às vezes, nem seria necessário...

Na minha mente, essa gestação já estava certa e eu só antecipava a opinião alheia. As amigas da minha irmã me receberam de braços abertos, mas não acreditava nisso para o resto das pessoas.

— Desculpe, pensei que já tivesse falado com as pessoas sobre nossa gravidez. Você está tão entretida comigo, não pensei que omitiria isso. — Ela parecia realmente arrependida.

— Apenas Catarina sabe. — Abri os olhos e sorri sem graça. — Você não tinha como saber, está tudo bem.

Não estava, precisava de um banho e dormir.

— Você gosta dele? — ela perguntou com uma careta. Quando abaixei meu olhar, ela me abraçou com força. — Eu te amo, sabia?

— Eu também te amo.

— Só não... — Ela ia voltar ao assunto do namoro e isso iria me irritar.

— Confiança, lembra? — Afastei-a com delicadeza e olhei com intensidade. — Preciso dormir.

Virei as costas e saí do quarto, enquanto ela falou às minhas costas:

— Vou levar um lanche para você, caso tenha fome.

Não contestei, comida não estava na pauta de questionamento, uma vez que influenciava no bom desenvolvimento do bebê.

Minha irmã melhorava em umas coisas e continuava irritante em outras. Aceitar era a melhor maneira de viver melhor, só que era tão difícil às vezes. Eu não iria namorar todos os caras que eu conhecesse, era apenas um!

A comida foi trazida enquanto eu tomava banho. Antes de finalmente dormir, belisquei um pouco das uvas e tomei o suco de laranja. Independentemente do que acontecer amanhã, o importante era que eu tinha minha família, o meu emprego e amigos queridos.

***

— Bom dia! — A voz que eu aguardava tanto escutar hoje, desde que cheguei aqui, finalmente soou.

Achei que meu coração ia parar com seu ritmo acelerado quando Davi aparecesse, mas foi o contrário. As borboletas no estômago quase me fizeram jogar o café da manhã para fora.

— Bom dia Davi — Eu e Nina respondemos juntas e rimos, dissipando um pouco o nervosismo.

— Bem-vindo de volta! — Catarina levantou da sua mesa e o abraçou. — Descansou? Pronto para trabalhar dobrado?

— Além da conta — respondeu e se virou para mim, esperando a mesma recepção com os braços levemente abertos para mim.

Envergonhada, levantei da minha mesa e fui o cumprimentar. Esse abraço aquecia meu corpo e alma, esperava que fosse recíproco.

— Vamos almoçar hoje? Só eu e você? — falou baixo no meu ouvido.

— Sim — respondi um pouco assustada. Havia chegado a hora.

Ele me soltou, mas não sem antes deixar uma carícia no meu ombro. Entrou na sua sala, cumprimentou a maioria e voltei para a mesa.

— Acho que nosso almoço foi suspenso — Nina brincou, já sentada à sua mesa.

— Aproveita e vai comer com Jarbas — respondi divertida.

— Ele só vem se sua irmã vier. Prefiro ser a sobremesa na janta — falou baixo e rimos juntas.

Olhei para o relógio do computador, depois para dentro da sala e encontrei meu desejo também me observando. Pois é, essas seriam as horas mais longas da minha vida.

***

— Vamos? — Depois que todos os fiscais tinham saído da sala para o almoço, Davi me abordou. Nina também havia saído.

Peguei minha bolsa, bloqueei meu computador e saí com ele, lado a lado.

— Prefere comer no shopping?

— Em algum lugar mais particular.

— Ah, o assunto sério — ele brincou e como não ri, se recompôs. — Se importa de ser no meu apartamento? Na esquina de casa tem um ótimo restaurante delivery de comida japonesa, que serve no almoço. Pode ser?

Droga, responder que sim me faria muito oferecida? Sabia que nada de mais aconteceria, porque pelo bem ou pelo mal, era apenas uma conversa.

— Pode ser sim.

Seguimos para o estacionamento em silêncio e quando entramos no carro, ele segurou minha mão e guiou com elas unidas até chegar ao destino. Uma sensação de proteção e carinho me dominou ao sentir a pele mais grossa da sua palma com a minha mais delicada. O silêncio pareceu de comum acordo entre nós e não foi incômodo.

Estacionamos no meio do caminho entre o restaurante e o apartamento. Não demorou mais de meia hora para pegarmos nosso pedido e subirmos até o nono andar do prédio em quem Davi morava.

— Bonito aqui — falei assim que saímos do elevador e vi o hall bem decorado, além de toda a parte da recepção.

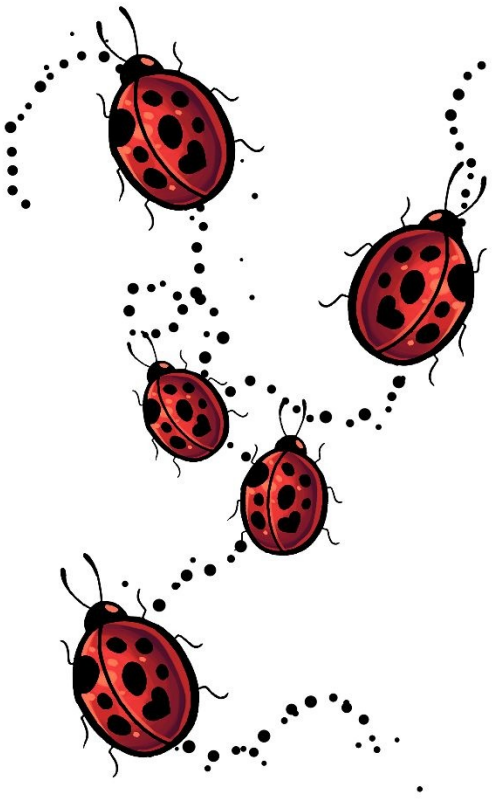
— Eu comprei o apartamento na planta ainda, demorei dois anos para mudar depois de entregue — comentou e abriu a porta. — Fique à vontade, vou pegar pratos e talheres.

Que maravilha, iria comentar sobre isso enquanto comíamos e talvez causar uma indigestão.

Sala de dois ambientes, cozinha na porta a direita e um corredor que provavelmente ia para os quartos. Olhei mais uma vez e encontrei uma segunda porta, para o lavabo. Sem ser convidada, segui para ele, lavei as mãos por mais tempo que o necessário e voltei já com a mesa posta.

Ele afastou a cadeira para que eu me sentasse e deu a volta na mesa para ficar de frente para mim.

— Meus ouvidos são todos seus.



# Capítulo 23

## Bia

# Sete semanas

— Eu estudei minha vida inteira depois de formada para ser *concurseira*. Não tenho pais vivos, a família sumiu depois da ida deles, só sou eu e minha irmã — comecei pela parte fácil. Precisava da introdução para ele entender o meu aceite.

— Você nunca comentou dos seus pais. Meus sentimentos.

— Já faz tempo. — Sorri para mostrar que era uma dor amenizada. Ela nunca iria embora, porém. — Então, minha irmã se casou, mudou para cá e eu continuei na nossa cidade. Foram anos sozinha.

Ele acenou com a cabeça e começou a se servir e a mim. Agradeci com um aceno e continuei:

— Quando passei para o concurso da Receita, na cidade da minha irmã, me senti como se tivesse ganhado na loteria. Eu teria o que sempre sonhei, o meu emprego dos sonhos e minha família perto. Era muito ruim viver sem ninguém.

— Sem amigos, namorados? — sondou curioso enquanto comia.

— Foi difícil achar amigos no cursinho, onde todos te olhavam como concorrentes. E namorados... bem...

— Só aquele que falou que você prefere estudar a ele — zombou. — Bundão.

— Sim. — Sorri. Ainda bem que alguém via de outra forma. — Tomei posse e minha irmã veio com um pequeno pedido para mim. — Tentei comer algumas colheradas do *yakimeshi* antes de soltar a bomba. — Há mais de dois anos que Renata tenta engravidar e não consegue. Ela me pediu para ser sua barriga solidária.

Ele parou de comer, me olhou confuso e então, entendeu.

— Ela quer que você tenha um filho para ela? Por que não adotar? Ou inseminação artificial?

— E essa não é sempre a primeira pergunta quando se fala sobre o assunto? — Soltei meus talheres e respirei fundo. Olhei para os lados antes de focar nele. — O marido não quer um filho que não seja de sangue, minha irmã quer viver todos os momentos da gestação. Já tentou todos os tratamentos, gastou horrores com eles, então, fui sua última opção.

— Mas não é ela que ficará grávida. Que... — Ele olhou para cima em busca de uma palavra que definisse o que queria. Não havia. Ser barriga

solidária ia além de definição, porque não era maravilhoso, mas também não era uma merda.

— Estou grávida.

Afastei meu prato e minha cadeira. Seus olhos ficaram no meu por um bom tempo antes de descer para minha barriga, que acho que ele não conseguia ver direito e depois de volta.

— Você está grávida do seu cunhado? — seu tom era indignado. Tentei não me ofender, já que muitos não sabiam realmente como funcionava.

— Não é inseminação artificial. Foi fertilização *in vitro*, o óvulo é da minha irmã e o esperma do meu cunhado. Não há nada meu.

— A não ser seu útero. — Ele passou as mãos no cabelo. — Sua vida... — Ele se levantou da cadeira. — Merda, quão estranho é isso? Eu te beijei ontem!

Uma facada doeria menos. Levantei da cadeira também e segui para o lavabo, controlando as lágrimas de cair. Não consegui chegar dentro dele, porque Davi me abraçou por trás e o beijo que deu na minha cabeça me acalmou por um momento.

— Desculpa, desculpa, desculpa... Quando você falou que o assunto era sério...

— Eu não estava brincando — respondi e respirei fundo. — Eu sei que é confuso, não sei como agir perante isso tudo. Mas quero você. — Virei no seu abraço e o olhei com desespero. — Entendo se não tiver mais interesse, se formos amigos e tudo mais. Só queria poder dizer que gosto de você.

Ele me abraçou como se eu pudesse fugir. Aproveitei seu calor e seu cheiro para aplacar minhas dúvidas. Isso queria dizer que ele continuaria comigo? Teria paciência e me esperaria?

— Não posso te dizer nada além de que estarei aqui para você.

— Tudo bem, tudo bem, é o suficiente para mim. Um dia de cada vez, certo?

Saí de seu abraço e fiquei sem graça com sua resposta. Não poderia exigir mais do que migalhas. Sabia que merecia o mundo, mas no momento, estava carente demais para deixar meu orgulho falar. Além do mais, seria muito irreal que ele me aceitasse e falasse que era o sonho dele ter uma namorada grávida de outra pessoa.

— Vamos terminar de comer? — pedi com um sorriso forçado.

— Posso te entregar um presente? Espere aqui.

E assim ele me deixou sozinha perto da mesa e com os olhos querendo verter água. Olhei para o teto e pisquei várias vezes, eu não ia desmanchar, mesmo que como grávida eu tivesse esse direito.

Davi voltou com três fitas coloridas na mão, uma amarela, uma azul e uma branca. Eram fitas do Senhor do Bonfim e quando as lágrimas escorreram, não tinham nada a ver com o quase “pé na bunda” que levei.

— É uma lembrança.

— Adorei, Davi. É perfeito. — A lágrima que havia acabado de escorrer foi limpada rapidamente por ele. Seu toque era cuidadoso e tentei não parecer mais frágil do que já estava. Seu olhar era preocupado e sorri para mostrar que não tinha nada de ruim nisso. — São os hormônios, obrigada pelo presente, amei!

— Oh, eu sei como é isso, acompanhei quatro gestações!

— Como assim? — perguntei confusa.

— Tenho três irmãs mais velhas e quatro sobrinhos homens. — Ele levantou as fitas. — Escolha uma ou as três.

— A azul. — Estiquei meu pulso para ele amarrar. Estava radiante, porque não lembrava a última vez que tinha ganhado um presente que não fosse da minha irmã. Os sorvetes do Jarbas não contavam, porque era tudo bancado pela Renata.

— Faça um pedido — falou baixo e fechei os olhos.

Eu fiz.

— Pode amarrar — sussurrei, mentalizando apenas na minha felicidade.

Não importava como ou quando, só queria ser feliz.

— Bia, eu não sei para onde vamos com isso. Estou confuso, para ser sincero.

— Um dia de cada vez. — Abri meus olhos e sorri. — Podemos ser amigos?

— Não consigo te ver como amiga.

— Mas também não conseguirá me ver como namorada estando com uma barriga enorme e o bebê não sendo seu, nem meu. — Balancei minha mão. — Três nós, três desejos. Termine.

Ele fez, em silêncio e sem pressa. A todo momento pensava em ser feliz, ter saúde e muito amor. Não havia nada mais que ansiava nesse momento.

Terminou, colocou as outras na minha mão e me puxou para a mesa.

No final, todas elas eram para mim, nem precisaria escolher.

— Vamos terminar de comer.

— Sim — falei baixo e guardei as fitas dentro da minha bolsa antes de pegar nos talheres. — Você foi para praia e nem pegou sol?

— Ah, eu fui para o litoral, mas não fiquei muito na praia durante o dia. Viajar sozinho tem outros roteiros. — Ele sorriu e colocou uma garfada na boca.

— E qual é o roteiro dos solteiros? — perguntei e vi o quanto ele ficou sem graça. — Vamos, quero saber!

— Sabia que eu quero te beijar desde quando cheguei no serviço hoje? Tentei me controlar, pensei em tudo o que era broxante para não fazer isso. Ainda quero fazer isso, mas...

Não respondi. Queria tanto que ele fizesse, para mim não havia nada de errado quanto a um beijo. Sabia que pressionar não ia adiantar, ele estava confuso como eu fiquei no início de tudo isso. Agora que aceitava mais, conseguia ter uma visão diferente de tudo, mas não poderia exigir dele outra postura.

— Muito boa a comida — desconversei. Não queria, mas precisava para que o clima não ficasse tão ruim quanto agora.

— Os sushis deles são maravilhosos. Será que você pode comer? Já fez todos os exames?

— O médico não contra recomendou nada, mas já pesquisei sobre e é melhor evitar, por causa da toxoplasmose. Minha irmã proibiu, na verdade! — Ri e tomei um pouco do suco que ele trouxe junto.

— Sua irmã parece ser muito controladora.

— Não parece, é. Mas estamos nos dando melhor, emprestei a barriga para ela, não a vida.

Acho que aquelas palavras foram o suficiente para nos fazer voltar a pensar no futuro, se teríamos um, juntos. De vez em quando eu olhava para ele e nossos olhares se encontravam com intensidade. Estava claro que sentíamos algo um pelo outro, que no momento estava contido e reprimido pela minha gestação.

Terminamos em silêncio, saímos de seu apartamento em um clima tenso e quando entramos no elevador, ele tomou meu rosto nas suas mãos e me beijou. Não houve todo o calor, língua e corpo da primeira vez, mas aquele selinho quando ele viu Jarbas no estacionamento me esperando. Envolvi meus braços no seu pescoço e pressionei mais ainda meus lábios no dele, imaginando

que o próximo beijo, se houvesse, iria demorar um pouco mais para acontecer.

Iria aproveitar ao máximo esse carinho enquanto ele fosse oferecido de forma espontânea.

O elevador parou, ele se afastou e segurou minha mão.

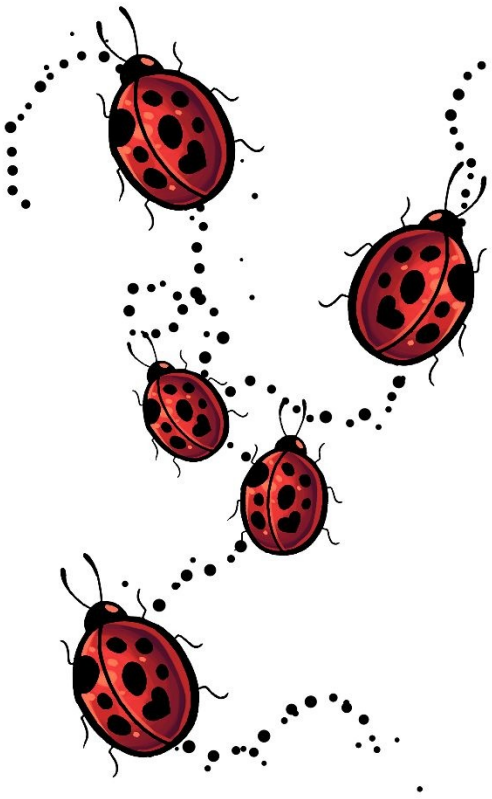
— De quantos meses você está? — Saímos do prédio.

— Indo para a sétima semana.

— Sete de quarenta... caralho!

Ele abriu a porta do carro para mim e minha barriga embrulhou. Isso queria dizer algo, não era mesmo? Se ele estava contando quanto tempo isso iria durar, queria dizer que me queria até o final.

Ou era coisa da minha cabeça?



# Capítulo 24

## Bia

# Nove semanas

A semana correu com minha irmã fazendo planos para o chá de revelação. Na oitava semana fiz o exame de sangue chamado *Sexagem Fetal*, algo que comprovaria o sexo do bebê sem ultrassom. Ela enviou o resultado para um cerimonial e em alguns dias teríamos a festa, como se fosse o próprio chá de bebê.

Era uma loucura como o mundo dos bebês mudou tanto. Antigamente não se falava em milhões de ultrassons, exames e exames de sangue, além de quarto do bebê, tema para as roupas de cama e por aí ia. Era algo de outro mundo que aos poucos fui me identificando, mesmo não sendo tocada pela maternidade.

Sempre achava um exagero da minha irmã tudo isso, a criança nem ia saber o que aconteceu nessa época, mas percebi que nada do que era feito tinha a ver com o bebê, mas o ego da mãe. Não de um lado ruim, mais por falta de achar outro adjetivo para classificar essas atitudes. Renata só queria dar o melhor para o bebê e como ela tinha condições financeira, não deixava nada passar. Era como se tivesse a ver com a dedicação dela como a progenitora.

Admirava muito seu empenho, mesmo ela não gerando o filho. Eu, por outro lado, não conseguia enxergar isso como minha realidade. Achava legal, bonito e tudo mais, e me divertia ajudando a escolher as coisas, só que... não via como se fosse meu mundo.

Seria muito insensível da minha parte? A única coisa que conseguia enxergar da gestação era o sono que não acabava mais!

Já os dias no serviço depois da revelação foram... peculiares. Catarina e eu solidificávamos nossa amizade enquanto eu e Davi parecíamos nos conectar apenas de forma virtual.

Conheci a casa da minha amiga, fui em um jantar da família com Jarbas e me senti inserida em um relacionamento que não era meu. Agradecia de coração todo o esforço que os dois faziam para mostrar o quanto me amavam. Só poderia ser amor, porque nenhum outro sentimento permitiria que eu ficasse de vela e ser feliz.

Por outro lado, minhas conversas com o homem de quem gostava era via mensagem de celular ou mensagem pelo programa de computador do trabalho. Desde o dia subsequente da nossa conversa, ele me trouxe um botão de rosa vermelha. Catarina não achou nada de anormal na reação que ele teve. Foi

um babaca, mas tentou mostrar que estava confuso e as rosas estavam conquistando mais ela do que a mim.

Ele chegava, nos dava bom dia e entregava a rosa sem outras palavras. Conversávamos banalidades por mensagens, mas pessoalmente, nem almoçarmos juntos fomos novamente. A fita azul que estava no meu pulso começou a perder o brilho, era apenas uma lembrança de que poderia ser diferente.

Incerteza cruel, o limbo era o pior lugar para se ficar.

Estava na décima rosa hoje. Todas elas foram para um vaso que deixei no criado mudo ao lado da minha cama. As primeiras já estavam murchando e separei um caderno para servir de armazenamento, pelo menos uma delasm para a eternidade.

Era sentimentalista e com a gravidez, me tornei uma bobona.

— Mais uma rosa. Ou ele quer te conquistar, ou está pedindo desculpas por algo — Nina puxou sua cadeira para o meu lado e falamos baixo.

— Entramos no modo amizade. Por isso não queria o telefone dele, agora só falamos por mensagem. — Suspirei triste. — Tenho que aceitar que acabou mesmo. Serão nove meses de sabatina. Já fiquei mais tempo e não me senti tão desolada como agora.

— Ele também não ajuda, só que não acho que Davi quer apenas amizade. Ele está te dando rosas! — Olhou para o lado, provavelmente para Davi, mas não a acompanhei. Alguém apareceu na sala e voltamos ao modo trabalho que tanto éramos competentes.

**Davi >> É sério, tentei não entrar no assunto, mas está foda. Você me perdoa por não conseguir lidar com isso de forma tão racional?**

A mensagem veio no meu celular e confusa, olhei para ele, que estava concentrado em seu próprio aparelho.

**Bia >> Perdoar? Nem tudo se resume em números e lógica. Eu entendo.**

**Davi >> Quando você falou sobre sua gravidez eu fui um babaca insensível. Estou há dez dias tentando conquistar seu perdão com as rosas, te dando espaço, mas essa distância entre nós está me matando.**

Sorri e balancei a cabeça em negação. Como a falta de comunicação era uma âncora na nossa vida.

**Bia >> Pensei que esse assunto já estivesse encerrado. Quem está só conversando por mensagem é você. A grávida sou eu, não vou te**

**pressionar para se relacionar comigo, mesmo como amigo.**

**Davi >> Você me perdoa então? Vamos almoçar juntos?**

— Cancela nosso almoço, Nina — Levantei minhas sobrancelhas para ela em diversão. Estávamos almoçando quase todos os dias em um restaurante perto daqui, com comida boa e barata.

— Ele criou vergonha na cara? — questionou um pouco alto demais e escutei seu riso de dentro da sala.

**Bia >> Vamos sim e converse comigo pelo computador, é mais fácil.**

Ele demorou para responder, por isso, deixei meu celular no canto e voltei a trabalhar. Uma mensagem apareceu no meu monitor e me fez sorrir.

**Davi >> Você vai almoçar comigo?**

**Bia >> Sim, vamos no shopping, estou com vontade de tomar um sorvete de lá, pode ser?**

**Davi >> Desejo? Percebi que ainda não contou para o pessoal do setor.**

**Bia >> Estou esperando passar da décima segunda semana, apenas por garantia. E não, não é desejo, não vou morrer se não comer o sorvete hoje.**

**Davi >> Tudo bem então. Obrigado.**

**Bia >> Obrigado?**

**Davi >> Pensei que você iria me dar o pé na bunda... apesar que não temos nada ainda.**

**Davi >> Merda, estou falando besteira novamente.**

Sorri para o monitor antes de escrever uma resposta. Entrei na vida dele para ser o caos, não havia outra explicação.

**Bia >> Não precisa pisar em ovos comigo. Um dia de cada vez, como combinamos.**

**Davi >> É verdade.**

**Davi >> Vamos ver um filme esse final de semana?**

E ao invés de trabalhar, ficamos entre conversas mais íntimas e combinar outras saídas. Era um avanço para quem achou que estava sendo delicadamente dispensada com flores. Percebi que precisaríamos conversar sempre, sobre tudo, se quiséssemos que desse certo. Nossa visão da vida era muito diferente.

Como da última vez que almoçamos juntos, esperamos todos irem para podermos ir juntos para seu carro. Não dirigia desde quando fiz a inseminação, estava sendo passageira por muito tempo.

Sentei no lado do passageiro e assim que deu partida no carro, pegou na minha mão e entramos no tráfego.

— Sua mão está suada — comentei, sabendo exatamente o quão nervoso ele parecia.

— Droga, desculpa. — Soltou minha mão e foi enxugar a sua na calça. Rapidamente tomei sua mão na minha novamente e apertei.

— Não falei isso para que você soltasse. Apenas comentei, porque queria dizer que estou nervosa também. Acho que precisamos ser transparentes um com o outro, o que acha?

Ele suspirou e riu um pouco.

— Eu me sinto namorando alguém proibido. Estou uma pilha de nervos por você ter me afastado.

— Não te afastei. Você que deduziu uma coisa que para mim já tinha encerrado o assunto — repreendi.

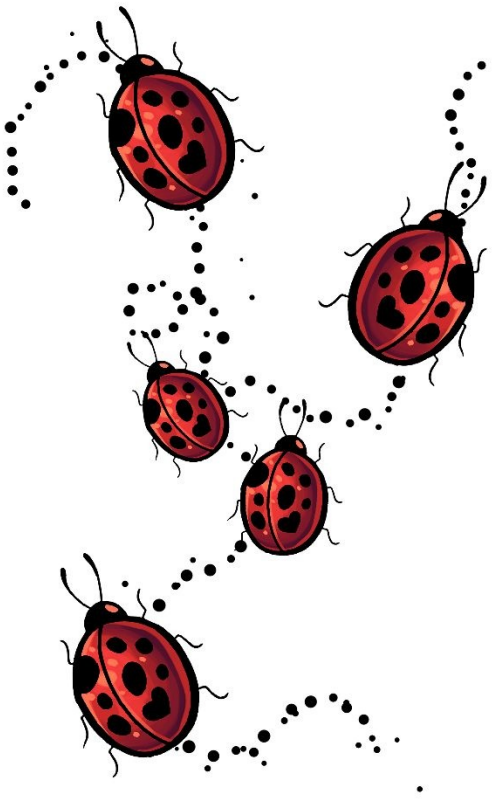
— Certo, certo, ser transparente. — Levou minha mão para sua boca e depositou um beijo. — Desculpa.

— Apesar de não precisar pedir, está desculpado. Mas nada que um sorvete não cimente essa decisão — brinquei e ele pareceu começar a relaxar.

— Você gosta de sorvete, não é mesmo?

— Anote e não esqueça, napolitano, meu preferido.

Ele trocou de marcha com minha mão na dele e sorriu. Era bom estar descontraída assim com ele.



# Capítulo 25
## Davi

— Oi meu amor, o que está fazendo aqui?

Vi Juliana se aproximar e me abraçar como se fôssemos íntimos.

Agora eu tinha certeza, essa mulher era bipolar, porque na casa dos meus pais se comportou como se fôssemos apenas conhecidos e não insistiu em nada. Parecia até agradável, inclusive.

Estático, senti Bia soltar minha mão e caminhar mais à frente, me deixando com a louca.

Controlando minha força, segurei seus braços com força e a afastei.

— O que foi, amor? Está me machucando.

Merda, só o que me faltava, ela fazer escândalo porque estava sendo bruto.

Dei um passo para trás e a soltei.

— Juliana, não me faça ser sem educação com você. Em respeito as minhas irmãs, nós não temos nada! Chega dessa perseguição — soltei com raiva.

— Você voltou de viagem tão esquisito. Teve uma aventura por lá? Se é isso pode me falar.

— Você é louca? — Meu rosto se transformou e ela deu um passo para trás. — Nós tivemos um caso, passou e pronto! Tire da sua mente que ainda existe algo. Você é amiga das minhas irmãs e só.

— Mas... — ela parecia que ia chorar. Que se foda, eu só queria encontrar Bia.

Dei a volta nela e saí como um louco olhando para todos os cantos da praça de alimentação. Pensar em Juliana me tirava o eixo, mas perder tudo o que conquistei hoje com Bia seria minha ruína.

Falei com minha mãe na semana passada sobre isso e ela comentou que Renata, irmã de Bia, havia falado sobre a barriga solidária naquele dia que a encontramos. Apesar de não entrar em detalhes do que aconteceu ou de sua própria opinião, minha mãe falou que lidar com uma mulher grávida não seria fácil, eu precisava amadurecer muito para aprender. Além, de claro, ela deixar mais do que explícito que eu precisava respeitá-la, não só a mulher, como o bebê e a sua família.

O que mais tinha de lição nessa vida? Quando que pensei em me apaixonar por alguém que não poderia ter por completo? Acompanhei quatro doidas da minha família tendo suas crises e felicidades quando engravidaram, não havia nenhum momento que não participei, eu sabia lidar com essa situação.

Por isso estava desesperado atrás de Bia, porque uma coisa que sabia sobre a gravidez, era que afetava o humor, o ciúme e a culpa. Tudo vinha como uma enchente e se o que meus cunhados comentavam entre eles nos churrascos em casa era verdade, teria mais de um mês para me redimir com muita comida e pedidos de perdão.

A rosa foi ideia da minha mãe, indiretamente. Ela falou que não queria saber detalhes da minha relação com Bia, mas que independente do que decidimos, eu tinha que comprar flores e me desculpar.

Ela era mulher, teve quatro filhos, então, só segui sua orientação.

Rodei mais de três vezes aquele espaço cheio de mesas e pessoas e comecei a suar de nervoso. Peguei meu celular e ia ligar para ela, mas ser rejeitado e saber que Jarbas iria a socorrer nesse momento feriria meu ego. Também iria me transformar num assassino, porque Juliana ia morrer!

Comecei a rodar o shopping e então a vi, olhando para uma vitrine de roupas infantis. Primeiro suspirei aliviado, segundo, me aproximei devagar, para não a afugentar.

— Sabe aquela louca que acha que tem algo comigo desde antes de eu viajar? — falei baixo e ela apenas me olhou de canto.

— Juliana — rebateu com deboche.

— Queria te levar para conhecer minha família, no domingo. — Tentei encostar meu braço no dela, mas se afastou.

— Vamos almoçar?

— Esse é seu jeito sutil de me dispensar? — perguntei um pouco magoado. — Eu não tenho nada com aquela bis...

— Somos amigos, certo? — Não me deixou xingar. Ela virou para mim e me encarou com seu olhar sofrido. — Não posso te cobrar fidelidade se não temos nada. Só não quis atrapalhar a conversa de vocês.

— Mulher, eu não posso só ser seu amigo! — Segurei seu rosto com as mãos e me aproximei. Céus, poderia estar mais confuso e desesperado?

— Vamos namorar? Nos beijar e... — desafiou.

Só de pensar em macular seu corpo, local onde estava sendo gerado um bebê, sentia o fogo do inferno queimar qualquer tentativa.

Uni nossas testas e fechei os olhos. Eu seria maduro o suficiente para lidar com ela, era homem e não envergonharia minha família por não saber lidar com uma grávida.

— Um dia de cada vez, não foi isso que você pediu? — Abri meus olhos e ela também. Acenou em concordância, então beijei sua testa e a abracei de lado, para andarmos em direção a praça de alimentação. — Quer começar pelo sorvete napolitano ou podemos fazer do jeito normal?

— Comida primeiro. Talvez um lanche natural. — Ela envolveu seu braço na minha cintura e quase pulei eufórico por ter conseguido voltar de onde paramos.

— Então será natureba. — Apertei seu ombro. — Sério, eu não tenho nada com Juliana. Quando voltei de viagem, ela até esteve na nossa janta em família, mas...

— Ela é amiga das suas irmãs, certo? — perguntou me interrompendo.

— Sim, da faculdade. Nunca dei atenção até minha mãe empurrá-la para mim.

— Oh, coitado, ela caiu na sua cama e você não teve como recusar — falou de forma esnobe e se soltou de mim quando chegamos para pedir nosso lanche. — Assume que você quis e agora não quer mais.

Queria responder que não precisava falar porra nenhuma, esse assunto já estava me tirando do sério. Engoli meu orgulho e respondi no pé do seu ouvido, logo após ela falar com a atendente:

— Eu assumo que tive e gostei, porque naquela época eu não sabia o que era beijar você.

— Está falando isso para me impressionar? — Ela se virou para mim com cara de brava, mas sabia que a afetei.

— Não, só quero passar um rolo compressor nesse assunto. Não posso impedir essa mulher de continuar achando que temos algo, mas quero ter certeza que você saiba que meu interesse é em você.

Não respondeu, voltou a falar com a atendente e dizer o queria em seu lanche. Fiz o meu pedido, paguei a nossa conta com protesto dela e sentamos em uma mesa.

Sem olhar para mim ela começou a comer, judiando do pão e todo o recheio que nele vinha.

— Se te ajuda, eu posso servir de saco de pancada. O pão não tem nada com isso.

Apesar de tensa, ela riu e finalmente me encarou.

— Davi, não posso te cobrar nada. Querendo ou não, já me sinto bem te tendo por perto como amigo.

— Você merece o mundo, sabia? — Estiquei minha mão e limpei o canto da sua boca que tinha um pouco de molho. Poderia ser nojento, mas tentei parecer o mais atraente quando coloquei o dedo na boca. — Sou egoísta o suficiente para te manter preso a mim até que seu ato altruísta acabe.

— Homens não aguentam tanto tempo de celibato — constatou chateada. — Não faça promessas que pode quebrar. Apesar de te abraçar e esperar ser beijada como meu namorado, sei que temos apenas uma amizade... diferente.

Lutar como um leão ou fugir e morrer como um veado?

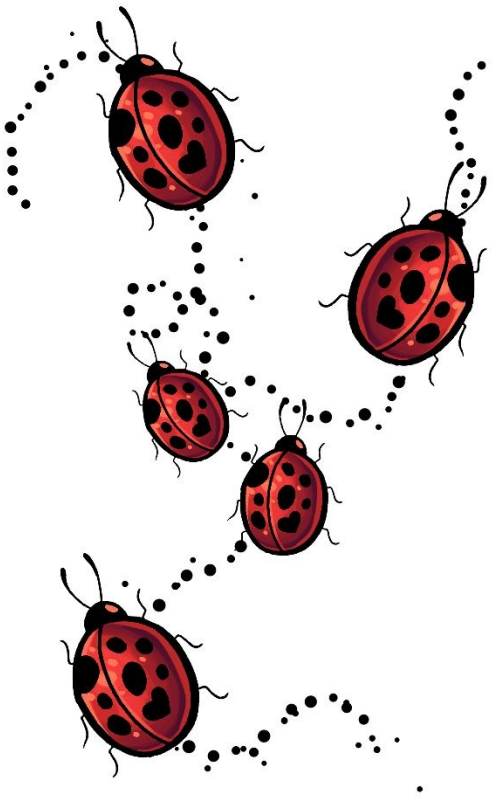
— Posso apostar com você que força de vontade é tudo.

— Prefiro que faça isso porque quer, porque tem um motivo além e não porque apostou. — Terminou de comer o último pedaço e limpou suas mãos. — Vá, termine seu lanche, quero sorvete.

— Ser transparente, certo? — Dei algumas mordidas no meu lanche e a encarei. — Você me deu uma chance de entrar na sua vida, é a minha vez de mostrar que vai valer a pena.

Ela apertou seus lábios com força e sabia que era numa tentativa de não chorar.

Mulheres grávidas e seus hormônios. Por mais que algumas palavras saíssem da minha boca com imaturidade, dentro de mim estava mais certo do que a vida, iria mostrar a essa mulher que seu sacrifício valeria o meu próprio.



# Capítulo 26
## Bia

Rosa e azul para todos os lados. Em tons pastéis, claros ou mimosos, o chá de revelação estava acontecendo e não poderia me sentir mais deslocada do que agora. Pensei em chamar meus amigos, mas cheguei à conclusão que esse evento não era meu, apesar da minha presença ser necessária.

O tema da festa era neutro. Ursinhos, pirulitos e balas, de ambas as cores, enfeitavam as mesas, as paredes e a mesa principal. Atrás, um painel de balões rosas e azuis davam um ar angelical.

— Vem tirar uma foto, Bia! — Renata me chamou pela quinquagésima vez. A cada convidado tirávamos foto e conversávamos sobre bebês.

Se eu estava fora do meu ambiente, Rildo parecia longe de apreciar tudo. Ele sorria forçado quando minha irmã exigia, ia para um lado e para outro conforme ordenado e não conversava com ninguém.

— Seu marido parece um peixe fora d'água — sussurrei divertida no ouvido da minha irmã. Meu cunhado estava caminhando para perto da entrada, sozinho.

— Ele está feliz, isso que importa. Só é um pouco antissocial — respondeu e voltei a me sentar em uma mesa com as amigas menos esnobes da minha irmã.

— Você tem muita sorte, nada de enjoo. — A que estava movimentando o bebê conforto em cima da mesa para trás e para frente falou comigo.

— Mas o sono é descomunal. Se pisco, perigoso cochilar — brinquei e todas riram.

Não tinha outro assunto, ou era sobre a gravidez, ou sobre bebês. Filmes, comidas ou emprego? Quando surgia, era sempre vinculado com uma barriga grande ou um bebê no colo.

Não demorou muito para Renata chamar todos para perto da mesa e fazer a revelação. Eu fiquei ao lado, mas tentei me afastar ao máximo, para deixar as fotos apenas com o casal.

— Um, dois, três! — Todos contaram e minha irmã, junto com Rildo, tentaram estourar um lança confete.

Não sabia explicar como Renata conseguiu esperar quase uma semana

para fazer essa revelação, já que era nítido sua preferência.

Peguei meu celular para começar a filmar o exato momento que o confete enfeitou o ar e a cor rosa se parecia brilhar. Pela tela do meu celular eu vi a hesitação momentânea antes do pulinho feliz de Renata. Minha irmã abraçou meu cunhado com lágrimas nos olhos e antes que ela viesse me cumprimentar, encerrei a gravação e a abracei de coração apertado.

— É uma menina! — ela gritou no meu ouvido ao som dos aplausos dos convidados.

— Sim, uma menininha! Parabéns! — Afastei e olhei seus olhos decepcionados. — Está feliz?

Ela deu de ombros e outras lágrimas escorreram.

— O importante é ter saúde, não é mesmo? — Respirou fundo e me abraçou mais uma vez. — Obrigada por tornar meu sonho realidade. Essa gestação não está sendo como planejado desde a sua concepção. Estou me acostumando.

— É verdade. — Sorri com o coração apertado.

Deixei os pais terem seu momento com os amigos e fui para um canto. Com o celular na mão, olhei as mensagens e sorri que as três pessoas importantes fora da minha família haviam lembrado de mim.

**Jarbas >> Estou a uma ligação de distância. Me ligue e irei te resgatar dessa loucura.**

Ele estava preocupado com o quanto minha irmã estava fissurada com bebês. Acho que ele não tinha noção do que era viver no mundo das grávidas. A vida era assim, totalmente vinculada ao que estava por vir.

**Nina >> Rouba alguns docinhos para mim e leva na segunda. Mas se quiser me entregar hoje, agradeço. E não esqueça de contar quando revelar!**

Falando nisso, hoje era sábado, chá de revelação e amanhã domingo, almoço com a família de Davi.

Eu era louca ou apenas uma masoquista? Iríamos como amigos, estar com ele dessa forma era mais fácil de lidar com quem estava a nossa volta.

Depois daquele almoço no shopping e o encontro estranho com Juliana, simplesmente apertei meu botão do “foda-se” e ignorei o monstrinho do ciúme. Ele deu a entender que ficaria comigo até o final disso tudo, pois bem, aceitaria até que o contrário acontecesse.

**Davi >> Você gosta de feijoada? Ou prefere bobó de galinha?**

**Cara, vou matar minhas irmãs, ninguém entra em acordo de nada aqui para o almoço de amanhã.**

Respondi primeiro o desesperado.

**Bia >> Gosto de feijoada e de bobó de galinha. Por que vai brigar com suas irmãs? Você vai fazer a comida? Deixa-as sozinhas...**

**Davi >> Eu as deixo sozinhas, mas meu nome é citado a cada cinco minutos. Até parece que vamos nos casar amanhã.**

Ele respondeu poucos segundos depois e meu coração parou um momento antes de quase me fazer cuspir tudo o que já havia comido.

Casamento?

Engraçado que até alguns meses atrás, eu só pensava em estudar e agora, tenho filho e casamento como tema. *Espera, filho não, sobrinho. Estou esperando meu SOBRINHO*! Fiz questão de ressaltar na minha mente, porque esse tipo de coisa não poderia ser confundido. Não por mim.

**Bia >> Você falou que somos apenas amigos? Que sou barriga solidária? Se quiser eu chamo Jarbas e Nina para ir junto.**

**Davi >> Eu não sei o que se passa na mente dessas doidas. Eu as conheço minha vida inteira e ainda não consigo prever todas as suas loucuras. Não precisamos de companhia, só você, te busco às dez, pode ser?**

**Bia >> Pode ser às onze? Fica muito em cima? Ainda estou no chá de revelação da minha irmã e não sei que horas vou dormir. Você sabe... dorminhoca em ação.**

Olhei para frente e conferi onde estava a dona da festa, compartilhando sorrisos e abraços com as mães de meninas. Um bebê menino com certeza seria o sortudo em ganhar tudo o que ela comprou até hoje.

Por que foi criar expectativa para um ter um bebê menino? Foi impossível controlar minha vontade de julgar.

**Davi >> Vamos fazer melhor, você me liga e eu vou no seu horário.**

**Bia >> Se deixar eu te ligo só uma da tarde. Venha às onze, não me faça passar vergonha na frente da sua família.**

**Davi >> Você nunca passaria vergonha aqui. Se soubesse o quanto de moral que já tem antes mesmo de as conhecer.**

**Bia >> Ah, é? Esqueceram Juliana?**

Não conssegui controlar minha língua, ou melhor, meus dedos.

**Davi >> Nem me fale, tive que ameaçar cancelar esse almoço para poder ter paz sem ela.**

**Bia >> Se ela é tão sem noção, por que suas irmãs são amiga dela?**

**Davi >> Você precisa ver para entender. Ela parece bipolar.**

**Davi >> Por que estamos falando dela? Como está tudo aí?**

Ergui meu celular, tirei uma foto e enviei para ele.

**Bia >> É uma menina.**

Complementei com várias carinhas felizes.

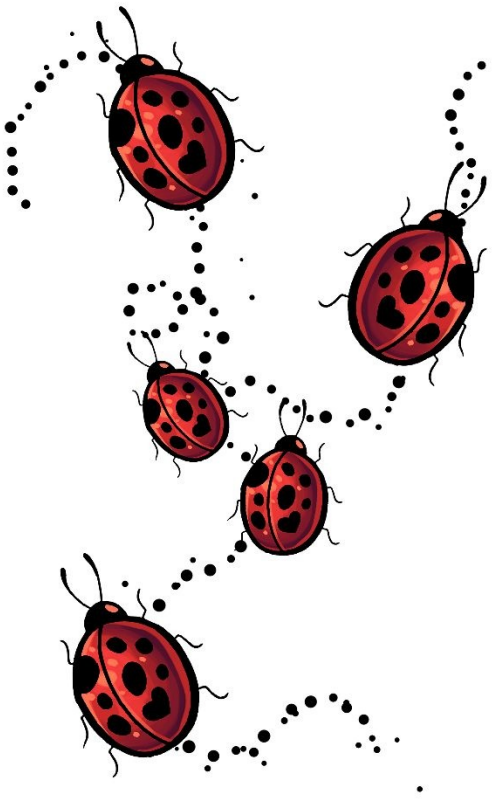
**Davi >> Parabéns? Estou confuso se devo falar parabéns para você ou para sua irmã. Aqui em casa todas gritaram parabéns.**

Céus, ele estava falando com a família também? Eu tinha algo para me envergonhar?

**Bia >> Vou repassar para Renata, sou uma tia feliz, mas ela é a mãe orgulhosa. Depois nos falamos mais, vou contar para Nina. Beijos, até amanhã.**

**Davi >> Beijos, ansioso por amanhã.**

Enviei mensagem para meus outros dois amigos, bloqueei a tela do celular e voltei a interagir com as pessoas para ignorar a felicidade repentina por ter alguém ansioso para me apresentar a família.



# Capítulo 27
## Bia

— Oi.

Entrei no carro, inclinei meu corpo e beijei o rosto de Davi. Seu perfume e barba feita fizeram com que meu estômago se revirasse de um jeito bom em antecipação.

— Está linda, Bia. — Finalmente escolhi uma roupa comprada pela minha irmã, um vestido florido em tons escuros, justo no busto e solto o resto dele, ia até os joelhos.

Sua mão foi até minha pele exposta da perna e apertou. Antes que eu ficasse envergonhada com o contato, buscou minha mão e a levou para sua perna, como costumava fazer.

Essa zona indefinida, pudores e opinião alheia estava me deixando muito angustiada.

— O que decidiram fazer para o almoço?

— Feijoada e bobó de galinha. — Olhou-me de canto. — Como foi ontem? Como está a menininha?

— Foi bem, bem. Achei que minha irmã ia ficar mais chateada por causa do sexo do bebê, mas parece que recebeu bem a notícia. Já começou até a pensar diferente de antes.

— Ela queria um menino?

— Sim. — Descruzei e cruzei minhas pernas de nervoso, o que chamou a atenção de Davi. — Foco na direção.

— É a primeira vez que te vejo de saia, está um pouco perturbador — brincou.

— Não há nada de mais, então... — Fiquei envergonhada e ele beijou minha mão.

— Preparada para conhecer a família Diniz?

— Sim! Quantos sobrinhos você tem? Quais os nomes deles?

— Quatro meninos, João Lucas de oito e Vitor Miguel de seis, são irmãos, filhos de Denília. Gabriel de dois anos, filho de Diná e Marco Antônio de quatro, filho de Dora.

— Quantos nomes — resmunguei e esfreguei minha mão livre no

rosto.

— Ainda faltam meus cunhados, mas os nomes importantes são...

— Maria Auxiliadora e Everaldo, seus pais — concluí para ele com um sorriso.

— Exato. E não leve muito a sério o que minhas irmãs falarem de mim, são todas ciumentas ou desbocadas. — Soltou minha mão, fez uma manobra com o carro e parou de frente para um portão grande. — Bem-vinda.

Fiquei em silêncio quando o carro parou junto com outros tantos estacionados. Havia um grande gramado na frente e vários carros parados, parecia até uma chácara por ter tanto espaço.

A casa, por fora, era bem mais simples que a requintada onde eu estava morando, mas isso me fez sentir.... bem. Em casa, um verdadeiro lar.

— Aqui é simples.

— É perfeito Davi, fazia tempo que não me sentia em um ambiente familiar tão acolhedor. — Confortei-o, porque não queria que a riqueza da minha irmã o impressionasse. Não me importava com dinheiro, nunca foi meu objetivo de vida em um relacionamento.

Andamos de mãos dadas até a porta de entrada que estava aberta. Havia muita conversa, movimentação e então, a dona da casa.

— Olá Beatriz. Seja bem-vinda! — A mãe de Davi me recepcionou com um abraço caloroso, que retribuí com muita vontade. O abraço de uma matriarca nunca é igual aos outros.

— Pode me chamar de Bia se achar melhor. Olá dona Maria. — Afastei e a olhei nos seus olhos. Tudo o que vi foi amor.

— E você pode me chamar de tia, avó, mãe... — rimos, mas minha vontade era outra.

Que saudade da minha mãe!

— Oh, menina, não é hora de chorar agora! — Pegou meu braço e começou a me apresentar as suas filhas.

Dora era a mais nova e muito simpática. Denília, a que tinha os dois filhos, tinha o semblante cansado, porém amistoso, ela era a mais velha. Diná praticamente me colocou debaixo do braço, tirou a posse de dona Maria e me apresentou ao resto do pessoal.

Tantos nomes, tantas pessoas, minhas bochechas estavam doendo de tanto sorrir. Eles me trataram como uma amiga de trabalho de Davi e agradeci por isso. Ninguém comentou da minha gestação, fiquei na dúvida entre ficar

chateada por isso ou agradecer, porque não precisaria dar explicações.

Ficamos todos na parte dos fundos, outra área grande, com piscina e piso de concreto. A casa em si não era muito grande, mas sua área de lazer sim.

A cada pouco tempo olhava para os cantos, um pouco deslocada por estar conhecendo as pessoas e Davi simplesmente sumiu.

— Vai se preparando, ele é assim mesmo, desligado. — Essa foi Denília. Ou seria Diná? Céus, era muita gente.

— Como assim? — questionei, curiosa para saber mais e finalmente alguém ter entrado no assunto sobre ele.

— Ele te deixou para as leoas, suas irmãs, enquanto está fazendo alguma coisa dentro de casa. Isso que dá ele nunca ter namorado.

— Nunca namorou? — Droga, comecei a ficar repetitiva demais.

— Ah, você não sabe de nada! — Reconheci Dora que se aproximou com um copo de refrigerante na mão. — Juro que tentamos achar uma mulher para ele, para que saísse de casa e deixasse nossos pais terem a aposentadoria que mereciam.

— Pois é, finalmente entramos em acordo de apresentar nossa amiga Juliana, a única que achamos que conseguiria dar um jeito nele, mas não, foi a moça grávida do serviço, barriga solidária, que ele se apaixonou. — O comentário ácido me fez reconhecer Diná, pelo visto era uma característica sua, o que não diminuiu a mágoa que senti. A forma como falou me fez parecer uma coitada, coisa que não era.

Sorri forçado e olhei para todos os lados em busca de uma fuga. Não poderia ser grosseira com pessoas que queria fazer uma boa impressão.

— Diná, caramba, você escutou o que falou? — Dora a repreendeu.

— O que foi dessa vez? — dona Maria apareceu um uma tigela de salada.

— Eu não disse nada de mais! — Diná tentou se defender.

— Mãe, ela falou besteira, daquele jeito que a senhora adora — ironizou Dora.

— Comparou Juliana com Bia — completou Denília.

— Diná, tenha santa paciência, você precisa de filtro! — Deixou o que trouxe na mesa, colocou um braço nos meus ombros e me tirou de lá. — Não liga para elas, estão apenas protegendo o irmão.

— Não foi nada.

Foi e muito. Agradeci mentalmente por estar longe delas e comecei a

ajudar na cozinha, apesar de não ter noção do que fazer. Havia uma mulher contratada operando todos os cantos e admirei sua destreza. Eu era uma negação.

— Essa é Irma, nossa ajudante do dia a dia e cozinheira nos finais de semana. Você pode nos acompanhar ou ficar com Davi lá na sala.

— Vou ficar com ele. — Apressei em sair do lugar, mas dona Maria me parou.

— Você está bem filha? É sério, Diná fala as coisas sem pensar, mas não é por maldade. Está com um filho de dois anos, está aprendendo a dormir uma noite completa agora e descobrindo uma nova vida.

— Estou bem sim, obrigada. Não levei na maldade. Ser barriga solidária não foi algo fácil para mim mesma aceitar, imagine as outras pessoas.

— Mas aqui nessa casa tem respeito e amor. Ela vai te pedir desculpas se te ofendeu. Onde já se viu? Não é para qualquer um o que você está fazendo! — Colocou a mão na minha barriga e acariciou. — Sua irmã tem um tesouro, ela tem que agradecer todos os dias por você se sacrificar por ela.

— É minha família, eu a amo — minha voz saiu num sussurro.

— Irrul! — um grito interrompeu nossa interação e um Davi com quatro crianças penduradas em todo o seu corpo apareceu, uma no pescoço, uma em cada braço e outra nas pernas.

Eu ri e uma lágrima escorreu do meu olho. Corri para limpar e Davi viu, acabando com o clima divertido entre as crianças.

— Você está bem? — Ele se livrou dos seus pequeninos e veio perguntar para mim preocupado.

— Meu filho, fique com a Bia e deixe as crianças brincando sozinhas hoje. Esqueceu como suas irmãs são? Atenção, Davi! — repreendeu. — Ela precisa de atenção.

— Sim, dona Maria Auxiliadora. — Ele envolveu um braço nos meus ombros e as crianças começaram a pular em cima dele, me fazendo rir. — Calma, carinhas, já brincamos bastante. Hoje o tio está acompanhado e vai brincar com a tia Bia.

— Ela é sua namorada, tio Di?

Existia um apelido mais fofo do que esse?

A pergunta foi feita pelo mais velho, se não me engano, João Lucas. Pela reação de todos na cozinha, todos realmente queriam saber o que Davi iria dizer.

Antes que ele falasse alguma besteira, intercedi:

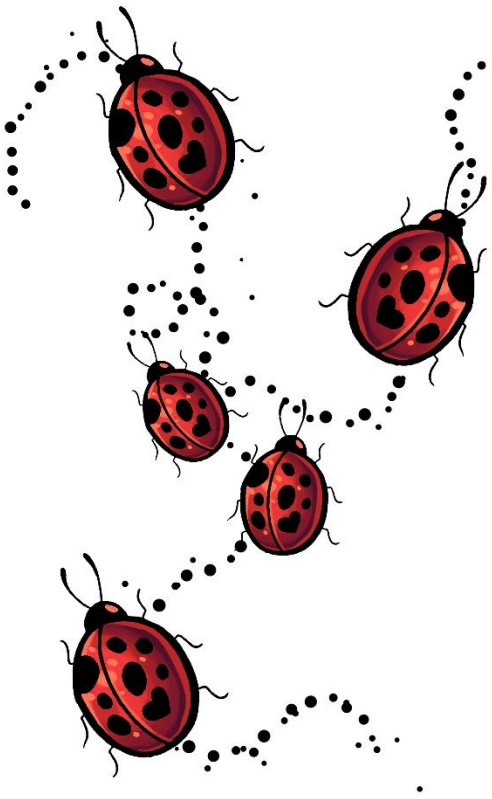
— Eu e o seu tio somos superamigos. — Estiquei meu braço para frente, como mostrando força, numa tentativa de brincar com tudo isso.

— Igual a liga da justiça? — Vitor Miguel, a cópia de seu irmão maior falou. — Você é a Mulher Maravilha e o tio o Batman? Eu quero ser o Capitão América...

— Vitor, Capitão América é dos Vingadores, você está confundindo os filmes de novo — resmungou João Lucas e a criançada começou a decidir quem era quem na história.

Foi impossível não sorrir para a ingenuidade delas e o quanto eram felizes com tão pouco. Seria assim com a menininha que estava dentro de mim? Será que Renata conseguiria mostrar os valores que nossos pais nos deram para ela? Eu conseguiria mostrar?

Davi me olhou com carinho e dei de ombros, sabendo que sairia daqui mais apegada do que quando entrei.



# Capítulo 28
## Bia

— Doeu? — Denília perguntou sem receio, sentada no chão, comendo um pote de pipocas.

Era fim da tarde. O almoço saiu, a sobremesa foi devorada e a louça lavada. Aqui, os homens ficavam em um canto e as mulheres em outro. Poderia parecer um pouco antiquado, mas agradeci, porque o assunto agora estava muito íntimo.

Enquanto as crianças e os homens estavam se divertindo lá na piscina, estávamos na sala, algumas no chão, outras no sofá, me enchendo de perguntas sobre a fertilização *in vitro*.

Antes que pudesse responder, Davi apareceu apenas de short, cabelos molhados e peito bem esculpido a mostra. Meu olhar acompanhou sua aproximação, empurrou sua irmã Dora mais para o lado e sentou ao meu lado.

— O que você está fazendo? — sua irmã, que estava ao seu lado, reclamou. — Se não reparou, só tem mulher aqui.

— Já fiz minha social com seus maridos, agora vou voltar a dar atenção a minha garota — ele falou orgulhoso, colocou um braço atrás de mim, no encosto do sofá e me fez pressionar sua lateral.

Senti meu rosto esquentar, estavam todas olhando e claramente pensando alguma coisa, porque a expressão delas eram de surpresa e felicidade.

— Davi — chamei baixo e ele deu um beijo na minha testa.

O contato com sua pele, seu cheiro fresco e a atenção alheia contribuíram para minha vergonha aumentar, além do meu estômago embrulhar. Ele parecia tão natural e tranquilo enquanto eu tentava não fugir ou o agarrar.

— Ainda quero saber se doeu fazer a fertilização. — Denília colocou algumas pipocas na boca e passou a tigela para o lado. Dona Maria foi quem pegou e me olhou com carinho.

— Ah, eu também quero saber. Conta. — Incentivou Davi.

— Então. — Respirei fundo e me aconcheguei mais ao seu lado. — Doeu mais o antes do que o procedimento em si. Tive que tomar injeções e remédios para estimular a ovulação.

— Se o óvulo não era seu, por que fazer isso? — Dora perguntou, deitada no sofá ao lado.

— Em linguagem médica não sei explicar, mas foi uma combinação de situações. Eu também aproveitei e colhi alguns óvulos... nem sei por que fiz isso, estava um pouco abalada.

— Como você sabe que não usaram seu óvulo para inseminar? — Diná comentou com a testa franzida.

— Eu confio no médico. Todo o procedimento é documentado por ele, não há nada jurídico, um contrato ou auditoria.

— Você não precisa ir no cartório registrar... sei lá, sua gestação ou que o filho será da sua irmã?

— É tudo no médico.

— E se você não quiser dar o filho para ela? — Dora perguntou e inclinou meu corpo um pouco para olhá-la.

— Em nenhum momento pensei nisso. Eu sou tia.

— Gente, eu não tenho coragem — Denília falou baixo e me olhou pedindo desculpas. — Desculpa, acho nobre da sua parte, mas não tenho força de vontade para gerar um filho e entregar para outra pessoa. Mesmo que para minha irmã... eu amei o bebê desde quando fiz o exame de farmácia.

— Eu também — Diná concordou.

Voltei a afundar ao lado de Davi, que até agora não abriu a boca e nem fez um movimento. Eu amava esse bebê, mas não tinha todo esse sentimento de apego que elas falavam. Isso queria dizer que eu era uma pessoa ruim?

— Ah, minhas filhas, vocês precisam aprender muito ainda. — Dona Maria me olhou da cadeira que estava sentada. — Há mulheres que se doam desde a concepção, outras que descobrem o amor quando o bebê nasce e há outras que entram em depressão. Eu passei por tudo isso.

— Mãe? — Davi apertou o braço em no meu ombro demonstrando sua preocupação.

— Você já ouviu sobre isso, querido. Foi há muito tempo, mas acho válido falarmos sobre isso para dar força a Bia. — Ela sorriu para o filho e me olhou. — Davi não foi planejado. Não tínhamos condições de cuidar de três crianças, imagine o quarto filho. Quando descobri a gravidez eu entrei em depressão, mas saí rápido quando descobrimos que era um menino. — Seu olhar foi para o filho e senti o coração dele acelerar. — Isso quer dizer que sou uma péssima mãe? Antigamente pensava que sim, hoje aceito que sou apenas humana. Você tem todo direito de amar essa criança da sua forma. Não precisa ser agora, nem quando ele ou ela nascer.

— Ela — falei com o coração aquecido. — Será uma menina.

— Parabéns a você e sua irmã pela menininha!

— Aqui foi tanto estrogênio, atormentamos tanto Davi, que os herdeiros são todos meninos, deve ser carma — Denília comentou e todas riram.

— Atormentam até hoje — resmungou ele, que parecia mais relaxado.

— Ah, para de chororô — Diná esnobou.

— Já sente algo? Enjoo ou azia? — Dora volta ao assunto.

— Muito sono.

— Eu sinto isso até hoje — brinca Denília e todas concordam.

— Prepare-se para não dormir nunca mais — Diná diz e dou de ombros.

— Acho que não precisarei dessas recomendações, mas minha irmã sim.

— Você não vai amamentar? — dona Maria perguntou.

— Hum... — Olhei para todas e então Davi, que me observava atentamente. — Na verdade, nem pensei nisso.

— É muito importante o leite materno. Mesmo que não seja seu, você deve amamentar! — Diná falou com paixão.

Como não pensei nisso antes? Minha mente começou a ficar confusa.

— Eu...

— Parem com isso, vocês estão a fazendo sofrer antes do tempo. — A companhia tocou e dona Maria se levantou. — Filha, esqueça tudo, deixe para decidir o que fazer quando essa situação chegar. Você verá, instinto materno ou de tia vai te dominar e você saberá o que fazer.

Ela saiu da sala para atender quem chegou e eu comecei a prestar atenção na conversa das mães e irmãs, sobre como decidiram amamentar, quem deu mais ou menos leite.

Engraçado como quando pensei em engravidar, apenas as alterações no meu corpo eu levei em consideração. Há muito mais em gerar um bebê do que apenas esse tipo de coisa.

— Está tudo bem? — Davi perguntou baixo no meu ouvido e aproveitei para me acomodar melhor ao seu lado.

— Sim.

— Diná, minha filha, preciso de você aqui — Dona Maria gritou da frente da casa e a irmã de Davi se levantou para atender o pedido da mãe.

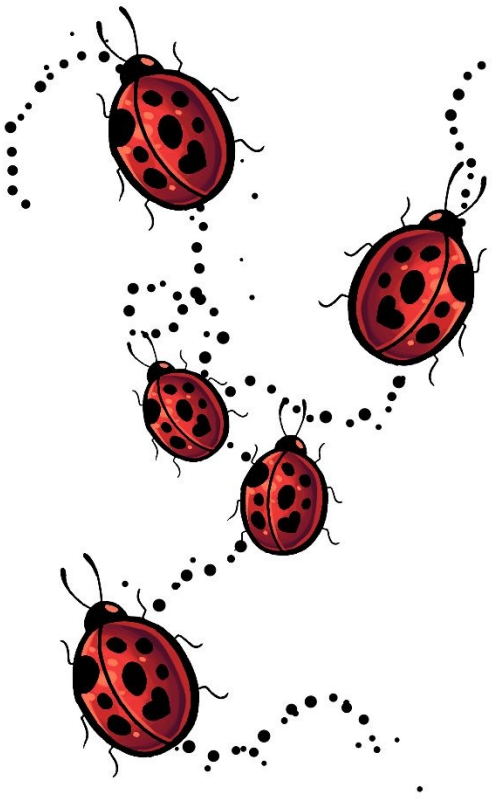
Esquecendo que tinha plateia, coloquei minha mão em seu abdômen e senti seus músculos definidos. Nunca imaginaria que debaixo das camisas sociais existia uma pele lisa como a dele.

— Acho melhor parar, senão vou me envergonhar — escutei Davi sussurrar no meu ouvido e rapidamente sentei mais ereta e longe dele. Minha sorte foi que as duas irmãs estavam entretidas numa conversa e não deram bola para mim.

— Mamã, mamã! — O pequeno Gabriel entrou na sala e não encontrou sua mãe.

— Vem aqui campeão — Davi chamou ao mesmo tempo que dona Maria, Diná e Juliana entraram na sala. O pequeno garoto encontrou os braços do tio e a convidada parecia sem graça ao olhar para todos os lados, como se não tivesse intenção de atrapalhar.

O que ela estava fazendo aqui?



# Capítulo 29
## Bia

Olhei assustada para todas as irmãs, em busca de uma explicação, mas foi apenas o desconforto da mãe de Davi que me deu alguma resposta. Não foi planejado.

— Merda — Davi resmungou e olhou para mim, com Gabriel no colo. — Eu vou me trocar e vamos embora. Tudo bem?

— Tudo bem — concordei, porque não havia nada que me faria ficar perto dessa mulher por vontade própria. Ele não gostava dela, eu menos ainda.

— Olá gente, desculpa chegar essa hora, mas acabou água em casa, eu não tinha mais ninguém para recorrer! — Juliana falou sem graça mostrando uma mala.

Davi se levantou e aproximou da sua irmã. As outras levantaram para cumprimentar a mulher com beijos e abraços, mas ele não fez menção nenhuma de olhá-la.

— Seu filho deve estar com fome, Diná. Vou me trocar para ir embora. — Davi entregou a criança no colo dela e seguiu para dentro de um quarto.

— Desculpa interromper, gente, sei que vocês não me queriam aqui...

— Imagina, Ju! Você é nossa amiga também. Conheça Bia! — Denília falou despreocupada.

Para ser educada, levantei e estendi minha mão.

— Olá!

— Ah, oi! — Ela estendeu a mão também e a tocou como se tivesse nojo. Bem, eu também não estava animada para interagir com ela.

Dora me olhou com o cenho franzido, porque nossa interação estranha não passou despercebida. Tentei olhar despreocupada para ela, mas foi impossível, porque as irmãs começaram a falar sobre que banheiro Juliana iria usar e a louca já estava indo em direção a porta que Davi entrou.

— Ju, sua louca, espera Davi sair! — Diná parou a mulher de caminhar para dentro de casa.

Dona Maria e Dora ficaram ao meu lado e cochicharam:

— Impressão minha, ou ela está se fazendo de sonsa? — Essa foi Dora em um tom indignado.

— Como não vimos isso antes, minha filha? — Dona Maria me abraçou de lado. — Não se preocupe, vou descobrir o que essa menina quer. Ela parecia tão...

— Ela não é divertida? — Diná se aproxima de nós e comentou. — Gente, Juliana é uma peça rara!

— Sim, uma doidinha! — Denília comentou e a abraçou.

Céus, o que eu iria fazer?

Davi saiu do banheiro completamente vestido e com um olhar mortal para todos. Minha mente dizia que eu não tinha nada a ver com isso, mas meus hormônios começaram a trabalhar em levar tudo isso para o lado pessoal.

— Vamos — comandou e mesmo que com vontade de responder malcriada para ele, me despedi de todos e fui até o fundo dizer adeus aos meninos e seus pais, além do próprio pai de Davi.

Entrei no carro com uma carranca e cruzei os braços a minha frente quando Davi tentou pegar minha mão.

— O que foi? — perguntou confuso e sua expressão estava mais leve. Deu a partida e tentou novamente pegar minha mão. — Está brava comigo?

— Eu que pergunto, o que eu fiz?

— Droga, desculpa. — Ele passou uma das mãos no cabelo molhado e suspirou. — Estava puto porque a louca conseguiu inventar alguma merda para...

— Poderia segurar os palavrões? — falei controlando o choro.

O carro parou no acostamento rapidamente, senti o cinto ser removido e braços fortes me envolver. Ainda na postura defensiva tentando me equilibrar, fechei os olhos e repeti que não ia chorar, não ia chorar...

— Adoro você! — Ele beijou minha bochecha e então minha testa. — Céus, como gosto de você e me dói te ver assim, mesmo sabendo que metade disso é hormônio da gravidez.

— Agora minha gravidez é culpada de tudo. Coitada do meu be... da minha sobrinha! — Corrigi na hora, meu peito queria explodir por causa do coração acelerado. Soltei meus braços e os envolvi no corpo de Davi. — Esqueça tudo isso, me deixe em casa.

— Estamos bem? — Ele se afastou e colocou suas mãos no meu rosto. Seu olhar procurava algo que dissesse o contrário.

— Sim, sim, claro que estamos. — *Até porque, a doida que foi o motivo disso tudo é amiga das suas irmãs*, completei na minha mente.

— Ótimo. Quer sorvete? — Ele voltou para sua posição e guiou o

carro.

— Se não fosse os dois pedaços de pavê que comi, eu gostaria sim.

— Nossa, estava uma delícia, *né*? — Olhou-me de canto com um sorriso nos lábios. — Pavê de chocolate é o meu favorito. Vai anotando.

— Eu não sei cozinhar essas coisas não, Davi — disse rindo.

— Me dê seu celular.

— Você está dirigindo. — Olhei-o confusa pela mudança de assunto.

— Então pegue o meu. — Desbloqueou o aparelho e me entregou. — Anote o número da minha mãe e de Denília, elas que fazem o pavê. Pode não saber fazer, então ligue que elas farão.

Ri alto, divertida com o que passava na mente desse homem.

— Diz isso como se fôssemos namorados ou até mesmo casados. Na cozinha, sou apenas consumidora.

— Nunca se sabe. — Pegou minha mão, que entreguei de bom grado dessa vez. — É melhor prevenir.

— Está bem. — Controlei o riso por perceber a inocência sobre o assunto, peguei seu celular e comecei a olhar a tela inicial. — Vou fuçar no seu celular.

— Só não olhe a galeria de imagens se não quiser ver putaria, o resto, está liberado.

Sua declaração despertou minha curiosidade e foi o primeiro local que eu abri. Minha boca fez um perfeito *o* e foi a vez dele rir alto.

— Ê... mulher curiosa! — Beijou minha mão enquanto olhava cada foto que estava na sua galeria. A vergonha tinha passado. — Interessou em fazer algo do tipo?

— Nudes? — Deixei o celular no meu colo e controlei minha respiração, que começou a ficar ofegante. — Não, obrigada, eu prefiro ao *vives*!

— Eu também — respondeu em tom de malícia. Para abafar o clima que havia ficado quente além do normal, liguei o som do rádio e seguimos em silêncio até em casa.

— Quantas semanas? — perguntou quando estacionou na frente da casa da minha irmã. Inclinei meu corpo em sua direção para deixar um beijo no canto da sua boca.

— Falta trinta e uma semanas mais quarenta dias de resguardo — sussurrei e me afastei para olhar seus olhos nublados de carinho. — É muito para qualquer homem aguentar — provoquei.

— Vou te mostrar que não sou um homem qualquer.

Colocou uma mão na minha nuca e uniu nossos lábios, um beijo rápido que incendiou meu corpo. Durou pouco tempo e para não cair na tentação, saí do carro rapidamente.

Abri a porta de entrada e falei alto ao escutar o barulho da máquina de costura.

— Cheguei!

Andei em direção ao quarto da bagunça e encontrei minha irmã e vários tipos de tecidos espalhados pelo cômodo. Não só rosas e amarelo, mas azul e verde.

— Como foi lá? — Ela não tirou seus olhos do tecido da máquina.

— O que está aprontando dessa vez? — Aproximei e percebi que eram panos de boca.

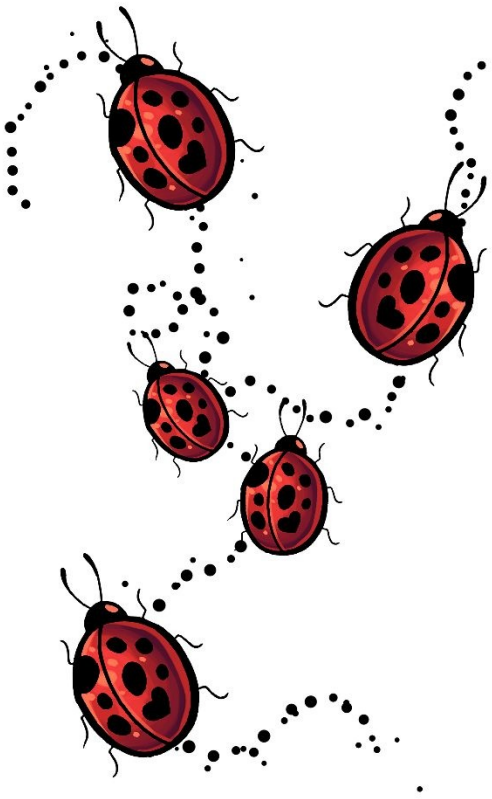
— Já tinha comprado tanto tecido para menino que resolvi terminar o que comecei. Uma das minhas amigas conheceu uma grávida carente, será para ela que vou entregar as coisas. — Ela poderia nem perceber, mas eu sim, existia um pouco de frustração na sua voz.

— Lindo da sua parte. Vou descansar.

— Vá sim, depois levo um pouco de comida.

— Está bem — respondi no automático, sabendo que não comeria nada, estava satisfeita por dois dias de tanta coisa que comi na casa da mãe do Davi.

Foi pensando nele que encerrei meu dia, ignorando, pelo menos na minha mente, que existia tantas variáveis para que o nosso romance desse certo.



# Capítulo 30

## Bia

# Doze semanas

— O que será essa reunião? — perguntei baixo para Catarina enquanto seguíamos para uma sala ampla de reunião. Todos os fiscais e nós duas fomos convocadas.

— Já pensou ser um aumento de salário? — Brincou e revirei meus olhos, sabendo que isso só acontecei quando havia reformulação do plano de cargos e carreiras.

Entramos na sala, que havia uma mesa grande oval, cadeiras em volta e outras perto das paredes. Davi já estava lá e no automático, segui para sentar em uma cadeira perto dele. Nina sentou ao meu lado e perto de Guilherme.

O sorriso que ele me deu ao me aproximar com a cadeira aqueceu meu coração. Depois do almoço na casa dos seus pais, seguimos para uma zona de amizade sem limites. Nenhum outro beijo foi trocado, ao contrário de informações. Tanto pessoal quanto profissional, seguíamos trabalhando e saindo para almoçar sempre contando alguma coisa nova. Mesmo sem pedir, ele me apresentou ao seu ofício e sempre que tinha tempo de sobra, me chamava para que aprendesse.

Um comentário aqui, outro ali, nada interferia na nossa relação, até porque, para todos os efeitos, éramos amigos e só. Os dias para o anonimato da minha gestação estava no fim, inclusive, hoje no almoço faria a ultrassom chamada Transluscência nucal, para verificar o acúmulo de líquido na nuca do feto e identificar se existia a probabilidade de ter síndrome de down ou alguma cardiopatia congênita.

Enquanto estava tranquila, até porque o médico já antecipou que esse exame era apenas estatístico, minha irmã estava uma pilha de nervos e enviou mais de dez mensagens perguntando se eu estava bem, se não queria antecipar a ultrassom para agora de manhã ao invés do almoço.

Sorri quando senti a mão de Davi na minha e por imaginar minha irmã quase enfartando no primeiro tombo da bebê.

— Está feliz com o quê? — questionou baixo para mim, enquanto todos entravam na sala e se acomodavam.

— Imaginando minha irmã no futuro... hoje vou fazer ultrassom.

— Legal. Depois me mostra. — Piscou um olho para mim, soltou minha mão e prestou atenção no chefe do setor entrar e se acomodar na cadeira da ponta.

Dalton colocou alguns papéis a sua frente e olhou para todos.

— Parece que estão todos aqui. Serei breve e direto, não há tempo a perder.

— Sempre apressado — Nina cochichou no meu ouvido. Isso era um fato e torcia para que o senhor não tivesse pressão alta com tão pouca idade.

— Haverá uma operação e precisarei de três fiscais para participar. Vocês sabem como funciona, mais serviço e receber o mesmo salário. Preciso dos nomes até o final do dia para passar aos responsáveis.

— Que operação é essa? — Guilherme perguntou.

— A que você só saberá se fizer parte. Posso adicionar seu nome? — Com a caneta na mão, Dalton ia escrever, mas o rapaz o parou.

— Não, não, não... ainda quero ter uma vida social.

— Eu que o diga... — outro fiscal resmungou e algumas conversas paralelas surgiram.

Uma operação secreta? Seria algo como aquelas que apareciam na televisão, desmantelar corrupção e desmascarar políticos corruptos?

A excitação em mim foi tanta que Davi virou e me encarou curioso.

— Está pensando em aceitar?

— Por que não, Davi? É uma oportunidade única e adoro o que faço, além do que você faz — falei baixo e animada.

— Mas esse tipo de coisa ocupará seu tempo mais do que seu horário do serviço. Talvez você nem fique mais no mesmo setor que nós, além de poder durar anos e... você sabe... — Ele ficou sem graça em dizer, mas entendi a que se referia, era minha gravidez.

— João Paulo se voluntariou, preciso de mais dois.

— Eu! — Levantei minha mão e todos me encararam surpresos. — Não sei se o convite foi apenas para os fiscais...

— Ótimo, você serve também, Beatriz. Mais alguém? Davi? — Ele nos olhou com ferocidade e só vi o homem ao meu lado negar com a cabeça.

A reunião acabou e empolgada, levantei e segui de volta para a minha sala com Nina.

— Você seria um prato cheio para uma empresa privada. Você gosta de trabalhar! — Nina falou com diversão quando chegamos à nossa mesa.

— Passei tanto tempo esperando esse cargo e outra... vou poder ajudar a fazer o certo, colocar alguns bandidos na cadeia.

— Está achando que faz parte de algum filme? — Vi Davi e Guilherme entrarem para sua sala e fiz uma careta quando sentei na minha cadeira.

— Acho que ele não gostou.

— Claro que não. Vocês estão há semanas no *love*, se vendo todos os dias e tal... agora você terá outra rotina.

Dei de ombros, não queria assumir que seu desacordo tinha me incomodado.

Dalton apareceu na recepção e pediu que o acompanhasse até a sua sala. Eu e João Paulo estávamos sentados na cadeira à frente da sua mesa.

— Bem, conversarei com os dois e assim que o terceiro elemento aparecer, vocês podem transmitir a conversa a ele. — Acenamos em concordância. — A partir de amanhã vocês poderão ir diretamente ao prédio da Polícia Federal. Lá encontrarão o que precisam e serão cedidos a eles formalmente.

— Quanto tempo dura uma operação dessas? — questionei lembrando do que Davi falou.

— Dois anos, cinco anos? O tempo da cessão será indeterminado e espero não os receber de volta antes disso. A burocracia para entrar e sair no meio dos trabalhos é enorme — falou com desgosto e parecendo por experiência própria.

Agora era o momento de soltar a bomba. Meu coração começou a bater igual pandeiro de escola de samba.

— Senhor Dalton, eu... — respirei fundo e tentei não gaguejar. — Tem algum problema para uma grávida participar? A licença gestacional é um problema?

— Davi te engravidou? — João Paulo falou sem pestanejar.

— Você está grávida do Davi? — Dalton falou alto e indignado. — Vocês não sabem o que é camisinha?

Meu coração ainda estava acelerado quando o vermelho do meu rosto era muito mais do que vergonha, havia raiva.

— Senhor, com todo respeito, minha vida pessoal não é da conta de vocês. — Olhei brava para meu colega fiscal, que parecia envergonhado. — Estou grávida sim, mas o bebê não é meu. Sou barriga solidária para minha irmã e meu cunhado. — O olhar do meu chefe foi tão estranho que complementei: — Não estou grávida do meu cunhado, foi fertilização *in vitro*, o óvulo da minha

irmã com o esperma do meu cunhado. Eu só doei minha barriga. Enfim, estou com doze semanas e pretendo pegar apenas quarenta dias de licença maternidade, que é o tanto de tempo que o médico pede de resguardo.

O silêncio indignado parecia palpável. O pré-conceito era uma droga.

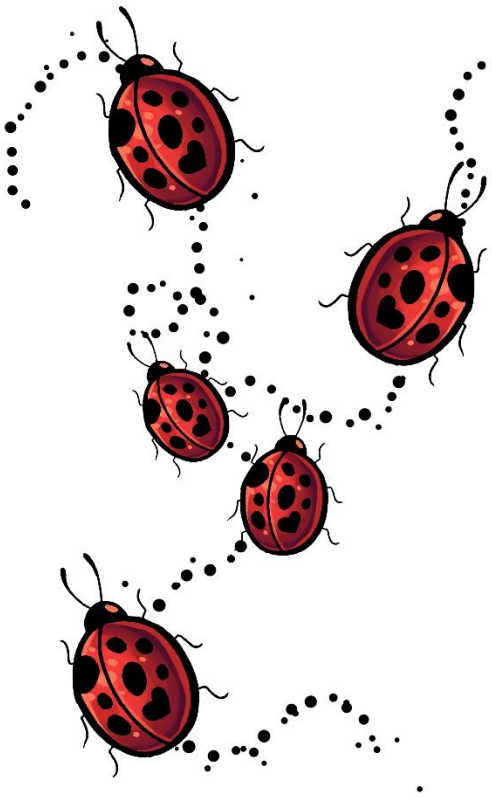
— Melhor não te colocar aqui então. Há duas...

— Por que não poderei ir? Quero participar, a gravidez não me impede de fazer nada. — Como eles não falaram nada, olhei para Dalton e inclinei meu corpo para frente. — Aprendi muitas coisas esses dias, posso ser útil nessa operação tanto quanto João Paulo. Já que vou ficar tanto tempo cedida, o que serão quarenta dias?

— Eu... — Dalton entortou os lábios e suspirou. — Não cabe a mim negar. Seu nome vai bem como sua condição de gestante. Sobre a licença maternidade...

— Verificarei com o Recursos Humanos, gravidez não é um problema — fui enfática e ele acenou e nos dispensou.

Segui para minha mesa possessa e bufando. Não conversei com ninguém, foquei apenas em executar minhas tarefas na tentativa de mostrar que era competente tanto quanto uma pessoa que não carregava um filho no vente.



# Capítulo 31
## Bia

— Está se escondendo de mim? — escutei a voz de Davi às minhas costas, mas diferente de todas as outras vezes, não queria estar com ele, na verdade, não queria estar com ninguém. Em seu tom não havia nada além de carinho e compreensão.

No único lugar onde poderia refletir e chorar sem ninguém me ver, vim para o pequeno “mirante”, onde eu e Davi nos beijamos pela primeira vez, quando tudo parecia mais fácil e simples, apesar da complicação iminente.

Com os braços cruzados a minha frente, a cabeça apoiada neles e o corpo inclinado, pensava em tudo e nada ao mesmo tempo. O calor fazia com que eu esquecesse de tudo o que era problema na minha vida.

Mesmo não respondendo, Davi parou ao meu lado e passou sua mão nas minhas costas de forma suave. Não estava legal e ele sabia disso, dentro de mim, ele tinha contribuído para meu momento de tristeza, colocando minha gravidez como impedimento para fazer algo na minha área profissional. Caramba, esse filho nem era meu!

Um botão de rosa apareceu no meu campo de visão e finalmente virei meu rosto em sua direção. Seu rosto exibia todo o pedido de desculpa que eu precisava.

— Sou um egoísta estúpido, me perdoa? Apesar de não sairmos dessa zona de amizade e namoro platônico, saber que não a verei todos os dias me deu um aperto no peito.... — Ele suspirou. — Falei a primeira coisa que veio na mente numa tentativa de te dissuadir e acabei falando merda.

— Obrigada. — Peguei a rosa da sua mão e voltei minha atenção a ela. Continuei na mesma posição estranha e só estiquei o braço para segurar o pequeno presente nas mãos. — Talvez eles nem me aceite e você com certeza tinha razão, o tempo que ficarei de licença gestacional pode afetar o meu trabalho.

— Se depender de mim, não — falou resoluto e arrumei minha postura para encará-lo e entender o que queria dizer. — Antes de passar aqui fui no RH e reforcei o que você disse a ela. Prazo e tempo de licença não devem se sobrepor a gerar uma vida. Se não fosse por isso, ninguém estaria aqui, vivo e empenhado em fazer o que é certo. Se não fosse por nossas mães, homem nenhum estaria

onde estão.

Abri um enorme sorriso, porque a imagem de dona Maria preencheu minha mente e a intensidade com que ele falou as últimas palavras, com certeza, tinha a ver com o quanto sua mãe era um exemplo de mulher.

— Davi...

— Estou perdoado? — Ele deu um passo para mais perto de mim e colocou uma mão na minha bochecha. — Você sabe, continuarei trazendo rosas até você me desculpar.

— Você poderia me dar rosas em um momento feliz também, não só nos ruins — ralhei de brincadeira e o vi fechando os olhos em agonia.

— É claro que eu deveria fazer isso. — Abriu os olhos e sorriu carinhoso. — Já almoçou?

Então lembrei... na minha ânsia de esquecer da vida por um momento, esqueci meu celular na minha mesa e o ultrassom com minha irmã. Meus olhos arregalados era tudo o que ele precisou para começar a me movimentar em direção a minha sala.

— O que você esqueceu? — perguntou e acelerei meus passos.

— A ultrassom, Davi! Minha irmã vai me matar.

Assim que cheguei no nosso setor, Catarina estava sentada a minha mesa com o meu celular na mão. Foi só ela nos ver chegar que suspirou e pareceu tirar um enorme peso dos ombros.

— Sua irmã tem o poder de deixar qualquer um preocupado. Mantive a compostura e falei que você estava numa reunião. Ligue para ela, diga que está viva e a caminho. Jarbas está surtando com o surto da sua irmã no carro.

— Obrigada Nina!

No automático, peguei o celular da sua mão, beijei seu rosto e inclinei para pegar minha bolsa. Olhei para Davi, dei um selinho em sua boca e saí em disparada para as escadas. Foi só quando cheguei na recepção que percebi que eu, simplesmente, beijei a boca dele em nosso local de trabalho.

Com o coração acelerado por mil e um motivos, encontrei o carro estacionado um pouco mais acima da rua e entrei ofegante pela caminhada apressada.

— Estamos atrasadas, Bia. Você sabe o quanto esse exame é importante e não podemos simplesmente remarcar, porque existe uma data certa, que é hoje. — Ela suspirou quando Jarbas começou a seguir no trânsito com velocidade. — Sei que você ama trabalhar, mas são apenas nove meses que você

precisa por Joana em primeiro lugar.

Ia brigar, chorar e fazer um show para todo esse discurso. Todas as minhas vontades de guerra foram diluídas quando escutei o nome da minha mãe sair da sua boca, dando a indicação que o nome da bebê seria esse.

— Joana? — perguntei cautelosa, apenas para confirmar o que parecia óbvio.

— Rildo não gostou, acha que ela sofrerá bullying na escola. Duvido, ainda mais que deixarei que ela saiba que a avó Joana foi uma guerreira e nada mais justo que um milagre como ela ser nomeado com o nome da nossa mãe.

— Nossa Rê. — Há muito não a chamava assim, porque ela não gostava, algo que lembrava o bullying que sofreu na infância. Trazer o nome da nossa mãe à tona me fez recordar da nossa época de criança, onde tudo era mais leve e sem convenções e frescuras.

— Não me chame assim. — Olhou-me apreensiva. — Você gostou? Decidi hoje de manhã, não sei.

— É lindo, irmã. Tenho certeza que ela se sentirá invencível tendo o nome da avó. — Coloquei a mão na barriga e acariciei, ela correu fazer o mesmo.

— Filha, você se chamará Joana e nos lembrará todos os dias o quanto foi um milagre na nossa vida — falou com minha barriga e olhei para cima, para o retrovisor interno. Jarbas me olhava com alívio e pisquei um olho para ele, divertida.

Se estava me sentindo derrotada? Não mais, parecia que eu daria conta de destruir uma muralha depois dessa notícia.

Como os hormônios na gestação, o caos virou calmaria. Chegamos na clínica para fazer ultrassom e como estávamos atrasados, outro médico faria o exame. Para minha alegria, não seria transvaginal como os outros ultrassons.

Deitada na maca, barriga exposta e gel congelante posto, o médico com cara de poucos amigos e com certeza com pressa não foi de muita conversa. Mesmo assim ele não tirou o brilho e o sorriso dos meus lábios e da Renata quando colocou o coração para que escutássemos.

Passando o aparelho na minha barriga, ele mediu aqui, tirou foto dali e sobre as perguntas que fizemos, ele respondeu que o laudo sairia no outro dia e que as dúvidas seriam melhor sanadas pelo meu próprio médico.

— Você viu, já aparece os bracinhos, a cabeça... — minha irmã falou emocionada e sorri enquanto caminhávamos de volta para o carro.

— Nem a secura do médico fez com que essa ultrassonografia perdesse o brilho.

— Tente não se atrasar novamente. A outra médica é muito mais carinhosa que esse insensível com pressa de almoçar. — Abriu a porta e entrei primeiro no banco de trás.

— Tudo certo? — Jarbas perguntou, já ligando o carro.

— Ela é linda, Jarbas. Joana já parece um bebê! — Essa foi Renata que respondeu e arregalei meus olhos divertida por tratá-lo tão simpática.

— É muito legal escutar o coração batendo. É acelerado, diferente... — falei olhando para o retrovisor e ele sorriu para mim.

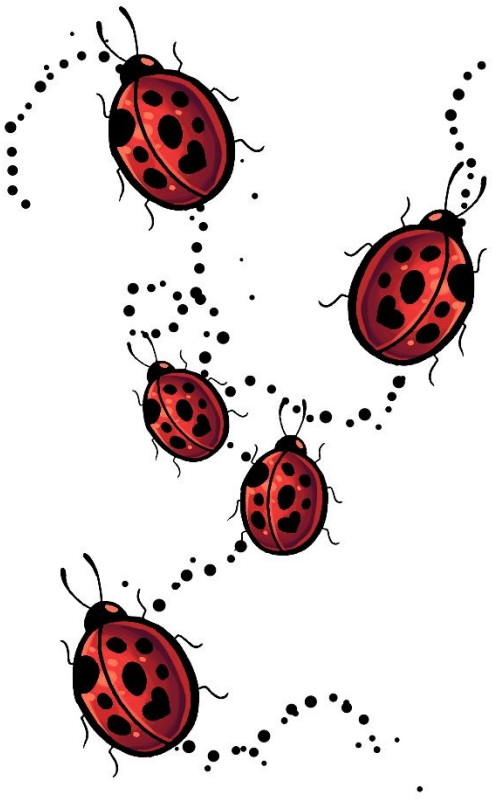
— Mamãe vai emoldurar todas os seus ultrassons. — Minha irmã abaixou e começou a falar com a minha barriga. — Minha vontade era de tirar uma foto todo dia, mas será uma vez por mês, mostrando sua evolução. Você é muito amada, Joana.

— Sim!

Era estranho dizer que amava o bebê que ainda nem tínhamos interação. Repetia na minha mente e verbalmente que amava minha sobrinha, mas no meu coração, não era um amor concreto e real. Parecia até como ter fé, a gente não via, não sentia, mas acreditava e isso bastava.

Voltei para trabalhar com outro ânimo e despreocupada. Engraçado como saber que você está fazendo tudo certo para que o bebê no seu ventre esteja bem tirou um peso dos meus ombros.

— Como foi? — Nina perguntou assim que entrei na sala e não me importei que estava atrasada, peguei minha cadeira, coloquei do lado dela e contei como o milagre de gerar uma vida mudava tantas coisas.



# Capítulo 32

## Bia

# Vinte e duas semanas

A gente se afastou. Era fato consumado que meu relacionamento com Davi esfriou e posso afirmar que nada além de amizade nos unia.

Mesmo que eu tivesse dúvidas, eu e João Paulo fomos trabalhar na operação feita pela Polícia Federal. Em um primeiro momento focamos mais em organizar papéis que a análise de documentos, o que nos desmotivou de início.

Conheci outras pessoas, aprendi outros ofícios e isso enchia meus olhos, ao mesmo tempo que me afastava de quem eu mais gostava, Davi.

Catarina e Jarbas continuaram com o mesmo contato de antes, mensagens todos os dias, almoço duas vezes por semana. Já com Davi, depois da segunda recusa dele para se unir conosco em uma refeição, decidi não o convidar mais, para que a decepção da rejeição não me assolasse tanto como estava.

Nos víamos quando passava na Receita e saía com Nina. O abraço caloroso e o cheio familiar de sua colônia aqueciam meu coração, mas dizia também que aos poucos não teria mais isso.

Apesar de ser perto da Receita Federal, fazia quase um mês que não o via. Cinco semanas para ser exata, já que acompanhava minha gestação e com ela, o tanto que estávamos juntos. As mensagens diárias se tornaram escassas e então, nenhuma há duas semanas.

Nina sabia de tudo e dizia que ele andava num humor terrível. Ela me incentivava a deixar ele no freezer, uma vez que o idiota estava sendo ele. Era uma droga, porque queria um encerramento. Se ficássemos apenas como amigos, precisava saber e parar de criar expectativas onde não havia mais.

Nessa altura, minha barriga começou a despontar. Joana começou a mostrar que realmente estava sendo gerada com suas mexidas tímidas. Para decepção da minha irmã, ela ainda não conseguia sentir quando Joana se mostrava. Senti-la, estava se tornando meu passatempo favorito.

Foi num sábado, quando eu e Renata decidimos escolher papel de parede para o quarto da bebê que Jarbas nos interrompeu com um semblante chateado. Vestindo apenas um sutiã esportivo e uma calça legging, estava mais do que feliz em exibir minha barriga sem me preocupar em me sentir gorda. Inclusive, nunca me havia me sentido tão linda como agora.

— O que foi, Jarbas, vai ficar aí encarando minha irmã até quando? Que eu saiba você tem namorada. — Renata sendo ela mesma conseguiu tirar meu amigo de sua hipnose momentânea ao me ver com tão pouca roupa. Essa

tinha sido a primeira vez que expunha minha barriga dessa forma.

— Eu tenho namorada que inclusive é a melhor amiga da Bia — respondeu seco, mas educado. — Você está linda com essa barriga de fora, amanhã terei corrida de motocross e Davi está lá embaixo querendo falar com você.

Pisquei uma, depois duas vezes e meu cérebro só processou o nome de Davi.

— Quem é Davi? Aquele moço lá do seu serviço? — Virei para minha irmã, que voltou a olhar os papéis e colocar na parede, para ver como que ficava.

— O quê... ele está aqui? — perguntei para Jarbas, me aproximando. — Davi está aqui?

— Sim, querida, ele está aqui com a pior cara de cachorro arrependido que já vi, além de um enorme buquê de flores. Minha vontade foi de mandá-lo voltar do caminhão que caiu, para falar a verdade. — Assim que estava do lado de Jarbas, ele colocou a mão na minha barriga e Joana se movimentou, fazendo nós dois sorrirmos. — Ela será uma jogadora de futebol.

— O quê? — Renata nos olhou e gemeu frustrada. — Ela se mexeu para você? — Correu para o meu lado, removeu com rispidez a mão dele e pôs a dela. — Vamos, meu amor, mexe para a mamãe.

Com carinho, meu amigo alisou meu rosto e se afastou, deixando a decisão para mim sobre o que fazer com o visitante.

— É uma sem vergonha, Joaninha. Quando você vai agradar a mamãe? — brincou Renata e olhei para minha barriga exposta, pensando no que fazer.

— O que faço, Renata?

— Fazer o quê? — Minha irmã voltou para os papéis e me deixou na porta. Segui até ela e a encarei, mesmo que não desse bola para mim e meu nervosismo.

— Faz tempo que não falo com Davi, a gente tinha um namoro meio platônico e...

— Vocês vão transar? — perguntou me encarando curiosa.

— Renata, você só pensa nisso? Acho que nem eu, nem ele, teremos coragem de fazer algo estando grávida.

— Então vá atrás da sua felicidade, ué! — E assim ela responde de forma simples, como se tudo na minha vida não fosse complicado.

— Se eu dissesse que ia transar, você falaria o contrário?

— Ia chamar vocês de depravados. — Deu de ombros. — Não consigo

pensar como Renata, mas como mãe da Joana, Bia. Prefiro que você não se envolva nesse nível, só que já aceitei que isso não cabe a mim. Se você me perguntar, vou ser sincera, mas é você que escolhe o que fazer.

*Uau, essa era mesma a minha irmã?*

— Quando você mudou tanto? — perguntei e ela sorriu orgulhosa.

— Nada na nossa vida foi fácil. Não pense que estou satisfeita com tudo isso, porque é mentira. Estou tentando... tentando por ela. — Apontou minha barriga e alisei com carinho.

— Será que é esquisito eu descer assim para falar com ele?

— Esquisito seria você tentar esconder algo que faz parte de você. Se for apenas para se mostrar apresentável, coloque uma blusa, se for para esconder sua barriga, a sua sobrinha...

Encarei seus olhos e ela os meus. Entendia seu ponto de vista e concordava completamente. Talvez, quando Davi me visse grávida, ele decidiria o que fazer e poderíamos encerrar de uma vez por todas as ilusões. Gostava dele, sofria com suas ausências, mas tinha a sorte de estar feliz no meu serviço e dentro de casa. Renata, cada dia mais, parecia uma mãe e não uma mulher fútil.

Beijei seu rosto e segui dando pulinhos até a escada. Desci devagar e senti meu coração acelerar a cada passo. Meu estômago embrulhou e tentei não sair correndo e abraçar aquele homem que tinha se tornado tanto para mim.

Olhei para a sala e não o encontrei, fui para a cozinha e parei abruptamente quando o vi conversando com Jarbas. Ele estava de costas e quando meu amigo me viu, parou de falar e acenou com a cabeça para que Davi virasse e me visse.

— Oi — falei primeiro quando se virou com um buquê de rosas vermelhas nas mãos. Seu olhar vagueou para todo o meu corpo e segurei por dois segundos a respiração, esperando-o falar ou fazer algo.

Seu olhar parou na minha barriga e seu pomo de adão se movimentou com pressa, por causa da saliva que engoliu a seco.

— Nossa, sua barriga cresceu — falou sem graça e olhei para Jarbas com pesar, já imaginando o fim dessa conversa. Ele abaixou a cabeça e saiu da cozinha disfarçadamente.

— Vinte e duas semanas já, Davi. Faz tanto tempo que não nos vemos. — Respirei fundo quando seu olhar encontrou o meu e vi Jarbas saindo da cozinha. — Tudo bem com você?

— Tudo. — Ele olhou ao redor e percebendo que não tinha ninguém,

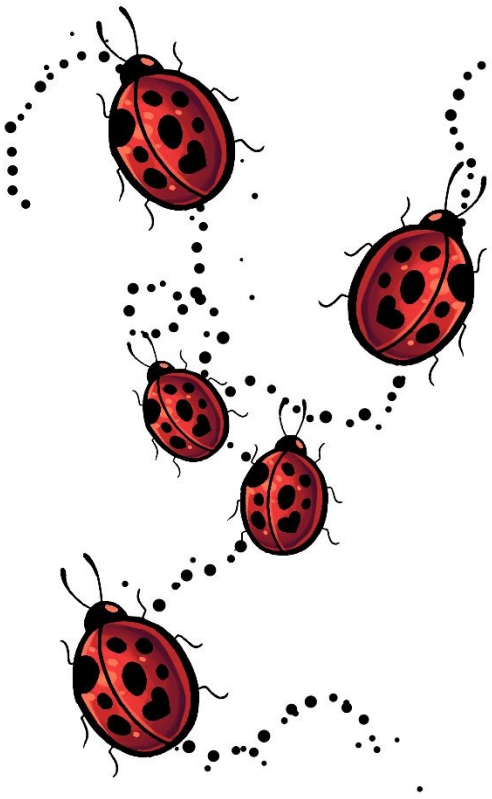
me entregou o buquê. — Sei que prometi entregar rosas quando fosse um motivo feliz, mas... — Peguei o buquê e ele esfregou suas mãos em seu rosto. — Estou tão confuso.

E foi então que percebi. Em um momento tão egoísta, tomei esse homem para mim, nos meus termos e a opção que dei foi depois que começamos nos envolver, onde os sentimentos já estavam falando mais alto que a razão.

Cheirei as rosas, sorri com tristeza e fui até a pia, deixar o buquê para depois encontrar um bom local para armazená-las.

Voltei para perto dele, mas coloquei o balcão entre nós. Sentei em um banco e respirei fundo, sabendo que pisaria no meu orgulho em prol da felicidade coletiva, não a minha.

— Davi, não sei o que se passa na sua mente. Desculpa entrar na sua vida e te fazer mudar seus hábitos, hoje percebo que antes de me aproximar como amiga, deveria ter falado da barriga solidária e colocado a devida distância entre nós. — Olhei para minhas mãos. — Confesso que ainda acreditava que isso poderia não dar certo e pularia do barco. Aconteceu, amadureci e estou te deixando ir...



# Capítulo 33
## Davi

— Não! — falei com desespero.

Vim decidido a me desculpar com a amiga grávida e encerrar qualquer amor platônico que eu tinha com a mulher. Incrível como quando tudo acontecia da forma contrária, nosso cérebro parava de funcionar como deveria.

— Davi. — Ela suspirou e deixou seus ombros caírem. — Você se afastou, em algum momento a gente se perdeu e... é melhor assim.

Ela não achava isso, o tom da sua voz denunciava a mentira em suas palavras. Dei a volta no balcão com a intenção de suprir a distância que estava me incomodando e a abracei, como deveria ter feito assim que a vi quase sem roupa na minha frente.

Céus, a barriga já estava saliente! Como perdi isso? O filho não era meu, nem dela, mas fazia parte da sua vida e queria que fizesse parte da minha.

Senti Bia se aninhando em meu corpo e fechei os olhos para apreciar o contato. Como senti falta, como fui idiota!

— Estou surtando — confessei.

— Não deveria. Lembra que combinamos sermos sinceros? Sempre conversar? Se trabalhar em outro lugar te deixou chateado, você deveria me dizer.

— Preciso... — Apertei com força e não tive coragem de dizer, porque tanto eu quanto ela estávamos em celibato. — Sou muito machista.

— Sim. — Ela riu baixo e me afastou, entendo exatamente o que eu precisava fazer e era algo que nem eu nem ela iríamos fazer juntos, não enquanto ela estivesse grávida. — Davi, vá ser feliz. Sua amizade é tão importante para mim quanto o que tínhamos.

— Eu prometi! — Segurei seus braços e ela colocou suas mãos no meu peito, perto do coração.

— Te liberto dessa promessa. Você não me deve nada ou melhor, talvez um sorvete napolitano. — Ela piscou um olho para mostrar que estava em um humor tranquilo, com a intenção de esconder o maremoto de lágrimas que queria surgir.

— Eu não te mereço. Minha mãe estava certa, você merece uma pessoa que saiba se sacrificar como você. Não sou esse homem.

— Você não é ou não quer ser? — Ela se levantou do banco e se afastou de mim. Uma faca no meu peito doeria menos que esse tapa verbal. — Desculpa, você não tem obrigação nenhuma comigo.

— Tenho! — *Eu quero*, complementei mentalmente, mas a vi se afastar, não só fisicamente, como emocionalmente. A merda tinha sido feita com sucesso.

— Não preciso mentir e dizer que não gosto de você. Gosto e muito, o tempo que nos afastamos só consolidou tudo isso. — Ela foi para as flores e ficou de costas para mim. — Te ver infeliz ao meu lado iria me fazer sofrer tanto quanto te ver longe de mim então, seja feliz, Davi. Quer uma amiga, poderei ser, mas nada além.

Andei até ela e a encurralei na pia. Com uma mão em cada lado seu, ela se virou e cruzou os braços a sua frente, encarando meu pescoço.

— Eu gosto de você, quero continuar a te ver.

— Somos amigos, isso não precisa mudar.

— Não te vejo só como amiga.

— Com o tempo isso mudará. Você tem suas necessidades, eu tenho as minhas e no momento elas não combinam. Você quer uma mulher, eu preciso ser uma tia barriga solidária.

Merda de mulher racional. Como ela conseguia ver tudo de forma tão analítica?

— Olhe para mim — sussurrei e relutante me encarou. — Vim aqui querendo colocar um ponto final em nosso romance platônico e agora, o que mais quero é continuar.

— Os sentimentos verdadeiros são aqueles que sentimos longe e não perto da pessoa amada. A visão pode nublar o que o nosso coração realmente sente.

— Você diz isso apenas para me afastar.

— E você está dizendo tudo isso para me aproximar. — Ela abriu seus braços, envolveu na minha cintura e rapidamente se afastou de mim. — Preciso terminar uma coisa com minha irmã. Mande uma mensagem, não suma.

Como é que é? Ela estava encerrando o assunto?

— Você vai me dispensar?

— Você quer ficar? — Ela se virou, já estava perto da porta da cozinha. Seu sorriso era triste. — Depois de ajudar minha irmã, iríamos fazer uma maratona de filmes de princesas da Disney, para saber qual mais combina

com Joana.

E recebo outro tapa verbal. Elas já tinham decidido o nome do bebê e eu nem sabia, nem perguntei. Perdi tanto por me afundar nas dúvidas, sendo que a solução estava tão simples, na conversa.

— Eu fico — falei sem pensar.

— Você vai assistir filmes de princesas? Você só tem sobrinhos.

— E agora tenho uma amiga que espera uma sobrinha menina. Você precisa de uma referência de príncipe. — Andei até ela e tentei sorrir sedutor. Ela riu alto.

— Acho que A Princesa e O Sapo não será a escolha da minha irmã — O humor dela parecia mais sincero.

— Vou poder sentar ao seu lado?

— Sim — ela falou e eu parei bem próximo a ela.

— Você vai fazer pipoca?

— Você vai comprar sorvete?

E meu coração já se sentia mais feliz depois disso, mesmo que fosse mais outro tapa verbal. Perdi tanto de estar com ela, tão preocupado com o que não teria estando com ela que esqueci o tanto de outras coisas que ganharia em troca.

Segurei seu rosto com minhas mãos e minha vontade era de beijá-la como se não houvesse amanhã. Olhei para baixo, sua barriga e percebi que não poderia mais roubar seus beijos, sem antes perguntar.

— Posso te beijar? — perguntei com um sussurro e ela fechou os olhos, como se sentisse dor.

— Minhas palavras de antes não mudaram, Davi. Você não me deve nada, somos amigos e não haverá nada platônico entre nós. Não que eu vá verbalizar o que sinto de verdade — as últimas palavras eu quase não consegui decifrar o que eram.

Beijei sua testa, abracei seu corpo e suspirei. Essa batalha eu tinha perdido e por minha própria culpa.

— Vou comprar sorvete, me dê alguns minutos e já volto. Mais alguma coisa? — perguntei derrotado.

— Seu bom humor. Vá e volte animado. — Ela se afastou e seguiu para a porta de entrada.

Eu queria dizer mais alguma coisa, tocá-la, mas só atravessei a porta e bufei irritado comigo mesmo.

— Hei, espera Davi! — Esse era Jarbas, o cara que a protegia melhor do que eu.

Parei de andar e esperei o rapaz se aproximar. Ele tinha a mesma altura e nossos olhares ferozes duelaram quando nos aproximamos.

— Você vai ficar ou finalmente ir embora? — Franzi a testa em confusão, não tinha entendido a pergunta... ou só não queria entender.

— Vou comprar sorvete para Bia e já volto, por quê?

— Vai virar homem e assumir de uma vez o que quer? — Intimidou-me.

Estufei o peito e respondi:

— Você tem algum problema comigo?

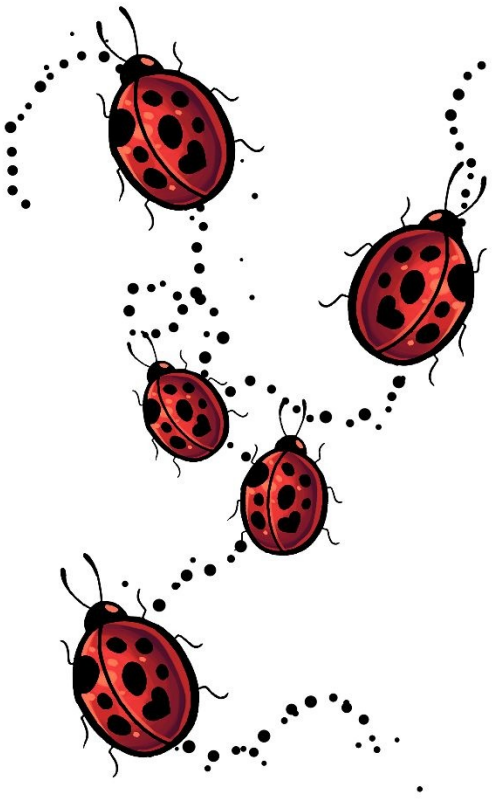
— Quando você faz minha amiga sofrer, sim, eu tenho um enorme problema. Bia é uma mulher especial.

— Sei todas as qualidades dela, desde altruísta, carinhosa, companheira e linda, por dentro e por fora. Não é porque tive um momento de fraqueza que não vou merecer ter uma nova chance.

Ficamos alguns segundos duelando com o olhar, até ele dar dois passos para trás e sorrir divertido.

— Ela gosta de uma marca específica, depois me agradeça. — Tive que dar o braço a torcer e acenar em agradecimento.

Teria que respeitar todos à sua volta e com certeza ganharia o respeito também, porque tinha dúvidas e inseguranças, mas não desistia fácil de um desafio, ainda mais quando no final eu teria algo muito mais valioso, o amor de Beatriz.



# Capítulo 34

## Bia

— Por que isso tinha que acontecer? — Apontei para a televisão aos prantos, indignada que o filme da Frozen começava com a morte dos pais.

Não entendia de onde vinha tantas lágrimas, mas só de pensar que Anna e Elsa ficariam sozinhas nesse mundo, eu me imaginava no lugar delas e sentia suas dores.

Davi, que estava ao meu lado de forma comportada até o momento, me envolveu com o braço e me puxou para o seu lado. Esse era o terceiro filme de princesa que víamos e no final de todos, tinha controlado minhas emoções.

Não agora.

— Eu não acredito que você está chorando ao ver um desenho — ele disse segurando o riso.

— Você é um insensível, ela está grávida, tem todo o direito de chorar quando quiser — minha irmã respondeu um pouco alterada depois de passar grande parte da sessão em silêncio ou respondendo de forma monossilábica. Ela estava incomodada com a nossa visita, não conseguia disfarçar.

A sala de tevê tinha um sofá enorme, provavelmente caberia umas dez pessoas. Várias almofadas, dois potes de pipocas e o meu de sorvete, a tarde estava sendo estranha, para não dizer incômoda.

Renata não estava à vontade com Davi e ele demonstrava suas dúvidas sobre como se portar ao meu lado agindo de forma robótica. Incrível como quando ficava triste ou chateada, ele esquecia tudo e agia conforme seu coração e desejo também.

— Que exagero, Renata. — Funguei e limpei minhas lágrimas. — Rapunzel era mais divertido, mas esse está sendo mais intenso, só isso.

Renata ajoelhou no chão e encarou minha barriga.

— Qual você gostou, meu amor? — ela perguntou e olhou para mim, ignorando meu acompanhante, que parecia tenso agora. — Acho que será Frozen.

— Muito modinha — falei em tom de brincadeira e esqueci a televisão. Olhei para barriga e também conversei com ela: — Que tal Branca de Neve?

Ela colocou a mão na minha barriga e sorriu. Sim, éramos todas loucas

conversando com minha barriga e esperando uma resposta.

— Ela me falou que é Frozen. Decidido. — Minha irmã se levantou, pegou o pote de pipoca que estava acabando e seguiu para fora da sala. — Comportem-se.

Ficamos sozinhos e um silêncio estranho me incomodou. Virei meu rosto para Davi e ele me encarava com um olhar apaixonado.

Será que ele ia me beijar?

— Até hoje não consigo entender essa coisa de conversar com a barriga, só que é, definitivamente, bonito — ele falou com tom rouco e começou a fazer carinho no meu ombro com a mão do braço que estava em volta de mim.

— Confesso que também não entendia, até sentir a bebê de verdade.

— Ela já se mexe?

— Sim. Quer tentar? — Estiquei minha mão para pegar a dele e com certa relutância, ele me estendeu.

Coloquei sua mão na minha barriga exposta e respirei fundo. Mais lágrimas caíram dos meus olhos quando na terceira inspiração profunda, Joana se mexeu e Davi retesou do meu lado.

— Uau.

— Sim, titia. Você gostou dele? — E como resposta, outro movimento no mesmo lado em que sua mão estava.

Ainda segurando sua mão, tentei prever aonde ela iria se mostrar e movimentei sua mão sobre a minha pele. Céus, isso era tão lindo, emocionante, será que estava sentindo o mesmo?

Voltei a olhar para ele, os olhos marejados de emoção e vi o maior sorriso que Davi me ofereceu desde quando o conheci.

— Nossa, que louco.

— Legal, né? — Inclinei meu corpo, com a intenção de beijar seu rosto, numa tentativa frustrada de saciar o que sentia no corpo inteiro, mas ele foi mais rápido, segurou meu rosto com as mãos e capturou minha boca.

Suave e sensual, seus lábios se movimentaram nos meus e me senti pegando fogo. Sem pressa, movimentos vagarosos e boca aberta, estávamos nos conhecendo. Por um momento esqueci toda a minha vida e me concentrei em ser apenas uma mulher estando com o homem que tanto gostava.

Algum barulho de metal caindo no chão nos assustou e Davi foi quem se afastou. Olhos fechados, como se sentisse dor, ele apoiou a nuca no encosto do sofá e suspirou. Pegou uma almofada do seu lado e colocou no colo,

escondendo a reação que seu corpo teve ao estar comigo.

Pulei sentada para o lado, me afastando dele e sofrendo por vê-lo agoniar. Eu valia tanto a pena?

— Davi — supliquei, mas não sabia exatamente pelo quê.

— Me dê alguns minutos. — Ele tateou para o meu lado e não me encontrou, fazendo com que abrisse os olhos e encarasse nossa distância com medo. — Por favor, não pense nada de errado nisso. Só não consigo me controlar, sinto vontade de te beijar o tempo inteiro, desde quando você sorri a quando chora. Sei que é loucura isso — ele indicou seu colo — acontecer, mesmo você estando grávida e tal, mas... — respirou fundo e fechou os olhos novamente. — Não pense que sou pervertido, por favor.

Ele estava achando que me afastei por causa disso?

— Nem passou pela minha mente que você é depravado, Davi. Só não quero te fazer sofrer, há muito entre nós para nos permitirmos nos entregar. — Levantei, peguei os potes já vazios que estavam ao meu lado e me rendi as lágrimas. — Por favor, não sofra mais por mim, vamos ser só amigos.

O tom da minha voz o acordou de vez e quando nossos olhares se conectaram, fugi. Saí da sala com pressa e segui para a cozinha, não sabendo como expulsá-lo da minha vida, mas mantendo uma miséria de amizade.

Tinha como?

Deixei os potes na pia, Camila estava no forno fazendo algo e já ia me abordar, quando Davi me puxou para longe, seguindo novamente para a sala. O que ele iria fazer?

Fez-me sentar, ficou ao meu lado e envolveu novamente seu braço no meu ombro. Ele não disse nada, preferi manter o silêncio, já que o filme ainda passava na televisão.

Aos poucos as lágrimas foram secando, meu coração foi se acalmando e o calor de ter Davi ao meu lado pareceu cômodo.

— Não confio nesse príncipe — resmungou quando o primeiro par da princesa Anna apareceu.

Sério que fingiríamos que nada aconteceu?

— Eles se apaixonaram à primeira vista, qual o problema? — respondi de forma amarga.

— Ninguém se apaixonada assim. Ele esconde algo.

— Claro que sim, ele é um aproveitador. Todo mundo sabe disso.

— Sério? — Ele vira para mim com os olhos arregalados. — Existe

príncipe mal caráter?

— Você nunca assistiu Frozen?

— Não. — Voltou a se acomodar novamente e me ajeitou ao seu lado. — Essa é a minha primeira vez e está sendo com você — disse sedutor, em tom de brincadeira e eu ri alto.

— Só você. — Bati de leve na sua barriga e ele voltou a fazer carinho no meu ombro.

Bem, pelo menos parecíamos bem, na zona da paquera sem compromisso, amigos fingindo não terem interesse.

O celular na minha cintura vibrou. Peguei e sorri ao ver uma mensagem do meu amigo motorista.

**Jarbas >> Está tudo bem? Camila disse que te viu chorando... Sério, só diga uma palavra e o serviço estará feito no fiscal.**

**Bia >> Estou grávida, eu choro por qualquer coisa. Para de pegar no pé dele.**

**Jarbas >> Ele trouxe seu sorvete?**

**Bia >> Sim e agora estou confortável ao seu lado.**

**Jarbas >> Vai amanhã no motocross me ver? Catarina vai comigo hoje à noite, a viagem é um pouco longa dessa vez. Posso ver para meu primo te levar de madrugada ou você pode ir conosco.**

**Bia >> Você não se cansa de me ter como vela? Não sei se vou.**

— O que está fazendo? — Davi tomou o celular da minha mão e pulei em cima dele para pegar de volta.

— Abusado! Nada que te interessa. — Voltei a sentar e comecei a digitar uma nova mensagem. O filme foi esquecido.

— Claro que me interessa, tudo sobre você é interessante. — Virei para olhá-lo, com o rosto em chamas e ele aproveitou para ler o que estava na tela do meu celular. — Eu te levo.

— O quê?

— Você quer ir no motocross? Onde é? Eu te levo. — Busquei em seus olhos alguma coisa e só encontrei seriedade.

— Sim, eu gosto de vê-lo correr. Não sei onde é.

— Pergunte, eu te levo, você não precisa ficar de vela, estarei com você.

Meu coração encheu de emoção. Ele iria comigo, por mim.

— Você já assistiu alguma vez uma corrida dessas?

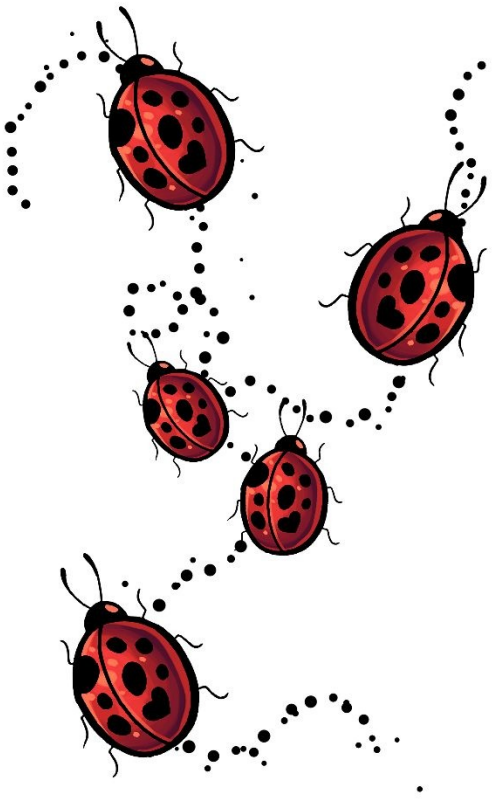
— Não, mas adoro assistir esportes de velocidade na televisão. Será uma nova primeira vez para mim. — Ele sorriu com malícia e eu ri alto.

— Nossa, Davi, estou te desvirginando a cada momento. Isso não deveria ser o contrário?

— Seu momento chegará, Beatriz Carrero. — As palavras cheias de promessas me fizeram arrepiar. — Agora, termine de assistir ao filme, estou torcendo para o homem das montanhas ficar com a Anna no final.

Ousada, deitei minha cabeça no seu colo, arrumei meu corpo de lado no assento e terminei de digitar a mensagem com as mãos de Davi fazendo cafuné na minha cabeça.

**Bia >> Me envie o endereço de onde será, Davi vai me levar.**



# Capítulo 35
## Bia

Quase quatrocentos quilômetros depois, o barulho das motos, a poeira no ar e a adrenalina da antecipação de ver Jarbas correr invadiu meus sentidos. Saímos de madrugada, depois de quase vinte minutos de recomendações da minha irmã sobre cuidado na estrada, limite de velocidade e o tesouro que estava carregando.

Acho que Renata às vezes esquecia o tanto de responsabilidade que tinha nas minhas mãos e se algo desse errado, a culpa seria meu pior castigo.

Passei a viagem de carro dormindo e apenas minutos antes, quando Davi parou em um posto para deixar o carro abastecido e irmos ao banheiro, é que despertei completamente.

— Eles voam alto! — Davi segurou minha mão enquanto caminhávamos até a arquibancada improvisada. Ele estava hipnotizado pelas motos fazendo a volta de apresentação e teste da pista antes da corrida efetiva.

— Jarbas, nesses morros, faz uma gracinha para gente. Vamos sentar ali. — Apontei para o local na frente de uma subida.

— Não quer achar Nina antes?

— Ela deve estar com Jarbas, nos boxes. Quer ir conhecer? — perguntei animada quando vi seus olhos brilharem.

Apesar de não ser a mesma pista de corrida, segui a orientação das pessoas vestidas com uniformes e encontrei a equipe do meu amigo. Para minha surpresa, Nina estava de macacão como os mecânicos.

Ela estava reluzente enquanto falava com outras pessoas e assim que nos viu, correu para me abraçar.

— Que bom que você veio, *gravidinha*!

— E você, já faz parte da equipe? — Olhei-a da cabeça aos pés, sentindo uma pontada de inveja da sua felicidade sem impedimentos.

— Desde quando o *fodástico* Jarbas me pediu em namoro! — Ela piscou um olho para mim e mudou completamente de humor quando encarou Davi. — Oi.

E a hostilidade ficou nisso, porque Davi a encarava sem piedade e ela só faltava voar em seu pescoço. Não precisavam trocar uma palavra para explicitar que havia algo ali.

— Nós vamos sentar na arquibancada, em frente ao primeiro morro. Você vai assistir à corrida daí ou com a gente? — Dei um passo entre os dois e chamei atenção da minha amiga que mais parecia uma onça.

— Davi, vá comprar água e alguma coisa de comer para Bia. Não queremos que ela desmaie. — E assim ela praticamente empurrou Davi e o fez se afastar de nós.

Olhei para ele se afastando parecendo cabisbaixo e encarei minha amiga com o cenho franzido.

— Desembucha! — resmunguei.

— Você não recebeu minhas mensagens todos esses dias? — Ela jogou as mãos para o ar e as soltou. — Ele é um babaca que não passa de um menino mimado!

— De onde saiu todo esse ódio pelo Davi, amiga? — Peguei em seu braço e a afastei das pessoas da equipe de Jarbas que nos encaravam curiosos.

— Ele se afastou, não mandou mensagem, saiu para a farra com Guilherme e ia trabalhar exalando álcool. Ele mudou, Bia e você sabe disso! — ela falava enquanto nos aproximávamos da arquibancada.

— Nina, o que você quer dizer com isso? Acha que ele... — Sentei em um dos bancos da arquibancada, olhei para todos os lados e concluí baixo: — ele teve outra mulher?

— É claro que teve, homem nenhum fica tanto tempo sem dar uma, ainda mais ele! — Ela estava indignada. Sentou com pressa ao meu lado e sua perna balançava para cima e para baixo em um ritmo alucinado.

Meu coração sentiu o abalo sísmico dessa informação. Davi teve outra pessoa e ontem estava comigo de forma tão carinhosa. Fui enganada? Permiti-me ser enganada?

— Droga, Nina. — Senti-me uma idiota sonhadora. — Você tem certeza? Eu sei que não éramos namorados nem nada, mas... — Senti Joana se mexer e coloquei a mão na barriga para ter uma experiência melhor. Incrível como ela refletia e muito meus sentimentos.

— Ela está se mexendo? Está tudo bem? — Catarina falou baixo e colocou a mão junto com a minha, fazendo com que a bebê ficasse tímida. — Desculpe dizer tudo isso, não suporto te ver triste, sendo tão altruísta, se sacrificando e ele não tendo um pingo de empatia. Você merece o melhor homem do mundo.

— Você cederia Jarbas para mim? — Tirei minha mão da barriga e

encarei a pista. Eu não me interessava nele, mas queria cutucar minha amiga um pouco. Era fácil querer controlar a vida dos outros quando a sua estava muito bem.

— Bia...

— Você está disposta a fazer um sacrifício para mim? — Virei meu rosto para ela e a vi confusa.

— Eu te contei sobre minha vida, você sabe o quanto ele é importante.

Sim, eu sabia sobre sua vida e ela a minha. Então, ela sabia mais do que eu que fazer um sacrifício não era nada simples. Já havia aceitado o meu papel nessa vida, Davi estava começando a aceitar ainda e claro, avaliando se realmente valia a pena.

— Aqui! — Ele chegou com várias coisas na sua mão, sentou do meu lado e olhou de Nina para mim. — O que foi?

— Você se encontrou com outras pessoas quando paramos de nos falar? — Segurei o braço da minha amiga quando ela ameaçou se levantar. — Não, por favor, fique.

Davi estava estático em sua posição e tinha medo de interpretar o que isso significava.

— Isso é assunto para os dois tratarem — Catarina falou de forma suave.

— Não, esse assunto é nosso. Você era amiga de Davi antes e vai continuar sendo. — Não a olhei quando disse isso. — Eu não sou um assunto que possa ser tratado como qualquer outro. Estou grávida, namorar parece ser algo de outro mundo e só posso contar com meus amigos para passar por isso da melhor forma. Só peço sinceridade de vocês e compreensão. — Respirei fundo. — Então Davi, fale.

— Não. — Ele buscou minha mão livre e apertou, seus olhos não voltaram aos meus, ficaram em nossas mãos unidas. — Não tenho coragem de mentir e dizer que não procurei. Tentei estar com alguém, precisava aliviar o que estava sentindo, mas... — Deu de ombros e fez carinho na minha mão. — Eu queria estar com você, Bia, a todo momento queria que fosse você comigo e não consegui concluir nada.

— Não foi o que Guilherme falou aquele dia. — Nina se intrometeu e apertei sua mão, mas ela conseguiu se levantar.

Sei que discutir relação na frente de outra pessoa não era a melhor coisa, mas precisava deles resolvidos, inclusive, que Davi percebesse que como conduzia nossa relação não interessava a ninguém. As pessoas só se intrometiam

na nossa vida porque dávamos abertura. Ele precisava tomar uma atitude.

Vi Davi se levantar e soltei a mão dos dois.

— Guilherme não sabe de nada — falou calmo, mas ameaçador.

— Bia merece alguém maduro o suficiente para enfrentar o mundo por ela. Eu achava que era você, mas na primeira separação, você a tratou como lixo! — Colocou as mãos na cintura indignada.

— Você já esteve com alguém que desperta o melhor e o pior dos sentimentos? — Ele deixou os ombros caírem e Joana se mexeu na minha barriga. Ela estava aflita, refletindo meus sentimentos. — Eu a quero, mas não posso ter. Ela não precisa de um homem no momento, mas sim de um amigo e estou pisando em cada bola de orgulho que tenho para ser a porra de um amigo! Desde quando beijar alguém deveria me fazer sentir como merda e também o cara mais sortudo do mundo?

Percebi quando ele conseguiu impor sua presença perante Catarina. Ela estava mais serena e ia dizer algo, mas foi impedida por Jarbas:

— Amor, o que está acontecendo? — Ele envolveu sua cintura com um braço olhou para nós. Seu macacão amarrado na cintura o deixava com um ar descontraído, mas seu olhar preocupado o transformava.

— Acho que fiz besteira — minha amiga murmurou.

— É bom que você esteja aqui também, porque resolvemos isso por fim. — Davi me fez levantar e ficar ao seu lado. Seu braço envolveu meus ombros e apertou. — Nós precisamos ser amigos. Eu e Bia estamos lidando com nosso relacionamento do jeito que conseguimos. Quer se intrometer, tomar partido? Que seja para que os dias passem rápido e que não haja solidão. Tenho um compromisso com ela e a besteira que fizer, vou lidar com ela. É nobre da parte de vocês tentarem proteger, me intimidar, mas nada fará me afastar. Vai ser mais difícil para mim, já tenho muito pelo que lutar e estou gastando energia tentando convencer quem não precisa das minhas intenções. — Virou e beijou minha testa. — Estamos bem?

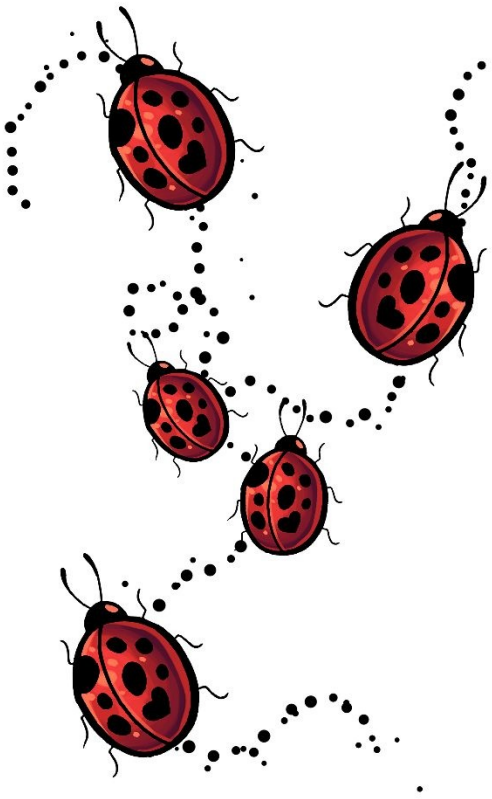
Quando ergui minha cabeça para responder que sim, Jarbas nos interrompeu rindo.

— Fiscal botando ordem! — Ele bateu no braço de Davi com força e beijou sua mulher. — Vamos deixar os dois sozinhos.

— Eu preciso... — Nina tentou falar, mas Jarbas já a puxava para descer as arquibancadas.

— Você precisa ser desinfetada do vírus da superproteção — Jarbas finalizou.

— Você também! — gritei e ele virou a cabeça só para me enviar uma piscadela.



# Capítulo 36
## Bia

— E aquela queda na curva do número doze? Certeza que ele ficou com um baita roxo na perna! — Davi falou animado enquanto discutíamos sobre a corrida.

Jarbas conseguiu o primeiro lugar numa pista onde vários acidentes aconteceram. Mais uma vez senti aquela emoção de torcer por algo, vibrar e ser feliz sem me preocupar com o rumo da minha vida.

Passei toda a corrida sendo acariciada, praticamente venerada. Davi estava visivelmente incomodado com a abordagem feita por Nina e eles tiveram um momento enquanto Jarbas subia no pódio. Preferi não ficar perto deles, mas o que vi me deixou um pouco aliviada, porque no final eles se abraçaram e isso, para mim, queria dizer que tudo estava resolvido.

Sentados em redes, cada casal estava curtindo o pós-almoço depois da corrida. Jarbas tinha alugado uma chácara para passar o final de semana com Catarina e aproveitamos para descansar antes de voltarmos para casa, eu precisava trabalhar no outro dia.

— Nossas roupas são muito boas. Ninguém se feriu com gravidade, já as mulheres que nos aguardam depois da corrida... — Jarbas envolveu as pernas e braços em Catarina, que ria das suas gracinhas.

Estava com minha cabeça deitada no peito de Davi e me acalentava ouvir seus batimentos cardíacos, que ora soavam normais, ora acelerados, principalmente quando fazia carinho na sua barriga.

— Tem rio para nos refrescarmos — Nina falou entre os risos. — Vamos Jarbas? Bia?

— Eu não vim preparada e daqui a pouco preciso voltar. Temos que trabalhar amanhã, dona moça! — falei divertida.

— Eu pedi a manhã de folga, só volto a tarde. — Ela conseguiu se livrar de Jarbas e saiu da rede. — Bem, tchau para quem fica, eu vou curtir uma água e ela a mim.

— Quem vai alguma coisa aqui sou eu! — Jarbas levantou de um pulo e os dois saíram correndo rindo.

Aproveitei para recolher minhas pernas para dentro da rede e praticamente deitar ao lado do homem que eu via crescer e ganhar meu coração a

cada momento. Sua mão começou a alisar minhas costas e me senti como um gato, ronronando em busca de mais contato.

— Eu poderia ficar assim para sempre. — Suspirei com um sorriso nos lábios.

Davi não disse nada, mas seus batimentos cardíacos falaram por si. Acelerando aos poucos, algo o incomodava e estava protelando para dizer. Beijei seu peito, na intenção de incentivá-lo a dizer o que o preocupava.

— O que você viu em mim? — Ele suspirou. — Sei das minhas qualidades, só não acho que algumas delas serve para você nesse momento.

Seu carinho nunca parou e sua voz não se alterou. Ele estava sendo sincero, expondo sua vulnerabilidade, mesmo que ele tenha se mostrado firme antes da corrida, quando enfrentou Catarina.

— Divertido, carinhoso, atencioso e homem. Essas são só algumas das qualidades que preciso no momento e que você tem. Está pensando demais no futuro, esqueça isso. — Virei de bruços em cima dele, de uma forma que minha barriga ficou livre do contato com o corpo dele. — Você quer estar comigo?

— Sim. — Seus olhos apaixonados me encararam ao mesmo tempo que suas mãos seguiram para minha lombar e depois para meus ombros.

— Um dia de cada vez. — Inclinei meu corpo para dar um beijo no canto da sua boca e saí da rede. — Vamos embora?

Olhou-me da cabeça aos pés antes de responder:

— Você que manda, chefe! — Levantou e para minha surpresa, me carregou no colo como uma noiva.

— Davi! — Abracei seu pescoço enquanto ele seguia em direção ao carro.

— Apenas cumprindo meu papel de atencioso. — Ele me carregou até me colocar dentro do carro.

— Quero ver você fazer isso quando eu tiver nove meses — provoquei quando ele sentou no banco do motorista. — Nem demos tchau para os dois.

— Eles não vão morrer por isso. Além do mais, está duvidando da minha força? — Ligou o carro e me olhou de canto de olho. — Eu carrego 120 quilos no supino.

— Supi o quê? — Ri alto e segurei sua mão, que a colocou em seu colo. — É coisa de academia?

— Sim e comprova que aguentarei te carregar até quando você tiver 120 quilos.

— Não vou engordar tudo isso. Até agora foram três quilos muito bem controlados pela mãe psicopata. — Acariciei minha barriga. — Desculpa, Joana, mas você perceberá isso com o tempo. Eu serei a tia que te salvará das broncas e acobertará suas saídas não autorizadas.

Ele ligou o som do carro com os botões do volante e fui apreciando a música junto com a paisagem verde da estrada.

— Quando você fará a próxima ultrassom?

— Quando estiver de vinte e cinco semanas. Será a morfológica, onde eles irão catalogar todas as partes da Joana. — Fiz uma breve pausa, com vontade de contar uma coisa que me incomodava. — Apesar da minha irmã dizer e fazer tudo para a Joana, ela ainda não aceitou completamente que é uma menina. Ela faz panos de boca, cueiros, até pelúcia, todos para meninos. Quando pergunto, ela diz que é treino, que vai doar.

— Você acha que ela não amará Joana? — Ele apertou minha mão e neguei com a cabeça.

— Imagina, ela ama a bebê, só está demorando mais que o normal para aceitar. Ela se esforça, confesso, mas... — Alisei minha barriga, tentando não passar a insegurança para a bebê, minha sobrinha. — Às vezes, tenho medo desse bebê nascer e eu ter que criar ela até minha irmã entrar na linha.

— Mas o filho é dela! Que contrate uma babá, você não carregará mais esse fardo.

Seria isso? Tudo não passava de uma carga que não era minha para transportar? Teria eu coragem de largar minha sobrinha na mão de uma estranha se eu tivesse condições de cuidar?

— Como foi a gestação das suas irmãs? — Preferi mudar de assunto para que as respostas dessas perguntas fossem dadas com o tempo.

Passamos as próximas horas conversando sobre a loucura que era ter um neto na família Diniz. O primeiro, João Lucas, foi o mais mimado e esperado. Depois de anos focados em trabalhar, Denília e seu marido decidiram ter filhos e os avós focaram em se aposentar. Ambos eram bancários e seu tempo de contribuição combinou com a chegada dos bebês na família.

Ele também comentou que a família me aguardava para o almoço de domingo todas as semanas. Até o momento, ele enrolou falando que eu estava trabalhando muito, o que não era mentira, mas que nem de domingo estava disponível. Diná, a desbocada, já soltou que Davi fez merda e tinha acabado tudo.

Apesar deles serem assim, não conseguia desgostar ou criar birra.

Família era bom, mesmo sendo tão intrometida. Imaginava que o homem que me acompanhava nessa jornada estava começando a colocar as pessoas nos seus lugares, como Catarina e Jarbas. Acreditava que não demoraria muito que fizesse igual com suas irmãs.

Pensando nisso, lembrei de Juliana e segurei a língua para não comentar e saber se ela deu as caras ou tentou mais alguma coisa com ele. Tinha medo da resposta, por isso, deixei apenas para minha imaginação.

— Vamos almoçar juntos amanhã? — Assim que entramos na cidade, ele beijou minha mão e convidou.

— Essa semana será nosso primeiro momento com os processos de verdade. Até agora só ficamos nas análises e tudo mais, então... — apertei sua mão, pedindo desculpas — podemos deixar para a janta? Ou na semana que vem?

— Será janta, com certeza.

Mordi a língua quando minha mente proferiu: *promete não fugir novamente?* Não poderia mais requerer isso a ele. Enquanto parecia que tudo estava bem, eu sabia que mais dias ou menos dias ele se afastaria ou me contaria que encontrou outra pessoa.

Trouxa ou masoquista, preferia tê-lo enquanto durasse e depois que essa fase passasse, pensaria em buscá-lo ou simplesmente procurar outro alguém. Minha felicidade dependia apenas de mim, mas compartilhá-la sempre foi muito melhor.

Davi meu mostrou que mesmo na dificuldade, ter alguém para compartilhar a vida tornava tudo muito mais especial

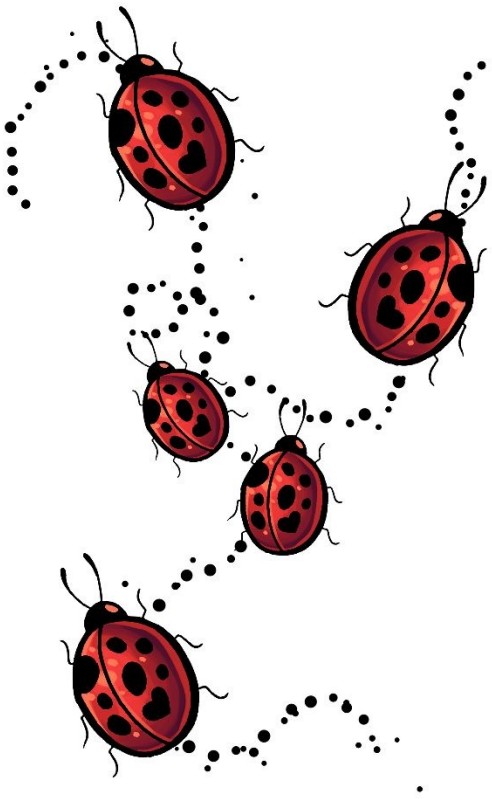
Joana se mexeu na minha barriga e por reflexo, coloquei a mão dele no lugar do movimento, que estava unida a minha. Joana se mexeu mais um pouco e o sorriso de Davi me aqueceu por dentro como sempre fazia. Era por isso e outros momentos que me sujeitava a essa situação indefinida, a zona da amizade, o limbo.

— Acredita que presenciei quatro gestações e nunca senti nenhum dos meus sobrinhos se mexendo na barriga? — Fez carinho enquanto dirigia e simplesmente deixei. — Não sabia que era tão legal.

— Não o tempo inteiro, como de noite. Se ela se mexe, não consigo dormir. Mas todos os outros momentos são ótimos.

Depois que Joana voltou a ficar quietinha, ele trouxe minha mão para o seu colo e apertou forte. Interpretei que era momento de curtir o silêncio e que nossa vida tinha se cruzado novamente.

Era tempo de recuperar o tempo que perdemos com incertezas.



# Capítulo 37

## Bia

# Vinte e cinco semanas

O que era para ser apenas uma consulta de rotina se tornou o caos. Não sabia em que momento da minha vida fiz algo errado para receber toda essa carga nos ombros, porque uma coisa eu sabia, nessa vida tudo que ia, voltava.

Vi meus pais falecerem um a um. Vi minha irmã sofrer por um filho que não vinha, o sexo do bebê que não foi o desejado e então, o diagnóstico inconclusivo de fenda labial de Joana.

Lábios leporinos.

Enquanto eu estava na maca, olhando para o monitor e tentando entender alguma coisa do que o médico explicava durante o exame de ultrassom, vi minha irmã se desmanchar, parte a parte. Nem as batidas do coração de Joaninha, que sempre nos deixava em êxtase, foram capazes de recompor o que um diagnóstico foi capaz de destruir. Ela não chorou, não reagiu, apenas esteve estática e escutando, sem realmente absorver nada, o que o profissional da saúde nos orientava.

Na minha mente, cada palavra se solidificava.

Essa fenda pode se fechar antes do parto.

Havia uma pequena chance de poder operar no mesmo dia que nascesse.

Acompanhamento psicológico.

Não era grave, tem solução.

Junta médica multidisciplinar para acompanhamento assim que nascer.

Céus, era muita informação e não sabia ao certo se deveria me preocupar com isso ao mesmo tempo que me sentia responsável pela má formação do bebê.

Não havia nada meu em Joana, eu era apenas o forno assando o pão feito por outro padeiro, mas a culpa chegou e impregnou como o cheiro incômodo de uma Maria Fedida. Minha irmã não me encarava, não precisava olhar em seus olhos para ver que me culpava tanto quanto eu mesma.

Joana não estava perfeita por minha causa, isso era fato consumado.

Com o laudo em mãos e um encaminhamento médico, depois de alguns minutos que pareciam dias esperando o laudo ser impresso e escrito, não trocamos nenhuma palavra ao sairmos da sala em que o mundo ruiu pela primeira vez depois que decidi ser barriga solidária. Privar-me mais nove meses

de viver a minha própria vida não era sacrifício nenhum ao descobrir a má formação do bebê no meu ventre.

Precisava falar algo, meu coração doía só de pensar nas imagens que formavam na minha cabeça. Caminhava lado a lado dentro da clínica e simplesmente não consegui formular nenhuma palavra. Minha boca estava seca enquanto minha alma usava todas as gotas de água para se desmanchar em um riacho de lágrimas.

Quando nos aproximamos do carro, Jarbas percebeu que tinha algo de errado e correu para me abordar.

— Está tudo bem? — Ele tentou me abraçar, mas minha irmã o interrompeu com uma ordem:

— Beatriz precisa trabalhar e eu tenho hora marcada no salão. Vocês podem conversar depois. — Ela abriu a porta do passageiro e entrou, deixando-a aberta, me esperando entrar.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando percebi que meu amigo iria contra a ordem de sua patroa, não saindo do lugar, apenas para me socorrer.

— Depois conversamos — sussurrei e acompanhei minha irmã no banco traseiro. O laudo do exame ainda estava em minhas mãos, pesando muito mais do que mil toneladas.

— Renata. — Estendi o exame e ela apenas se afastou para o lado.

— Se você está abalada imagine eu, que sou a mãe. O bebê está na sua barriga, no momento ela é sua responsabilidade. Cuide do exame, depois nos falamos. — O carro entrou em movimento e ela tocou o ombro de Jarbas. — Por favor, me deixe primeiro no salão.

— Sim senhora — limitou-se a responder. Seu cenho franzido denunciava o quanto de preocupação ele estava.

Por um lado, achei melhor minha irmã sair e eu poder desabafar com Jarbas antes de ir para qualquer outro lugar. Apesar de ter tirado a manhã inteira de folga e minha irmã sabia, não a contradisse. Ela estava sofrendo e não tinha ideia de como fazer com que se conectasse conosco novamente. Joana fazia parte de mim até o nono mês de gestação, depois disso, deveria se unir a ela, a verdadeira mãe.

Renata tinha evoluído tanto. Foi ontem que ela tinha feito o primeiro pano de boca com tema de menina. Acabaram as opções de menino ou ela finalmente aceitou seu bebê, não poderia afirmar. Dentro do meu coração tinha a certeza de que era a aceitação. Quando enfim ela aceitou mais uma derrota dessa vida, outra batalha se apresentou.

Assim que minha irmã saiu do carro sem se despedir, não deixei Jarbas andar com o carro, pulei do banco traseiro para o da frente e abracei-o com todas as minhas forças. Permiti que as lágrimas e o choro copioso tomassem conta e que esse momento fosse meu desabafo.

Estava me sentindo tão pequena, tão sozinha e fraca.

Nunca quis ser barriga solidária, muito menos fazer mal a um bebê! Seria castigo? Fiz algo de errado ou imprudente?

— Estou estragada! — Solucei nos braços dele, enquanto sentia seu afago em meus cabelos. — Joana tem um corte — solucei — uma fenda, sei lá como que fala.

— Lábios leporinos? — perguntou suave.

— Acho que é, não sei...

Solucei um pouco mais até que o silêncio conseguiu fazer com o que a calmaria me atingisse. Procurei na minha bolsa um lenço, assoei o nariz e respirei fundo várias vezes. Peguei o exame e o encarei como se fosse meu atestado de óbito.

— Ela não é perfeita. — Respirei fundo e fechei os olhos. — A bebê precisará de vários médicos, acompanhamento, cuidados especiais. Não fiz meu papel como Renata esperava.

— Joana vai respirar sozinha? Seu coração é perfeito?

Virei meu rosto assombrado para Jarbas e franzi o cenho, não entendendo o seu questionamento.

— O que você quer dizer?

— Ela tem um pai e uma mãe que não precisam se preocupar com dinheiro no que se refere a procedimentos estéticos. Uma tia amorosa e que sacrificou a própria vida para a conceber. — Segurou minha mão. — Eu novamente pergunto, ela vai respirar sozinha? Acordar e dormir sem um problema cardíaco ou um câncer?

Pisquei algumas vezes antes de abrir e fechar a boca sem saber o que dizer. Era tão injusto ele comparar essa situação com outras graves, parecia que não tínhamos o direito de sofrer.

— Isso pode ser prejudicial para se alimentar ou mesmo lá na frente. Não desmereça essa situação — resmunguei.

— Desculpa, eu não tive a intenção — respondeu pesaroso, mas não continuou. Ele voltou sua atenção para a direção do carro e colocou-o para andar. — Você precisa trabalhar mesmo?

— Não, eu tirei a manhã livre.

— Quer ir em algum lugar específico ou voltar para casa?

Meu primeiro pensamento foi em Davi. Mesmo tentando nos encontrar para jantar ou durante o dia nos vermos no final de semana, não conseguimos. Ou eu estava muito cansada, ou ele precisava fazer algo não planejado. Independente disso, continuamos a nos falar por mensagem, pelo menos uma por dia.

Amava o quanto nos reconectamos, a necessidade de deixar apenas um bom dia ou perguntar como foi a correria no trabalho. Não havia cobrança ou promessas, parecia que nosso contato virtual era o suficiente. Ambos estávamos focados no trabalho, eu mais do que feliz em trabalhar em prol da legalidade, inclusive, criei um amor especial pela auditoria. Talvez, ser fiscal da Receita Federal não fosse realmente o que queria para meu futuro, mas um cargo de auditor de Tribunal ou mesmo Polícia Federal.

Não precisei falar onde queria estar, Jarbas parou o carro em frente ao meu antigo local de trabalho e suspirou em pesar.

— Me desculpa, Bia. Eu só não sabia o que dizer para que você percebesse que se Joana tivesse que ter alguma doença, que bom que foi uma tratável. Não que...

— Está desculpado, você foi um bom amigo e me levou para quem eu precisava. — Inclinei meu corpo para beijar seu rosto e saí do carro, sem nem dizer se era para me esperar ou não.

Andei alguns passos em direção a recepção do prédio, mas parei, com medo do futuro. Seria Davi capaz de aguentar mais esse drama na sua vida? Eu continuaria sendo mais um peso nas suas costas?

Vi Nina sair pelas portas e correr em minha direção. Seu semblante preocupado e afobado não acalmou meus nervos, que já estavam em frangalhos.

— Eu sei que é algo grave e você precisa de Davi, mas ele está no meio de uma reunião, não consegui deixar mensagem. — Ela me abraçou com carinho. — Eu te amo amiga. Jarbas me falou que algo ruim aconteceu e ele não soube lidar com a situação. Meu homem tem muitas qualidades, mas quando algo o deixa nervoso, ele esquece até o próprio nome.

— Ela pode ter uma fenda labial. Isso pode dificultar na hora de mamar, para respirar...

— Ela pode? — Afastou e franziu o cenho. — Isso não é certeza? Há chance de ser apenas alarme falso?

— Oitenta por cento é certeza suficiente para você? — Entortei os

lábios para baixo. — Só quero acalmar a culpa em mim.

— De forma alguma que você é culpada, tira isso da sua mente. — Ela pegou na minha mão e saiu me arrastando para dentro do prédio. — Vou inventar uma emergência e resgatar seu homem para você.

— Não atrapalhe, eu espero. Só volto a trabalhar de tarde. — Cumprimentei a moça da recepção e comecei a subir as escadas. — Para onde você está me levando?

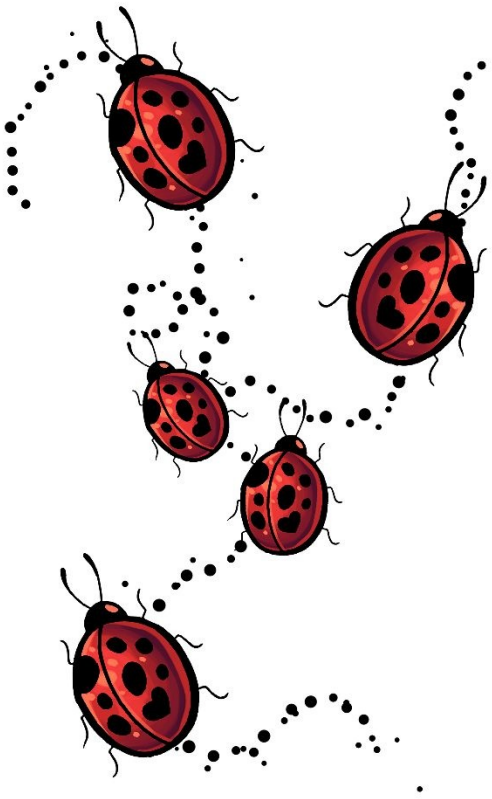
— Para o cantinho de vocês. — Ela piscou um olho para mim com um sorriso. — Isso é o mínimo que posso fazer por vocês.

— Ainda culpada por aquele dia? — questionei, mesmo sabendo da resposta. Nina enfrentou Davi no dia do motocross, mas sofreu até hoje pelo arrependimento de ter feito. Ela conhecia a índole do amigo e colega de trabalho, não deveria ter sido tão intrometida.

Para mim, brigas foram feitas para desfazer amizades ou fortalecê-las. Era o momento crucial para descobrir o quão firme seu relacionamento de amizade estava. Dos dois, com certeza, solidificou o que já era firme.

Nem percebi quando cheguei na varanda que ficava na copa do último andar. Olhei para o sol que estava alto e firme no céu. Com uma inspiração profunda, consegui energia que apenas o calor poderia me oferecer.

— Não saia daí. — Nem precisei responder, porque esse lugar era muito mais do que um cantinho meu. Era onde tudo começou.



# Capítulo 38
## Bia

— Bia! — Davi chamou minha atenção e me joguei em seus braços sem nenhuma vergonha do que poderia parecer ou do local que estávamos.

Como um remédio, toda a preocupação e dúvida que estava sentindo se tornou dormente. Nenhum sentimento foi embora, só ficou escondido em algum canto da minha cabeça e do meu coração.

— O que foi que aconteceu? Você está bem? Hoje era seu exame de ultrassom. — Assustado, ele afastou meu corpo e olhou minha barriga saliente. Colocou a mão nela e procurou nos meus olhos a resposta da sua pergunta silenciosa.

— Ela não está bem... ela tem... — minha voz tremeu e se não estivesse vendo, não acreditaria. Uma lágrima escapou dos olhos de Davi, que rapidamente limpou e se recompôs.

— O que ela tem? — perguntou controlando a emoção.

— Uma... — Fiz um movimento com minha mão no meu lábio superior, indicando como eu imaginava o corte. — Uma fenda. Lábios leporinos, sabe?

Parecia que um peso gigantesco tinha saído dos seus ombros. Seus olhos se fecharam, sua mão acariciou minha barriga, que estava dura pela minha tensão.

— Qual o nível?

— O médico falou um monte de coisa, não sei a gravidade. Não consegui conversar com minha irmã, acho que ela me culpa.

Recebi outro abraço, daqueles que me fazia esquecer até que eu queria viver minha própria vida.

— Vamos. — Ele se afastou, pegou minha mão e saiu me guiando.

— Hoje parece ser o dia de me arrastar — comentei enquanto descíamos as escadas.

— Quer que eu te carregue? — Davi parou no degrau abaixo do meu e ficamos quase da mesma altura. Seu olhar era divertido e preocupado.

— Não invente moda, estamos em local de trabalho. — Voltamos a andar, sua mão ainda na minha. — Você não estava em uma reunião importante?

— Estava. Inclusive, parabenize o novo chefe dos fiscais. — Ele virou o rosto para mim com um sorriso orgulhoso. — Nina e sua atuação foram primordiais para me tirar dali. Ela teve que apelar para a mãe na UTI!

— Ela mentiu que sua mãe estava na UTI? — perguntei chocada assim que saímos da recepção e seguimos para o estacionamento.

— Sim. — Ele riu e me puxou para o seu lado, seu braço envolvendo meus ombros. — Ela até chorou quando invadiu a sala de reunião e me deu a notícia. Assim que saí, ela rapidamente falou que era mentira, que você estava precisando de mim no mirante da copa do último andar.

— Falei que eu esperava.

— Ela não precisava colocar dona Maria no meio. Se era você a situação, sairia tanto quanto fosse minha mãe.

Senti-me importante e acolhida. Ficar sem nos ver durante esses dias não atenuou nenhum pouco o que sentíamos.

Chegamos ao seu carro, ele abriu a porta para eu entrar e colocou o meu cinto de segurança, ajeitando-o para não machucar minha barriga.

— Senti saudades — falei controlando as lágrimas. Ele não tinha dito nada sobre o problema de Joana e isso estava me agoniando. — O que você acha que devo fazer?

Ele se acomodou, ligou o carro e saiu para o trânsito antes de dizer qualquer coisa:

— Nada.

— Como nada? A bebê tem um problema.

— Como vários bebês que chegam a esse mundo. — Ele estendeu sua mão para pegar a minha e neguei. Novamente o desmerecimento do meu sofrimento. Ele estranhou e me olhou quando parou em um semáforo.

— Pode não ser tão grave quanto uma doença do coração, mas ainda assim é um problema. Não menospreze você também.

— Claro que não, Bia! Desculpa, não foi isso que quis dizer. — Ele buscou minha mão novamente, dessa vez eu deixei-o pegar. — O que quero dizer que tanto quanto bebês saudáveis chegam a esse mundo, bebês com problemas também. Alguns tratáveis, outros não. Você está emocionalmente envolvida, sensível... por favor, não interprete errado as coisas que vou falar para você ou minha mãe.

— Sua mãe? — Apertei sua mão e reparei o caminho que estávamos tomando. — Você está me levando para a casa da sua mãe?

— Sim. Não pensei em pessoa melhor para te acalmar do que ela. — Ele trouxe minha mão para sua boca e beijou. — A não ser que você não queira. Droga, desculpa de novo, esqueci de perguntar se era isso que você queria. Você veio para mim em busca de consolo. Com você, o único consolo que consigo é impróprio para menores de dezoito anos.

Arregalei meus olhos e fiquei envergonhada com as imagens que minha cabeça formou. Juntei minhas pernas e foquei meus olhos na minha barriga, em Joana e sua necessidade especial no momento, para tentar aplacar o que ele tinha incitado.

Também imaginei o quanto ele deveria estar pensando nisso, precisando e eu não poderia dar. O pensamento era machista, uma vez que eu mesma também parecia que ia subir pelas paredes, mas havia algo enraizado em mim que não estava sendo fácil desenterrar.

— Davi...

— Minha mãe é a pessoa que mais tem história de grávida para contar. Ela teve quatro filhos, acompanhou a gestação das minhas irmãs, além das sobrinhas e primas. A filha da minha prima de Bauru nasceu com lábios leporinos e fenda palatina. Eu não sei muito bem a história, mas lembro que esses nomes fixaram na minha mente, porque foi uma comoção em toda a família.

— Fenda palatina? O que é isso? Céus! — Passei a mão na minha barriga e comecei a orar, com medo de eu ter esquecido alguma coisa do que o médico tinha falado.

— Calma. Nem eu sei o que é tudo isso, mas minha mãe sabe e vai te acalmar. A filha da minha prima tem mais de dez anos e nem parece que teve alguma coisa quando nasceu.

— Sério? — Virei meu rosto para ele com esperança. Seria isso algo simples de se resolver?

Ele parou o carro, soltou minha mão com um beijo demorado e foi abrir a porta para mim. Depois que ele apertou a campainha, me abraçou e beijou minha testa. Aproveitei e envolvi meus braços em sua cintura, inspirei profundamente e gravei seu cheiro amadeirado com uma pitada de café. Ele era um bebedor de cafeína.

— Eu te a... — falei quando a porta abriu e dona Maria nos recepcionou preocupada.

— Depois continuamos — ele murmurou e abraçou a mãe. — Em caso de emergência, acione 911 dona Maria.

— O que foi dessa vez, Davi? Qual janela do vizinho você quebrou? — ela perguntou divertida, se soltou dele e me abraçou. — Você está bem, filha?

— Oi.

— Ela fez ultrassom hoje, descobriu que a bebê tem lábio leporino.

Ela me olhou com a boca semiaberta e assustada. Respirou fundo, sorriu compreensiva e nos fez entrar.

— Então, você foi premiada com uma bebê especial!

Arregalei meus olhos contrariada, apesar de segui-los para dentro. Premiada? Como as pessoas poderiam ver coisa boa em algo tão ruim?

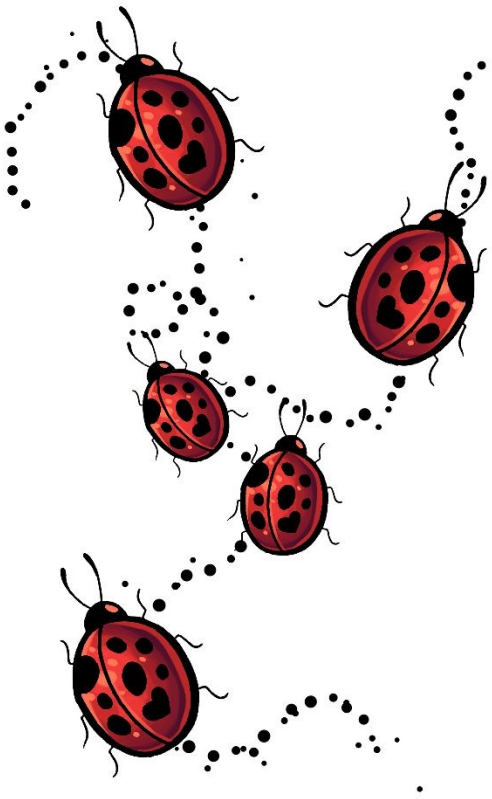
— Não interprete errado, não vá para o lado negativo. Você não é vítima, Beatriz — Davi sussurrou ao me acompanhar até a cozinha e me acomodar em uma cadeira na pequena mesa que tinha lá. — Vou deixar vocês duas sozinhas por enquanto. Vou lá cumprimentar o pai.

— Ele está lá no fundo inventando moda com a horta. — Dona Maria indicou a porta que dava acesso a parte do fundo da casa e me sorriu. — Você é religiosa? Tem alguma religião?

— Eu... na verdade sou católica, mas desde a missa de sétimo dia do meu pai que não frequento mais. Mas rezo todos os dias antes de dormir. — Passei a mão na barriga, novamente a culpa me assolando. — Será que é Deus castigando?

— Pelo contrário, é Ele te dando a oportunidade de fazer algo especial. — Ela pegou uma bacia de laranjas que estava dentro da pia e trouxe para a mesa. — Você me ajuda?

Olhei para as quase trinta laranjas dentro da bacia e para a mãe de Davi e não tive coragem de negar. Peguei a faca e comecei a descascar conforme ela fazia. Se for para descarregar minha frustração, que seja nas frutas inocentes.



# Capítulo 39
## Bia

— Eu me sinto culpada.

— Ah, a culpa! — Ela cantou. — Nasce uma mãe, nasce a culpa junto. Mesmo que você não seja a mãe de papel passado, gerar um bebê como você está fazendo traz o extinto materno. Ele nunca falha!

— Não sei se é isso mesmo — comecei a desabafar, sentindo-me acolhida para despejar todas as minhas inseguranças. — Renata, minha irmã, não falou comigo depois do ultrassom. Já estou me sentindo mal, com ela me dando gelo dessa forma. — Suspirei e terminei de descascar a primeira laranja. Caramba, não lembrava o quão trabalhoso era fazer isso.

— Ela também deve estar se sentindo culpada. Pelo que percebo, acho que sua irmã vive no mundo da perfeição e desde a concepção desse bebê, nada pareceu ser conforme planejado.

— Exatamente! — concordei surpresa. — Parece que quanto mais ela deseja algo, mais acontece o contrário. Que carma!

— Isso que você falou é a culpa tomando conta. Jogue fora o que você pensou desde o diagnóstico da fenda no lábio do bebê, não é real.

— É menina, Joana, o nome da minha mãe.

Dona Maria Auxiliadora sorriu de orelha a orelha e olhou em direção ao fundo da casa, onde os homens estavam.

— Se eu não soubesse do potencial do meu filho, diria que ele está mais lento que o próprio pai. — Voltou a descascar a laranja. — Quando você não veio almoçar no outro domingo, achei que tinha sido melhor o rompimento de vocês. Ele parece inteligente e maduro para o serviço, mas quando o assunto é o coração, ainda é um menino. Até chamei Juliana novamente para distrair seus pensamentos.

Fiz uma careta e encarei a laranja com ódio. Droga de ciúmes, a resposta da pergunta que nunca fiz para Davi veio sem eu perguntar.

Se era para a conversa me acalmar, estava me deixando mais nervosa.

— Davi falou que tem uma prima ou filha da prima que teve lábios leporinos? — tentei mudar de assunto.

— Desculpe, filha. Uma mãe pensa no melhor para o filho, sempre, mesmo que isso magoe alguém tão especial como você. — Olhei para ela ainda

chateada. — Ele não é mais o mesmo sem você. Ficou claro o dia que vocês voltaram a se falar, o quanto ele amadureceu emocionalmente, ligando até para saber como estávamos, diferente do distante e um tanto *aborrencente* de antes de te trazer em casa. O que achei que seria ruim para ele, na verdade, foi a melhor coisa que aconteceu.

— Não fui eu que o mudei, dona Maria.

— Não acho que você o mudou, mas com certeza mostrou a ele uma realidade onde a família é importante para nossa base. Ter um relacionamento é muito mais do que essa curtição que os jovens de hoje pensam que é. Ele não percebia isso, não antes de conhecer alguém que sacrificou suas ambições em prol do sonho da irmã.

— Me arrependi várias vezes de ter aceito ser barriga solidária. Hoje aceito e não sofro mais, não depois de hoje. Posso parecer nobre, mas minha mente prova o contrário — resmunguei.

— Eu tenho fé, Bia e percebo que você também. A vida não foi feita para ser remada conforme a corrente, sem nenhuma pedra ou queda no caminho. É uma pena que uma preciosidade como Joana tenha essa batalha a lutar logo ao nascer. Ainda bem que ela tem a sorte de ter duas mães para a apoiar.

— Eu não sou a mãe dela!

— Você é, Bia. No papel, você será tia. No dia a dia, você ainda será tia, mas no coração, durante esses nove meses que você carregará esse pequeno milagre, você será mãe. A culpa só existe porque você é mãe.

— Não. — As lágrimas invadiram meus olhos e escorreram pelas minhas bochechas. — Eu não posso me apegar a esse bebê, dona Maria. Joana é minha sobrinha, eu não estou preparada para ser mãe, é muita responsabilidade, não sei nem por onde começar para resolver sobre o lábio dela!

— Oh, minha filha! — Ela levantou, deu a volta toda esbaforida, me fez levantar e me abraçou como uma ursa. — Mãe é algo muito além do que sua mente está tentando te convencer. Há tudo isso de ruim que você está imaginando. Privações, dependência, falta de sono, a responsabilidade... Mas também há coisas boas, os sorrisos, a conexão, as brincadeiras e acompanhar a evolução. Sua irmã é a mãe de Joana e espero que ela consiga se achar da mesma forma que você está buscando.

Ela beijou minha bochecha e voltou a se sentar para descascar laranjas. Eu fiz o mesmo.

— Bom, vamos do começo. O diagnóstico de Joana é certeza ou uma probabilidade?

— Eu não entendi direito, acho que é oitenta por cento de chance.

— Certo. É alto, quase certo. — Ela terminou mais uma laranja e olhou para mim com um bico nos lábios. — Sabe se terá a fenda no céu da boca também? — Neguei com a cabeça. — Tudo bem, vou contar a história da minha sobrinha e sua filha. O bom desse problema é possível ter um final feliz.

E ela contou o quanto sua sobrinha sofreu no parto, quando descobriu apenas naquele momento o problema. Não só o lábio leporino, mas também a fenda palatina, que é a abertura do céu da boca, algo mais grave que apenas o corte nos lábios.

A junta médica e o próprio hospital não estavam preparados para receber um bebê daquele jeito. O que era insegurança se tornou desespero, foram semanas mobilizando toda a família para apoiá-la.

Depois de ir em vários médicos e pesquisar em vários lugares, descobriu que poderia ter descoberto a fenda antes do parto, no exame de ultrassom. Não havia uma explicação exata do motivo para que isso acontecesse a não ser estudos e estimativas. Coincidentemente, Bauru, no Estado de São Paulo, possuía um centro de referência para esse tipo de problema e foi lá o local onde todo o peso e problemas foram resolvidos e diminuídos, o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, HRAC-SP.

Havia aparelhos, vários níveis de gravidade e complexidade para esse tipo de situação. E o mais importante, havia cura, um final feliz, como dona Maria falou no início.

Todas as laranjas foram cortadas e não tive noção do horário que era.

— Acho que vou aderir a essa terapia — brinquei, depois de me sentir mais leve e feliz. No final, nem pareceu tão trabalhoso assim.

Dentro de mim a culpa ainda existia, mas apenas aquela parcela que me tornava mãe. Não mãe-mãe como Renata seria, mas a mãe de coração, do instinto materno e amor. Não sabia que uma simples mudança de ponto de vista poderia mudar toda uma perspectiva.

— Vai almoçar conosco? — dona Maria convidou.

— Nossa, já está no horário do almoço? — peguei o celular da minha bolsa e reparei não só o horário, como também as chamadas não atendidas de Jarbas e minha irmã. Droga! — Preciso ligar para minha irmã.

— Fique à vontade, filha. Vou ver se os homens estão fazendo muita bagunça.

Sozinha na cozinha, liguei para minha irmã com o coração na mão.

— Oi Renata.

— *Sei que tinha combinado com você de almoçarmos hoje, mas não vai dar. Pode ficar aí no serviço, Jarbas vai te buscar no final da tarde* — sua voz era polida e formal.

— Está tudo bem? — perguntei, porque o normal dela seria me xingar por não ter atendido no primeiro toque. — Estou com...

— *Sim. Tchau.*

E assim a ligação estranha com minha irmã acabou e eu fiquei preocupada. Seria essa a forma dela de lidar com o desconhecido? Iria rejeitar Joana por causa da sua condição?

Por estar mais esclarecida e conhecer alguém que já passou por essa situação, estava levemente tranquila. Não parecia mais o fim do mundo, apenas um obstáculo a ser ultrapassado.

— Não foi tanta bagunça, mãe. — Davi entrou na cozinha com as mãos sujas de graxa preta e um sorriso brincalhão nos lábios.

— Quero os dois de joelhos tirando todo aquele preto do meu piso. Não me importo que você trabalha a tarde, quero limpo antes de eu colocar a mesa do almoço! — ameaçou dona Maria.

— Oh, meu amor — seu Everaldo começou a se desculpar.

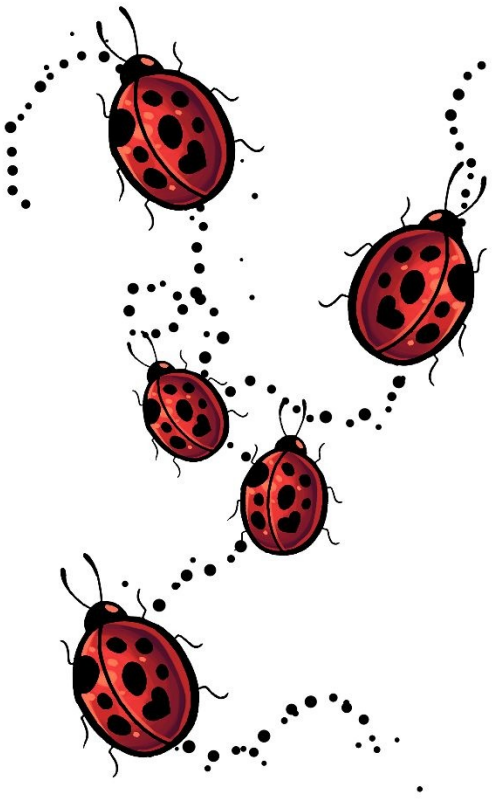
— Tudo bem? — Davi se aproximou apenas com seu rosto e beijou minha testa. — Vou lavar a mão e te levo aonde quiser.

— Eu fui convidada para almoçar aqui e você? — provoquei e ele piscou um olho para mim antes de seguir para o banheiro.

— Eu almoço aqui mesmo sem ser convidado.

O clima ficou tranquilo, não se falou mais sobre minha preocupação de hoje de manhã ou o lábio leporino. Estar em família era o melhor remédio para os males do coração, mesmo que esse lugar não me pertencesse, era apenas emprestado pelo dia.

Minha verdadeira preocupação era minha irmã e qual seria sua atitude depois de hoje.



# Capítulo 40

## Bia

— Renata! — chamei minha irmã assim que entrei em casa.

Jarbas tinha me antecipado o quanto sua patroa parecia distante e mais madame do que o normal. Ele até comentou sobre estar com o resultado do ultrassom no carro e ela simplesmente ignorou.

Eu, com o resultado em mãos, fui enfrentar a fera. Gritei seu nome novamente e não a encontrei na cozinha, nem no quarto da bagunça, muito menos a televisão.

Era apenas vinte horas, impossível ela ter ido dormir, uma madrugadora como era.

Sabendo que Rildo ainda não tinha chegado em casa, subi as escadas e fui até o quarto principal. Para minha surpresa, Renata dormia em um canto da cama, encolhida e coberta quase que o corpo inteiro.

Olhando-a da porta, debati sobre abordá-la ou não nesse momento. Estava focada no meu trabalho, não haveria outra oportunidade melhor, ainda mais que imaginaria que ela não deixaria brecha.

Ajoelhei ao seu lado da cama, coloquei o exame em cima do criado mudo e a chacoalhei com cuidado.

— Precisamos conversar, Renata.

— Amanhã... — resmungou e virou de costas para mim. Ela não dormia, fingia.

— Hoje, Renata. Amanhã eu trabalho o dia inteiro, estou num momento crucial, não posso deixar para outro dia. — Respirei fundo e larguei a bronca de lado. Suavizei meu tom: — Não é o fim do mundo.

— É sim! — gritou e sentou na cama, seus olhos pareciam soltar fogos em mim. — Meu filho não é perfeito! Tanto que falei para você cuidar da sua alimentação, parar de trabalhar...

— Você é tão injusta. — Levantei e dei um passo para trás. — Eu sou culpada de viver a vida normalmente? Tentar ser feliz e não ficar louca causou o lábio partido da Joana?

— Você só sabe falar isso, viver sua vida. Egoísta!

— Sim, muito egoísta! — Levantei minha blusa e expus minha

barriga. — Carregar um filho seu na minha barriga é muito egoísta. Eu nunca sonhei em ser barriga solidária.

— Não deveria ter aceitado se isso te incomodava tanto. Você sabe que o bebê sente tudo.

— JOANA! — gritei, cansada mentalmente. — Sua FILHA se chama JOANA. Você vai ter uma menina, que inclusive é o nome da nossa mãe, o ato mais lindo que já vi você fazendo sobre essa gestação. Até hoje de manhã estava tudo bem, poxa vida! Uma deformidade vai acabar com tudo isso?

— Claro que vai. Já viu fotos de bebês com esses cortes? O quanto eles são...

— Lindos. Amorosos. — Passei as mãos no meu rosto e suspirei. — É apenas uma fase, Renata. Conversei com a mãe de Davi hoje...

— Você já contou para todo mundo sobre isso, não é mesmo? — Ela levantou da cama e apontou o dedo indicador na minha cara. — Você pode estar carregando meu filho, mas quem decide as coisas para ele sou eu. EU SOU A MÃE! Te proíbo de contar sobre ela para qualquer outra pessoa, inclusive Jarbas.

Olhei em seus olhos e para seu dedo. Queria gritar mais alto que ela, falar todas as verdades que estavam na minha garganta, só que os chutes que recebi na barriga da minha pequena Joana me acalmaram. Nessa guerra do certo e errado, todos nós perdíamos.

Com uma calma que não sabia de onde veio, envolvi sua mão cujo dedo estava apontado para mim e coloquei na minha barriga. Finalmente, depois de tantas tentativas, Joana se mexeu timidamente sob a mão de sua mãe.

— Então haja como uma mãe, Renata — falei forte e baixo. Sabia que minhas palavras doeriam muito mais que um tapa na cara. Doeram, inclusive, em mim.

Soltei sua mão e saí de seu quarto. O choro desolado dela poderia ser escutado do lado de fora e decidi ficar na cozinha, numa tentativa de abafar a dor que não queria sentir. Precisava de sorvete napolitano e um pouco de silêncio, senão, quem cairia no choro era eu.

Desci as escadas tentando não pensar em nada e foi dessa forma que me servi uma taça de sorvete na cozinha. Assim que me acomodei no banco do balcão, o barulho de passos me fez achar que era Jarbas aparecendo, como ele costumava fazer sempre que roubava comida, mas era Rildo. Ele provavelmente escutou a sinfonia sofrida de Renata e pelo seu olhar perdido, não sabia lidar com ela desse jeito.

— Boa noite — murmurei e ele respondeu no mesmo tom, com as

mesmas palavras.

Coloquei uma colher de sorvete na boca depois que escutei a geladeira sendo aberta e depois fechada. Mais uma colherada, ele arrastando um banco e sentando à minha frente. Seus olhos estavam na garrafa em cima do balcão e os meus, acima de seu ombro. Jarbas apareceu na porta e fez um sinal com a mão que indicava que depois conversaríamos.

Sim, meu amigo, precisava de todos para me apoiar e também a minha irmã. Ela poderia ter se rendido ao problema, mas eu estava determinada a não desistir dessa batalha.

— Se eu soubesse que essa gestação mudaria tanto nossa vida, teria sido mais duro e intransigente em não aceitar um bebê. — Tomou um gole da água, respirou fundo e me encarou. — O que foi dessa vez?

— Cunhado, nós não somos de conversar e acho que isso precisa mudar, até porque, eu carrego um filho seu — fui direta e o deixei sem graça. Apesar do seu jeito sério e frio, por ele ter começado uma conversa comigo, achava que tinha ganhado liberdade o suficiente.

— Não é bem assim. — Olhou para todos os lados, menos para mim.

— Pelo jeito Renata não contou para você. Melhor se preparar antes de lidar com ela, talvez você seja mais racional e consiga acalmar a fera. — Suspirei. — Hoje fizemos o ultrassom morfológico e foi constatado uma fenda nos lábios da bebê. Lábios leporinos.

Vi o pai de Joana ficar branco e tinha certeza que ele poderia desmaiar. Seus olhos ficaram nublados e precisei movimentar minha mão na frente do seu rosto para chamar sua atenção.

— É grave? — Ele voltou a me encarar.

— Parece grave, eu também fiquei muito chocada, preocupada, culpada...

— Culpada pelo quê? O que fez para causa isso nela? — perguntou confuso. Olhou para minha barriga e balançou a cabeça em negação.

— Pois é, culpada, mas não há explicação científica para que isso ocorra. Um bebê a cada mil pode lábios leporino, ou seja, mais comum do que imaginamos.

— Nunca tive contato com ninguém assim, apesar de já ter ouvido falar da doença.

— Acho que a palavra certa é anomalia. Tem tratamento, cirurgia... tem final feliz. — Tentei sorrir. — Conversei com alguém que tem um caso na

família e isso me acalmou, apesar de não tirar o peso da preocupação.

— Por que se preocupar? O filho não é seu.

— Pois é, Rildo. O filho não é meu, mas a mãe é minha irmã e ela precisa de ajuda. Eu não sou a melhor pessoa para isso, apesar de contribuir se necessário.

— Ajuda? — Ele tomou toda a água da garrafa e me encarou com o centro franzido. A preocupação e desespero foram embora e deram lugar para um homem em busca de solução. Ele amava minha irmã, por mais estranho que pudesse parecer.

— Um terapeuta, psicólogo — dei de ombros —, sei lá, Rildo. Só acho que chegamos em um ponto que deixar as coisas fluírem sozinhas não dá mais. Ela queria um menino, um bebê perfeito... veio uma menina com defeito, apesar de eu não conseguir pensar na fenda como isso.

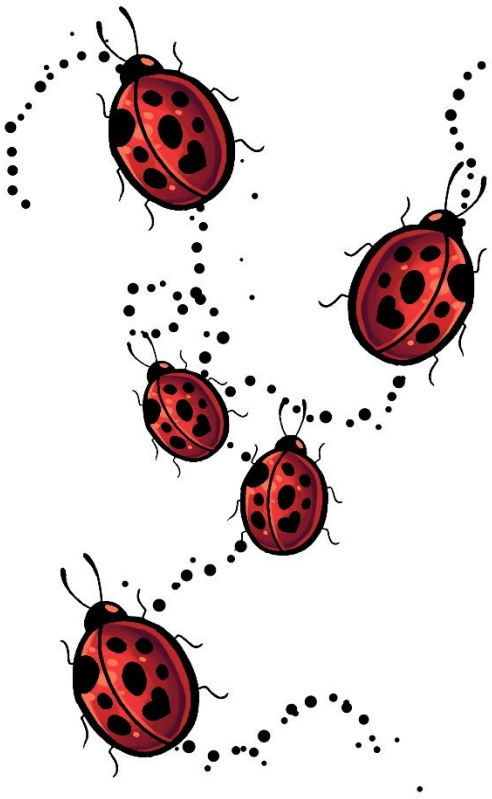
— Droga — resmungou e voltou a encarar a garrafa. — Eu nunca me vi como pai, nunca tive e não sei como ser um.

Deixei o silêncio tomar conta enquanto terminava de comer o pote que servi de sorvete. Acreditava que ninguém nascia sabendo ser pai ou mãe, bastava dar abertura para que isso acontecesse. Se o instinto materno existia, o paterno com certeza também.

— O resultado do exame está no seu quarto. Pesquise, leia e já converse com um pediatra sobre isso. Joana vai precisar de vários especialistas por perto. Talvez dê para fazer a cirurgia ao nascer, ou só vai acontecer quando ela tiver quatro meses, seis. — Ele me olhou assustado. — Quanto menos tempo se perder chorando ou lamentando por algo que não pode ser mudado, mais teremos informações e não seremos pegos de surpresa. Bauru, em São Paulo, tem um Hospital que cuida disso. Talvez exista em algum lugar mais perto daqui.

— Amanhã mesmo vou falar com um médico e resolver isso. — Ele se levantou e eu também. — A cirurgia pode ser feita quando nasce? Quem sabe nem parecerá que teve o lábio leporino?

— Pergunte ao médico, cada caso é um caso. O que posso fazer é — passei a mão na minha barriga e sorri — estar pronta para ir em qualquer médico que precisar. — Olhei para ele. — Minha irmã também precisa de ajuda, não esqueça.



# Capítulo 41

## Bia

# Trinta e duas semanas

Um homem, muito vezes, não consegue ser multitarefa. Preocupado com se informar sobre a situação de Joana, Rildo esqueceu da minha irmã. Eu não a alcançava em seu mundo. Quando nos esbarrávamos em casa, ela apenas me cumprimentava e sumia, sem ter Jarbas para ser seu motorista.

Meu cunhado falava comigo todo dia. Acionou uma junta médica, entregou todos os exames, fiz mais duas ultrassons para antecipar o que estava por vir e ele estava empenhando para que quando Joana chegasse ao mundo, ela tivesse toda a assistência.

Nessas horas, só poderia curtir as batidas do coração da minha sobrinha. A cada ultrassom, cada vez que o médico colocava o Doppler na minha barriga para escutar aquela sinfonia linda, cheia de energia acelerada, eu me acalmava e me enchia de contentamento.

Era estranho como antes de saber sobre a fenda labial, eu achava apenas bonito e encantador. Hoje, saber que o coração dela batia forte, que estava crescendo, ganhando peso e chegando aos últimos momentos da gestação, eu louvava. Dentro de mim se enchia de amor e gratidão, por Joana ser tão forte.

As visitas a casa dos pais de Davi se tornaram quase semanais. Ter o domingo em família, com suas irmãs intrometidas, a mãe que eu estava roubando para mim praticamente, seus sobrinhos que adoravam olhar minha barriga e vez ou outra soltava uma pérola sobre o filho ser de Davi... era a normalidade que eu precisava para fugir da escuridão que estava se criando na minha casa.

Céus, como eu queria sair de lá!

Meu trabalho estava exigindo muito de mim. Empenhada como estava, as análises e relatórios estavam em conclusão. Não era uma operação tão grande quanto as que sempre passam na televisão e que envolviam alto escalão. Era algo bem menor e com o empenho e entrosamento de todos, conseguimos encontrar e comprovar as fraudes. Só precisávamos elaborar o relatório final e organizar tudo para entregar a polícia e ela fazer a parte final de intimar.

Não poderia estar mais satisfeita, esse lado de auditoria aflorou e me deu um novo norte para focar. O trabalho de Davi era lindo, mas o que estava fazendo no momento era o que queria para o resto da minha vida.

Minha barriga já estava enorme. Não conseguia mais usar minhas roupas e estava vestindo roupas doadas pelas irmãs de Davi. Se minha irmã

soubesse, acharia um absurdo, mas como ela se isolou e desisti de tentar alcançá-la, já que isso estava fazendo mal para mim, segui minha vida como eu queria.

Havia momentos de pânico, eu conseguia esconder muito bem meu desespero, quando minha mente imaginava o nascimento da Joana e eu tendo que cuidar dela por mim mesma. Também imaginava os planos meus e Davi indo por água abaixo, porque eu precisaria correr com Rildo em médicos e cirurgia enquanto minha irmã chafurdava em qualquer lugar que ela ia.

Nessas horas corria para a cozinha e devorava a geladeira. Caramba, a fome era uma constante e minha ansiedade só piorava isso. Tive que parar com o sorvete, uma vez que o exame de glicemia deu no limite e o perigo da diabetes gestacional surgiu. Joana não teria nada se dependesse de mim, mesmo que eu até salivasse mais do que o normal ao pensar naqueles três sabores misturados em uma calda de chocolate e morango.

— Caramba, preciso de um sorvete urgente — falei para mim mesma olhando a geladeira e procurando algo saudável para comer. Camila sempre deixava alguma coisa natureba para comer, como aqueles potes de salada e frango grelhado.

Era noite, havia conversado com Rildo antes dele ir para seu quarto. Ele queria sugerir que eu fosse para São Paulo ou o Paraná, para ter o bebê onde tivesse um centro especializado, mas já o dissuadi disso.

Sei que Joana merecia o melhor e todo o meu sacrifício, contudo, sem exageros. Meu cunhado já tinha criado uma junta médica exclusiva para sua filha aqui na cidade, os médicos me passaram confiança suficiente. A fonoaudióloga trata diariamente de bebês nessa situação, o cirurgião plástico já fez cirurgia para correção junto com o otorrino... enfim, eu me sentia muito bem assistia pela Joana, viajar com tantas semanas de gravidez que estava era um risco desnecessário.

Percebi em seu jeito rígido que ele queria protestar, já o imaginava levantar a bandeira sobre quem era o pai, quem decidia. Não o fez, apenas acenou em concordância e me deixou sozinha na cozinha.

Escolhi minha refeição para acalmar meus nervos e repetir, na minha mente, que Joana não precisava de outros médicos a não ser esses. Na ausência da mãe, tinha que assumir o papel, afinal de contas, além de barriga solidária, era a madrinha.

A verdade era, tinha um grande medo de ir para outra cidade, minha irmã não vir e ser aquela confusão. Amava Joana com todas as minhas forças, um lado meu, inclusive, pensava seriamente em ficar com ela se Renata

continuasse com esse drama sem cabimento.

Outro lado meu gritava para segurar as pontas, que a bebê em meu ventre não era minha e que sua verdadeira mãe precisava ter atitude e aceitar que ela era assim.

Comecei a fazer um lanche com o pão caseiro integral que Camila deixou fresco no forno e meu celular apitou. Ele estava no balcão, então, precisei abandonar minha arte em busca do aparelho.

**Thábata>> Olá querida, como vai? Sua irmã sumiu, tem notícias dela? Está na hora de fazer o chá de bebê da sua filha.**

Sério isso? Digitei e apaguei umas cinco vezes antes de definitivamente enviar uma mensagem. A pedido da minha irmã e Rildo concordou, a fenda labial de Joana se manteve em segredo para seu círculo de amigos. Eu não tinha vergonha da minha sobrinha e avisei a eles que meus três amigos saberiam. Diferente dos pais da Joana, eu queria e precisava de apoio de quem eu amava nesse momento.

**Bia>> Boa noite. Estamos bem, não se preocupe com chá de bebê que ele acontecerá no dia certo.**

Oh, eu deveria ter falado tanta coisa, como por exemplo, que se fizermos ou não um chá de bebê era problema nosso. Quantas crianças vieram ao mundo sem um chá de bebê ou mesmo um chá de revelação, como Joana teve?

Cada dia mais estava odiando essas convenções sociais e todas as pessoas que concordavam com isso. Até parecia que uma festa iria definir se amávamos ou não a bebê.

Voltei para o meu lanche e meu celular não demorou para apitar novamente. Respirei fundo e fiz uma contagem mental antes de encarar uma das amigas de Renata. No grupo delas, o assunto sobre filhos e família continuava sem notarem o sumiço de Renata. Não sabia o motivo dessa vir me abordar agora.

**Thábata>> Quantas semanas você está? Trinta? Trinta e cinco? Nossa amiga Inês ganhou neném com trinta e duas semanas, ele foi para a incubadora e não...**

Nem terminei de ler a mensagem quando a apaguei e bufei de raiva. Sério que ela iria apelar para esse tipo de informação?

Quando mordisquei meu lanche, Joana se remexeu e uma vontade de comer *guacamole* surgiu. Salivei quando pensei no gosto de abacate, tomate e sal junto com aqueles chips a base de queijo *nacho*.

Ignorei o desejo desesperador que surgia dentro de mim e tentei

morder mais uma vez meu lanche. *Que gosto de nada!* Joana se remexeu e se esticou tanto na minha barriga que quase doeu.

— Calma, garota — falei com a boca cheia. Ela não saiu do lugar e comecei a passar a mão na barriga. — Céus, o que você quer? Um chá de bebê? — Senti uma mão, ou seu pé na minha barriga. Ela parecia que ia sair da minha barriga por ela mesma. — Me conte, o que você quer? *Guacamole*?

Como mágica, ela aos poucos foi relaxando e se mexendo sem tanta tensão. Olhei para todos os cantos da cozinha, esperando ver alguém presenciar isso, mas estava sozinha, como acontecia nos últimos dias. Jarbas e Nina estavam escondendo algo de mim e eles tinham se mantido afastados de assuntos relacionados a eles.

Estava com muita coisa no meu prato para me preocupar com eles. Se decidisse buscar a solução para os problemas de todos a minha volta, eu com certeza, enlouqueceria. Joana em primeiro lugar, Renata em segundo e os amigos para depois.

Mordi mais um pedaço do meu lanche e Joana se mexeu novamente na minha barriga. Céus, ela queria tanto quanto eu a comida mexicana. Onde encontraria o meu desejo a essa hora da noite?

Meu celular brilhou e apitou com mais uma mensagem. *Se for da amiga de Renata, juro que escreverei uma besteira.*

**Davi>> O que você está fazendo? Sei que está acordada, provavelmente roubando comida na geladeira.**

Passei a mão na barriga e ri, segurando as lágrimas que normalmente apareciam nas situações mais descabidas. Amava esse homem com todas as minhas forças e não tinha mais como negar, só não conseguia falar em voz alta. Quando ele decidir buscar outros abraços e corpos para se perder, iria sofrer mais do que o término de um namoro real. Ele não só doou seu tempo para mim, mas como toda a sua família.

Ainda estávamos naquela zona indefinida e quando a conversa ficava mais íntima, ambos encerrávamos a ligação ou nos despedíamos para que não avançasse além do que nos permitíamos.

Meus hormônios e minha mente imaginavam mil e uma coisas sensuais, confesso que estava quase impossível controlar minha vontade de me jogar nele, por isso, pessoalmente, só nos víamos no domingo da casa de seus pais.

Porém, nesse momento de desejo alucinado, esqueci que poderia fazer algo que me arrependeria depois e respondi sua mensagem de forma afoita.

**Bia>> Eu e Joana precisamos de guacamole. URGENTE!**

**Davi>> Guacamole? A comida mexicana?**

**Bia>> Você está saindo de casa? Sério, preciso desse guacamole ou Joana vai nascer com cara de mexicano e minha irmã vai me matar!**

**Davi>> É desejo? Estou a caminho, você quer que eu leve a comida ou você sairá comigo?**

Divertida e desesperada pela comida, liguei para ele, que atendeu no primeiro toque:

*— E então?*

— Davi, para de me perguntar e só traga o bendito abacate salgado para mim. Ai! — Gemi quando Joana se mexeu novamente. Levantei minha blusa e reparei o quando minha barriga estava deformada para um lado. — Sério, Davi, é capaz de eu parir agora se não comer *guacamole*.

— *Estou indo!* — falou como se estivesse correndo. — *Caralho... desculpa o palavrão, Bia. Estou um pouco desesperado.*

Ri do seu nervosismo e tentei ajudá-lo a não se perder no caminho.

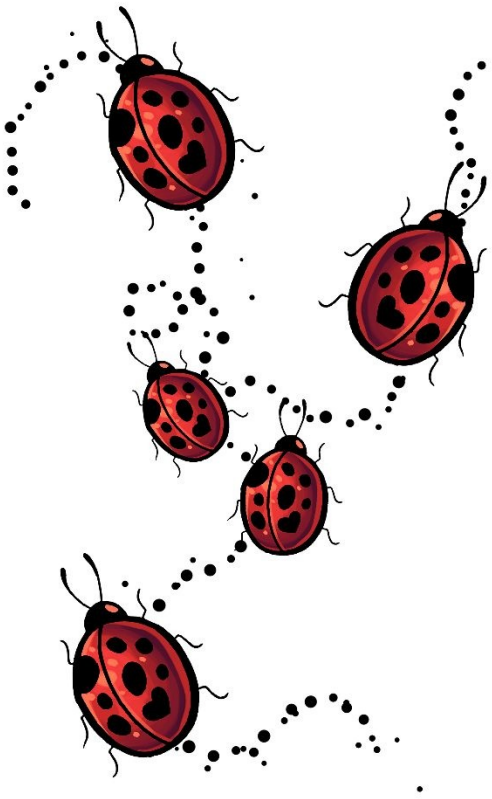
— Mercado, Davi. Abacate, tomate, cebola, limão e você. Vem logo!

*— O mais rápido que eu puder! Beijo.*

Ele desligou e sentei no banco do balcão, alisando minha barriga numa tentativa frustrada de acalmar a sobrinha exigente.

— Seu tio vai trazer comida, meu amorzinho. Paciência.

E a última palavra tinha muito mais significado do que imaginava.



# Capítulo 42
## Bia

**Davi>> Cheguei.**

Passou-se quase uma hora, que gastei guardando meu lanche inacabado na geladeira e tomando um banho. Demorei mais que o normal para acalmar meu ânimo e de Joana debaixo da água quente.

A sorte que assim que sentei no sofá luxuoso da sala de visitas da casa para esperar Davi, ele chegou. Abri o portão da garagem para que estacionasse o carro dentro de casa e o esperei na porta de entrada.

Com sacolas de supermercado em mãos, Davi estava com um semblante preocupado até me ver sorrir. Seus ombros relaxaram e um sorriso estampou seu rosto antes de me dar um beijo na bochecha como cumprimento.

— Vamos matar o que está te matando. Sabe fazer?

— Não, mas consultei na internet e não tem mistério. Só jogar tudo no liquidificador. — Tentei pegar algumas sacolas de sua mão, mas ele negou. Segurei no seu braço e o guiei até a cozinha.

— Que ótimo, porque nunca comi nada parecido. — Paramos na frente do balcão. — Também trouxe torradas, chips de queijo nacho, suco de uva integral, que era o que minhas irmãs tomavam no final da gestação.

— Em nome da esfomeada Joana, obrigada. — Abracei sua cintura por trás e senti sua mão cobrir a minha.

— Estou feliz em ser seu salvador e não Jarbas — disse de forma suave.

Soltei-me dele e o ajudei a tirar tudo das sacolas.

— Nunca falamos sobre isso. Você tem ciúmes de Jarbas comigo? — Peguei os ingredientes para o *guacamole* e coloquei na pia, perto do liquidificador. — Nossa, estou salivando.

— Não sei se pode dizer que seria ciúmes. Talvez... inveja. Sei lá. — Ele estava ficando sem graça, seu tom de voz era baixo e inseguro. Preferi continuar a mexer na comida, Joana não parava de se mexer na minha barriga.

— Conte mais sobre isso. Jarbas é da Nina, ele é só meu amigo.

— Também sou só seu amigo, Bia. Isso que me confunde.

Comecei a lavar os ingredientes de qualquer jeito, depois de ficar

incomodada com sua comparação. Será que eu dava a entender que tinha algum sentimento a mais?

— Davi, eu não gosto dele como gosto de você.

— Então, por que você foge de mim sempre que chegamos ao assunto do nosso relacionamento? — Senti ele se aproximando e comecei a descascar e picar os ingredientes.

— Você também foge, Davi. Estamos no mesmo barco — tentei dizer de forma suave, mas saiu amargo. Não era culpa de ninguém essa incerteza na nossa vida. — Mas o momento não é para isso. Farei o melhor *guacamole* que você já comeu.

Liguei o liquidificador e fui virada por braços firmes. Minha barriga impedia de unirmos nossos corpos e sua mão na minha cintura foi o contato mais do que suficiente para me ter em chamas.

— Você sabe que se não fosse sua gravidez, eu estava te despindo aqui e agora. — Levou sua mão para minha lombar e depois de volta para a cintura. — Está difícil me segurar.

— Eu sei, você não imagina o quanto sofro também. Os hormônios estão potencializando tudo, inclusive, minha falta de vergonha em dizer que te quero. — Nem fiquei vermelha, a chama que havia dentro de mim simplesmente ofuscou qualquer timidez.

— Então, por que não podemos simplesmente...

Ah, não tinha nada de simples na nossa relação. Além da sociedade, tinha algo tão enraizado em mim que não me permitia ter um relacionamento enquanto estava grávida de um filho que não era dele. Não era nem meu!

Seus olhos tão intensos nos meus me deixaram hipnotizadas. Suas mãos subiram pelas minhas costas e o som do liquidificador foi ignorado quando seus lábios encostaram nos meus.

Não percebemos alguém se aproximar e desligar o aparelho doméstico. Assustada, me afastei de Davi e olhei para minha irmã vestida em um robe de dormir. Seus olhos possuíam grandes bolsas negras debaixo dele e seu olhar era morto.

— Boa noite. Estou tentando dormir e o liquidificador não está contribuindo.

Sem me permitir responder ou processar o que ela estava fazendo, Renata saiu da cozinha e nos deixou envergonhados.

— Eu me sinto pego fazendo algo errado e minha mãe não brigando

comigo — Davi sussurrou e me puxou de lado para o seu corpo. — Joana está grande, não dá mais para a gente se abraçar direito de frente.

— Renata parece um zumbi. — Acomodei-me em seu corpo e inspirei seu cheiro calmante. — Por que tudo na minha vida não poderia ser simples?

— Sem emoção, sem a devida valorização, já dizia meu pai. — Ele beijou minha cabeça e me afastou. — Vamos comer sua gororoba?

— O guacamole! — Minha vontade louca de comer ressurgiu. Peguei uma colher, experimentei a mistura e gemi em apreciação. — Como eu queria comer.

— Me dê um pouco.

Davi escorou na pia e abriu a boca. Coloquei a colher dentro do liquidificador novamente, levei para perto da sua boca e rapidamente levei para a minha.

Estava me sentindo a esperta quando Davi colocou sua mão na minha nuca e trouxe novamente seus lábios nos meus. O beijo foi muito mais intenso e saboroso. Doce e salgado se misturaram com nosso desejo de poder nos libertar de tudo o que nos incomodava.

O que nos impedia? A opinião alheia ou a nossa própria?

Ninguém que amávamos incentivava nossa aproximação e não impedia. Acreditava que ninguém tinha opinião formada sobre o que fazer.

Rápido demais o beijo terminou, meu corpo ainda explodia por todas as sensações que ele me fez experimentar. Eu queria mais, continuar e terminar.

— Preciso ir embora antes que eu faça algo que não deveria. — Ele encostou nossas testas e fechou os olhos. — Quarenta e dois dias mais quarenta dias...

— Você está contando? — Larguei a colher na pia, coloquei minhas mãos no seu rosto e distribuí beijos em seu rosto. — Lindo, não vá embora, coma comigo, prometo me comportar.

— Já eu, não consigo prometer. Te quero. — Ele colocou os lábios perto do meu ouvido e sussurrou palavras que finalmente me deixaram envergonhadas. Céus, eu queria também, tudo o que ele queria e mais um pouco. Com gravidez ou sem, precisava sentir tudo.

— Davi!

— Me sirva comida, mulher. Estarei do outro lado do balcão, escondendo minha vergonha e esperando que sua irmã não nos pegue novamente.

Precisei de alguns segundos antes que conseguisse fazer qualquer coisa. As imagens que minha cabeça formava era muito mais do que poderia suportar sem me envergonhar.

Coloquei o *guacamole* em um pote, abri o pacote de torradas, os chips de *nacho* e coloquei em outro recipiente. Para o suco, peguei gelo no freezer e servi dois copos gigantes. Sem uma palavra, sem olhar para ele, concluí minha tarefa e finalmente controlei meus hormônios.

Como um gavião, ele me observava comer e eu não resistia em provocá-lo com meus sorrisos. Esse tipo de paquera aquecia o coração e a alma.

— Faz tempo que não falamos da sua irmã — ele foi o primeiro interromper o silêncio.

— Não mudou desde o diagnóstico dos lábios leporinos de Joana. Confesso que acabei me envolvendo muito com o serviço e os médicos que ela precisará.

— Será que não era melhor marcar uma consulta com um psiquiatra?

— Eu não sei — falei cansada. — Estou tão envolvida com outras coisas, Davi. Ela queria tanto o bebê, por que não luta contra isso?

— Você acha que ela está com depressão? — perguntou enquanto comia.

— Com certeza. Não do tipo que vai se matar, mas que foge da responsabilidade e prefere viver ignorando tudo a sua volta. — Comi um chips e suspirei. — Já falei para o meu cunhado sobre Renata, ele que precisa cuidar dela. — Olhei com a testa franzida para ele. — Estou errada? Será que eu preciso me preocupar com mais isso? Não deveria viver a minha vida?

— Você deve ser feliz, Bia. — Ele estendeu a mão e acariciou minha bochecha. — Não sou o melhor dos conselheiros, só acho que sua irmã desse jeito te deixa triste. Posso fazer alguma coisa? Será que se minha mãe conversar com ela...

E então, surgiu uma ideia. Seguei a mão de Davi, que estava na minha bochecha e a trouxe para minha boca. Beijei de forma suave e sorri, como se tivesse ganho na loteria.

— Do jeito que está indo, Joana ficará sem enxoval e sem chá de bebê, coisas que ela prezava e muito. Será que sua mãe me ajuda a organizar uma festinha?

— Com certeza. Se eu mandar mensagem agora, ela nem irá dormir! — Ele levantou e sentou no banco ao meu lado. Nossas mãos não se soltaram em nenhum momento. — Você acha que uma festa vai recuperar sua irmã?

— Minha intenção é resgatar a mãe que há na minha irmã. Dona Maria pode contar a história da sua prima e tudo de ruim que Renata pensou sumirá. Igual aconteceu comigo.

— E se minha prima e sua filha viessem?

Arregalei meus olhos e abri minha boca em surpresa. Davi parecia divertido com minha reação, pegou uma torrada, mergulhou no *guacamole* e colocou na minha boca.

Ri quando um pouco da pasta verde escorreu pelos meus lábios e Davi, mais que depressa, aproximou seu rosto do meu e lambeu minha boca sem nenhuma delicadeza.

— Davi! — repreendi com diversão.

— Eu amo quando você fica toda desconcertada com algo que faço. Melhor ir embora, tomar um banho demorado e continuar com minha imaginação fértil. — Beijou meus lábios rapidamente e se levantou.

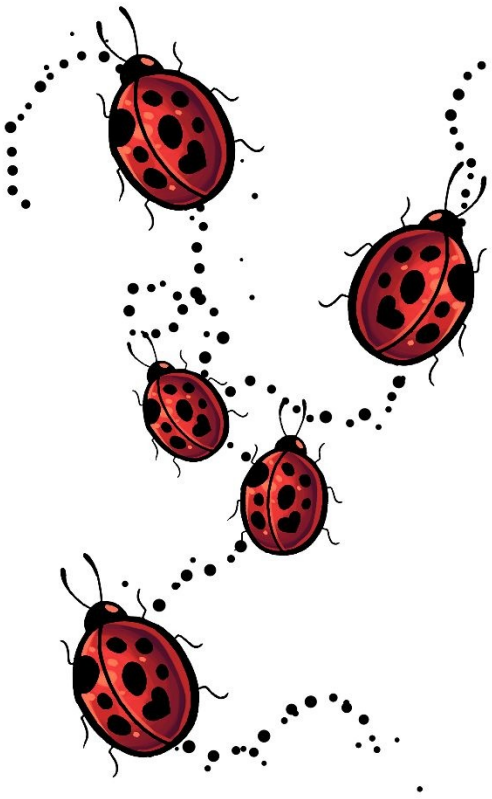
— Me poupe dos detalhes.

— Ah, meu amor, você ainda vai querer saber de todos eles. — Ele novamente se aproximou do meu ouvido e falou de forma sedutora: — Quem sabe fazer parte.

Dessa vez fui eu que fechei os olhos e me controlei.

— Vou falar com minha mãe, amanhã. Até mais.

Ele já estava na porta da cozinha quando abri meus olhos e joguei um beijo para ele. Olhei o balcão e percebi que essa meleca verde nunca mais seria vista por mim da mesma maneira. Peguei uma torrada, mergulhei no molho e comi, pensando em como eu faria para que minha irmã fosse comigo no seu chá de bebê surpresa.



# Capítulo 43
## Davi

Bom humor eu só tinha quando estava com Bia ao meu lado. Longe, era apenas um pé no saco e até eu não me aguentava.

Sabia disso, porque meus colegas de serviço me olhavam torto e não me dirigiam a palavra, apenas enviavam mensagens. Guilherme era a única exceção, além de Nina que adorava jogar na minha cara o quanto o poder tinha me mudado.

Ela não tinha medo das consequências, além dela estar completamente errada. Quem me mudou foi Bia, ou melhor, a falta dela.

Depois que Dalton passou a chefia do setor para mim, mudei de sala e de comportamento, gerando uma conversa de corredor que Davi mudou por causa de seu cargo.

Analisando relatórios na minha mesa, batidas soaram à porta e tirou minha atenção.

— Entre!

Guilherme entrou, fechou a porta atrás de si e sentou em uma das duas cadeiras à frente da minha mesa. Ele não demonstrava nenhuma emoção e isso me preocupou.

— Você veio aqui para quê? — perguntei com rispidez.

— Quero saber quando você vai parar com esse humor dos infernos e o jeito idiota de lidar com os fiscais. Eu te conheço, você não é assim.

Meus ombros caíram e tentei dissipar a tensão que me acompanha todos os dias.

— Cara, eu não sou assim. — Encostei minha cabeça no apoio da cadeira e olhei para o teto da sala. — Preciso sair, participar de alguma festinha só com mulheres, ter um pouco de...

— Para quê?

Sentei novamente com os braços apoiados na mesa.

— Como para quê? O que você faz quando vai em uma festa dessas?

— Transar, algo que você não faz. — Ele riu em zombaria. — Ficar em abstinência está te deixando de TPM igual uma mulher.

— Por isso que preciso.

— Você precisa assumir que gosta de apenas uma mulher e será com ela que fará a festinha — Guilherme me cortou e falou sério.

— Como é que é?

— Você me entendeu. — Ele se levantou da cadeira e começou a andar pela sala. — Quantas vezes saímos depois que você voltou de férias? Várias e em todas, quem se deu bem fui eu, porque você rejeitou todas as mulheres que queria algo e o tio aqui — apontou para si — consolou todas elas. Enquanto estou num humor dos sonhos, você está um pesadelo.

O que eu poderia fazer, se toda vez que pensava em estar com outra mulher, me sentia traindo Bia? Não éramos namorados, ela sempre me deu liberdade para fazer o que quiser, nunca questionou se saia ou quando saia... na verdade, isso era bem pior. A danada confiava em mim e perder a credibilidade a magoaria. Não tinha coragem de magoar uma grávida.

— Acho que vou aceitar fazer aulas de boxe lá na academia.

— Você pode fazer até balé, mas isso não vai resolver seu problema. Assuma o que sente, faça o que tiver que fazer com Bia e seja feliz. Avise que casar virgem não é mais moda e nem faz parte da sua religião. — Voltou a sentar.

— Não é esse o motivo para ainda não termos feito. — Colocou minha cabeça na mesa e bati ela levemente duas vezes. Estava precisando desabafar mesmo. — É complicado assumirmos algo quando está grávida de outra pessoa.

— Ela não está grávida de outra pessoa, ela é barriga solidária, nem o filho é dela, mané!

Levantei minha cabeça e o fitei de forma mortal.

— Você já pensou em namorar uma grávida? Ter seus momentos com uma barriga entre vocês? Tem hora que não me importo, a barriga é uma mera parte do corpo, mas sempre aparece alguém para nos lembrar que isso é...

— Diferente? — Guilherme me olhou com tédio. — Percebeu que o preconceito está na sua cabeça? Vá logo, ela deve estar subindo pelas paredes, já ouviu falar dos hormônios da gravidez? — Levantou as sobrancelhas de forma brincalhona.

— Ela já deixou claro que o momento não é para namoro, que precisa de apoio para passar por isso. — Batidas soaram na minha porta e interrompi nossa conversa para atender. — Entre.

Nina colocou apenas a cabeça para dentro da sala e falou carrancuda:

— Davi, Juliana está aqui na recepção e não consegui espantar a vaga... — Ela fechou os olhos, entrou e fechou a porta. Se aproximou de mim e

continuou: — Quero entender qual o motivo de você ter marcado algo com ela aqui?

— Eu não marquei nada com ela — rebati cansado.

Caramba, mais essa para eu lidar e no meu local de serviço. Apoiei meus cotovelos em cima da mesa e escondi meu rosto nas mãos. Há uma semana Juliana voltou a enviar mensagens, provavelmente porque ela percebeu que a desbloqueei do meu celular. Para falar a verdade, fiz isso na intenção de ter um momento com ela novamente, mas depois de algumas mensagens trocadas, eu só poderia ver na minha mente o olhar de decepção da Bia e pior, da minha mãe.

Como uma atriz, Juliana continuava se relacionando com minhas irmãs, mas minha mãe andou se afastando. Ela percebeu ou viu algo de ruim nessa mulher, só que não falou isso para minhas irmãs. Quando a questionei sobre o assunto, ela falou que amizades, namoros e casamentos, deveriam começar e terminar sem intervenção.

Deveria ter bloqueado ela novamente, só que ignorar as mensagens que ela enviou a trouxeram aqui.

— E então, Davi, o que vai fazer? — Nina cobrou. — Sério, eu imaginava tudo de você, menos trair Bia com essa aí.

Levantei minha cabeça e da cadeira. Frente a frente com Catarina, desabafei com tom severo:

— Não estou traindo Bia, não chamei essa mulher para meu trabalho e cansei de nadar conta a maré!

— Já lutei contra a maré uma vez e não farei novamente. — Ela me cutucou com o dedo indicador em riste. — Você vai passar por essa, aguentar firme e mandar aquela mulher para puta que...

— Calma, onça, você é outra nervosinha aqui no setor. Está precisando de um pouco de alívio? — Guilherme se levantou e afastou a mulher de perto de mim.

— Preciso aliviar um pouco a tensão dos meus músculos mesmo. Posso começar agora, se quiser, dando um soco na sua cara! — Enquanto meu amigo ria, ela saia da sala.

— Ela também anda mau humorada?

— Cara, deixe a porta dessa sala aberta como Dalton fazia, converse com seus funcionários e seja o Davi de antes. Como eu falei, assuma seus sentimentos. Eu não entendo por que não transou até agora, mas se vocês vão esperar até que o bebê nasça, aceita e vai ser feliz.

— Pensa que é fácil? — Aproximei dele. — Já ficou tanto tempo sem?

— Nunca, você é meu ídolo. — Bateu no meu braço e seguimos para perto da porta. — Deixe de pensar que no próximo encontro de vocês será o momento. Esqueça que isso exista por enquanto e você conseguirá ser menos um pé no saco.

— Desde quando você é tão sábio? — perguntei de brincadeira, abrindo a porta da minha sala para sairmos.

— Sempre fui, só você nunca venerou minhas bolas mágicas.

Bati em seu ombro e fui até a recepção encontrar Juliana. Meu humor havia melhorado muito e no automático, quando ela se aproximou de mim, a cumprimentei com um beijo no rosto.

— Em que posso ajudar?

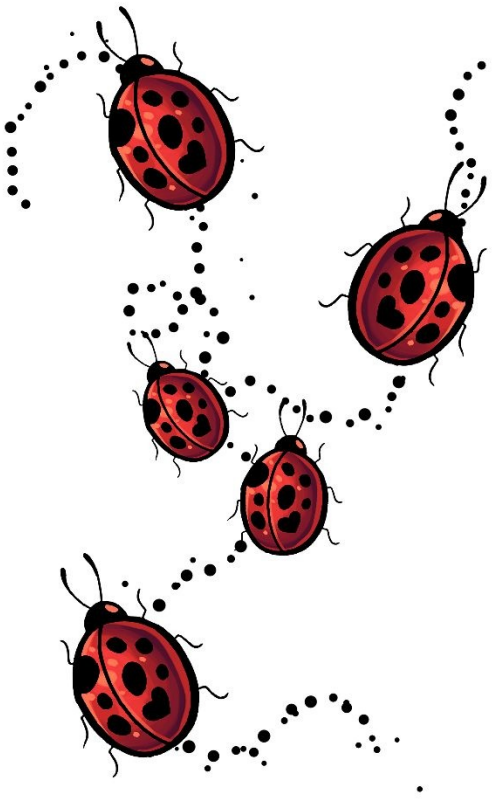
— Preciso falar com você em particular. — O fogo do olhar de Nina queimava minhas costas.

— Agora não é um bom momento, Juliana, estou no meu horário de serviço.

— É urgente! — pediu com desespero.

Merda, falo não ou vejo o que é?

Quando achava que minha vida estava tomando um rumo menos confuso, ela mostrava que tudo poderia bagunçar ainda mais.



# Capítulo 44
## Davi

Olho para Catarina, que finge não prestar atenção. Sem nenhuma segunda opinião para me ajudar, peguei no braço de Juliana e seguimos para as escadas, descendo para fora do prédio.

Perto do estacionamento, paro e cruzo meus braços a minha frente.

— Pode dizer — soltei sério.

— Eu... — Ela olhou para todos os lados, deu um passo mais próximo de mim e continuou: — Eu encontrei aquela sua amiga, namorada, sei lá, com o motorista dela, ontem, no shopping.

Meu coração apertou, mas tentei, de todas as formas, não demonstrar nenhuma reação. A última vez que vi Bia foi há três dia, quase madrugada, num momento de desejo. *Guacamole* nunca seria mais o mesmo para mim e só de pensar me fazia querer vê-la novamente.

A preparação do chá de bebê para Joana estava a pleno vapor, minha mãe estava mais do que feliz de ter encontrado uma quinta filha, Bia.

— Desculpa, Juliana, você me chamou aqui para dizer que viu minha namorada com o motorista? Ela sempre anda com ele, não estou entendendo sua intenção aqui.

— Os dois estavam se beijando, Davi. Só achei que deveria avisar. Mas se o relacionamento de vocês é aberto, quem sabe nós dois...

Ela passou sua mão do meu ombro até meu cotovelo de forma sensual. Eu deveria parar seus avanços, mas estava chocado em saber que Bia estava com Jarbas.

Isso não era apenas uma traição, mas duas. Tanto eu quanto Nina sairíamos prejudicados.

Quando senti os braços envolvendo meu pescoço e os lábios cobrindo os meus, acordei do meu transe, afastei Juliana com tanta brusquidão que ela caiu no chão.

Porra!

Ajoelhei ao seu lado e segurei seu braço.

— Desculpa, Juliana, eu me assustei.

Pensei que ela iria me afastar, gritar ou qualquer outra coisa que

chamasse atenção e me afastasse. Nada me preparou para ela pular em cima de mim em prantos.

— Por que você não me quer? — ela perguntava chorando. — Eu te amo, Davi! Penso em você o dia inteiro.

Tentando me equilibrar, consegui levantar nós dois e caminhar para dentro do estacionamento. Ninguém precisava presenciar isso.

— Juliana, desculpa, eu não sei explicar.

— Eu posso te dar o mundo, Davi. Estou tentando de todas as formas me aproximar, mostrar que posso ser boa para você. Por favor, me dê uma chance! — Agarrada a mim, ela pedia e eu caminhei até o meu carro.

Com a chave sempre no bolso, desativei o alarme, coloquei Juliana sentada no banco do passageiro e sentei no do motorista.

— Juliana.

— Davi, eu te amo! — Ela tentou me abraçar e eu tentei me afastar. Droga de lugar sem espaço.

— Você precisa achar alguém que retribua esses sentimentos. Eu amo Bia.

As palavras saíram tão naturais que nem percebi o peso que elas tinham.

— Eu sei que vocês nunca transaram. Me deixe ser aquela que te esquentará a cama.

Ainda chorando, ela colocou a mão na minha virilha. Por alguns segundos outra cabeça comandou minhas ações. Quando finalmente pensei da forma correta, abri a porta do carro como um foguete e saí quase caindo, por causa dos braços de Juliana me prendendo. Merda de reação carnal.

— Você me quer!

Caramba, a mulher estava vindo atrás de mim.

— Vá embora, Juliana, ou vou proibir sua entrada aqui no prédio.

— Por favor, Davi! — Ela segurou meu braço e soltei com força. Estava no limite para não a agredir.

— Você é mulher e por isso não posso te mostrar de forma clara, com meus punhos, que não quero você! Pare de comer pelas beiradas, esqueça que eu existo e minhas irmãs! — Tentei me controlar, mas saiu praticamente gritando.

Seu rosto estava cheio de lágrimas, a expressão magoada me mostrou que poderia me arrepender do que falei.

— Ela fica se pegando com o motorista e você não pode se pegar

comigo.

— Você viu demais, Juliana. Minha vida não é problema seu! — Não era isso que eu sentia em meu coração, iria com certeza confrontar Bia, ela não mentiria, mas no momento a defenderia até a morte.

— Você é um frouxo! — Olhou-me da cabeça aos pés e se afastou com passos para trás. — Entreguei meu coração para você usar, pisar e jogar fora. Você não presta.

— Juliana! — Calei minha boca, porque ela estava indo embora e falar a faria voltar.

— Eu poderia te fazer o homem mais feliz do mundo, mas você prefere sofrer com a grávida. Saiba que ela ficará com o corpo deformado, toda larga lá em baixo. Vão transar a primeira vez e você pensará o porquê de ter esperado tanto para algo mixuruca.

Olhei para o céu e respirei fundo. Sério, essa mulher estava brincando com fogo, minhas mãos estavam fechadas e meus pulsos latejavam para encontrar o rosto dessa mulher. Meus pais me ensinaram mais, contudo, a vontade estava além de mim.

Mordi a língua em busca de controle. Ela não ganharia mais armamento, não daria mais palavras enquanto estava a um passo do descontrole.

Ela virou de costas para mim e suspirei aliviado. Esse confronto tinha acabado e esperava que essa mulher não voltasse nunca mais na minha vida.

— Estarei te esperando, Davi — ela gritou por cima do ombro longe de mim.

Virei minhas costas para ela e procurei o local mais afastado para desabafar. Passei a mão nos meus cabelos e quando cheguei o mais longe de tudo, perto de uma área verde que tinha no local mais afastado do estacionamento, gritei.

Coloquei para fora minha frustração. Bia era o acalento da minha alma, seu jeito divertido fazia meu coração sorrir, seu comprometimento com o trabalho me enxia de orgulho e admiração, o altruísmo tornava-a linda.

Céus, eu amava essa mulher com todas as minhas forças e não entendia o motivo de estar tão desesperado por contato íntimo. Juliana acabou de provar para mim que sexo não era tudo, que a gente não ama apenas com a cabeça de baixo. É mais fácil manter um relacionamento com amor e sem sexo do que o contrário. O segundo a gente consegue descartar quando outro nos interessa mais, diferente do primeiro. Amor não nos permite desapegar.

Depois de desabafar, andei de volta para minha sala com um propósito.

Passaria por isso da melhor forma possível. Escolhi estar carrancudo, mas não mais. Era competente no que fazia, estava na chefia, Dalton acreditou em mim para isso e estava decepcionando não só ele, mas a mim mesmo.

Chega!

Com passos firmes e um sorriso no rosto, cheguei ao meu andar e comecei com Nina.

— Fale. — A desconcentrei de seus afazeres.

— Oi? — perguntou confusa.

— Você e Jarbas estão bem? Algo que precisa me contar? — Coloquei minhas mãos na sua mesa e seus olhos marejaram.

Droga, tinha uma coisa aí.

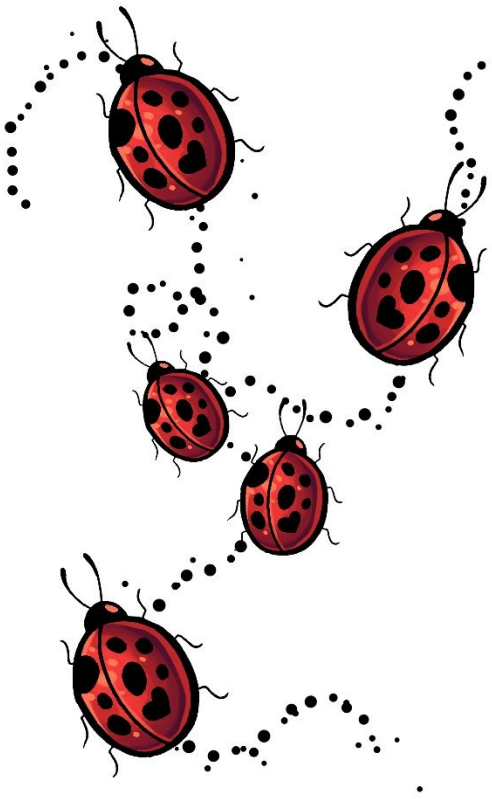
— Prefiro não comentar em horário de serviço, Davi.

Olhei o horário no meu relógio, faltava uma hora para o almoço.

— Você vai almoçar comigo. — Ela abriu a boca, continuei: — É um convite, mas entenda como uma ordem se quiser recusar, tudo bem?

Voltei para minha sala e ao invés de fechar a porta, mantive aberta. Não seria mais fechada, todos poderiam entrar.

O sacrifício era dolorido e muitas vezes nos fazia fraquejar, mas de uma coisa tinha certeza, engradecia a alma.



# Capítulo 45

## Bia

# Trinta e seis semanas

*Vucum-vucum-vucum-vucum...*

Eu queria poder gravar esse som no meu celular para escutar todos os dias antes de dormir. As batidas do coração de Joana não só comprovavam que estava viva, mas que tinha saúde e estava feliz dentro da minha barriga.

— Olha, ela não para de se mexer, Renata. Oi mamãe! — falei a última frase em tom de bebê, numa tentativa frustrada de fazer minha irmã sorrir.

Nada.

Mas uma coisa avançou, ela veio comigo no ultrassom e depois, iríamos para a casa da mãe de Davi, no chá de bebê surpresa para ela. Rildo marcou esse exame no sábado de manhã de propósito, para me ajudar a levá-la na festa.

Ela estava em depressão, não havia como explicar toda essa falta de emoção para algo tão lindo. Escutar o coração do bebê se tornou mágico para mim, que não era mãe, imagine para ela?

— Sente, Rê! — falei seu apelido de propósito. Se não fosse felicidade, seria de raiva. Rildo me encarou com os olhos arregalados, ele sabia muito bem que eu estava cutucando a onça.

Sentada ao meu lado, olhando o monitor de forma hipnotizada, minha irmã pareceu não me escutar. Peguei sua mão e coloquei na parte da minha barriga sem o gel gelado.

Nada.

O médico que fazia a ultrassom olhou para mim e fiz uma careta em resposta. *Pois é, doutor, estou com um caso sério.*

— Está tudo bem? — Rildo questionou e colocou a mão dele em cima da de Renata, que ainda estava na minha barriga.

— Claro que não está, ela tem problema no lábio — respondeu Renata com rispidez.

Tinha certeza que a pergunta não foi para ela, mas para o médico, só que preferi respirar fundo. O chá de bebê era a última coisa que faria para ela acordar antes de Joana nascer. Ela precisava muito mais da gente do que uma adulta que tinha tudo para sorrir.

— Ela está muito bem. Ganhou peso do último ultrassom para esse, a fenda labial parece estabilizada no tamanho. Farei as medições necessárias para

que sejam encaminhados para os médicos que estão acompanhando o caso — o médico falou olhando para Rildo.

— Vai dar para operar assim que ela nascer? Corrigir isso no primeiro dia de vida? — Renata pergunta e a olhei assustada. Finalmente abriu a boca para saber algo. Claro que não foi o que imaginava, ela ainda estava focada nas aparências e não no que importava, a verdadeira saúde.

— Eu não sou especialista no assunto, mas na minha residência já vi bebês nascerem e resolverem no mesmo dia que nasceu. A preferência é sempre quatro meses.

— Quatro meses com o rosto deformado? — Ela levantou da cadeira, estava prestes a surtar, porém, Rildo foi mais rápido e saiu com ela da sala de exame.

Suspirei e controlei as lágrimas. Será que eu era uma anormal, que não conseguia enxergar toda essa anomalia que Renata via? Era um problema, iria dificultar a vida de Joana para se alimentar e respirar, mas estávamos bem assistidos.

— Ela precisa de ajuda — o médico falou ao colocar o aparelho de volta em seu lugar e entregar lenços de papel para limpar minha barriga.

— Ah, doutor, eu sei. Desde quando descobriu a fenda, ela praticamente se fechou para o mundo. Hoje eu nem sei como Rildo conseguiu convencê-la a vir. Eu quero ela bem, mas... — Terminei de limpar minha barriga, o médico se despediu e ficou a técnica.

É, ele não era psicólogo para ficar escutando minhas lamúrias.

— Se serve de consolo, já acompanhei vários casos como o seu. De longe, vocês estão mais preparados que todos, vai dar tudo certo.

— Obrigada, eu confio nisso. — Sorri para a moça.

— O exame poderá ser retirado daqui dez minutos lá na recepção.

Saí da sala andando devagar e sempre. A minha barriga transformou minha forma de andar e o quanto conseguia fazer isso. Parecendo uma pata, procurei pelos pais de Joana. Tive que ir lá fora para encontrá-los. Chorando nos braços de Rildo, observei minha irmã se desmanchando mais uma vez. Ele a confortava e olhava para o nada, desolado e perdido.

Céus, esperava que essa ida à mãe de Davi desse certo. Que eles conseguissem trazer a prima e sua filha, para dar esperança a quem parecia que perdeu todas.

Nem na morte de nossos pais Renata pareceu tão abatida. Ela sofreu,

mas foi ela quem me fez levantar. Foi ela que me deu vários tapas verbais sobre seguir em frente e termos nossa própria família. Olhar para a vida!

Cadê essa mulher?

Voltei para dentro, andando lento e sentido que era um esforço sem igual, peguei o resultado do exame e abordei os dois.

— Por favor, não me veja como egoísta, eu só queria que ela viesse perfeita. — Minha irmã soluçou ao falar e foi para os meus braços. — Eu sou uma péssima mãe, eu sei.

Olhei para Rildo, não entendendo de onde veio tudo isso e ele só suspirou.

— Renata, sinta Joana. — Peguei sua mão e coloquei na minha barriga. Grande como estava, a bebê se mexia a cada cinco segundos e ela pôde sentir. — Ela está bem, sente sua falta. Sua presença é importante em todos os momentos, não se afaste.

— Eu sei, mas só de pensar no rostinho dela...

— Se é isso que te incomoda, esqueça, Renata. — Afastei-a e sorri. — Joana é amada, tem os melhores pais, os melhores médicos e será feliz.

— Você não tem como saber. — Fungou e se jogou nos braços de Rildo. — Vamos para casa, por favor.

— Não, Renata. Hoje é um dia especial. — Ela me olhou com o cenho franzido e o choro cessou. — Mamãe Renata está de volta, precisamos comemorar.

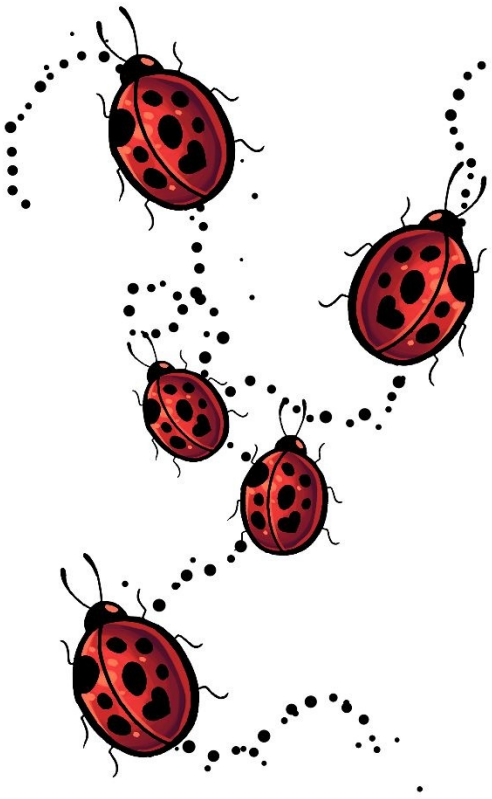
— Para, Bia, não há nada para comemorar.

Olhei para o Rildo com um sorriso, depois para ela e segui para o carro.

— Você que ainda não enxergou quantas coisas boas precisamos comemorar. Mas não se preocupa, vamos te mostrar — falei por cima do meu ombro.

Passei a mão na minha barriga e parei do lado do carro do meu cunhado. *Calma, pequena Joana, com ou sem terapia, mamãe Renata vai se recuperar*, pensei.

*Onde há vida, há esperança*, já dizia o velho ditado.



# Capítulo 46

## Bia

Assim que nos aproximamos da casa dos pais de Davi fiz uma careta. Já reconhecia o carro de Juliana, a mulher estaria no chá de bebê. Em alguma das vezes que nos esbarramos no almoço de domingo, ela pareceu muito agradável e simpática. Mas meu sentido de namorada era muito mais esperto que isso, estava esperando o momento dela dizer alguma besteira ou atacar Davi.

— Onde estamos? — Renata perguntou assim que o carro parou. Desafivelei meu cinto de segurança e coloquei minha cabeça entre os bancos da frente o quanto minha cabeça permitiu.

— Essa é a casa dos pais de Davi.

— Não, Bia, não é um bom momento. — Rildo tirou seu próprio cinto de segurança e encarou sua mulher.

— Renata, sua irmã está tentando te fazer uma surpresa. Você estava ocupada com outras coisas, por isso ela conseguiu um chá de bebê para você.

— O quê? — sua voz saiu rouca e baixa.

Com apenas um olhar, meu cunhado pediu que eu saísse do carro e os deixasse sozinhos.

*Vamos lá, cunhado, faça sua mágica.*

Saí com dificuldade e segui para o portão da frente da casa, onde havia um interfone. Anunciei minha chegada e Davi veio me recepcionar.

— E aí, como foi? — ele perguntou olhando para os lados da rua. Abraçou-me e beijou minha testa. — Não conseguiu trazer sua irmã?

— Ela e meu cunhado estão no carro. Ela está muito deprimida, precisarão ter paciência. — Envolvi meus braços em sua cintura e inalei seu cheiro de banho recém tomado. — Conseguiu trazer Nina? Não vi o carro dela e Jarbas não respondeu minhas últimas mensagens. Ele está de folga hoje e amanhã.

Ao mencionar o nome do meu amigo senti o corpo dele endurecer. Achando essa reação exagerada além do normal, me afastei e encarei o homem cujo cenho franzido me preocupou.

Céus, deixei alguma coisa passar? Era trabalho, Joana, minha irmã, Davi, meus amigos... era muito para lidar, sentia o peso do mundo nas minhas costas no final do dia.

— O que foi Davi?

— Eu queria te perguntar algo. — Ele olhou para a rua e pegou na minha mão. — Depois conversamos, sua irmã está vindo.

Virei para a direção do carro e sorri vitoriosa quando minha irmã se aproximou e exibiu o sorriso mais falso do mundo.

— Olá, Davi. Agradeça seus pais pelo carinho com minha irmã e meu filho.

*Joana! Sua filha é menina e se chama Joana!* Repeti na minha mente, já que surtar agora não era o ideal.

Ela estendeu a mão para cumprimentar e ele o fez sem se soltar de mim. Repetiu a ação com Rildo.

— Você pode falar diretamente com ela. Venham, espero que gostem, minha mãe e minhas irmãs são exageradas. — Guiando-nos pela casa, ele apertou minha mão assim que entramos na casa e demos de cara com Juliana.

— Oi, Bia, que bom te ver! — Ela me abraçou e rompeu a minha mão dada com Davi. — Nossa, que barrigão! Esse bebezinho está cada vez mais forte e bonito. Engordou quantos quilos já? Vinte?

Quem assistia de longe poderia achar que era apenas uma pergunta curiosa, mas eu sabia mais, a rata de academia queria mostrar que eu estava uma baleia. Confesso que esse tipo de comentário me afetava na maioria das vezes, olhar no espelho era tão frustrante como lindo. Sentia-me a mulher mais linda do mundo ao mesmo tempo que a mais gigante. Impossível não pensar em como conseguirei perder tanto peso.

— Foram doze quilos — respondi me afastando ela.

Dora e Diná apareceram contentes e faladeiras.

— Para de ver o peso dos outros, gostosona da academia. Quando você tiver um filho quero ver conseguir manter esse corpinho. — Diná me abraçou em cumprimento e se apresentou a minha irmã. — Eu sou meio desbocada, mas prometo que tenho bom coração. Eu fiz a torta salgada, espero que você goste.

E o que era para ser apenas um cumprimento se tornou uma roda de conversa. Rildo, como sempre calado, estava abraçado à minha irmã. Ela, por sua vez, por estar em um evento “social”, vestiu sua máscara e praticamente se transformou. Esperava, do fundo do coração, que ela também tivesse baixado a guarda e recebesse todo o dia com a mente aberta.

— O que vocês estão fazendo aqui dentro? Estão todos esperando vocês lá fora. Queremos saber o que acharam da decoração que fizemos! —

Dona Maria apareceu onde estávamos, me abraçou com força e quase arrancou lágrimas de mim. Sem motivo, essa era eu, chorando quase sempre no final da gravidez.

— Obrigada por tudo, dona Maria Auxiliadora, não precisava.

— Ah, com certeza precisava sim, minha filha. Você precisa conhecer Giana e Joice, minha sobrinha e sobrinha neta.

Arregalei meus olhos e abri o maior sorriso para Davi. Eles haviam conseguido, trouxeram a menina que teve fenda labial e hoje vivia muito bem.

Quando todos nós viramos para seguirmos até a área de lazer no fundo da casa, percebi Juliana se aproximando do lado oposto que estava do meu namorado. Descaradamente, pelo menos para mim, ela alisou seu braço e quase parou em seu quadril. Senti que Davi se afastou e envolveu seu braço nos meus ombros, como se eu fosse resgatá-lo.

— Como quê... — perdi a fala e qualquer sentimento de raiva quando uma decoração vermelha com pintinhas pretas me recepcionou.

De forma caseira, havia vários balões espalhados pelas paredes e pilares da área do fundo. Vermelho e pintinhas pretas representavam joaninhas. Um bolo falso feito de fralda decorava uma mesa mais no canto. Porções de salgados e docinhos, além de pelúcias de joaninhas adornavam o que seria o destaque para fotos.

*Como nunca pensei nisso antes?*

Preocupada com modinhas, princesas e tudo mais, não reparei que minha sobrinha tinha uma decoração própria que vinha com seu nome. Minha mãe nunca nos fez essa referência e eu mesma não estava sintonizada. Ainda bem que não escolhemos ainda o papel de parede no quarto de Joana, porque o tema não seria nenhum daqueles que a arquiteta sugeriu.

Isso me fez lembrar que precisava concluir esse quarto junto com o enxoval. Pesquisei na internet e fiz uma lista de todas as coisas que precisava ter para colocar na bolsa da maternidade, ter em casa e tudo mais. Renata se fechou para o mundo e Joana iria nascer e vestir apenas roupas de sair, já que apenas esse tipo de vestuário foi comprado.

As fraldas de pano e cueiros existiam, apenas com temas de menino.

Ainda bem que as crianças apareceram, porque eu previa que iria começar a surtar apenas com esses pensamentos.

— Oi tia Bia! Olha o que ajudamos a fazer? Eu enchi aqueles balões. — João Lucas e outas três crianças fizeram fila para me cumprimentar.

Com um abraço e um beijo no rosto, tentei fazer tudo de pé, mas Gabriel e Marco Antônio eran muito pequenos, por isso ajoelhei. Não deveria ter feito, porque praticamente sentei no chão ao mesmo tempo que escutei uma sinfonia de “não precisa abaixar”.

— Vem, vou te ajudar — Davi quase me carregou no colo para isso.

— Chama o guincho — Juliana soltou e todos riram. Eu sorri de boca fechada, minha vontade era de mandá-la caçar o rumo do circo.

Admirando mais um pouco a decoração, esqueci de olhar para as pessoas e até mesmo para minha irmã. Quando dei por mim, estava escutando o choro de Renata.

Com todos os sentidos em alerta, virei em busca dela e a encontrei abraçada a Rildo com duas mulheres a sua frente, uma mãe e uma menina com uma cicatriz quase imperceptível nos lábios.

— Mãe, ela está chorando. — A pequena Joice cochichou para a mãe, mas consegui escutar assim que me aproximei com Davi ao meu lado.

— Oi tia. Essa é Bia e sua irmã Renata — ele falou depois de abraçar as duas.

— Me desculpa, eu não estou grávida, mas os hormônios da gravidez andam me atingindo mesmo assim. Sou Renata, é um prazer conhecer... alguém... — ela ficou sem graça de continuar, acho que não encontrou palavras.

— Que nasceu com fenda labial? — Giana concluiu por ela. — Joice é uma pequena guerreira, não é minha filha?

Com um enorme sorriso de orgulho, a pequena se movimentou em seu lugar antes de responder:

— Sim, mas nem aparece direito — a menina diz envergonhada.

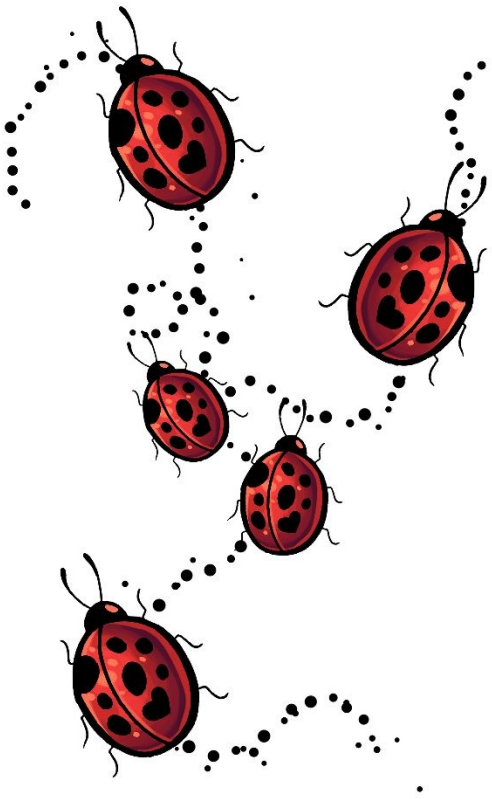
— Vamos sentar, minha filha. — Dona Maria entregou uma caixa de lenços para Renata, que agradece encabulada. — Não há vergonha em chorar, faz bem.

— Lava a alma! — Dora complementou do seu lugar.

— Rildo, você não quer ficar com os homens? Davi te apresenta a eles, vamos meu filho!

— Vamos lá. — Davi se afastou. Eu não queria me soltar e muito menos ele. Parecia que o contato físico era quase como respirar quando Juliana nos olhava como gavião.

— Eu e Giana vamos contar tudo!



# Capítulo 47
## Bia

— Como foi para amamentar? — perguntei antes de todos. — Machuca?

— Eu tentei amamentar, o dentista fez uma prótese de palato... — Giana tentou me responder, mas minha irmã a interrompeu.

— Bia, você não será obrigada a amamentar — Renata virou para mim e me olhou com cara de “a filha é minha”. — Como foi com os médicos? E as cirurgias?

— Ela fez duas cirurgias até dois anos, depois mais três para reparar as outras duas até os quatro anos.

— Cinco cirurgias, caramba! — Renata devorava todas as informações da história da pequena Joice, que nasceu prematura além dos lábios leporinos.

Há muito não via minha irmã falando tanto, por isso me levantei com a desculpa de ir ao banheiro e não pretendia voltar.

Confesso que tinha mil e uma perguntas a fazer, não tão focadas nas cirurgias, mas em como viver com um bebê com uma fenda, já que teríamos essa fase e acho que seria a mais desconhecida. Depois da minha irmã ter dominado a conversa e praticamente me jogado de escanteio, só queria sentar naquele sofá da sala da dona Maria e ficar calma, pois minha irmã estava de volta.

Dando preferência para ir no banheiro de dentro da casa, com calma e paciência caminhei e fiz o que era preciso. Quando saí, dei de cara com Diná e Juliana, que estavam na sala conversando baixo e pareciam alteradas.

Acho que meu descanso ficaria para depois.

— Senta aqui, Bia! — Juliana me chamou e precisei controlar minha boca de fazer uma careta.

— Estamos conversando com Giana sobre Joice, eu realmente preciso saber dessas informações.

Virei minhas costas para ela e passei a mão na minha barriga, um costume que não saberia dizer se sumiria depois que a gravidez fosse embora, uma vez que me acalmava e sentia que protegia a bebê.

— Imagina, depois você conversa com ela. Giana vai ficar a semana inteira, vai ter tempo.

Sendo praticamente laçada por Juliana, ela pegou no meu braço e me fez sentar no sofá. *Que mulher abusada*, soltei meu braço do seu aperto com uma expressão séria no rosto.

— Bia, estávamos falando sobre você e Davi — Diná começou falando e apenas a encarei desconfiada. Sem filtro como era, com certeza viria bomba por aí. — Eu sei que vocês ainda não namoram e tal — levantou as sobrancelhas me dando a entender que não consumamos o ato carnal —, você não acha injusto prender um homem dessa forma? Não é melhor vocês começarem algo depois que a bebê nascer?

Como colocá-la em seu lugar sem ser sem educação? Tinha certeza que Davi não ficaria incomodado de xingar sua irmã, mas o meu amor por essa família, inclusive por essa irmã sem noção, me impedia de tudo.

Tinha certeza que tudo isso estava sendo influenciado pela cobra que estava ao meu lado chamado Juliana.

— Diná, acho que isso é um assunto muito particular para responder. Eu gosto muito do seu irmão.

— Se você gosta, tem que deixar ir! — Juliana se levantou e se sobrepôs a mim. Levantei minha cabeça para encará-la. — Ele está infeliz, sai para barzinhos e fica só bebendo. Esses dias fui até no serviço dele para tentar dar apoio, porque está difícil o ver dessa forma. Você o está prejudicando.

Céus, eu sabia que tudo isso era mentira ou uma pressão sem noção em cima de mim, mas as lágrimas estavam sendo quase inevitáveis. Odiava não contribuir para a felicidade alheia tanto quanto odiava prejudicar alguém.

Espera.

Ela foi no serviço de Davi?

Os bares e saídas dele eu sabia de todas, ele me falava e nunca o prendi. Na verdade, fingia que não sabia, a ignorância poderia ser uma benção, mas saber que ela foi no serviço de Davi, que era o meu antigo e não sabia disso... o choro se transformou em raiva. Ele poderia me trair, ou melhor, ele estava liberado para fazer o que quisesse, mesmo eu não concordando, mas não com Juliana, não ela.

Com uma mão na barriga, tentando acalmar a mocinha que começou a se remexer dentro de mim, me levantei com certa dificuldade.

— Eu vou voltar para o fundo — decretei.

— Não fique chateada com o que falei, Bia. Gosto muito de você, mas ele é meu irmão, preciso pensar nele — Diná falou e se levantou também.

— Eu também gosto dele, mas nem por isso me intrometo na sua vida e digo a ele o que tem que fazer. Ninguém está o obrigando a ficar do meu lado — minha voz saiu alterada e percebi a chateação na cara da irmã de Davi. Droga. — Desculpa, gente, eu realmente quero saber mais sobre como foi a vida da Giana e da Joice. Joana em primeiro lugar.

Virei e só não saí correndo, porque meu corpo não me permitia graça e leveza de movimento para tal ação.

Antes de me afastar completamente, fui obrigada a escutar:

— Exatamente isso, Davi merece ser prioridade e ele não é para você — essa foi Juliana e eu tinha algumas milhões de coisas para dizer a ela onde enfiar essa prioridade.

Sabia que ela fazia todo esse charme de boa moça, mas fez a cabeça de Diná com algo absurdo. As irmãs de Davi precisavam deixá-lo viver.

Quando voltei para o fundo e sentei à mesa onde ainda se falava de cirurgias e como ficou Joice, observei meu namorado platônico de longe e ele percebeu a alteração do meu humor na hora que seus olhos encontram os meus.

Por que ele não me falou sobre a visita de Juliana na Receita? O que ela foi fazer lá?

Poderia até pensar em cobrar essa informação de Nina, mas andava sendo uma péssima amiga, não a pressionando e deixando que ela me contasse. Jarbas abriu seu coração para mim, só minha amiga que não percebia o quanto esse homem a amava e faria qualquer coisa por ela, inclusive abandonar seu sonho de correr profissionalmente de moto.

— Você está bem? — Davi perguntou no meu ouvido e não o olhei, apenas observei minha irmã em seu ambiente, o centro das atenções e conversando muito.

Olhei para Rildo, que a observava de longe, conversando com os homens da casa e olhando as crianças na piscina. O peso nos ombros dele parecia ter sumido tanto quanto nos meus.

— Eu preferia conversar com você depois — sussurrei. — Não agora. — Forcei um sorriso.

Senti-o hesitar, depositar um beijo no meu cabelo e acariciar minhas costas antes de voltar para o clube do bolinha. Continuei prestando atenção na conversa, mas meus pensamentos estavam longe. Enquanto uns se preocupavam com a estética, eu queria saber sobre o parto, como que foi nos primeiros minutos de vida, o que precisaria fazer para ser uma boa mãe...

*Mãe?*

Saia pensamento da minha cabeça! Depois que Dona Maria falou que eu sempre seria mãe dentro de mim, algo se acendeu. Uma vontade enorme de ter meu próprio bebê surgiu, mas não faria Joana passar por algo tão descabido. Não podia ficar com ela, os pais dela esperavam muito de mim e não iria decepcioná-los.

Eu sentia... lutava contra esse sentimento e no final, a razão dominava, era apenas tia.

— Como foi o parto? — perguntei quando surgiu uma breve pausa da conversa das duas.

— Eu tive que fazer cesárea por ter sido prematuro e ela estar em sofrimento na minha barriga, mas meu sonho era ter normal.

— Bia, eu estarei pagando, você fará cesárea, não se preocupa. Ninguém vai sofrer mais do que já sofremos para trazer Joana ao mundo.

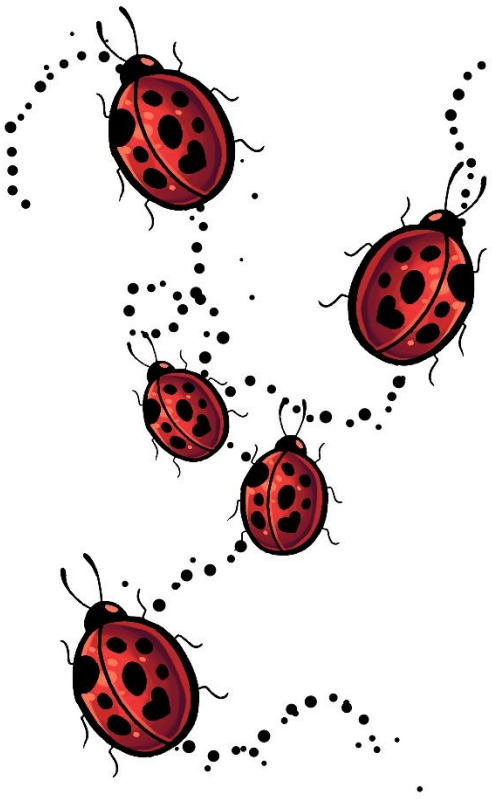
E como sempre, com maestria, Renata conseguia me subestimar e agora, sua própria filha. Não tinha pensado ainda sobre o assunto, qual seria a melhor opção de parto?

Vi Diná e Juliana voltando de dentro de casa e observei que as duas se aproximaram dos homens. Davi soube na hora que elas tinham relação com minha súbita mudança de humor, seus olhos me encontraram e eu apenas dei de ombros, desviando minha atenção para outra coisa.

Não iria brigar por causa da sua família. Para mim, era sagrado, por isso, quem tinha que se impor era ele.

Peguei meu celular e aos sons de conversa de mulher e crianças se divertindo na piscina, pesquisei sobre relatos de parto e o que me aguardava. Talvez não seja importante para Renata, já que não é ela que está passando por essa experiência, mas no momento certo eu imporia minha vontade, uma vez que era meu corpo.

Nesse caso, faria o que era melhor para minha Joaninha.



# Capítulo 48
## Bia

— Não sei como agradecer, dona Maria Auxiliadora. Entendo que fez tudo isso pela minha irmã.

— Claro que não, mulher. Isso foi para a família e você faz parte agora! — Dora se aproximou e abraçou minha irmã, que parecia desconsertada, já que de longe se parecia com as festas que ela ia com suas amigas madames. — Venha sempre, já passei nossos números. Tirando Diná, nossa ogra, você terá carinho a qualquer momento!

— Ogra? Olha quem fala, bruta! — Diná brincou e as duas, mais Juliana, ficaram discutindo e brincando entre si. Denília estava dentro de casa cuidando das crianças que estavam na sala, umas brincando e outras dormindo.

Era fim de tarde, o sol já se despedia, mas não eu.

— Volta sempre, minha filha. Foi um prazer poder compartilhar esse dia com vocês. — Dona Maria se despediu de Renata com um abraço demorado. Quando elas se separaram, uma lágrima escorreu dos olhos da minha irmã.

*Eu te entendo, Renata. Esse carinho de mãe faz falta.*

— Não volte tarde, você precisa descansar, eu vi seu pé inchado — minha irmã falou no meu ouvido quando a abracei em despedida.

— Não se preocupa, vai demorar apenas o necessário. Não ficaria se não fosse importante — respondi também baixo e acenei para meu cunhado enquanto todas as outras também faziam.

Acho que foi muita interação para Rildo em um dia só, despedidas calorosas igual eu e minha irmã tivemos seria muito para ele. Sorri, porque tinha certeza que a vinda de Joana o fará mudar de postura. Dizem que a filha é mais apegada ao pai, duvidava que ele resistiria a carinha de anjo.

Alisei minha barriga e imaginei os três juntos, brincando no parque, sem preocupação com rótulos, aparências ou convenções sociais. Minha Joaninha poderia correr livre, sua mãe estaria pronta com um lanche e seu pai a incentivaria a correr e brincar à sua volta.

*Céus, eu queria isso para mim também!*

— Podemos conversar? — Davi se aproximou tocando minhas costas e fazendo um carinho suave, tirando toda a minha concentração dos sonhos e voltando a realidade.

Renata estava de volta, com isso, a mãe de Joana também. Ela não só conversou com todo mundo, interagiu e sorriu, mas fez planos para voltar a fazer o enxoval. Sei que ainda faltava muito para ela sentir o que realmente era ser mãe, esquecer um pouco as aparências que com certeza ela sentiria a necessidade quando envolvida com sua turma.

Ela voltou.

De braços cruzados vendo minha irmã ir embora com Rildo, na frente da casa, eu segurava minhas emoções.

— Você não sabe o bem que fez para a minha irmã — ignorei a fala anterior de Davi.

Virei para ele, coloquei minha mão na sua nuca e aproximei seu rosto do meu, já que não conseguia fazer o que queria, que era envolver meus braços em seu pescoço, ficar na ponta dos pés e colar meu corpo junto ao dele.

— Você gostou? — sussurrou, os narizes se tocando, nossos olhos em chamas.

— Foi perfeito, obrigada!

Toquei meus lábios nos seus e mal senti sua textura ou sabor, porque uma tosse descontrolada me lembrou que não estávamos sozinhos.

Afastei-me de Davi e olhei para a origem da nossa interrupção. Não poderia ser ninguém menos que Juliana.

— Nossa — ela tentou falar, porém, não teve chance.

— Bia precisa deitar, mãe. Está com os pés inchados. — Davi foi mais rápido.

— Vá para o seu quarto, filho. Lá ainda tem sua cama, ela se sentirá melhor — dona Maria sugeriu.

— Acho que tomei cerveja de mais, posso deitar na sua cama também? — a intrometida soltou.

Olhei para Davi que rapidamente olhou para sua mãe e desviou para Juliana. Até onde esses comentários iriam?

Diná e Dora riram da amiga.

— Sei o que você quer fazer na cama — Diná comentou e elas começaram a rir mais ainda.

Quando procurei dona Maria, ela havia se afastado e como se fosse um convite, eu e Davi também fomos. Pelo caminho, bufei algumas vezes e me despedi de Denília, que carregava o mais novo no colo enquanto o marido carregava o mais velho, ambos dormindo.

Entrei pela primeira vez no antigo quarto de Davi e percebi que de nada parecia com ele. Móveis em vários tons de madeira, a cama box sem cabeceira e uma televisão pendurada numa parede, o quarto era muito impessoal.

Sem cerimônias, sentei na cama e gemi com satisfação.

— Esse quarto não parece seu — falei me ajeitando no meio da cama e colocando dois travesseiros nas minhas costas. Nesse momento, Joana começou a se mexer em euforia e agradecimento. Passei a mão nela e falei: — Sim, eu também gostei daqui, Joaninha, só não tem nada do Davi.

— Engraçado você dizer isso, porque levei tudo o que era meu daqui, só deixei o que não me faria falta.

Sentado aos meus pés, ele removeu seu tênis, esticou suas pernas ao meu lado e apoiou um braço na cama para me encarar. De vestido até os joelhos, fechei as pernas e ajeitei o tecido para que ele não visse nada além do que eu já não mostrei antes.

— Está com vergonha? — ele perguntou e começou a mover sua mão livre na minha pele em uma carícia nem um pouco inocente.

— Davi — alertei.

Ele beijou minha canela, deitou de costas e colocou as mãos na nuca.

— Você esteve sozinha com Jarbas no shopping esses dias?

*O quê?*

Franzi a testa em sinal de que não entendi a intenção da pergunta, só que ele não estava me olhando, por isso, precisei verbalizar:

— Não entendi.

— Sei que da última vez que conversamos sobre isso, você falou que me teria como amigo, que sua prioridade era o bebê, mas combinamos de ser sinceros um com outro. Eu sempre falo o que faço, busco até sua aprovação para poder sair.

Estava cansada de mais para entender nas entrelinhas dessa conversa. Até que lembrei do que Juliana falou.

— E você que se encontrou com Juliana no seu serviço e não me falou? — soltei com raiva. — Continuamos com o mesmo relacionamento platônico que não deveríamos alimentar. Você fica inseguro e eu também.

— Eu não fiz nada com Juliana! — Ele sentou com pressa. — Só não comentei com você porque não tinha importância.

— O mesmo caso acontece comigo. Será que precisarei falar todas as vezes que vou ao shopping com meu amigo? Não se esqueça que ele também é

meu motorista. — Fiz bico.

— Então você não ficará chateada se eu sair com uma amiga? — desdenhou a última palavra.

— Desde que você a trate como amiga — usei o mesmo tom que ele —, não vejo motivo. — A raiva me dominou. — Quer saber, nem se a tratar de outra forma, não temos nada definido, minha barriga sempre será um empecilho e não sei mais se vamos aguentar. — Mordi meu lábio inferior para controlar as lágrimas.

Por que estávamos brigando por causa disso? Estávamos tão bem, eu na ignorância e Davi sendo um verdadeiro príncipe.

— Quero ter algo definido com você. Porra, por que é tão difícil me aceitar como namorado? — perguntou e se levantou da cama.

— Você vai assumir a grávida como sua namorada?

— Sim, vou assumir e se esse filho fosse seu assumiria também! — Parou apenas um momento. Ofegante, voltou a caminhar de um lado para o outro, me deixando chocada com sua afirmação.

— Você...

— Sem jogos, Bia. Sinceridade, certo? — Ele voltou a se sentar aos meus pés, pegou os dois e colocou em seu colo. — Juliana foi no meu serviço pedindo para ter uma chance comigo e falou que te viu aos beijos com Jarbas.

— É claro que é mentira! — falei alto demais, por isso abaixei o meu tom quando removi meus pés do seu colo e virei para sair da cama. — Não acredito que você confiou nas palavras dela. Vai dar uma chance para Juliana? Vocês ficaram? — Apontei o dedo para ele. — Não minta!

— Eu não traio as pessoas que amo! — soltou bravo e dessa vez, ele não mediu esforços para me ter em seus braços.

Colocando meu corpo entre suas pernas, ainda sentada na cama, ele beijou meus lábios e incendiou meu corpo. Quanta vontade, quanto desespero... tão errado.

Aproveitei os últimos segundos dos seus lábios quentes e macios nos meus. Tinha um gosto especial, uma iguaria que eu recordaria depois de anos, com certeza.

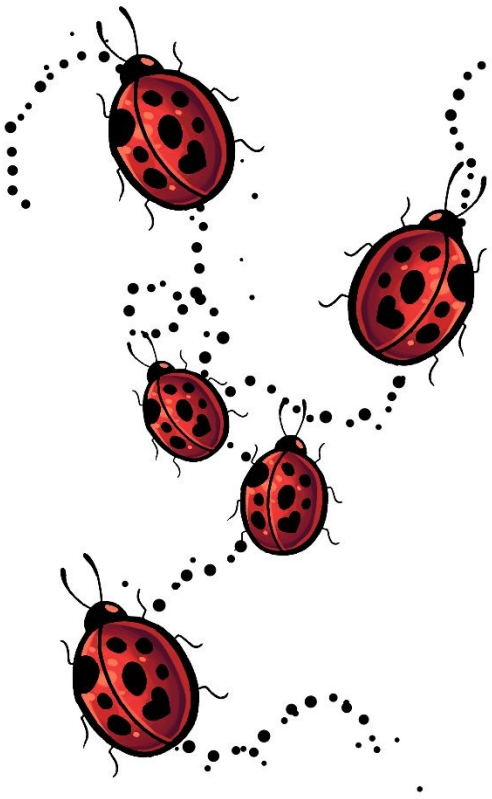
— Não podemos, desculpa — soltei e me levantei com dificuldade. — Me leva embora?

— Deita comigo? — Encarei para sua mão estendida para mim e olhar implorador. — Apenas deitar, ainda não terminei de falar tudo o que sinto por

você.

Então a ficha realmente caiu.

Ele me amava.



# Capítulo 49
## Bia

Ajeitou-me na cama de lado. Dessa vez não me preocupei com o que o vestido tamparia ou não, porque estava em choque.

Ele me amava.

Com cuidado, deitou-se atrás de mim, colocou um braço debaixo do meu pescoço e o outro no meu quadril, que não parou um segundo de deslizar na minha barriga.

Quando fechei meus olhos, foi porque ele esfregava seu rosto entre meu pescoço e cabelos.

— Davi.

— Eu te amo, Bia. Confesso que não queria admitir, fugi da minha responsabilidade de ser o homem que você precisava. — Ele finalmente encontrou meu pescoço e deixou beijos por ali. — Uma coisa boa veio com a visita de Juliana no meu serviço, porque foi nesse dia que aceitei você de verdade para mim. Quero você, esqueça convenções sociais, a opinião dos outros, me aceite.

Sua perna se encaixou entre as minhas, seu quadril estava perfeitamente colado ao meu, éramos apenas um enquanto ele desmanchava seu coração para mim.

Antes que eu fizesse algo que me arrependesse depois, peguei seu braço explorador da minha barriga e trouxe para próximo do meu peito. Envolvi em um abraço e senti as reações do seu corpo por estar colado ao meu.

— Não poderia ter homem melhor para estar ao meu lado do que você. — Não consegui corresponder à sua declaração. Isso tornaria muito real o que poderíamos fazer nessa cama. — Espero valer a pena quando me sentir livre da obrigação de continuar casta por Joana.

— Não quer tentar? — sussurrou no meu ouvido e mordeu meu lóbulo.

Não queria fazer um teste, já estávamos além disso.

— Se você insistir mais um pouco, cederei as suas investidas. Eu também te quero, só que dentro de mim, meu coração pede para que espere. São apenas mais quatro semanas.

— Quatro semanas mais quarenta dias. — Apertou meu corpo contra o

seu e segurou o fôlego por alguns segundos antes de soltar e se afastar.

Por que não poderia apenas me deixar ir? Qual o problema em estar com um homem, mesmo ele não sendo o pai do bebê, afinal, nem eu era a mãe?

Jurava que tinha as respostas na minha cabeça, mas nada aparecia. Era algo para se sentir apenas, não justificar com palavras.

Ainda de olhos fechados, me encolhi ao máximo e tentei não chorar. Havia testado todos os limites de Davi, era muito tempo para recusar o que ele sentia.

— Sexo não é tudo, Bia. — Senti-o sentar perto da minha cabeça, por isso abri os olhos e franzi minha testa. — Sei o que sua mente já está querendo te convencer, por isso, foque apenas no que te falei. — Beijou minha testa. — Eu te amo.

Eu também o amava, mas as palavras simplesmente não queriam sair da minha boca. Caramba, como ele ficaria ao meu lado sem corresponder aos seus sentimentos?

Achava que dentro de mim existia outro ser com mais vontade que eu, com um poder enorme de comandar minhas ações e ele dizia para me entregar de alma apenas quando pudesse me entregar de corpo.

— Jarbas conseguiu uma oportunidade de correr em uma fórmula de motos, não sei como se fala isso. — Mudei de assunto e busquei seu colo para colocar minha cabeça. Sua mão começou a deslizar pelos fios de cabelo.

— Internacional? Ele não corre motocross?

— Perguntei a mesma coisa. — Sorri e lembrei, no dia que ele me contou, estávamos no shopping e o final da conversa se encerrou conosco nos abraçando, porque o final disso tudo não era feliz. — Ele gosta de velocidade e motos. Um amigo de um amigo o apresentou para um patrocinador ou sei lá... enfim, quando Jarbas me falou, estava mais preocupada em comemorar com ele do que na justificativa de como ele conseguiu isso.

— Que bom para ele. Isso quer dizer que ficará longe da minha mulher e não será mais seu motorista.

Bati de leve no seu joelho e ele riu.

— Por favor, não tenha ciúmes dele. É apenas um amigo.

— Tenho certeza que assim que Nina der um pé na bunda dele, terei um concorrente.

Esforcei-me a sentar, olhei em seus olhos carinhosos e afirmei convicta:

— Não há concorrência para o valente Davi. Você está impregnado em meu coração, só conseguirei te substituir se fizer um transplante.

Ele deixou um sorriso de lado aparecer, olhou para a minha boca, depois meus olhos e suspirou, desmanchando o sorriso.

— É uma merda ter que falar dos outros para eu tentar não te atacar aqui na minha cama. Você é linda, Bia. — Sua mão acariciou minha bochecha.

— Eu realmente estou me sentindo bonita. O espelho não está cruel comigo. — Segurei sua mão do meu rosto, beijei e coloquei na minha barriga, para que sentisse Joana.

— Quando vamos nos ver livres de Jarbas? — brincou e revirei os olhos.

— Ele disse que só vai assumir alguma coisa quando Joana nascer. — Fiz uma careta. — Ele acha que Renata não vai assumir a bebê, por isso quer estar do meu lado para apoiar.

— Como eu disse, um concorrente. — Davi me fez deitar em seu colo novamente.

— Nada a ver.

— Nunca iremos concordar, mas aceite o que digo. Eu sou homem, penso como homem.

— Está bem, continuando... Ele soube isso há um tempo já e quando foi conversar com Nina, ela não aceitou muito bem.

— Não aceitou ele ter crescido na carreira? Essa não é a Catarina que conheço.

— Nada a ver. Ela não quer ter um relacionamento a distância e pediu um tempo.

— Isso não é bom. Será que esse é o motivo de Nina estar tão distante e impessoal conosco?

— Sim. Bem, na verdade, acho que é mais do que isso. Ela não ficaria sem responder mensagens minhas só por causa de um rompimento com Jarbas. Tem algo mais e queria descobrir.

— Quer que eu descubra isso? Vejo Catarina todo dia no meu trabalho — brincou e apertou meu nariz de leve.

— Juro que não foi uma, mas várias vezes que pensei sobre ir falar pessoalmente com ela. Liguei apenas e a desculpa é sempre a mesma, estou dirigindo, estou indo para uma reunião, que legal, depois te respondo... — Suspirei. — Não queria perder a amizade dela por causa do afastamento de

Jarbas. Os dois são meus amigos.

— Pode deixar que resolvo isso para você na segunda-feira.

— E se fiz algo de errado? A gravidez e o detalhe da boca de Joana me afastaram de todos, mas tento enviar mensagem sempre.

— Não é culpa sua, você está sofrendo de antecipação.

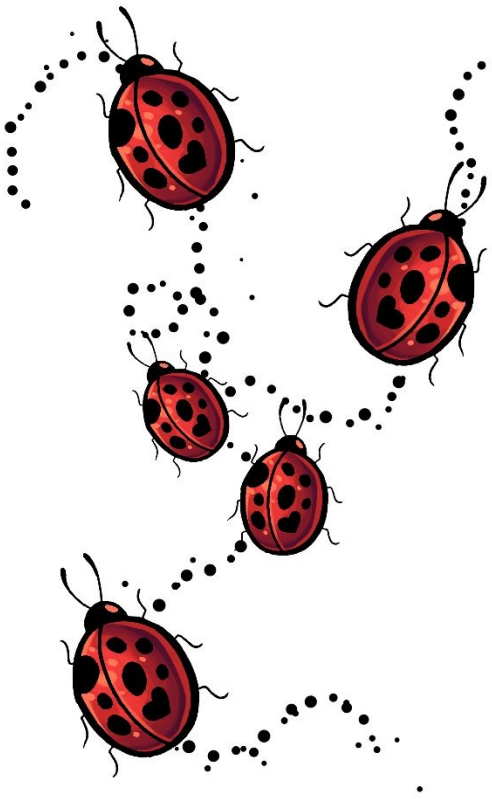
— Só quero não perder tudo o que consegui com a vinda dela — sussurrei e alisei minha barriga.

— Não vai acontecer, eu não vou deixar — disse com determinação.

Infelizmente, ele não tinha o poder de mudar os sentimentos das pessoas. Sabia que fiz algo de errado para Nina ter se afastado. Jarbas contou algo a mais que preferi guardar para mim do que contar a Davi, ele suspeitava que a namorada estivesse grávida, já que a última conversa sobre sua promoção nas corridas de moto, ela comentou que estava com a menstruação atrasada.

Sabia o quanto os hormônios poderiam transformar uma mulher, nunca mais veria uma grávida da mesma forma.

Com o corpo e a mente cansada, fechei meus olhos e foquei nas suas últimas palavras. Davi começou tão pequeno na minha vida, sem fazer tanta diferença e hoje, está derrotando os Golias que aparecem e invadindo meu coração com seu amor.



# Capítulo 50
## Davi

O resto do final de semana, na minha família, foi um pouco conturbado. Bia não veio no almoço de domingo e antes que Juliana aparecesse, coloquei minhas irmãs na parede. Estava claro que a amiga delas estava querendo atrapalhar a minha vida, não sabia quais palavras usar para que entendessem.

— Ela foi no meu serviço tentar se agarrar comigo, ela é louca! — esbravejei de pé na cozinha com minha mãe, irmãs e os meus dois sobrinhos menores.

— Você se acha o gostosão, Davi. Para de exagerar, ela só gosta de brincar com isso porque vocês já ficaram — Diná desdenhou. — E outra, você fica dando esperança para ela.

— Esperança? — Encarei minha irmã com raiva. — Ela não sabe o significado da palavra não! Já disse que estou com Bia!

— Você está namorando Bia? De verdade? — Dora perguntou surpresa. — Finalmente!

Mentir para me safar ou encarar a realidade?

— O que eu e Bia somos não é problema de vocês, mas que eu não quero Juliana, sim. Enquanto Bia estiver conosco, não quero essa mulher aqui.

— Gente, vamos acalmar. Davi não está pedindo nada absurdo — Denília ajeitou o sobrinho Marco Antônio no colo.

— Bia está fazendo a cabeça dele contra uma amiga nossa de anos. Ela não tem direito a isso enquanto está fazendo nosso irmão de besta — Diná aumenta o tom.

— E desde quando você se importa? — Apontei para ela. — Juliana pode me assediar e fazer o que não quero. Bia não pode me fazer de besta mesmo que eu queria. — Virei para a minha mãe, que até aquele momento não disse uma palavra. — Me ajuda aqui mãe.

— Sempre correndo para a mamãe... — resmungou Dora. — Gosto de Bia e da Juliana, não vejo problema nenhum as duas coexistirem.

— Para mim, Bia vai tarde... — resmungou Diná e minha vontade era de que ela fosse homem, para poder socar o seu nariz.

Abri a boca e a campainha tocou, anunciando a chegada do ser *non*

*grato*. Antes que minha irmã barraqueira deixasse a cozinha, anunciei com frieza:

— Juliana entra nessa casa, eu saio.

— Vale a pena ficar sem sua família por causa de uma moça que só quer ter um lugar para estar no domingo? — Denília desceu o sobrinho e ele correu para a sala. — Talvez você não saiba, mas ela considera a gente como sua família, ela é rejeitada... somos seu conforto. Quer ser o responsável de afastar alguém que só quer carinho?

Juliana com certeza apelou para os corações moles das minhas irmãs. A vítima, que não faz mal a ninguém.

— Quero estar com minha família, só que ela prefere dar razão para alguém de fora do que o próprio sangue. — Fui em busca da minha carteira e Diná foi para a frente de casa, a campainha tocou novamente.

— Você pode estar fazendo a mesma coisa, dando razão a Bia e sua inimizade — Dora comentou de forma mais amena.

Coloquei a carteira no bolso, peguei a chave do carro e fui beijar minha mãe, que ainda não tinha falado nada. Sábia como era, tinha certeza que em outro momento iria me dar um sermão que seria pior que uma surra.

— Tchau mãe.

— Vai com Deus, meu filho, depois nos falamos.

Passei por todas sem me despedir e quando cruzei com Juliana, que me cumprimentou com um enorme sorriso, ignorei e rumei para longe do almoço de domingo que tanto me agradava.

Droga, esqueci de despedir do meu pai.

Acelerando o carro sem piedade, debati entre visitar Bia ou ir para meu apartamento e não fazer nada. A segunda opção venceu, já que não seria uma boa companhia de tão mal-humorado que estava.

***

Se minhas irmãs conseguiam ser chatas e insistentes, enviando mensagens todos os dias e fazendo drama porque nossa mãe ficou chateada com minha ausência, Catarina conseguia ser o oposto. Legal e disponível, ela não impediu nenhuma aproximação minha para conversar, porém, quando a esperava para almoçar ou para falarmos em particular, ela se esquivava ou sumia.

Agora compreendia a aflição de Bia quando o assunto era Nina. Como

um grande disfarce da vida, ela demonstrava estar bem, não negava nada para não entrar em uma discussão e quando não dava certo, simplesmente respondia que havia esquecido ou teve uma emergência.

Sacrificando meu dia de ficar com Bia e curtir um dia com a grávida que amava, dirigi em direção a casa de Nina com a esperança de ela estar e não me expulsar.

Ser chefe de setor estava consumindo meu tempo, impedindo de ter liberdade para visitar Bia, que andava cada vez mais cansada. Não havia uma conversa nossa que ela não reclamava sobre seus pés inchados ou dor nas costas. Em compensação, os elogios e felicidade sobre seu trabalho investigativo se sobrepunha a tudo.

Cada dia mais minha admiração por essa mulher crescia. Não haveria nada nesse mundo que me afastaria dela. Como uma pedra preciosa que ainda não tinha sido catalogada, Beatriz Carrero era uma mulher excepcional, que se dividia entre sua própria realização pessoal e a da irmã.

Não a deixaria escapar por nada, mas também não perderia a oportunidade em tentar quebrar essa barreira que ela colocou para nós. A gestação não era mais uma barreira para mim que não fosse um monte de convenções sociais. Onde havia amor, não havia espaço para modismo.

Como eu mesmo falei para minhas irmãs, minha vida e da Bia não interessava ninguém a não ser apenas nós dois.

Estacionei meu carro na frente da casa amarela de portão marrom escuro e desci, sem hesitar. Que eu sabia, ela morava com os pais, que já eram idosos. Sem irmãos, ela praticamente carregava a casa nas costas. Não que ela tivesse reclamado sobre isso, mas comentar sobre família era algo raro.

Procurei a campainha no muro e não achei. O jeito era bater palmas.

— Catarina! — gritei enquanto fazia barulho com as mãos.

Uma senhora idosa apareceu para me recepcionar, com cara de poucos amigos.

— Quem é? — Da porta da casa, ela perguntou desconfiada.

— Sou Davi, trabalho com Catarina, precisava falar com ela.

— Ah, Davi... — ela respondeu em reconhecimento. — Entre, menino, ela já está voltando.

Aproximou, abriu o portão pequeno com uma chave e me acompanhou para dentro da casa.

Com detalhes em madeira escura, os móveis eram todos em estilo

antigo. Direcionado para o sofá, a senhora me sorriu antes de perguntar:

— Aceita uma água? Estou terminando de preparar bolachinha de nata que Catarina adora, ela anda tão tristinha.

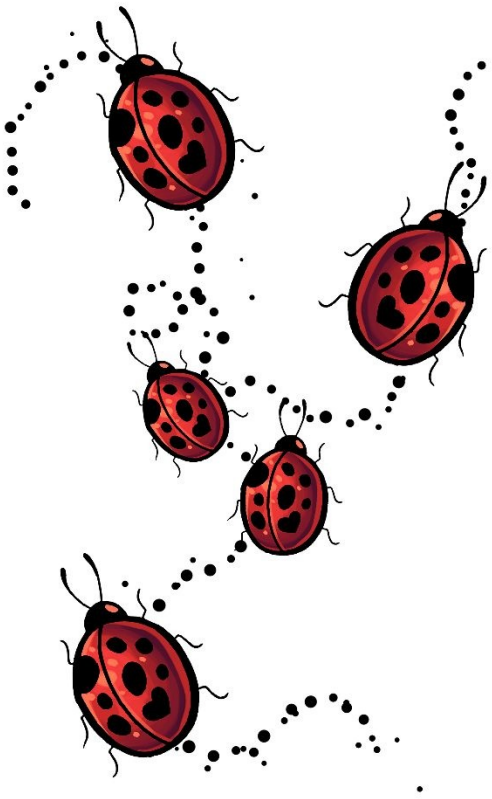
— Deixe o rapaz, Clarice. Sabe como sua filha não gosta que falem dela sem estar por perto.

— Olá, sou Davi — cumprimentei o homem idoso que se aproximou com a mão estendida para mim.

— Sim, o chefe da Catarina. Por que vir aqui e não resolver no serviço? — A simpatia que dona Clarice tinha nada se comparava ao do marido, que não sabia o nome.

— Eu sou amigo dela e o assunto é pessoal.

— Você é amigo daquele motorista? — Abri a boca para responder, mas ele foi mais rápido. — Ela não está interessada em pessoas que não a valorizem. Criei muito bem minha filha para não dar conversa para homem que só pensa no seu umbigo, então, está perdendo seu tempo se veio aqui reconciliar ela com aquele lá.



# Capítulo 51
## Davi

Pressionei meus lábios tentando não rir. Não que fosse engraçado, mas se Jarbas tinha intenção de voltar com Nina, ele estava fodido. Perdi o humor na hora que lembrei que isso queria dizer que Bia voltava na jogada para ele.

Havia coisas que mulheres sabiam entre elas e a mesma coisa acontecia com homens. Jarbas era um filho da mãe esperto em esconder o que sentia para Bia, mas eu sabia mais.

— Vim aqui apenas conversar. Sua filha é muito esperta em fugir de uma conversa amigável, senhor...

— Elias. Não perturbe minha filha e nem a prejudique em seu trabalho.

— Então, senhor Elias, só quero saber como ela está. No primeiro pedido que ela fizer para eu ir embora, vou.

Depois de um gole de água oferecido por dona Clarice, o portão maior da casa fez barulho e o som do carro de Nina pôde ser ouvido. Onde será que ela estava? Droga, esqueci de perguntar.

Ela abriu a porta e o que vi partiu meu coração. Seus olhos estavam inchados e o nariz vermelho denunciava que havia chorado. Levantei do sofá preocupado, ela me viu e deu um passo para mim, mas recuou assim que sua mãe apareceu na sala.

— O que foi, minha filha? Nenhum dos dois resultados deveria te fazer chorar de tristeza.

Resultado?

— Acho melhor o senhor ir embora. — Empurrou-me o pai de Nina, mas não me movi. Não poderia me afastar, justo agora.

— Ah, mãe, isso só deveria acontecer quando eu estivesse casada — Catarina falou de forma chorosa e se afastou. — Sim, dona Clarice, você vai ser vovó.

Os dois foram lá abraçá-la e eu... bem, não consegui me mover. A raiva e indignação tomaram conta de mim, Jarbas iria sofrer na minha mão e não tinha como evitar. O hipócrita me cobrava hombridade, sendo que ele mesmo não tinha com uma das mulheres que considerava como minha própria irmã.

Bem, elas não andavam em alta estima comigo, mas era um contexto

todo, não nossa última briga.

Quando os três terminaram de compartilhar o momento, Nina me encarou e deu de ombros.

— Foi por isso que fugi de você a semana inteira. Não estava preparada para encarar a realidade, serei mãe solteira.

— O quê? — Minha raiva transbordou. — Se aquele babaca do Jarbas não assumir essa criança, eu vou lhe dar uma surra bem dada!

— Oi? — Ela pediu para seus pais nos deixarem a sós e se aproximou de mim. — Como assim Jarbas assumir a criança?

— Ele não é o pai? — Arregalei meus olhos, confuso com tudo isso.

— Claro que ele é! — Bateu no meu braço com força e fiz uma careta. — Você fará papel de bom amigo e não contará nada.

— Tudo bem, não conto, mas você o fará.

— Não.

— Sim, você vai conversar com Jarbas, eu vou socar a cara dele e depois, converse com Bia, ela está preocupada com você.

— Não.

— É uma ordem!

— Você não manda em mim, idiota.

Catarina suspirou, sentou no sofá e fiquei ao seu lado. Não sabia lidar com isso, ela queria fazer tudo sozinha, estava na cara que ia dar merda.

— Jarbas está realizando um sonho, Davi. Você percebe o quanto um filho pode atrapalhar? Será que ele conseguirá se manter fiel com tantas mulheres lindas que o acompanham a cada corrida?

— Não acredito que você acha isso.

— Você foi na corrida de motocross. Já viu aquelas modelos nas corridas de moto esportiva? Não dá para competir, eu perco até para a grávida.

— O quê? — Tinha entendido, porque essa era a minha suspeita, Jarbas gostava de Bia.

— Vai dizer que você não vê o quanto ele venera Bia? Eu me afastei porque não aguentava mais sofrer por isso, não é culpa dela, mas dói, sabe? Jarbas a ama e se não fosse você, com certeza ela ficaria com ele e eu seria... história.

Olhei para a janela e tentei absorver o que ela dizia. Estava faltando muita informação.

— Vamos recapitular, porque tem muitas arestas aí. O que veio primeiro, a promoção de Jarbas ou você saber que ele gosta da Bia?

— Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? — Deu de ombros. — Sempre tive ciúmes da amizade deles. Impossível um homem só gostar como amigo como ele faz. Até me deixar esperando para sairmos ele fazia, porque estava levando ou buscando a Bia — desdenhou o nome da minha mulher e me incomodou.

— Ele é motorista dela, você não esqueceu disso, né? — perguntei sério e ela começou a chorar.

O que eu falei de errado?

— Ah, Davi, você não deveria estar aqui. Falta um mês para Bia ganhar neném, vocês viverem felizes para sempre, Jarbas ir embora e eu continuar com minha vida. — Ela se levantou. — Viu como tudo tem a ver com Bia? Ele nem vai assumir nada enquanto ela não ganhar Joana!

Olhei para o teto e tentei pensar da mesma forma que ela. Ciúmes era fácil de sentir, a preocupação de Jarbas não era dele, mas dentro de mim ainda faltava algo para que justificasse tudo.

— Tem algo faltando aí.

— Não falta nada, Davi. Jarbas gosta de Bia, não pode ter, então escolhe a coitada cheia de cicatrizes para se consolar. Cansei de ser estepe, por mais que sei que nunca vou ser a primeira opção de ninguém.

— Está louca? — Levantei também e segurei seus ombros. — Todo homem que conheço e te conhece já tentou algo e você dispensou um por um. Não fale besteiras.

— Meu rosto é lindo, mas meu corpo não. — Suspirou cansada. — Chega de estresse, já está definido e espero que você guarde segredo.

— Claro que não!

Catarina soltou minhas mãos dos seus ombros e me olhou com raiva.

— Filho da mãe, você vai correndo contar para Bia!

— Não, vou correndo esmurrar a cara de Jarbas por ter aceitado essas suas desculpas esfarrapadas para se afastar de você. Também vou socar a cara dele por nutrir um sentimento que nunca terá retribuição, porque Bia me ama! — Bati no meu peito, tentando me convencer também. — Depois vou falar com minha mulher e mostrar que a amiga preferiu se esconder.

— Fácil você falar, porque não é seu coração que está sendo esmagado e um filho gerado. — Ela olhou para a barriga e voltou a chorar. — Céus, estou

grávida.

Abracei-a, mesmo sem retorno. Se Bia for uma boa referência, um abraço acalmaria qualquer insegurança.

— Não quero ser mãe soleira.

— Nunca. Nem que eu me torne árabe e tenho você e Bia como minhas esposas — brinquei e levei um murro no estômago. — Mulher, maneira essa mão pesada, porque está doendo.

— Obrigada pela sua amizade, mas me envolver com vocês como antes irá me fazer sofrer e consequentemente, machucaria Bia. Meu coração a ama, diz que ela não tem culpa, só que minha mente está falando mais alto.

— Você quem sabe. Farei tudo o que disse que faria.

Ela se afastou, beijou meu rosto e deu alguns passos para trás.

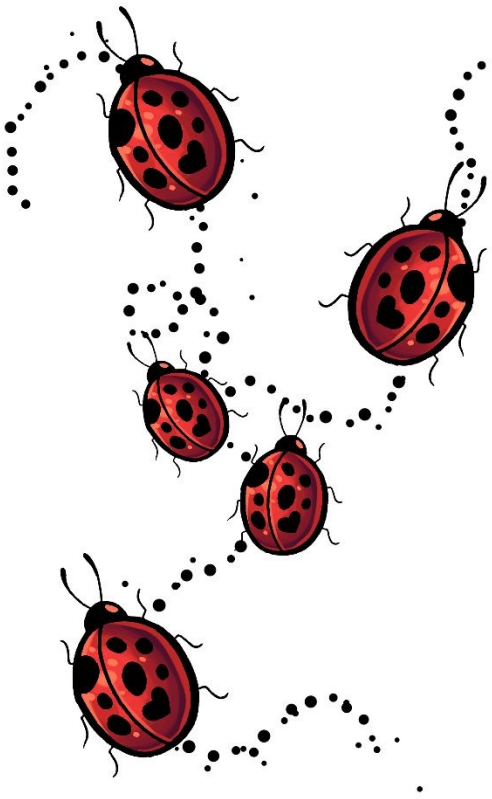
— Queria saber o segredo dela para poder ter dois homens tão bons ao seu redor.

— Você tem, só escolheu se afastar. Você que terminou com ele?

— Eu evitei sofrer lá na frente, Davi.

— Não, você evitou ser feliz até que esse momento chegasse, se realmente acontecesse.

E com essas palavras finais me despedi de Nina e segui para cumprir minha promessa. Meu punho coçava para encontrar o rosto de Jarbas.



# Capítulo 52

## Bia

# Trinta e sete semanas

Enquanto minha irmã passava a semana inteira comprando roupas e voltando a sua rotina de fazer panos de boca, cueiros e mantas para Joana, no quartinho da bagunça, eu conversava com a decoradora e planejava o quarto da minha sobrinha.

O chá de bebê temático de joaninhas me inspirou a escolher o papel de parede, lençóis e protetor de berço. Escolhi um tapete e cortinas, em tons neutros, mas com algumas joaninhas vermelhas, rosas e roxas estampadas como um mero detalhe.

Enquanto trabalhava e focava em concluir meu trabalho, para a chegada de Joana, pesquisava na internet tudo sobre joaninhas e praticamente me vi como uma *inseta*. Devoradora de pragas de várias plantas, a joaninha estava na natureza para melhorar a vida da natureza. No mundo dos homens, minha Joaninha vinha para transformar a vida de seus pais.

No sábado de manhã, quando minha irmã saiu para ir ao salão de beleza e resolver outros assuntos, combinei com a decoradora e completamos a decoração o quarto, que estava largado desde a última vez que escolhemos o papel de parede e Davi me viu de barrigão.

Ansiosa, aguardei minha irmã chegar sentada à frente da porta do quarto da bebê. Enquanto eu lia notícias pelo celular, já que não tinha nenhuma mensagem para ser respondida, escutei os passos se aproximando e assim que vi minha irmã, levantei.

— Renata, tenho uma surpresa! — comentei contendo minha vontade de pular. Se ela tinha amado o chá de bebê como me falou, ela com certeza amaria o quarto.

Com algumas sacolas na mão, ela se aproximou, entrou no quarto depois que entrei e continuou muda.

— Falei com a decoradora e trabalhamos para te fazer uma surpresa. Olha que lindo! — Mostrei os detalhes de joaninhas na cortina. — São joaninhas.

O ruim de quando fazemos uma surpresa, é que temos a certeza de que a pessoa surpreendida gostaria. Ledo engano, nem sempre isso funciona e o tombo é bem maior, porque estávamos no topo da euforia.

— Por que você decorou o quarto da MINHA FILHA sem me consultar?

Gelei. Um banho de água fria me faria sentir bem melhor do que suas palavras.

— Eu pensei que...

— Você não pensa e faz. Tudo o que tem a ver com Joana é preciso me consultar! — Ela soltou as sacolas no chão e foi para o berço. — Eu tinha tantos planos para o protetor de berço, os mobiles... você me tirou isso, Bia!

— Você estava tão focada em comprar roupas, fiquei preocupada dela ficar sem cama para dormir — disse com um pouco de mágoa.

— E esse problema é de quem? — Virou para mim e colocou as mãos na cintura. — Vamos esclarecer uma coisa, você é a tia, eu sou a mãe. Quem decide as coisas sou eu.

— Bem, não parecia quando você praticamente a rejeitou quando descobriu a fenda labial — joguei na cara com raiva e percebi o quanto ela recebeu isso com tristeza.

— Eu errei, entrei pânico, não tenho direito? Preciso ser perfeita igual você e aceitar uma notícia ruim como se fosse uma freira? Não tenho sangue de barata.

— Nem eu, mas nem por isso fugi da minha responsabilidade. Você sumiu, ignorou sua filha e eu tive que me virar sozinha. E se ela nascesse prematura? — Fui até o armário e abri uma gaveta. — Comprei, com MEU dinheiro roupinhas prematuras e recém-nascidos, porque a mãe não parou para pensar que ela precisava mais de você que sua própria insegurança. Você será mãe, não pode fraquejar.

— Você não tem o direito de jogar na minha cara o que aconteceu. EU SOFRI, sou humana, caramba!

— EU TAMBÉM! Pensei primeiro nela do que em mim mesma quando fui atrás de informação, quando tentei te encontrar, resgatar a mulher que tinha implorado para eu gerar seu próprio filho. Eu também tive medo. — Comecei a chorar. — Eu sei como é viver sem uma mãe e não desejaria isso para ninguém, muito menos para alguém tão inocente quanto Joana. Você está falhando e assumi para que ela não sofresse.

— Sua egoísta, se acha a dona da verdade, a melhor pessoa do mundo. Que se exploda. — Ela ia sair do quarto, o som do seu choro se mesclou com o meu, mas na porta ela se virou, as lágrimas borraram sua maquiagem. — Você pode pensar o que quiser e assumir uma responsabilidade que vai além de gerar um filho, mas Joana é minha filha e quem define a vida dela sou eu. — Ela bateu no peito. — Já perdi o direito de tê-la em meu próprio útero, de escolher seu

sexo, mas não vão me tirar o direito de ser mãe, por mais imperfeita que eu seja. Nem você, nem ninguém!

Olhei para todo o quarto que com muito esforço decorei, pensando apenas na minha satisfação de fazer algo para minha irmã e chorei. Suas últimas palavras me acertaram em cheio e sem me preocupar com celular ou documentos, segui para longe de todo esse sentimento ruim que estava sentindo.

Seria mesmo eu a errada?

Existia certo e errado?

O final dessa gestação estava me confundindo e esquecendo as consequências. Com lágrimas nos olhos, peguei a chave do carro que um dia minha irmã ofereceu como meu e segui até ele.

— O que foi, senhorita Bia? — o primo de Jarbas perguntou quando me aproximei da garagem. Ele estava a postos para qualquer pedido.

Não respondi. Entrei no carro, dei partida e abri o portão automático para sair de lá. Precisava de um tempo para pensar, não queria estar errada, porque tudo o que fiz foi por amor a esse bebê.

Segui para o único lugar que sempre me acalmava e foi protagonista de um dos melhores momentos da minha vida. Aos poucos as lágrimas secaram e o trânsito calmo foi minha companhia até a Receita Federal.

Não havia expediente no lugar, apenas os seguranças que guardavam o prédio. Estacionei o carro na frente da recepção e precisei apelar para o choro, que veio fácil, meu posto na fiscalização e minha gravidez para liberar minha entrada. Com dificuldade subi a escada até o andar onde existia aquele pequeno mirante.

Meu primeiro beijo com Davi.

Nossas conversas sobre minha gravidez.

Paz.

Senti tudo e nada ao sentar no chão, por estar cansada da subida e olhei o céu com sol escaldante.

— Eu só queria fazer uma surpresa — falei para o nada e chorei.

Nessas horas, quando brigava com minha irmã, sentia falta da minha mãe. Ela sempre me consolava, já que Renata sempre foi a mais centrada e fria. Eu era a chorona, precisava de um colo e muito consolo.

Lembrei de dona Maria, seu abraço tão caloroso, sua terapia de descascar laranjas e o quanto ela me deu liberdade para recorrer ao seu conforto. Não era a mesma coisa, nunca seria e isso me fazia chorar ainda mais.

Como num luto, passei por várias etapas. Negação, raiva e então, aceitação. A melhor coisa a fazer para se entender uma situação era se colocar no lugar do outro e foi isso que fiz para entender o lado de Renata.

Desde o início dessa gravidez ela estava sendo frustrada em tudo o que fazia. Sem gerar, sem escolha, uma frustração atrás da outra contribuiu para sua depressão. Precisava olhar com respeito para ela e suas diferenças, não éramos iguais e muito menos um anjo, como ela quis me vestir.

Estava longe se ser perfeita.

Renata não procurou ajuda, mas estava tentando voltar ao normal. Rildo estava focado no trabalho e Renata na casa. Esse é o tipo de relacionamento que não me agradava, só que não era meu e não cabia a mim intervir.

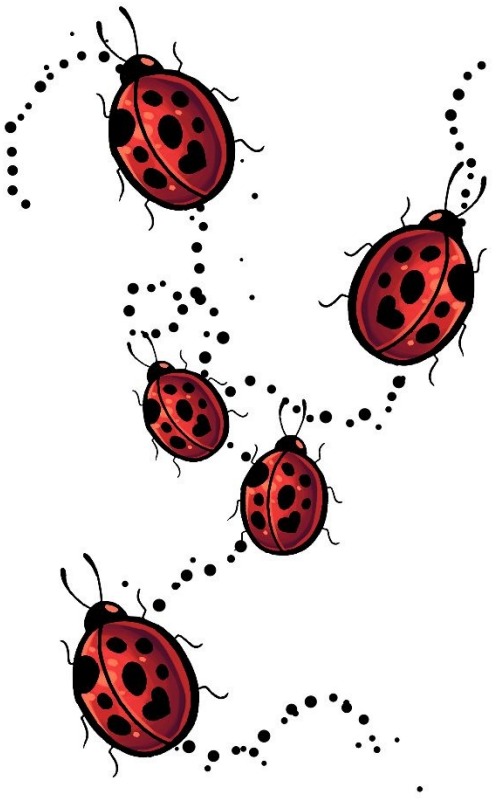
O que deveria fazer?

Já respirando normalmente e com ânimo renovado, levantei com dificuldade e apoiei meus braços na base da janela.

— É tão difícil não pensar como mãe, Joaninha. Eu sou tia, preciso focar nisso e te amar como tal. Nada vai mudar.

Minha barriga, que estava dura, agora dava sinais de dor.

Preocupada, coloquei a mão na barriga e a esperei algum movimento do bebê. Nada, apenas a dureza e uma dor que irradiava para as minhas costas. Meu coração acelerou, minha respiração acompanhou e uma coisa piscava em luzes brilhantes na minha mente: trabalho de parto.



# Capítulo 53

## Bia

Sentindo dor, caminhei para o elevador, porque as escadas seriam um desafio a parte para mim.

Será que as fortes emoções anteciparam o parto? Céus, eu era uma péssima mãe. *Não*, uma tia horrível!

Quando saí para a recepção, andando devagar e gemendo de dor, o segurança se aproximou com pressa e segurou meu braço.

— A senhora está bem? Quer que eu chame a emergência?

Onde estava meu celular?

Andando devagar com a ajuda do segurança até meu carro, comecei a chorar em desespero por não saber o que fazer.

— Preciso da minha irmã. Chama a minha irmã — pedi em prantos para o homem que não sabia o que fazer.

— Onde está seu celular, eu ligo para você.

— Vim sem nada. Droga, não sei o número de ninguém de cor.

Parados ao lado do meu carro, apoiei minha bunda no capô.

— Vou ligar para a emergência — ele anunciou procurando o celular na roupa cheia de bolsos.

— Não! Ligue para Davi, ele é o chefe da fiscalização. Por favor, não quero ir sozinha. — Minha barriga doeu e curvei meu corpo para frente.

— Você está ganhando o bebê?

— Não sei, é minha primeira vez, só que preciso de alguém comigo. — Peguei na roupa do segurança. — Ligue para Davi!

— Como vou saber o telefone desse cara? — resmungou olhando o celular. — Ah, tenho o número de um funcionário aqui, vamos ver se ele conhece esse tal Davi.

— Anda logo — reclamei, por sentir novamente a dor.

E se Joana nascer aqui, na frente da Receita Federal? Caramba, por que não trouxe o celular comigo?

Enquanto brigava comigo mesma, não prestei atenção no segurança e no que estava fazendo. De repente, o celular apareceu na minha frente e olhei com uma careta para o homem a minha frente.

— Acho que é o tal Davi, ele está um pouco desesperado.

Coloquei o celular no ouvido com pressa e gemi antes de falar:

— Vem me pegar, acho que estou em trabalho de parto.

*— Bia, estou no caminho. Calma, meu amor, vai dar tudo certo. Quer que eu avise sua irmã?*

Então, o desespero que estava sentindo sumiu. Como num insight, percebi que se continuasse como estava, sem me controlar, ficaria igual minha irmã. Diferente dela, nem melhor, nem pior, eu conseguia ser racional e colocar as outras pessoas à frente do meu sofrimento.

Joana precisava de uma mãe nesse momento e ela teria. Quando nascesse teria a tia, mas enquanto estivesse na minha barriga, seria a mãe que ela precisava.

*— Bia!* — Davi me chamou com urgência.

— Venha com calma, estarei esperando. Acho que estou sentindo contração, mas a bolsa não estourou e sei que bebê não nasce de um minuto para outro.

*— Como você sabe? Bia, estou chegando, fica calma!*

— Estou calma e nós duas vamos te esperar, tudo bem?

*— Estou chegando, beijo.*

— Venha com prudência. — Encerrei a ligação e devolvi o celular para o segurança.

— A senhora está bem? Parece mais calma.

— Sim, estou mais calma. Vai dar tudo certo — falei convencida de que no fim, tudo daria certo. Sempre.

# Davi

Cheguei na casa de Bia e toquei a campainha como se fosse um desesperado. Ia atrás de Jarbas e ensinaria uma lição àquele aprendiz de motoqueiro selvagem.

Para minha infelicidade, quem me atendeu foi outro homem, que disse ser primo de Jarbas, que estava de folga e não sabia onde estava.

Andei com o carro de um lado para o outro, esquecendo inclusive de que poderia ter falado com Bia ao invés de me tomar pela raiva que estava me cegando.

Já dirigindo por algum tempo, procurando não sei o quê, meu celular tocou e Guilherme me cumprimenta:

— *Cara, o segurança da Receita quer falar com você. Posso dar seu número ou quer ligar para ele?*

— Como você sabe disso? — Parei o carro no acostamento da rua e respirei fundo.

— *Ele me ligou, falando que tinha uma conhecida sua precisando de ajuda na frente de lá. Eu não sei não...*

— Bia! — Na hora veio o nome dela na minha mente e saiu por minha garganta. — É ela?

— *Não sei, mas pensei também naquela sua amiga escandalosa.*

Sim, poderia ser Juliana aprontando mais uma de suas loucuras. A urgência que eu tinha mudou para raiva.

— Me passa o número desse cara, vou falar poucas e boas se for Juliana.

— *Mandei por mensagem. Depois me conta!* — Riu antes de encerrar a ligação.

Peguei o número do segurança e liguei, esperando mais uma frescura e não Bia entrando em trabalho de parto. De urgente a calma, ela não me convenceu a ir devagar e com prudência quando coloquei o carro em movimento e amaldiçoei por estar tão longe de onde ela estava.

Com pouco trânsito, cheguei em quase vinte minutos. Parado no meio da rua, esqueci lei de trânsito quando saí do carro e abracei minha mulher.

— Vamos para o hospital.

— Para a maternidade.

Ela não me impediu de colocá-la no banco da frente, colocar o cinto de segurança e agradecer o segurança.

— O que estava fazendo aí? — Peguei sua mão e trouxe para minha boca, preocupado além da conta. — Já é hora de Joana nascer?

— Não sei, só precisava de um tempo. — Suspirou e alisou a barriga, fazendo uma careta. — Está doendo, minha barriga está dura, mas não cheguei nas quarenta semanas. Briguei com Renata hoje, acho que é culpa minha isso acontecer antes.

— Esqueça isso, estou com você, vai dar tudo certo.

— Vai sim.

Apertou minha mão e retribuí em apoio. Ela precisava de mim e estava mais do que satisfeito de ter sido eu e não Jarbas para quem ela ligou.

— Falei com Nina hoje — comentei para que ela pensasse em outra coisa que não fosse as dores.

— Você descobriu o que aconteceu? Ela está bem?

— Digamos que ela está na mesma situação que você agora, mas em termos diferentes — falei em enigma.

Não me respondeu, apenas gemeu de dor.

— Estourou a bolsa? — perguntei confuso e com medo.

— Não... não sei, vamos só chegar no médico e ver se está tudo bem. Não vou me perdoar se algo acontecer com ela.

— Vai ficar tudo bem. — Passei minha mão unida a dela em sua barriga. — Tio Davi está aqui para que nada de ruim aconteça.

Parei o carro em local proibido perto da maternidade. Desci com Bia, fizemos sua ficha como atendimento particular, já que estava inclusive sem documento pessoal e prometi trazer a documentação real depois que mostrei minha carteira com o brasão da república, confirmando que era funcionário público federal.

— Desculpa te dar trabalho, eu pago depois —falou entrando na sala para ser consultada.

— Esqueça isso, Bia. Preocupação agora é Joana.

— Sim.

O médico plantonista fez várias perguntas antes de levá-la para o outro lado da divisória e examiná-la. Controlei minha vontade ir lá segurar sua mão, mas a cara da enfermeira que acompanhava a consulta me disse que não era bem-vindo.

— Tire toda a roupa e vista essa com a abertura para frente — o médico falou e apertei minhas mãos em um punho.

Depois de alguns momentos, vários murmúrios e meu coração querendo pular da boca, escutei:

— Está tudo bem. Seu colo do útero está firme e não há perda de líquido. Vou passar uma solicitação de ultrassom para você fazer para poder encaminhar ao seu Obstetra.

— E essas dores? — Bia perguntou insegura.

— Pode ser as contrações de treinamento. Não é a hora dela, mas recomendo repouso. Precisa de atestado médico?

— Sim, por favor.

O médico voltou para a mesa, Bia demorou um pouco mais para sentar ao meu lado e minha mão encontrou a dela no mesmo segundo.

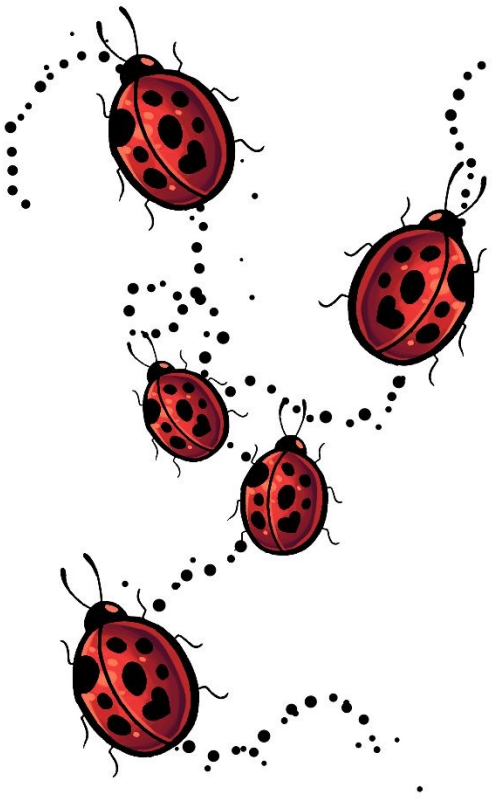
Se isso não era o trabalho de parto, com meu coração estava balançando no ritmo do *heavy metal*, imagine quando fosse a hora de verdade.

Mais tranquilos, voltamos para o carro e a abracei com força antes de colocá-la dentro dele.

— Acredita que não estou mais sentindo dor?

— Nem acredito que foi apenas um susto — falei aliviado, mas desconfiado.

— Pois é, nem eu. Estou mais tranquila. — Ela segurou minha mão e apertou. — Agora você pode me falar sobre o que conversou com Nina.



# Capítulo 54
## Bia

— Não falarei nada sobre os outros agora. Quero saber o que te fez sair sem lenço e sem documento até a Receita Federal?

Davi me olhou de canto de olho enquanto dirigia e praticamente me encolhi no banco. Seria fácil assumir esse erro para ele?

— Briguei com minha irmã — resumi e torci para que não perguntasse o motivo.

Nem percebi para onde estávamos indo. Agradeci o silêncio, encostei minha cabeça, que estava pesada, na janela e fechei os olhos. Achei que o destino seria minha casa, mas foi o apartamento de Davi.

Fazia tempo que não vinha aqui, agradeci por ele saber o que mais queria, que era ficar longe de tudo e todos no momento.

— Vai me contar sobre Catarina agora? — perguntei depois que saímos do carro, que foi estacionado na garagem subterrânea.

— Como disse da primeira vez, o assunto agora é você. Gaste o tempo que quiser. — Ele apertou o botão que chamava o elevador e me abraçou de lado. — Tenho sorvete napolitano em casa, você colocará seus pés para o alto e só depois voltaremos para sua casa.

— Eu gosto disso — respondi me aninhando ao seu lado e entrando no elevador assim que chegou no nosso andar.

Os braços de Davi traziam segurança. Enquanto dentro da minha barriga se remexia Joana, no meu tórax era o coração que não se cabia de contentamento. Eu tinha para onde correr quando tudo ficasse feio e isso me fez bem.

Ainda em silêncio, seguimos para o apartamento e então, para o sofá. Muito contido, Davi começou a me intrigar, porque não costumava ficar tanto tempo calado, apesar dele nunca me pressionar.

Com uma almofada nas minhas costas, sentei quase deitada no sofá e ocupei quase todo o espaço.

— Você está bem? — Segurei seu braço quando ele terminou de me ajeitar, removendo minhas rasteirinhas do pé.

— Confesso que estou uma pilha de nervos, mas vai passar — respondeu, beijou minha mão e a soltou para se afastar de mim. Presa em meus

próprios conflitos, esqueci das pessoas ao meu redor.

As lágrimas ameaçaram a cair, mas não me permiti. Se era saber sobre mim que o acalmaria, eu daria.

Uma tigela de sorvete e um frasco de óleo estava em suas mãos. Davi sentou aos meus pés e entregou a minha delícia gelada.

— Eu não deveria — resmunguei, mas não neguei de fato.

— Situações extremas, medidas drásticas. — Ele passou um pouco de óleo na mão quando coloquei a primeira colherada na boca. Quando gemi, não foi apenas pelo prazer no paladar, mas no tato, porque Davi começou a massagear meus pés com o óleo.

— Tem horas que não me acho digna — comecei e não o olhei. — Minha irmã teve todo tempo do mundo para decorar o quarto da Joana, não o fez. Depois do chá de bebê que sua família fez, agilizei com a decoradora tudo o que faltava. — Suspirei, buscando justificativas para o meu ato. — Estou de trinta e sete semanas, aonde minha Joaninha ia dormir?

Houve uma leve hesitação por parte dele e isso me fez fazer uma careta. Eu estava errada e parecia que só eu não via. Era isso.

— Pode continuar... como foi a discussão?

— Ela jogou na minha cara que a mãe era ela e eu estava a atropelando. Sei disso, mas no momento quem está gerando sou eu, então, qual o problema de fazer algo para o bem dela? Qual é a função da madrinha, se não suprir no momento que os pais não puderem? — Devorei o sorvete e quando percebi, não havia mais nada no pote. Coloquei-o no chão e finalmente olhei para Davi, que me encarava como um gavião. — Parece que está na cara o que tem de errado, eu sei... entendi o ponto de vista dela, mas não aceito.

— Você se apegou.

— Como assim?

— Tenho certeza que muitas pessoas te perguntaram como você teria coragem de entregar um bebê que você gerou. Como uma troca de livros, achou que seria fácil entregar Joana para sua irmã.

Meu peito apertou e me acomodei ainda mais no sofá para deitar.

— Eu não tinha ideia do que seria isso, Davi. Tem horas que penso em querer fugir com Joana, que minha irmã não é digna, então lembro que ela precisará do dinheiro dos pais de verdade para poder viver melhor.

— Você não faria isso — afirmou convicto e parou a massagem.

— Claro que não. Minha mente voa, sou covarde demais para magoar

alguém.

— Isso não é covardia, é ter empatia. — Bufei, porque não magoava os outros, mas a mim mesma. — Olhe para mim. — Fiz o que me mandou e vi em seus olhos algo mais. — Você precisa aceitar que no fim dessa gravidez, você perderá Joana.

— O que me consola é que perderei um e ganharei muitas outras coisas. — Meus lábios curvaram para baixo. — Como algo pode ser tão bom e tão ruim ao mesmo tempo?

— Não dizem que as extremidades de um sentimento estão conectadas? Você tem os dois mundos, aproveite enquanto dura.

Ele esticou a mão lambuzada de óleo e colocou na minha barriga. Hoje vestia uma bata e short esportivo, por isso que não o impedi de expor minha barriga e acariciar direto na minha pele.

— Se você soubesse o quanto ela se mexe quando você a toca — sussurrei e ele se inclinou para beijar minha barriga.

— Não foi só você que confundiu as coisas, meu amor. Muitas vezes vi Joana como minha e isso me atormentou por muito tempo até finalmente encontrar meu ponto de equilíbrio — falou olhando a barriga, mas todas as palavras eram para mim.

— Qual foi?

— Você. — Sorriu de forma triste. — Se esse bebê fosse realmente meu, eu estava com você, em você, por todos os lados. Por isso, foque em alguém ou alguma coisa que te tira dos sonhos e te fixa na realidade.

Encaramo-nos por algum tempo e nossos sorrisos aparecem juntos. Ele também era minha realidade, com certeza.

— Quem é você e o que fez com aquele moço que tinha medo da ex-*ficante* que não largava do pé? — brinquei, porque me sentia muito mais leve. Ao contrário do que imaginei, seu semblante se transformou.

— Nem me fale de Juliana. Estou em pé de guerra com minhas irmãs por causa desse encosto. — Colocou a cabeça no encosto do sofá e suspirou. — Fui obrigado a escutar minhas irmãs defendendo a pobre coitada que não tem família, que gosta de brincar comigo, porque eu nunca encerrei nosso relacionamento certo.

— Será que é só a gente que vê esse lado sem noção dela? A última vez que ela me pegou sozinha, me acusou de atrasar sua vida.

Seu olhar em chamas encontrou o meu e lembrei que nunca tinha

comentado isso com ele. Dei de ombros, como se essas palavras não tivessem me afetado, mas até hoje me assombravam.

— Fiz certo em não pisar na minha mãe se essa mulher estiver lá.

— Vale a pena ficar sem sua família por causa dela?

Tirei meus pés do seu colo, sentei e então, coloquei meu corpo colado ao dele, para sentir seu conforto do melhor lugar.

— Não estou sendo ouvido na minha própria família. Se palavras não bastam, atitudes terão que ser suficientes.

— Odeio causar isso.

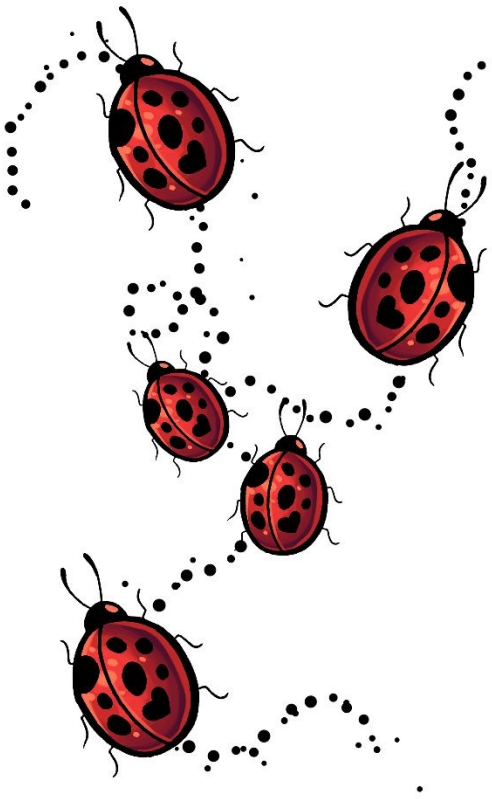
— A culpa não é sua. — Abraçou-me e beijou minha testa. — Agora vamos para a segunda parte. Nina está grávida.

Endureci e arregalei meus olhos em preocupação. Minha suspeita, ou melhor, a de Jarbas era verdade. Ela estava grávida, o afastou e agora estão sofrendo à toa.

— Você conversou com ela quando?

Senti uma pontada de ciúmes, mas foi puramente de amizade. Catarina se afastou e preferiu falar com Davi.

Agora conseguia entender o motivo de sempre me manter afastada emocionalmente das pessoas. Ter era lindo, perder muito cruel. Sentia falta da minha amiga, a única que podia chamar assim.



# Capítulo 55
## Bia

— Falei com ela hoje de manhã. Catarina se esquivou durante a semana e não deixei passar. Fiz o certo e tenho uma luta para começar com seu amiguinho motorista.

— O que você vai fazer? — Saí do seu abraço e afastei meu corpo para olhá-lo. — O que mais ela falou?

— Que não acredita em relacionamentos a distância, porque Jarbas vai estar rodeado de mulheres bonitas e ela não tem como competir. Sério que Nina tem problema de autoestima sendo tão bonita quanto é?

— Davi, ela tem cicatrizes de queimadura pelo abdômen. É algo grave, ela nunca me contou o que aconteceu e não perguntei, por medo da resposta e de extrapolar a definição da nossa amizade.

— Mas isso não tem nada a ver...

— Para ela sim, que quando me revelou as cicatrizes do corpo, também mostrou as do coração. Ela foi rejeitada duas vezes por namorados que não conseguiram estar com ela. Pelo jeito Jarbas não se intimidou.

— Bem, que se foda esse covarde. Ela o rejeitou e ele vai aceitar assim? — alterou a voz e percebi o quanto isso o estava incomodando. — Ele precisa lutar.

— Igual Juliana? — Fiz uma careta. — Ela também está lutando pelo o que quer.

— É diferente, eu não gosto dela, já aqueles dois...

— E quem disse que a doida não acha que você gosta dela, já que a atraso de vida aqui está no caminho?

Num rompante, Davi pegou meu rosto e colou nossos lábios. Com eles fechados, não tive a oportunidade de sentir seu sabor, mas com certeza aproveitei a temperatura e sua textura. Suave como lembrava, queria tanto me entregar.

— Nunca mais diga isso sobre si — falou pausadamente. — Prosperidade e felicidade, isso que você é para mim e o que realmente importa é minha opinião.

— Tudo bem — sussurrei, hipnotizada pelo seu carinho. — Falta três semanas.

— Três semanas e quarenta dias, meu amor. — Acariciou meu rosto, beijou minha testa com carinho e se levantou. — Bem, o negócio é o seguinte, vou encontrar Jarbas, dar uns socos bem dados em seu nariz e seguir a vida.

— Essa raiva está além da conta, Davi. Nina está realmente bem? Eu entendo que ela queira ter um tempo para assimilar tudo isso, mas...

— Ela acha que Jarbas gosta de você.

— Não! — Pensei em levantar, só que a barriga me obrigou a pensar duas vezes e preferi continuar de onde estava. — Somos amigos, se for o caso eu me afasto dele para que ela recupere a confiança. Jarbas só fala nela quando está comigo.

— Pelo jeito, ele só fala de você quando está com ela. — Suspirou e se ajoelhou na minha frente, colocando suas mãos nos meus joelhos. — A verdade é que também acho isso e não vou aceitar que ele machuque nenhuma das duas.

— Virou o protetor das grávidas? — brinquei e fiz uma careta, sabendo que Davi estava levando isso muito a sério.

— Nina sempre foi uma colega de trabalho legal. Quando você tomou posse, ela se tornou sua amiga e isso me fez enxergar não só o potencial profissional, mas o quanto ela te fazia bem.

— Ninguém é obrigada a gostar de ninguém. Se ela acha que sou uma ameaça para seu relacionamento...

— Ela não acha isso, Bia. Catarina não queria sentir raiva de você, só que ela gosta daquele covarde e isso a machuca.

— Vou conversar com ela.

— Não! Quem vai acertar tudo é o motorista e se você sabe do seu paradeiro, pode começar a falar.

— Ele viajou para falar com alguns patrocinadores. Amanhã já estará de volta.

— Tem certeza que não foi apenas desculpa para ficar longe definitivamente? Se ele aceitou um não tão fácil, imagine como seria para fugir.

— Ele falou que só vai embora de vez quando Joana nascer. — Arregalei meus olhos, coloquei a mão na boca e enxerguei o que não queria há tempos. — Jarbas gosta de mim!

— Não com tanta pressa, porque estou aqui e eu te amo.

Abri minha boca para responder, que o amava também, porém, meu peito apertou novamente daquele jeito que me tirava o chão e era quase que minha intuição dizendo que não era momento.

Beijei sua testa e fiz menção de levantar, por isso ele se pôs de pé e me ajudou a sair do conforto.

— Davi — consegui pronunciar seu nome, queria dizer que era uma boba em guardar meus sentimentos. Como sempre, ele foi mais rápido.

— Sem pressão, Bia. Vamos comer? Você almoçou?

— Sim, sorvete. — Fiz uma careta. — Melhor voltar para casa e comer a gororoba verde. Já comi o que não deveria.

— Vamos para sua casa então.

Ele pegou na minha mão e seguimos para fora do apartamento.

— Espere, preciso ir ao banheiro — anunciei e ele me colocou na sua frente.

— Aqui também pode ser seu refúgio, Bia. Pode ser egoísta da minha parte, mas terei o maior prazer em te deixar relaxar no sofá, na minha cama ou na banheira.

— Obrigada!

Beijei seu rosto e corri para aliviar o pouco espaço de bexiga que eu tinha. Ou seria apenas minha necessidade de continuar no conforto do seu apartamento?

O caminho até minha casa foi um mar de emoções. Queria protelar o confronto com a verdade, minha mão na minha barriga parecia me dar forças, mas eu me conhecia. Estava com medo da verdade, do certo e errado.

— Quer que vá com você? — Davi questionou assim que parou o carro na frente de casa.

— Não, está tudo bem. Você já fez muito. Obrigada. — Apertei sua mão e comecei a tirar o cinto de segurança.

— Quando Jarbas aparecer, você me liga.

— Não vou te entregar de bandeja. Vou conversar com ele antes.

— Bia! — advertiu.

— Você terá sua vez, depois de mim — sorri divertida.

— Mande uma mensagem e qualquer coisa...

— Eu ligo para meu príncipe no carro esportivo — brinquei e não me despedi com um beijo, porque a antecipação estava me matando.

O primo de Jarbas abriu o portão para mim e a passos lentos, como uma pata, andei até chegar dentro da casa. O silêncio imperava.

Dei um passo para as escadas e o barulho da máquina de costura me

chamou atenção. Era agora o momento.

Aproximei o mais lento possível e quando observei minha irmã, percebi que estava trabalhando em algum bordado feito na máquina.

— Oi Renata — falei baixo.

— Onde estava? — Ela largou tudo e se virou para mim. — Já almoçou? Deixei um prato pronto para você.

Observei o rosto da minha irmã e não encontrei nada, nenhuma raiva ou felicidade.

— Eu...

— Vamos, eu vou te servir, está escrito na sua cara que não comeu nada. Seu celular não parou de apitar, coloquei ele no seu quarto.

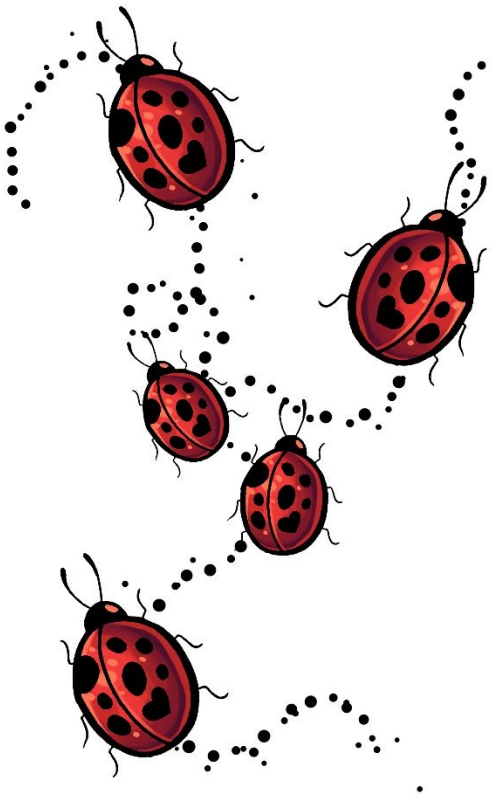
Minha irmã se levantou e me puxou para segui-la.

— Queria te pedir desculpas, Rê.

— Águas passadas, Bia. Você falou besteira, eu também, a vida segue. — Colocou-me sentada em um banco. Estava um pouco aturdida. — Decidi fazer o chá de bebê da Joana. A turma está toda animada, já estou fazendo as lembrancinhas, que será uma toalhinha de mão com o nome da minha filha. O tema será ursinha rainha...

Desandou a falar, ignorando meu bico e desinteresse. Joana já teve um chá de bebê e nada combinava com ursinha.

Assim que um prato foi colocado a minha frente, ao som da voz de Renata, comi e pensei em Davi, meu alguém da realidade. Se ela precisava se firmar como mãe, não seria eu a estragar suas vontades.



# Capítulo 56
## Bia

Acordei no domingo ao som do toque do meu celular. Resmungando e com dificuldade de me locomover, já que só tinha uma posição que conseguia dormir, não consegui o alcançar a tempo de atender, por isso, quando silenciou, voltei a dormir lembrando do dia anterior.

Céus, Joana quase veio ao mundo e omiti essa informação da minha irmã. No meu peito, algo me dizia para não me preocupar, que estava tudo bem, mas deixar essa informação de lado, quando o médico me indicou um ultrassom começou a tomar seu preço.

Bem, contanto que eu pudesse dormir mais cinco minutos...

O celular dessa vez, quando tocou, foi alcançado por mim:

— Alô.

*— Bom dia querida. Como você está? Por que saiu de carro ontem e voltou sem ele?*

— Seu primo foi fofocar para você, Jarbas? — Virei de barriga para cima e me arrependi, quase perdi o fôlego por causa de Joana. Sentei. — Já está de volta?

*— Ele precisava dar satisfação de um carro que não estava na garagem para mim quando cheguei de manhã.*

— É seu dia de folga...

*— Pois é, mas como estou sem namorada, prefiro ocupar meu domingo com você. Estou te esperando acordar para saber mais.*

Gemi, mas não tinha nada de prazeroso nessa situação, era frustação. A conversa sobre ele estar interessado em mim e ter deixado Nina grávida estava presa na minha garganta.

— Já foi falar com Nina hoje? — Bocejei.

*— Como todos os dias, Bia. Eu ligo, ela me ignora e a gente vai assim até ela cansar.*

— Ou você tomar uma atitude mais drástica. Por que não vai até a casa dela?

*— Se você conhecesse seu pai, não diria isso nem por brincadeira. Eu apareci um dia depois do nosso rompimento e ele me mandou embora com uma*

*pistola na cintura.*

Arregalei meus olhos e levantei, indo em direção ao banheiro. Como os dois iriam se reconciliar dessa forma?

Bem, não importava, porque não havia barreiras quando se amava. Isso me cheirava a desculpa esfarrapada e se Jarbas aproveitou a situação para se afastar dela, porque não tinha interesse, eu o faria sofrer.

Amava meu amigo, mas o instinto materno falava mais alto e queria proteger a outra mãe. Uma mãe lava a outra.

— Bem, então a aborde no serviço.

— *Você conhece meus horários, querida.* — Inspirou de forma profunda. — *Não se preocupe com isso. Desça, quero te contar como foi minha conversa com o patrocinador e saber sobre seu dia ontem. Desça!*

Encerrou a ligação com essa ordem e fiz uma careta ao encarar meu aparelho celular. Davi queria ensinar uma lição ao meu amigo e não tinha certeza se deveria ou não o convocar para conversa matutina.

Não precisei decidir, uma vez que o celular apitou com uma mensagem assim que comecei a me despir no banheiro.

**Davi>> Bom dia meu amor. Já está acordada? Tenho uma proposta indecente a fazer para a grávida mais bonita. Que tal assistirmos um filme juntos aqui em casa, eu fazer uma massagem nos seus pés e dormirmos a tarde?**

Meus lábios se curvaram para cima num sorriso de satisfação. Céus, esse homem conseguia o melhor de mim. Precisava fazer por merecê-lo e começaria ajeitando as coisas entre Catarina e Jarbas.

**Bia>> Minha contraproposta é um motorista cego que precisa de uma lição. Você não queria conversar com ele? Pois bem, venha tomar café da manhã comigo.**

**Davi>> Ele chegou de viagem? Por que tão brava com ele?**

**Bia>> Pensei na minha amiga, grávida e sem o pai da criança ao seu lado. E se Jarbas não a amar? Eu mesma farei questão de socar a cara dele.**

**Davi>> Ah, agora você concorda comigo que ele gosta de você e está fazendo de tudo para te conquistar?**

**Bia>> A única coisa que concordo com você é em conversar de homem para homem com ele. Esqueça eu e ele. Só existe eu e você.**

Depois que enviei e reli a mensagem é que percebi quão íntima ela foi.

Tinha dificuldade em expressar esse lado mais romântico, por conta da gestação, mas saiu tão natural.

Meu celular tocou ao invés de anunciar uma nova mensagem.

— *Eu e você?* — Davi perguntou em tem sedutor.

— Você e eu. Não me deixe encabulada — comentei e suspirei cansada. — Vou tomar banho.

— *Você está de camisola ou já a tirou?* — seguiu com o mesmo tom.

— Eu... — Olhei para o meu corpo quase nu. Havia removido a calcinha, mas mantido a camisola, porque não larguei o celular. — Eu estou tirando a roupa.

— *Hum... quer companhia para o banho?* — Escutei um farfalhar de tecido no outro lado da linha.

— Como assim? Davi, eu...

— *Não tem problema, eu me convido. Estou tirando minha roupa e entrando no banho também. Venha, a água está quentinha.*

Olhei para o box, depois para o meu corpo e fechei os olhos. Ele estava me propondo algo muito comprometedor. Nunca fizemos nada tão íntimo que não fosse um carinho ou beijo na boca. Mas isso? Estava parecendo algo muito moderno.

— *Retirei toda a minha roupa, agora vou entrar debaixo do chuveiro. Estamos com pressa, senão ficaríamos na banheira curtindo o dia. Você gosta?*

— Estou com vergonha — sussurro.

— *Venha, meu amor. Sinta o quanto te anseio. Perceba em meu corpo os sinais de que você, apenas você, tem o poder de me dominar apenas com sua voz.*

Fechei os olhos, removi minha roupa e abri o chuveiro. Em cada movimento, minha respiração se manteve acelerada e meu coração parecia que ia explodir.

Sentia todo o meu corpo latejar, a ânsia de tê-lo se sobrepôs a vergonha e não impedi que um gemido escapasse da minha garganta quando coloquei metade de mim debaixo da água agradável.

— *Eu sinto você, Bia. Mais do que você possa perceber, muito mais do que possamos explicar*. — Ele fez um barulho com a garganta e apoiei minha cabeça, ainda com o celular no ouvido, no vidro do box. — *Ah, se você estivesse aqui.*

— Davi — como uma jura de amor, o convoquei.

*— Te farei ir ao céu, meu amor, mas não dessa vez. Termine o que começamos, em alguns minutos estaremos juntos, vou passar o dia com você e teremos o melhor momento.*

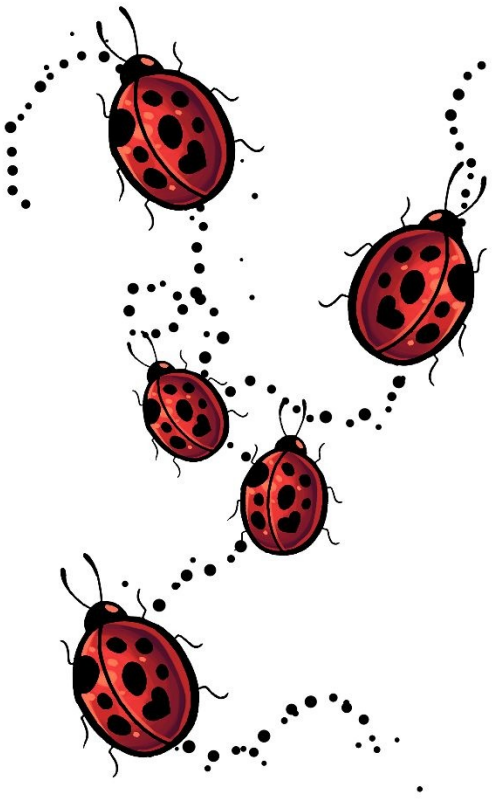
— Você promete? — perguntei, necessitando da água quente para aplacar a ebulição que minha pele queria entrar.

*— Tudo o que você quiser, estarei ao seu lado. Te amo.*

— Beijo. — Ele encerrou a ligação e meu coração se apertou. — Te amo — falei para a linha muda.

Estiquei meu corpo para fora do box apenas para deixar o aparelho em cima das minhas roupas descartadas. Entrei com minha cabeça debaixo do jato e deixei que a água terminasse de estimular o que Davi começou.

Faltava três semanas e quarenta dias.



# Capítulo 57
## Bia

Com os cabelos molhados, vestido solto no corpo e chinelos, caminhei sem pressa pela casa até chegar à cozinha. Estranhamente estava tudo muito silencioso, já que domingo não impedia que minha irmã acordasse cedo e fizesse barulho o suficiente para acordar um quarteirão.

Deixei o celular em cima do balcão e fui em busca de algo para comer. Quando fechei a porta da geladeira, senti braços me rodearem por trás e me abraçar.

— Como vai a grávida mais linda desse mundo? — Era meu amigo e seu carinho, depois do que compartilhei com Davi há alguns minutos, parecia tão... errado. — Os patrões saíram cedinho hoje, temos a casa só para nós.

Sem rispidez me desvencilhei de seu aperto, fiquei de frente para ele e beijei seu rosto.

— Como foi com os patrocinadores?

Procurei me afastar ao máximo e sem perceber minha atitude, Jarbas se sentou em um dos bancos do balcão e me encarou feliz.

— Ainda estou chocado que o pessoal encontrou algum talento em mim para entrar na Moto 3. Querida, é uma competição internacional e eles me deixaram testar a moto em Interlagos. Foi surreal!

Impossível não sorrir ao escutar e ver a felicidade dele transbordar. Por outro lado, achei muito injusto ele estar no bem bom enquanto minha amiga sofria.

— Você vai morar aonde, agora? Se é internacional... — Coloquei as coisas que queria comer em cima do balcão, sentei em um banco e comecei a comer.

— Posso morar onde quiser. Vou viajar o mundo, já tirei meu passaporte e semana que vem vou tirar meu visto. Assim que Joana nascer e vocês estiverem bem, vou...

— Você não tem motivo para ficar por minha causa — falei séria. Depois da conversa com Davi, a semente da desconfiança foi plantada. — Você pode ir, te manterei informado.

— Você não está sozinha nessa, Bia. Joana vai precisar de cuidados, se Rildo e Renata te abandonarem...

— Eles não vão! — Franzi a testa e toda a sua empolgação esvaiu. — Você é meu amigo, Jarbas, não meu companheiro.

— Por que você está dizendo isso? — Ele levantou do banco, o balcão entre nós era muito mais do que um espaço, mas um muro se levantando. — Diga exatamente o que você quer falar para mim.

— Exatamente o que significam essas palavras. Você é apenas meu amigo.

— Eu sei disso. Por um acaso demonstrei o contrário?

Abri a boca para responder, mas o meu celular vibrando no mármore me chamou a atenção. Era Davi e provavelmente tinha chegado. Não atendi.

— Pelo jeito você vai descobrir isso da pior maneira. — Levantei do banco e o encarei. — Sempre te vi como amigo e, apesar de achar que você tinha interesse, fingi ignorância, porque nunca me senti essa coxinha de carne toda.

Comecei a andar em direção a porta de entrada de casa e Jarbas acompanhou.

— O que quer dizer com isso? Já tivemos essa conversa, Bia. Eu gosto de você como amiga, te vejo como amiga.

— E nunca como uma irmã. — Parei na porta e a abri.

— Já te falei que sou homem. Você não é minha irmã! — Ele deu um passo para invadir meu espaço pessoal, por isso continuei andando, dessa vez para fora da casa, em direção a garagem.

— Já tentou explicar isso para Nina?

Encontrei o controle do portão automático e apertei o botão para ele ser aberto.

— Você falou com ela? — Com urgência, ele segurou meus braços e quase me chacoalhou. — Você não tem noção da minha aflição de não poder falar com Catarina. Sinto no meu coração que ela precisa de mim, mas não me deixa participar.

— Quem vai precisar de alguém será você!

Davi arrancou Jarbas com um empurrão e quase fui ao chão no caminho. Braços firmes que tanto me aqueciam me seguraram.

— Não interfira o que farei, por nada nesse mundo, tudo bem? Nós não vamos nos matar, nem causar danos permanentes. Será apenas uma descarga de estresse. — Com calma, meu amor platônico me beijou os lábios com suavidade e praticamente foi para a guerra.

— Qual é a sua, fiscal? — Jarbas enfrentou e apertei o botão do portão

para que os vizinhos não vissem a cena.

Eles realmente iriam brigar.

— Eu é que pergunto, moleque. Veio para cima de mim querendo mostrar como que se trata uma mulher, mas não passa de um hipócrita filho da puta!

— Vai se fo...

O primeiro soco veio de Davi, que aproveitou o esbravejar de Jarbas e acertou seu nariz.

Coloquei as mãos na boca e abafei um grito assustada. Eu não ia interferir com meu corpo, mas com certeza iria gritar se preciso.

— Você vai pagar — ameaçou Jarbas.

— Faça seu pior, porque não economizarei força.

Outro soco, mas foi desviado. A briga parecia cena de filme, meu coração queria sair pela boca cada vez que um conseguia acertar o corpo do outro. Eles se rodeavam e avançavam, nenhum dos dois tinha pressa em concluir esse confronto.

— Catarina está sofrendo porque você é um moleque!

— Ela está sofrendo porque é teimosa! Você não tem nada a ver com minha vida!

Jarbas tentou dar um soco, mas Davi o acertou com uma joelhada na barriga, que o faz cair no chão de dor.

— Eu tenho tudo a ver com sua vida quando você envolve minha mulher no meio do seu rolo. Pare de usar Nina e não se aproxime mais de Bia!

— Você veio defender a honra da minha mulher, é isso? — Ele se levantou aos poucos, o canto da boca sangrando. — Vem pagar de machão para cima de mim e está brigando com alguém que não é sua.

— Estou brigando pela amiga da MINHA mulher. Catarina sempre será como uma das minhas irmãs.

— Não fale merda, eu sei que você já deu em cima dela, fiscal de merda! — Com muita raiva ele avançou em Davi com socos e pontapés. — Já pegou metade da cidade e queria fazer minha mulher de vítima. Vá você para o raio que o parta.

— Bem que você não passa muito longe de mim. Só que com Bia, você perdeu a vez! Nina será a próxima a lhe dar um pé na bunda, ela não quer te ver pintado nem de ouro! — Davi acertou um murro no queixo de Davi que o fez cambalear e cair sentado no chão.

— Céus! — Dei um passo para frente e dois para trás. Senti minha barriga endurecer e fechei os olhos para acalmar meu corpo. Eu não ia entrar em trabalho de parto, não agora.

— Você falou com ela — afirmou ainda sentado no chão e um pouco desnorteado. — Ela não me atende, não quer me receber, seu pai me ameaça com uma arma e VOCÊ A VIU!

Jarbas investiu com tudo na cintura de Davi e os dois foram ao chão. Eu não estava com nervos para assistir isso.

— Por favor, gente, pare — choraminguei.

— Sim. Eu a vi e prometi que ensinaria uma lição ao idiota que a fez sofrer. — Jarbas montou o quadril de Davi e tentou socar o rosto dele.

— Quem vai ensinar uma lição aqui sou eu, a não mexer com a mulher dos outros. Você não merece ninguém nesse mundo.

— E você não merece o filho que fez em Nina — falou de forma estrangulada e pegou Jarbas de surpresa. Com a distração, Davi acertou um soco que o fez apagar e cair no chão ao seu lado.

— Jarbas! — Comecei a caminhar, com medo de me aproximar e a briga continuar. — Davi, por favor, pare.

As lágrimas escorriam como cachoeira. Imaginei uma briga, mas vê-la acontecer quase me matou.

— Já parei, meu amor, mas fique aí — falou de forma branda enquanto examinava Jarbas. Alguns segundos depois, o homem estirado ao chão recobrava os sentidos.

— Merda de mão pesada — resmungou no chão.

Davi se levantou e foi até meu encontro. Seus braços me rodearam e tentei me acalmar, mas não conseguia.

— *Shiu*, acalma, respira fundo. Eu disse que estaria tudo bem.

— O... Jarbas... desmaiou... — solucei.

— Sim, mas já acordou e espero que não só para abrir os olhos, mas para a vida.

— Largue Bia e venha terminar o que começou mentiroso! — Jarbas chamou com raiva.

— Devo ter acertado muito forte sua cabeça. Catarina espera um filho seu — Sem me soltar, Davi falou.

— Mas...

— Mas nada. Conserte a merda que você fez, Bia perdeu a amizade de

Catarina por sua causa.

— Davi — resmunguei ainda chorando. Não queria que ele falasse dessa forma.

— Eu não fiz nada! — Aproximou e respondeu com ferocidade. — Estou sendo crucificado por algo que não fiz. Eu amo aquela mulher, Catarina é meu mundo, porra!

— Não, você ama Bia e nada nesse mundo vai me fazer abrir espaço para você roubar o meu lugar. Você pode ter ludibriado Nina, mas não fará outra vítima.

Por um momento só escutei respirações ofegantes. Meu choro foi cessando e minha calma, retornando.

— Por isso você falou que sou seu amigo e não namorado — Jarbas falou de forma branda e virei no abraço de Davi para encará-lo. Seu rosto marcado pela briga e o sangue no canto da boca partiu meu coração.

Minhas suspeitas de mais cedo não tinha fundamento, sempre estive certa. Éramos apenas amigos.

— Eu sei que você não me ama como mulher, mas todos acham que sim.

Nossos olhares se encontraram e a dor que vi lá era mais forte do que a briga que presenciei. Ele estava sofrendo.

— Preciso me afastar, Bia. Consertar esse mal-entendido. Me perdoa por te abandonar nessa etapa final. — Olhou minha barriga.

— Ela não está abandonada, muito menos sozinha. Faça o que tem que fazer, do jeito certo, ou conversará com meu punho novamente — Davi chamou sua atenção e os dois pareciam duelar apenas com o olhar.

— Vocês não vão brigar novamente — decretei.

— Deu sorte que peguei leve com você, fiscal. — Voltou a olhar para mim. — Fica bem, querida. Eu preciso ir.

— Eu sei. Não faça Nina sofrer, mas se tiver que haver dor, que seja agora do que depois. Seja sincero com seus sentimentos.

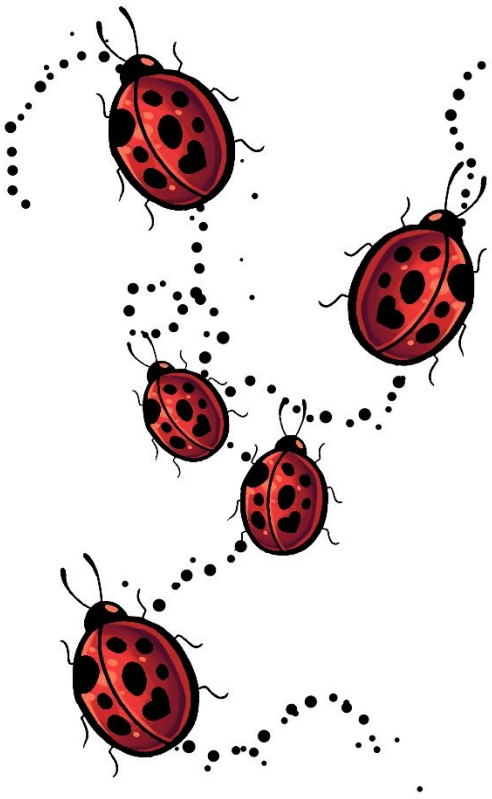
— Como sempre fui. Eu amo aquela mulher e se tiver que levar uma bala do seu pai para provar isso, eu farei. Avise sua irmã que farei a rescisão direto com o contador dela.

Jarbas se aproximou de mim e Davi ficou tenso como eu fiquei. Ele beijou minha testa, alisou meu braço e saiu em direção a sua moto pessoal. Com os braços a minha volta, acompanhei meu amigo sair da minha vida em busca da

sua própria felicidade.

Assim esperava que fosse.

— Pronta para passar o dia comigo? — Davi perguntou como se nada tivesse acontecido.



# Capítulo 58

## Jarbas

Caramba, não era assim que imaginei esse dia. Com meu corpo dolorido e a alma gritando de frustração, pilotei minha moto até a casa de Nina. Ela morava com os pais idosos, sempre preocupada com o bem-estar deles. Apesar de não precisarem de nenhum auxílio, ela não abria mão disso e não seria eu a fazê-la mudar.

Estava indo tudo bem. Eu tinha a mulher que me completava, finalmente a corrida deixaria de ser apenas um hobby e poderíamos nos casar.

Pensava nisso quase todos os dias, Catarina era a mulher pela qual eu levantava todos os dias de manhã para trabalhar. Dizer que não a amava fazia meu sangue ferver, porque tudo o que fiz até hoje foi provar meus sentimentos a ela.

Começou com mensagens de texto, sua timidez em me encontrar pessoalmente, seu pânico em mostrar seu corpo marcado por cicatrizes de queimadura. Seria idiota se não falasse que me chocou, que as lágrimas que vi escorrer dos olhos de Catarina quando ela finalmente se abriu por completo para mim me deixaram em pânico.

Diferente de todas as reações que tenho, com ela meu instinto falou mais alto. Não precisei pensar, escutar minha mente ou coração, só agi e não me arrependi até hoje. Suas cicatrizes são marcas de guerra, significa que ela sobreviveu.

Eu amava a mulher que sofreu na mão de uma babá quando criança. Se essa mulher estivesse viva, com certeza cometeria um crime. Só não prejudicaria seus ex-namorados, porque a eles devo agradecimento. Se não fosse serem bundões o suficiente, ela não teria chegado até a mim, até Bia.

Minha amiga.

Em que momento deixei transparecer algo além da amizade?

Sou homem, porra, não preciso mentir que se ela estivesse solteira e eu também, com certeza tentaria algo. A mulher era fantástica, eu a pegaria para mim com certeza, mas sem metade da intensidade que é com Catarina.

Ela estava grávida.

Conhecia-a bem suficiente para saber que me esconderia isso até o último minuto, achando que me pouparia ou melhor, achando que não a queria.

Todos os dias lutava com seu demônio da baixa autoestima. Ela conseguia esconder bem, mas era nos detalhes que percebia o quanto as cicatrizes em sua barriga a afetaram muito além do corpo e da mente.

Sua alma estava cheia de marcas e foi assim que me apaixonei por ela.

Relembrando tudo o que passamos, tentando encontrar em que momento falhei com ela foi que cheguei em sua casa e parei a moto de qualquer jeito na calçada.

Ela pediu um tempo por achar que atrapalharia minha carreira. Falou tantas barbaridades na nossa última conversa, inclusive conseguiu me machucar, dizendo que era tudo passageiro, que foi bom enquanto durou, mas não confiava em mim para namorar a distância.

Não tinha sangue de barata. Eu praticamente beijava o chão que essa mulher pisava, fazia tudo o que precisava para que se sentisse bem ao meu lado, querida e desejada, mas até eu tinha limite de levar porrada. Dizer que não confiava em mim abalou meus sentimentos naquela hora.

Com as palavras que Bia me disse antes de vir para cá, muita coisa ficou mais clara. Todo o teatro encenado pela minha mulher só tinha a ver com isso, ela achava que amava outra.

Preocupado com Bia e sua irmã louca, decidi dar atenção a quem precisava. Talvez isso solidificou a suspeita de que eu me importava muito mais com outra do que com ela. Catarina pediu um tempo, acabei dando espaço demais e estava na hora de mostrar que acabou a brincadeira.

— Catarina! — gritei do portão, preparado mentalmente, mas não fisicamente, para enfrentar seu pai. Tinha certeza que ele me ameaçaria com a arma novamente.

Uma movimentação na casa me fez dar um passo para trás. Senhor Elias apareceu na porta da residência empunhando sua pistola. Engoli em seco, meu corpo dolorido da briga e a tensão de vir até aqui acertar as contas com Catarina cobrando seu preço.

— Bom dia Senhor Elias. Vim conversar com Catarina.

— Ela não quer falar com você, pode ir embora — respondeu dando um passo para frente e meus olhos variavam de sua mão a seu rosto.

— Não vou embora sem falar com ela. Posso gritar daqui — coloquei minhas mãos em concha na boca e comecei: — Catarina, eu te amo!

— Pare de gracinha, você não ama ninguém, seu marginal. Vá embora da minha casa e não volte nunca mais para perturbar minha família! — Ele relutava em apontar a arma para mim, conhecia sua história, nenhum deles foram

os mesmos depois do que aconteceu com Catarina.

Agora que sabia sobre a gestação, o tanto que acompanhei Bia grávida, eu viraria bicho e não pensaria duas vezes em matar a pessoa que prejudicou algo tão puro e inocente quanto um bebê. Mesmo depois dele ter quase trinta anos.

— Eu amo sua filha e vou amar o nosso filho na mesma intensidade. Não vou sair daqui enquanto não colocar isso na cabeça dela!

— Pare de fazer sofrer quem já tem muito nas costas. Não conhece nossas lutas, não sabe das nossas quedas, você precisa ir embora.

Criei coragem para dar um passo para frente e segurei nas barras de ferro que eram o portão.

— Eu preciso ficar, senhor Elias. Se for necessário, abandono minha carreira, continuo como motorista apenas para mostrar que minha prioridade na vida é ela! — Apertei minhas mãos com força no ferro. — Eu não vou embora!

Hesitou apenas alguns segundos antes de levantar o braço e apontar para a minha cara. Se fosse preciso levar uma bala para provar meu ponto de vista, torcia para que a bala encontrasse um músculo que se recuperasse rápido.

— Não pai! — Catarina apareceu na porta, sua postura mostrava o quanto sofreu esse tempo. Curvada para frente e sem me olhar nos olhos, se tínhamos feito algum progresso com sua autoestima, foi perdido.

Para todos ela era confiante e destemida. Eu era o único que viu sua verdadeira face, a insegurança que a acompanha a cada ato.

— Vá para dentro, minha filha.

— Eu vou conversar com ele, não atire no pai do seu neto! — E com essas palavras ela conseguiu desarmar o homem que me ameaçava.

— Ele não vai entrar na minha casa!

— Não vou conversar com os vizinhos vigiando — resmungou e caminhou em minha direção. Seu Elias observava atento e tinha certeza que ficaria igual um chacal me vigiando, esperando o momento certo para dar o bote.

Assim que Catarina se aproximou para abrir o portão, meu coração acelerou, meu corpo dolorido reagiu e uma necessidade enorme de tocá-la me fez alcançar sua mão trêmula enquanto tentava encaixar a chave no cadeado.

— Eu te amo — sussurrei.

— Deixe-me abrir. — Quando não a soltei, ela insistiu com lágrimas nos olhos, porém, sem me encarar. — Céus, por favor.

— Não vou desistir de nós. — Soltei-a e esperei o portão ser aberto.

— Você não decide isso sozinho, Jarbas. — Ela se afastou junto com o portão e eu entrei, controlando minha vontade de beijá-la.

— Já te falei antes e não mudei de opinião sobre isso, tenho amor e confiança para nós dois. — Ela ainda não olhou para o meu rosto. — Não há vergonha em se deixar carregar.

— Eu não preciso de um salvador. — Com raiva, ela virou para mim, encarou meus olhos depois inspecionou meu rosto. Vi o momento exato que sua pressão baixou e a envolvi com os meus braços para não cair no chão.

— O que você fez? — Senhor Elias se aproximou e eu a ajeitei nos meus braços como uma noiva para levá-la até seu quarto.

— Acho que ela reparou apenas agora que levei uma surra. — Meu sogro finalmente me encarou e franziu a testa. Estavam todos tão preocupados em me espantar que não perceberam que eu parecia cachorro atropelado.

Com meus braços e pernas latejando pela dor da luta, carreguei minha mulher até seu quarto. Eu tinha segundas intenções nisso, não queria ter que conversar na presença de seus pais.

— O que foi? — Dona Clarice apareceu na porta do quarto preocupada.

— Traga água com açúcar, nossa filha desmaiou.

— Eu estou bem, foi só uma tontura — resmungou tentando sentar na cama. Fiquei ao seu lado e forcei seu corpo a deitar. — Quem fez isso, Jarbas?

— Enquanto você acha que sou o príncipe da Bia, o verdadeiro apareceu e mostrou o peso do seu punho. — Sorri de lado para mostrar que minhas palavras foram apenas brincadeira.

— Tome aqui filha. — A mãe entregou o copo de água e ela tomou vários goles. — Você precisa ir ao médico, filho.

— Depois que sua filha aceitar se casar comigo — soltei, sem perceber o peso dessas palavras.

— Você não vai se casar com minha filha! — o pai esbravejou e antes de olhar para a reação da minha mulher, acompanhei dona Clarice levar o marido para fora do quarto e me sorrir antes de fechar a porta.

— Você não quer se casar comigo. Um filho não resolve um casamento, não prende duas pessoas que não se amam — Catarina colocou o copo no criado mudo e deitou na cama, virando as costas para mim.

Simples e com muitas coisas que mostravam o quanto minha mulher era maravilhosa, seu quarto me fazia sentir em casa. Seus pais tinham a

tendência de ser protetores, mas lembrava os meus próprios. Era um lar.

— Quando você descobriu a gravidez?

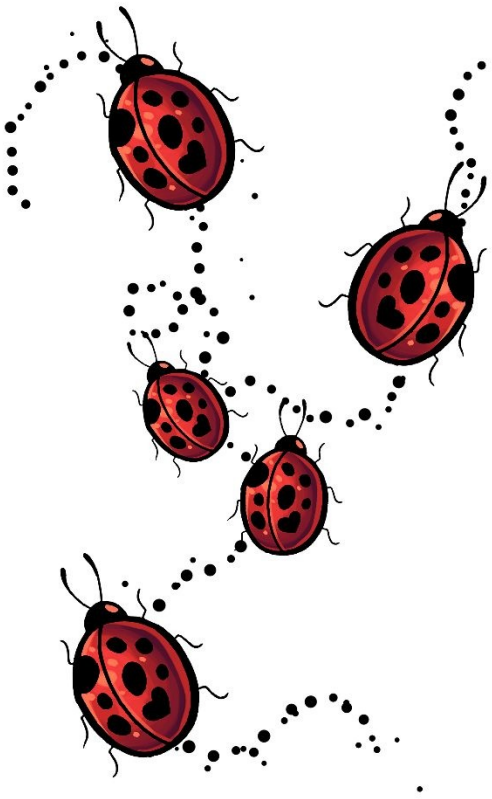
— E tem importância?

— Querida... — Passei a mão na sua cintura e ela se afastou do meu carinho.

— Pare de me chamar assim. Odeio saber que você não me deu um apelido e usa a mesma palavra carinhosa para conversar comigo e com Bia! — Ela levantou da cama e a deixou entre nós. — Cansei de guardar isso para mim, que se exploda, você vai me escutar até o fim!

— Faça seu pior — falei baixo e calmo, meu coração acelerou, porque meu sonho estava se tornando realidade. Ela finalmente iria se expor, falar o que sentia sem meias verdades.

Finalmente eu teria Catarina do jeito que eu precisava.



# Capítulo 59
## Catarina

— Você a chama de querida, pela abreviação do nome, liga todo dia, deixa de sair comigo para estar com ela... — Joguei minhas mãos para o ar frustrada. — Suas ações falam mais do que suas palavras, você AMA BIA!

— Eu a chamo de querida porque essa é a forma que me sinto bem chamando as mulheres que admiro. Eu chamo minha mãe de querida, algumas tias, minhas avós, Bia e você. Se te incomoda, parei. Sobre seu apelido Nina...

— Não é isso. — Ela sentou na cama e ficamos na mesma altura. — Eu quero me sentir única, Jarbas. Saber que você fez algo apenas para mim! — Bateu no peito com a mão. — Não me importo que estou parecendo adolescente, essa sou eu e cansei de me esconder com medo de ser rejeitada.

— Não sabe o quanto procurei esse lado. Nunca quis a sua casca, sempre valorizei o que você tinha por dentro, sua garra e ferocidade.

— Odeio esse lado. Você não me quer chorando porque atrasou de me buscar no serviço porque estava com Bia. Não quer me ver emburrada e dando chilique porque foi levar Bia ao médico e desmarcou nosso almoço.

— Merda.

Ele passou as mãos no rosto e gemeu. Nossa, ele estava muito machucado, mas não iria ajudar. Davi brigou com ele, isso queria dizer que ele também concordava comigo, que meu ex-namorado era atraído pela minha amiga.

— Eu não vou ser amada pela metade.

— Você não está na minha vida pela metade! — Inclinou o corpo na minha direção. — Sua ótica dos fatos é diferente da minha. Você se esqueceu que trabalho para a irmã da Bia e consequentemente, para ela? O que você acha que fiz como amigo ou admirador, fiz como empregado.

— Não aguento mais escutar você falar da Bia, do quanto a irmã dela está surtada, que elas precisam de ajuda!

— Tudo bem, não abro mais minha boca para falar sobre essas pessoas. Queria ajudar, apenas isso. Se te incomodava tanto, por que me deixou falar? Pensei que ela era sua amiga.

— Realmente era, porque hoje não quero a ver nem pintada de ouro. — Deitei na cama e encarei o teto do meu quarto, que tinha estrelas

fluorescentes coladas nele. — Eu morro de ciúmes de você com ela, pronto, falei.

— E eu amo você — falou baixo e se deitou ao meu lado, porém, mantendo distância. — Não posso ser o causador do seu ódio por ela. Sabe quantas vezes ela me pergunta de você?

— Amanhã eu penso no quanto estou sendo egoísta, hoje vou pensar apenas em mim e você, pare de falar nela! — Virei meu rosto e o olhei com raiva. — Reparou que é só o lado dela que você enxerga? Assume logo, Jarbas!

— Eu digo o lado dela, porque não conhecia o seu. Você nunca me deixou entrar, até hoje. — Ele tentou levantar minha blusa, para expor minhas cicatrizes, mas não deixei. — Finalmente estou conhecendo o que estava escondida em você.

— Nós não vamos transar. Serei apenas a mãe do seu filho e você o piloto de moto que todas as mulheres vão babar.

Se ele pensaria que eu era mimada e egoísta, não me importava mais. Nada sobre meu escudo pessoal me valia, porque queria afastá-lo. Quem sabe, mostrando esse lado chato, irritante e inseguro, ele finalmente fugisse e me economizaria mais dor.

Olhei para Jarbas se levantando da cama e começando a se despir.

— Já falei que não vou transar.

— Nem eu, apesar de sentir no meu sangue o quanto senti sua falta. — Com algumas caretas, observei o homem tirar peça por peça de roupa.

— O que está fazendo?

— Estou me abrindo para você, Catarina. Se não for pelas palavras, que seja pelas minhas ações. Quero fazer o certo para você. — Removeu a última peça, abriu os braços e respirou fundo. — Eu te amo. Tire qualquer coisa da sua mente sobre o que você acha do que penso ou sinto. A pessoa que amo é você, só você.

— Ficar pelado na minha frente não quer dizer nada, Jarbas. Enquanto houver Bia...

— Vocês entenderam tudo errado! — Ele se ajoelhou no chão, seu rosto ainda podia ser visto por mim, que ainda estava deitada. — Quando acordo, a primeira coisa que penso é se você já levantou e tomou seu café da manhã. Sei que prefere acordar mais tarde e comer alguma coisa no serviço, mas me preocupa te ver sem comida na barriga, ainda mais agora.

Ele olhou minha barriga depois voltou para o meu rosto. Suas palavras

começaram a mexer comigo.

— Quando a gente só mandava mensagens, eu fantasiava com você todos os dias. Queria pressionar, mas sabia o quanto você era bicho do mato.

— Não sou isso! — Sentei na cama.

— Você é! Desconfiada, arisca, quando pressionada você foge, mas quando nos aproximamos de mansinho...

— Jarbas, coloca uma roupa — falei cansada. Temi que ele conseguisse me convencer de algo que não queria. — Eu te amo, confesso, mas esse amor vai me fazer sofrer. Chega.

— Quando te vejo, só penso em te beijar. Foi no motocross, quando te beijei pela primeira vez que descobri que iria me casar com você.

— Não vamos nos casar.

— Você precisa do quê? Farei tudo e o impossível para provar meu amor por você.

— Não vá para a corrida, deixe de ser motorista daquela família e vamos mudar de cidade com meus pais.

— Você vai deixar o seu emprego? — perguntou sem hesitar. De tudo o que falei, as exigências absurdas que pedi, ele reparou apenas nisso? Ou não entendeu.

— Jarbas, ou você está na minha vida ou não. Isso que me irrita em você, tudo precisa ser provado logicamente. — Ele começou a procurar alguma coisa no chão, pegou o celular e olhou para o visor. — O que está fazendo?

— Bem, se é só isso que você precisa para me ter de volta, estou meio caminho andado. Já pedi dispensa do meu serviço de motorista, só falta cancelar minha ida à Moto 3.

— O quê? — Ele estava fazendo mesmo isso ou blefando? — Você vai se arrepender.

— Me arrependi de ter ido embora da sua casa quando você falou que não me queria mais por causa de uma porcaria de emprego novo. É meu sonho, Catarina, não duvide disso, mas conquistarei novamente quando você e nosso filho estiverem do meu lado. — Ele colocou o aparelho no ouvido e me encarou. — Posso deixar tudo para depois, não você.

— Não faça isso. — Meu coração apertou. Não foi assim que imaginei que seria.

— Oi cara, tudo bem? Um pouco quebrado, mas nada que um relaxante muscular não resolva. — Meus olhos ficaram hipnotizados observando

o homem nu, de joelho, com o celular no ouvido destruindo seu próprio sonho por mim. — Então, queria te pedir um favor, mas acho que você não vai gostar muito. Sobre o nosso contrato...

Ele ficou mudo quando levantei da cama e comecei a me despir também. Com a boca aberta e o fogo nos olhos, ele parou no tempo enquanto observava. Essa seria eu sem armaduras.

Desistir de um sonho era mais do que poderia suportar vê-lo fazer. Se eu era importante o suficiente para que ele pensasse dessa forma, talvez...

— Desligue o celular — mandei quando retirei meu short e comecei a remover meu sutiã.

— Eu já te ligo. — Encerrou a ligação, jogou o celular no chão e se levantou. — O que está fazendo? — Vi-o engolir em seco.

— Me despindo. Eu valho mais que um sonho profissional seu? Sua satisfação pessoal?

— Minha satisfação pessoal é você, Catarina. — Ele deu passos até chegar à minha frente. Removi a calcinha sem tirar os olhos dele e despidos de corpo e alma, ele continuou: — Talvez eu consiga novamente essa oportunidade, talvez não. Eu poderia me dar bem sozinho nesse mundo, mas sem você nada está completo. Vamos formar uma família.

— Tenho marcas.

— Essas? — Ele passou a mão na minha barriga. — Você é uma lutadora. Acha que não vejo o quanto elas te incomodam? Quando você toma remédio para dor escondido, por que está de saco cheio de lembrar o quanto te fizeram mal?

Céus, ele reparava até nisso em mim?

— Como você...

— Sei tudo o que você me deixou ver. — Ele beijou meu rosto. — Agora, sei tudo sobre você, ciumenta.

— Eu preciso de um tempo.

— De mim você já teve. — Ele me abraçou e sentir seu corpo no meu acalmou toda a tempestade dentro de mim. — Caramba, como senti falta de você. Não me peça para me afastar. Enfrentei seu pai com uma arma, estava disposto a levar um tiro só para conversar com você.

Soltei um riso, depois veio o choro.

— Te amo tanto. — Agarrei seu corpo com todas as minhas forças. Se tudo o que ele falou era verdade, ele também me amava. — Preciso de um tempo

daquelas pessoas. — Não conseguia pronunciar mais o nome dela. Meu coração estava ferido.

— Considere feito, minha pérola. — Começou a alisar minhas costas com suas mãos. — Farei o que você quiser, mas não me impeça de tentar mostrar que você está equivocada. Deixaremos muito para trás.

— Eu sei, todo dia recebo uma mensagem dela. Preciso apenas... me afastar.

— Casa comigo. — Ele se afastou e me encarou. — Vamos para Las Vegas, case comigo e viva um dia em cada país. Ande na minha garupa, empine sua bunda e vamos viver de forma alucinada.

— Temos um filho a caminho. — Bati em seu braço de leve e ele encarou minha barriga. — Além do mais, não vou largar meu emprego aqui antes de você começar a ganhar milhões.

— Caramba, eu vou ser pai. — Voltou seus olhos para mim, brilhando de alegria. — Estamos bem? Tenho certeza que seu pai vai me castrar se me pegar pelado e você não me quiser.

— Eu te amo. — Segurei seu rosto com minhas mãos. O alívio nos seus ombros caídos me fez sorrir.

— Só vou te amar quando puder colocar uma aliança no seu dedo e dar um lar para a nossa família. — Ele se ajoelhou e abraçou minha cintura. — Casa comigo, minha pérola?

Tinha como negar? Ele finalmente colocou um apelido carinhoso em mim.

— Por que pérola?

— Rara e valiosa, vive escondida em uma concha. Não mude de assunto, casa comigo! — Apertou meu corpo e beijou minha barriga.

— Sim, Jarbas. Mas só se for em Las Vegas.

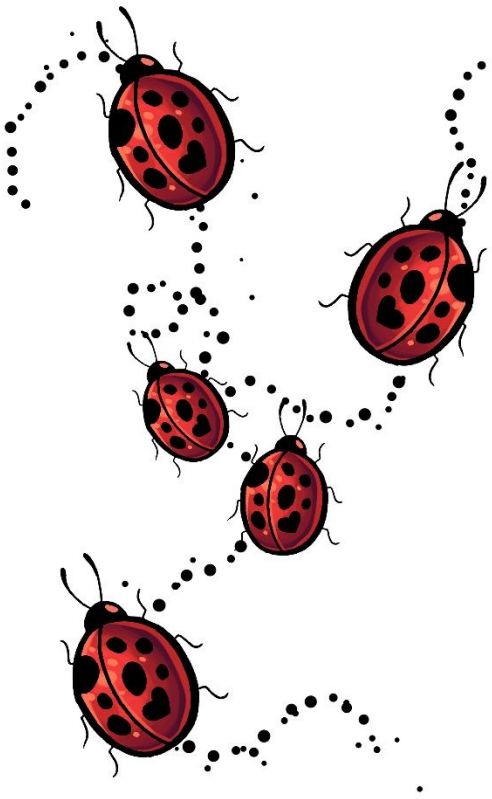
Num rompante ele se levantou, me carregou no colo e girou em seu próprio eixo comigo. Rimos felizes, porque o que realmente importava estava naquele quarto, eu, ele e nosso filho.

Foi depois do meio da tarde que saímos do quarto e anunciamos para meus pais a nossa decisão. Eu brinquei, mas Jarbas levou a sério. Quando ele recebesse o primeiro salário, iríamos para Las Vegas nos casar. Só esperava não estar tão avançada na gestação para que isso acontecesse.

E sobre as outras pessoas que achei que estavam entre nós? Nada que uma tarde de amor não esclarecesse e fizesse o monstro da desconfiança

desaparecer. Quem iria casar com Jarbas era eu, não havia dúvidas sobre seu sentimento por mim. Não mais.

Águas passadas, a vida segue.



# Capítulo 60

## Bia

# Trinta e oito semanas e três dias

— Céus, que exaustão! — reclamei removendo minhas pernas da cadeira a minha frente a não conseguindo fechá-las quando colocadas no chão.

Não só meu corpo ou barriga reclamavam do cansaço, mas minha mente. O serviço estava consumindo tudo de mim tanto quanto minha família.

— Você já deveria ter pego atestado médico para ficar em casa, não sei o que esse relatório tem de tão importante para você — João Paulo comentou com um sorriso, porque ele sabia sim da importância.

Sentados à mesa de reunião, no momento em que o sol já tinha se posto, encerrávamos nosso papel nessa investigação. Eficiente e eficaz, conseguimos cruzar informações e elaborar um relatório mais do que comprometedor para duas empresas e alguns empresários da cidade. Nem preciso citar os políticos, essa seria uma operação que deixaria muitas famílias com vergonha, em contrapartida, eu estava mais do que satisfeita.

Foi pouco tempo necessário, já que o empenho estava dobrado. Mesmo com dores e os pés inchados, quase todos os dias depois de trinta semanas, me dediquei a finalizar esse relatório antes que Joana viesse ao mundo. Amanhã seria entregue para a polícia, por isso precisava ler mais uma vez todo ele, para conferir se não existia nenhum erro de português.

Esqueça fiscalização, meu próximo desafio pessoal seria passar em um concurso de auditoria. O pouco tempo que trabalhei com Davi e Nina foram bons, mas aqui me surpreendeu.

Ah, minha amiga. Como sinto falta de conversar com uma mulher que não seja Renata e a família de Davi. Elas são divertidas, mas era com Catarina que desabafava sobre minhas inseguranças, desde as dores no corpo até as do coração. Vivia uma luta diária entre querer que Joana saísse logo de mim e que ela nunca mais me abandonasse. Não ter mais minha bebê no meu ventre significava que a realidade começaria, que deveria entregar uma parte de mim para Renata.

Só que esse era o preço a se pagar para tê-la feliz. Não iria intervir na vida de Jarbas, os dois se afastaram de mim e depois de algumas mensagens sem retorno, decidi parar de insistir em ter contato.

Havia um limite para aceitar a rejeição e o meu havia chegado. Por isso, nada mais justo que esquecer as pessoas e focar em papéis e mais papéis.

— Ah, João, e você que vive me acompanhando nos serões? Até

parece que você não quer perfeição tanto quanto eu. — Enquanto eu lia pelo notebook a minha frente, ele estava com a versão impressa nas mãos.

— Fiquei responsável de arquivar todos os documentos, além de precisar exercer meu papel de bom colega, não deixar a grávida sozinha.

Ele se tornou um bom companheiro, não podia negar. Aplicado, era um nerd sem vida social, mas com muito dinheiro no bolso. De todos na equipe multidisciplinar, os mais interessados em concluir éramos nós. Enquanto uns pensavam que quanto mais tempo demorasse, mais deixariam de exercer suas próprias funções, meu foco era apenas em fazer o serviço bem feito e ajudar a diminuir a corrupção no país.

Voltei minha atenção a tela, faltava pouco para ser lido e já imaginava Renata surtando porque não cheguei no horário. Já havia recebido duas mensagens do primo de Jarbas, que me esperava na frente do prédio. Respondi que ainda estava trabalhando, era um saco ele ser tão sério e certinho.

Por um momento senti falta de ar e inclinei meu corpo para frente, afastando a cadeira de perto da mesa. Percebi pela minha visão periférica que João se preparou para levantar, assustado.

— Não se preocupe, é apenas Joana reclamando do espaço. Se não bastasse a bexiga, agora ela quer pressionar meu pulmão — falei de forma estrangulada e acariciei minha barriga. Ela não mexia mais tanto, porém, quando o fazia, era um evento cansativo e que requeria total atenção, como esse.

— Vai nascer?

Ri alto da inocência dele. Apesar da minha barriga estar gigantesca e eu ter engordado um quilo e meio de acordo com minha última consulta, que foi há uma semana, estava tudo sob controle.

— Vai — Levantei a cabeça apenas para ver seus olhos arregalados —, mas não hoje. Essa etapa final é apenas para os fortes. Não há posição para dormir, faço xixi de meia em meia hora, perco o fôlego apenas por falar e meus pés... — Olhei para eles e fiz uma careta. Sabia que no momento que os colocasse no chão, iriam inchar. — Bem, estou parecendo uma elefanta.

— Você não acha melhor parar? Eu termino para você.

Sorri agradecida, mas não era isso que eu queria. Na verdade, quanto mais tempo ficasse aqui, melhor. Estava fugindo da minha vida, de enfrentar Davi em um evento social pela primeira vez e o chá de bebê promovido pela minha irmã.

Ela não só fez questão de impor sua posição de mãe com essa festa, mas mudou toda a decoração do quarto que eu fiz. Dia a dia acompanhei todos

os detalhes mimosos de joaninhas serem descartados e meu coração dilacerado. Bem, pelo menos a pelúcia de joaninha que comprei está em um nicho na parede e a cortina, que tinha apenas detalhes do inseto vermelho e preto.

Mais sóbrio e chique, Renata fez do jeito que ela queria, feliz por poder mandar na vida da sua filha. Errada era eu, que me afeiçoei a minha sobrinha além do que deveria. Quem poderia culpar, tudo nessa gestação foi imprevisível.

E desde quando a vida tinha manual de instruções?

Voltando a respirar normalmente, coloquei meus pés em cima da cadeira e foquei minha atenção no notebook.

— Só mais cinco minutos.

— Você parece até uma viciada.

— Sim, amo trabalhar, não poderia ter escolhido melhor profissão.

E minha leitura ainda seguiu mais uma hora. Isso queria dizer que estava há meia hora de começar o chá de bebê da Joana de Albuquerque. Como mordi minha língua para protestar quando escutei essa semana minha irmã falar que não queria um nome grande e iria omitir o sobrenome da nossa família. Esperava, do fundo do coração, que isso não fosse mais uma das vontades alucinadas de provar que não tinha nenhum vínculo com a bebê.

Quando encerramos tudo, guardando papéis no armário bem organizado e desligando todas as máquinas que usamos, senti a necessidade de abraçar João em despedida. Diferente do beijo no rosto, envolvi meus braços em seu pescoço e o senti assustado.

— Obrigada pelo apoio. Sei que metade do seu interesse em ficar até mais tarde foi para que não ficasse sozinha e agradeço muito. Amanhã terei consulta de manhã, tentarei pedir um atestado médico e ver como funcionará a licença maternidade. — Soltei-o e sorri. — Está tudo pronto, fiz minha parte, não precisam mais de mim.

— Não sei como ficará nossa situação depois disso, mas sei que quando voltar, estaremos na Receita te esperando. — Sorriu encabulado. — Eu te acompanho.

Desliguei a luz da sala e seguimos para as escadas. Era apenas um andar e sem pressa, apoiando no braço de João, desci ofegante, como se tivesse corrido uma maratona.

— Não sei como você consegue. Por muito menos eu pego atestado para ficar em casa me recuperando.

— Ah, vocês homens acham que uma gripe é o fim do mundo, imaginem se engravidassem. — Rimos, nos despedimos do guarda do prédio e andamos até o meu carro.

— Mande notícias e se não nos vermos mais, bom parto.

— Obrigada. E você, aproveite e saia mais, vá aproveitar do título de fiscal e encante algumas mulheres.

Ele começou a se afastar e eu dei a volta do carro, para sentar no banco do passageiro. Jarbas abria a porta para mim sempre, já esse...

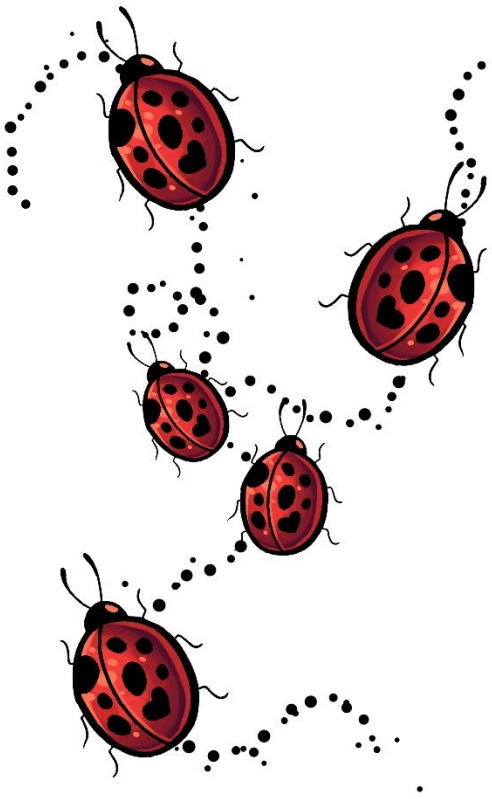
— Sua irmã já me ligou várias vezes, disse que seu celular está desligado e que está atrasada — o motorista falou e deu partida no carro, com pressa de voltar.

— Sei que ela é sua chefe, mas a grávida sou eu e estou com nove meses, sem pressa.

Não me deu atenção, guiou com cuidado, mas despreocupado com limite de velocidade. Sentia meus pés doloridos, meu corpo reclamando por descanso e meus olhos queriam se fechar.

Cochilando, acordei assustada com uma batida no vidro da minha janela. O carro estava parado, o primo de Jarbas saiu do carro sem nem me avisar. Olhei para ver quem me acordava e Renata, toda arrumada e com semblante bravo, me enfrentava.

Minha realidade bateu com força no meu peito, a mãe de Joana estava reclamando sua posição e a tia estava ficando para escanteio.



# Capítulo 61
## Bia

— Bia, não sei mais o que falar para você entender, custa chegar no horário? Te lembrei mil e uma vezes sobre o horário do chá. Tive que mandar Rildo sozinho, nós iremos juntas.

— Eu poderia ter ido com Davi, Renata. E essa festa é por sua conta, não minha. — Saí do carro e andei em direção a casa, com ela ao meu lado, toda arrumada em sua roupa padrão de madame. — Estou exausta.

— Por isso que fui no seu médico hoje e peguei um atestado. Você não vai mais trabalhar, já consultei no seu RH, assim que os dias do atestado acabarem, você entrará de licença maternidade.

Ela pensou em tudo, não é mesmo? O mesmo tanto que eu me intrometia na vida da sua filha, ela fazia na minha. Nem me dei ao trabalho de discutir, tinha vontade apenas de deitar na cama e trocar mensagens com Davi até pegar no sono.

Céus, esse homem era perfeito. Depois da briga com Jarbas, cuidei de suas feridas e ficamos assistindo televisão o dia inteiro. Vi os donos da casa chegarem, almoçamos juntos em uma refeição silenciosa e dormimos abraçados no sofá da sala de televisão.

Sem pressão, ele conseguiu sintonizar a mesma rádio da vida que a minha e juntos, oferecíamos um ao outro o que cada um necessitava. Eu queria aconchego, ele, palavras de que faltava pouco para nos entregar.

— Vou tomar banho — falei sem ânimo. — Mas não faça planos para o parto, Renata. Como o médico falou, Joana pode vir hoje como daqui três semanas. Ele irá esperar eu entrar em trabalho de parto até quarenta e uma semanas.

— Ele acha que sou obrigada a seguir esses ideais natureba que ele prega — desdenhou. Começamos a subir as escadas. — Está tudo acertado, Joana nascerá em quatro dias. Marquei sua cesárea e a partir de amanhã você ficará de repouso absoluto. Inchar significa que sua circulação não está boa, o que pode levar a pressão alta. Joana já tem o problema com os lábios, não quero mais outro adicionado a sua vida.

— CHEGA! — gritei já dentro do meu quarto. Fiquei de costas para ela e senti uma atração sem igual em deitar. — Esse é seu problema, Renata.

Planeja o que deveria ser aceito do jeito que vier. Você parou para perguntar se eu queria uma cirurgia?

— Não acredito que você quer fazer parto normal, vai ficar com sua... — Virei para encará-la, que fez um movimento com mão para pular a palavra que a deixava envergonhada. — Enfim, você vai ficar toda arrombada. E outra, ela é minha filha.

— E esse é meu corpo! — Comecei a me despir, sabendo que não tinha como fugir do chá de bebê que ela fez.

— Você sabe que esse discurso de meu corpo, minhas regras, tem a ver com aborto. Pense no ser inocente que está na sua barriga.

— Por isso mesmo, esse ser inocente vai escolher o dia que nascerá e não você, muito menos eu!

Terminei de me despir e com dificuldade, andei até o banheiro, com minha irmã sempre me acompanhando.

Nunca tive vergonha de ficar nua na sua frente, porém, estava ficando incomodada com sua análise em cada parte do meu corpo.

— Nossa, quanta estria... — ela sussurrou e ignorei a pontada na minha autoestima quando liguei o chuveiro.

Ninguém me falou que deveria passar creme hidratante no corpo para não aparecer estrias. Explicar que meu leite poderia vazar antes do bebê nascer foi outra coisa que descobri e morri de vergonha de contar a alguém. Além da vontade de fazer xixi incontrolável, meu jeito de andar estava ridículo.

E ainda tinha mulheres que engravidavam pela segunda vez.

Ao mesmo tempo que reclamava mentalmente da minha situação, o peso na consciência por só pensar dessa forma me corroía. Céus, não poderia mais ser sincera comigo mesma que me sentia a pior pessoa do mundo. Será que grávida não poderia querer sair dessa situação logo sem achar que é a bactéria do cocô do cavalo do bandido?

— Por que não passou os óleos que te comprei? Bia, desse jeito seu corpo vai ficar muito marcado.

Respirei fundo. Outro tapa na minha autoestima, eu precisava ignorar.

— Posso ter um pouco de privacidade? — pedi e ela entendeu o recado quando saiu do banheiro.

Como tudo o que fazia, demorei além do normal e voltei para o quarto apenas de pijama. Minha irmã tinha selecionado uma roupa, que estava estendida em cima da cama.

— Essa sua vontade de controlar tudo só vai te frustrar. — De costas, enxuguei meu corpo e coloquei minha roupa íntima.

— Preciso estar no controle, Bia. Para você pode ter sido fácil, mas para mim, perder nossos pais mexeu comigo.

— Nunca foi fácil, Renata. Penso na mãe todos os dias, querendo saber como foi sua própria gestação, qual conselho ela me daria, o colo... — Suspirei. — Que eu me lembre, quem quase caiu em depressão fui eu e você se casou pouco tempo depois, me fazendo ver que a vida seguia em frente.

Cansada para discutir, peguei o vestido engomado e chique e comecei a pôr. Ele era colado ao meu corpo e destacava a barriga.

— Céus, isso será um horror de tirar quando for ao banheiro.

— Só não beber água. Você está linda! — Como num passe de mágica, o assunto pesado se transformou, apenas porque ela conseguiu o que queria, esse vestido desconfortável em mim.

Sentei na cama para colocar a sapatilha no pé e percebi que não conseguiria fazer, tanto pelo vestido não me permitir abrir as pernas, tanto pela barriga estar no caminho.

— Droga, não consigo pôr os sapatos. Estou uma baleia.

— Pare de frescura, vamos logo.

Com destreza, ela colocou os meus sapatos por mim e saiu em disparada para fora do quarto. Busquei minha bolsa que continha apenas a carteira, o celular e caminhei sem pressa, sentindo meu estômago roncar.

— Preciso comer algo — anunciei quando cheguei ao hall de entrada, mas segui para a cozinha.

— Lá você come, Bia. Estamos atrasadas, vamos! — Segurando meu braço para seguir onde ela queria, fui arrastada até o carro.

Sentadas no banco de trás, peguei meu celular e fui atrás de saber sobre Davi.

**Bia>> Saindo de casa agora. Você já chegou?**

A resposta veio poucos minutos depois.

**Davi>> Sim e estou fazendo companhia para Rildo, que parece um peixe fora d’água.**

**Bia>> Obrigada, mais alguns minutos estaremos aí. Estou tão cansada.**

**Davi>> Quer cancelar? Que te sequestre assim que chegar?**

Sorri, porque tinha certeza que faria isso.

**Bia>> Sim, por favor meu homem das montanhas sobre um cavalo comedor de cenouras.**

Fiz referência ao companheiro de Anna do filme Frozen, nosso conto de fadas favorito.

**Davi>> Seu pedido é uma ordem, princesa. Para falar a verdade, esse bando de gente rica está me incomodando.**

**Bia>> Eles sempre me incomodaram, mas fazia esforço por causa da minha irmã. Depois desse parto, primeira coisa que não sentirei falta é de socializar com ela.**

**Davi>> A primeira coisa que farei depois desse parto é te beijar de verdade.**

Engasguei quando engoli a saliva com pressa e minha irmã tentou olhar a tela do meu celular, que fiz questão de bloquear. Isso ela não controlaria, era minha vida.

— Não acho que trazer ele aqui foi uma boa ideia — Renata falou com desconfiança.

— Também não acho uma boa ideia eu ter que enfrentar uma jornada de trabalho e ainda por cima participar de um chá de bebê. Só rico mesmo fazer festa durante a semana, já que trabalhador tem que acordar cedo no outro dia.

— Você poderia ser um pouco mais agradecida.

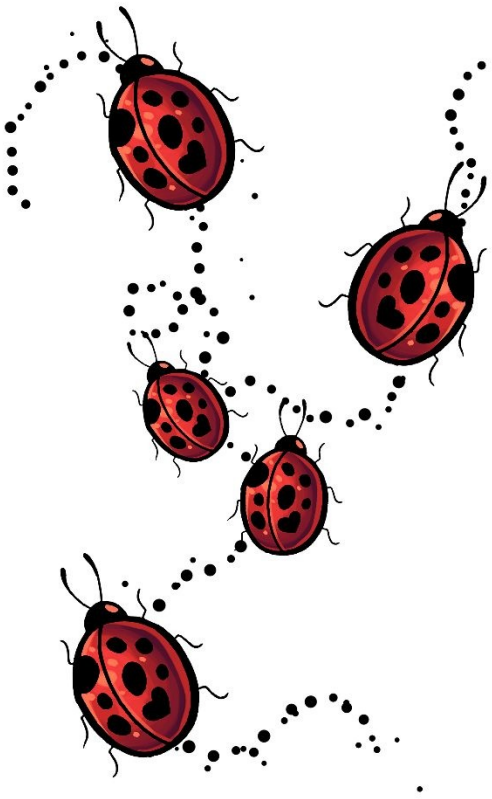
O carro parou e ela praticamente pulou do banco para fora, impedindo que eu respondesse na sua cara que se ela quisesse, pagaria minha estadia na sua casa como agradecimento.

Segunda coisa que faria depois que Joana nascesse, sair daquela casa.

Como tudo na minha gestação, meu humor variou de indignação para felicidade quando Davi se aproximou de mim logo na entrada.

— Você está bem? Parece abatida.

— Com você do meu lado, sei que tudo ficará bem.



# Capítulo 62
## Bia

Meus pés inchados e meu sorriso forçado não impediu que minha irmã me puxasse para todos os cantos e tirasse fotos, conversasse e conduzisse como se eu fosse sua propriedade. A barriga solidária estava cobrando seu preço na minha paciência e boa vontade.

Quando finalmente consegui sentar, Davi estava me esperando e não pensou duas vezes em colocar minhas pernas no seu colo. Em uma mesa mais afastada, estávamos apenas nós e a decoração sóbria de coroas e gelo, lembrando o desenho Frozen.

Eu preferia as joaninhas de dona Maria Auxiliadora.

— Vamos embora, Bia. Você não precisa ficar aqui e passar por isso.

— Estou pela Joana e as fotos para quando ela quiser saber como foi — falei com a intenção de nos convencer.

— O que são fotos acima da saúde? Beba essa água e vamos, nem que eu tenha que te levar no colo.

Uma criança correu para perto de mim e sem autorização, colocou a mão na minha barriga. Surpresa, olhei para o menino que parecia ter três anos e retribuí o carinho no seu cabelo.

— Tem bola na sua barriga? — perguntou inocente.

— Tem um bebê! — falei de forma suave.

— Uau.

Quando pensei em continuar a conversa, a mãe da criança, uma que nunca tinha visto no círculo de amigas da Renata, se aproximou e me olhou com nojo.

— Que pouca vergonha.

Olhei para a mulher, que não saiu do lugar, mas afastou a criança de perto de mim.

— Como assim?

Senti Davi em alerta a minha frente.

— Enquanto sua irmã faz o melhor para essa criança que virá, você fica de... de sem-vergonhice! — ralhou, apontando para mim e Davi.

— Desde quando tentar aliviar o cansaço de uma grávida é

vergonhoso? — Davi falou muito sério?

— Desde que esse filho não é seu, muito menos dela. Custava esperar a criança nascer para vocês se relacionarem?

Era sério o que estava escutando? Uma mulher, que nunca vi na vida, estava falando algo tão ofensivo para mim? E o pior de tudo era que refletia meus próprios pensamentos. Não me entregava a Davi porque pensava igual. Doía atestar isso.

Davi não respondeu, apenas tirou meus pés do seu colo e não me olhou nos olhos. Se minha autoestima estava abalada, agora tinha sido devidamente estraçalhada. Será que ele se abalou com o que ela disse?

— A senhora pode voltar de onde veio e a nossa vida não é problema de ninguém.

— Ah, você está enganado, é sim! Estamos todas concordando que isso é muito depravado, inclusive meu marido.

Bloqueei as palavras dessa mulher da minha mente. Levantei com dificuldade e saí andando em direção a saída. Se o primo de Jarbas não me levasse para casa, eu pegaria um táxi. Para mim já chega de humilhação.

— Bia! — Tanto minha irmã quanto Davi me chamaram.

Ignorei, mas o homem que admirava me alcançou.

— Espere, eu vou com você.

— Estou cansada, Davi. Só preciso dormir. — Apesar dele ter colocado a mulher no seu lugar, a ação dele tirar meus pés de cima do seu colo sem olhar para mim me machucou, simples assim.

Céus, eu precisava descansar, porque estava ficando completamente sem noção.

— Eu te levo.

— Não, Davi. Quero ficar sozinha.

— Bia, você não vai embora! — minha irmã decretou ao se aproximar. Estávamos perto da saída do buffet.

— Se você não quiser que eu faça um escândalo, você vai me deixar ir. Olhe para minhas pernas, eu preciso deitar! — Ela finalmente encarou meus pés e fez uma careta. — Se não for por mim, faça pela SUA filha. Me deixe ir.

— Vá, daqui a pouco encerro a festa para que não fique sozinha em casa.

— Ela não vai ficar sozinha — Davi falou e Renata o encarou com dúvida.

— Não é legal os dois ficarem sozinhos. Melhor o motorista te levar.

Caramba, estavam todos na festa falando sobre mim e minha irmã estava concordando. Eu não namorava Davi de verdade, imagine se sim?

— Renata! — Segurei seus braços. — Eu vou embora com quem eu quiser. Tchau.

Peguei na mão de Davi e como uma pata choca, saí andando em direção ao estacionamento.

— Onde está seu carro? — perguntei com raiva.

Estava explodindo por dentro, todos os sentimentos em conflito para ver quem ia sair pelo meu peito primeiro.

Ele acionou o alarme e andei um pouco mais até estar na frente da porta do passageiro. Ele a abriu e sentei, querendo esquecer o que aconteceu.

— Eu te amo — essas foram as palavras que Davi me falou para me acalmar, o que teve o efeito contrário.

— Por que é tão difícil? — falei com voz de choro.

Deu partida no carro, depois ré e então, ganhou as ruas. Como de costume, Davi encontrou minha mão e a trouxe para o seu colo. As lágrimas escorriam pelos meus olhos em um choro silencioso.

— Eu só queria me encontrar, sabe? Quando me mudei para cá, eu só queria poder viver, estava tão cansada de estudar e não passar em nenhum concurso — desabafei e senti sua mão apertar a minha em apoio.

— Falta pouco, você vai aguentar.

— E se não? — Passei a mão na barriga. — Tenho mais vontade de fraquejar que me manter em pé. Estou tão cansada, Renata quer controlar tudo! Parecia que estava sentindo, fiquei até mais tarde no serviço hoje para concluir o relatório, porque sentia, dentro de mim, que não voltaria mais.

— Você vai voltar, é só temporário.

— E se Joana tiver complicações? Se precisar de mim para cuidar? Com quem ela vai ficar depois da licença maternidade?

— Acho que isso é uma preocupação para os pais e não para você — ele falou de forma suave, o que não impediu que atingisse meu calo.

— Até você? Cansei de escutar isso, que Joana não é minha filha. EU SEI DISSO!

Não falamos mais nada no caminho e nem reclamei quando ele dirigiu em direção ao seu apartamento. Apesar de estar com raiva, sem nenhum motivo real, ficar longe da minha irmã estava mais do que bem.

— No meu banheiro tem uma banheira pequena e confortável. Vou te colocar lá para relaxar e se quiser dormir, eu cuido de você.

— Não vou tomar banho com você, Davi. Se apenas beijos que trocamos as pessoas já pensam o pior, imagine...

— Quem está nesse carro? — Ele parou em frente ao portão da garagem do seu prédio e esperou-o abrir me olhando nos olhos. — Sua vida importa para quem?

— Eu sei, eu sei, mas...

— Beatriz Carrero, esqueça o que aquela madame falou e viva o hoje, comigo. Os meus sentimentos são depravados? O amor que sinto por você é errado?

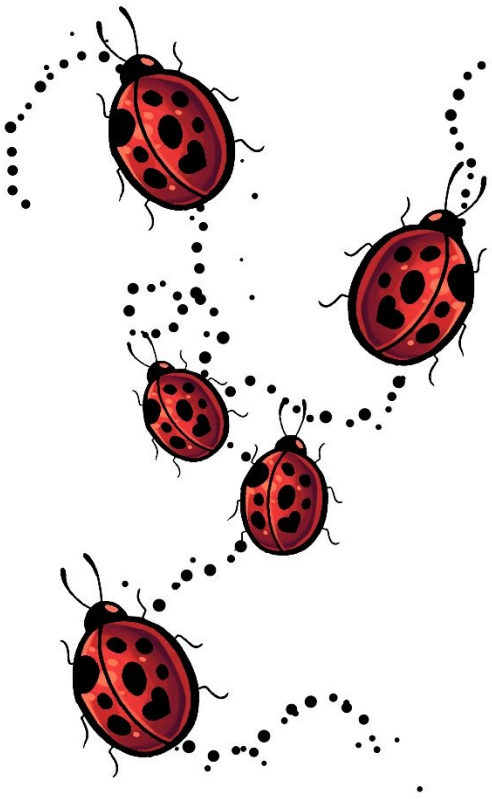
Sem dar tempo para que eu respondesse, ele entrou com o carro e estacionou na sua garagem.

— Davi...

— Não precisa falar nada, meu amor. Só me deixe cuidar de você como deveria ter feito há muito tempo. Sem malícia, esqueça suas barreiras, só me aceite por hoje.

As lágrimas continuaram a descer pelas minhas bochechas e ele as limpou. Beijou meus olhos e deixou um beijo casto nos meus lábios.

— Agora, você será devidamente recompensada por todo o sacrifício que fez. Não vou sair do seu lado em nenhum momento.



# Capítulo 63
## Bia

— Tenho um sabonete de banho, mas o cheiro é um pouco forte. Veja se gosta — Davi ofereceu um frasco para que pegasse. Inspirei o cheiro de chá verde e sorri, porque era algo que gostava.

— Está ótimo. Na realidade, eu preferia mil vezes uma cama.

— Depois você me fala quando estiver submersa — sorriu com conhecimento e foi ligar a água.

Sentada no vaso, observei aquele homem cuidar de mim com tanto carinho. Por que tinha que ser errado? Macular o corpo que gera um bebê parecia me fazer sofrer sem nem ao menos saber o real motivo. A única coisa que minha cabeça gritava era que nada entre nós poderia ultrapassar o platônico.

Quando voltei a realidade, percebi que Davi estava ajoelhado na minha frente removendo minhas sapatilhas. Com toques suaves e um pouco de massagem, ele contribuía para o meu conflito interno. Será que esses toques eram permitidos?

— Vou te deixar sozinha para se despir e entrar na água. A espuma vai cobrir seu corpo e quanto estiver submersa, me chama.

— O que você vai fazer? — perguntei ao me levantar.

— Apenas te acompanhar, Bia. — Beijou minha testa e saiu, deixando a porta aberta.

Dei um passo para ficar perto da parede a minha frente, removi minha roupa, escondi a lingerie nas dobras do vestido justo e tive vontade de jogá-lo no lixo.

Em luta com meus sentimentos, que diziam que minhas ações estavam ultrapassando os limites dos bons costumes, relaxei e até gemi de tanta felicidade.

Algo estava errado, porque eu não iria me sentir bem fazendo o errado. Era apenas um banho, meu corpo clamava por relaxamento.

— Davi!

— Oi! — Ele deu um passo à frente da porta, depois voltou, sentou no chão e encostou suas costas no batente. Ficamos frente e frente, olhos nos olhos e emoções em explosão.

— Não leve em consideração o que aquela louca falou — implorou.

— Vou tentar. — Fechei os olhos, apoiei minha cabeça no encosto da banheira e meus pés encontraram a outra borda. O calor da água massageava meu corpo e proporcionava algo além da minha compreensão. — Nossa, preciso usar mais a banheira.

— Ela é sua sempre que precisar, Bia.

Sorri, porque se eu fosse livre, faria da sua casa a minha. Era tão bom pensar em uma vida só minha. Hoje era duas e não completa, porque eu apenas carregava, não existia nada meu em minha sobrinha.

— Vou guardar essa informação para o futuro.

— Pode no presente também. Espero que se sinta livre para ir e vir aqui.

— Até parece que você está me convidando para morar com você. — Abri os olhos e assustei com o que vi. Antes que ele falasse algo, mudei de assunto: — Minha irmã marcou o parto para daqui alguns dias. Ela já conseguiu atestado e decidiu que farei cesárea.

— Nossa, ela consegue ser pior que minhas irmãs. — Fez uma careta. — Você não quer?

— Para falar a verdade, não sei. — Fechei os olhos novamente e movimentei minhas mãos na minha barriga, lembrando dos partos na banheira que li na internet. — São tantas opções e relatos, várias teorias, mulheres defendendo um tipo de parto, médicos outros... parece que estou escolhendo a comida do almoço de tão insensível que algumas pessoas são.

— Minhas irmãs tiveram os dois tipos de partos. Não me pergunte algo sobre isso, porque no máximo as via quando chegavam em casa e elas pareciam cansada em ambas as opções. — Riu um pouco. — Denília não cansava de repetir que no seu parto normal, ela parecia que ia morrer de tanta dor, mas que faria tudo de novo pelas emoções que sentiu.

— Ela parece tão cansada, Davi. — Lembrei do rosto abatido de sempre.

— Com certeza está. Trabalha mais de oito horas por dia, não tem ajuda em casa para faxina e leva os dois meninos para cima e para baixo. Eu já a vi chorando escondida no banheiro de casa nas reuniões de domingo, mas ela não se abre comigo, nem com minha mãe. Fala que é apenas pressão.

— O marido não ajuda?

— Ele parece fazer um esforço danado para olhar os meninos, deixar

que ela aproveite o dia com a gente, mas não sei... nunca é o suficiente. — Suspirou e abri os olhos novamente. — Já pensei várias vezes se realmente quero ter filho ou não. Parece algo tão...

— Sacrificante. — Sorri com pesar. — Nem sou mãe, mas já me sinto em um doar diário, sem receber nada em troca, ou então, só o ônus. Ganhei peso, estrias, dores no corpo e instabilidade emocional.

— Falta pouco, meu amor. Se eu não tivesse tirado férias antes, estaria com você nessa reta final.

— Você não deve nada a mim. Além do mais, agora você é o chefe.

— Por isso eu estou mandando que você relaxe! — brincou e se levantou quando meu celular começou a tocar. — Vou pegar para você.

*Não seja muito prestativo, porque não quero sair da minha bolha.*

Ele se aproximou e mostrou o visor, era Renata. Pedi que atendesse no viva-voz, por minha mão estar molhada e eu não querer mover um músculo para satisfazê-la.

— Oi — cumprimentei sem entusiasmo.

*— Onde você está?*

— Eu estou bem e Joana também. Preciso de um tempo, Renata.

*— Você precisa voltar para minha casa e deixar que eu cuide da minha filha.*

Meu sangue ferveu. Estava com tanto ódio da palavra *minha*, que o próximo que pronunciasse iria sofrer nas minhas mãos.

— Enquanto ela estiver na minha barriga você terá que aceitar e respeitar o que eu quiser fazer.

*— Você é uma inconsequente! Não fará mais mal a minha filha. Além de me fazer passar vergonha com minhas amigas... não, Rildo, ela vai escutar tudo o que está entalado na minha garganta!* — Ela deveria estar com o marido do lado e ele tentava impedir suas palavras cruéis.

Olhei para Davi com os lábios curvados para baixo e ele fez menção em desligar, mas eu o impedi com minha mão em seu braço, o molhando. Ela precisava desabafar, me culpar por coisas que estava além do nosso controle. Que assim fosse, eu também queria atingi-la.

*— Escolhi você para gerar minha filha, porque sempre foi certinha e responsável. Todo esse tempo morando longe de mim fez com que você virasse uma estranha.*

— Você também está sendo estranha.

— *Não, é você a esquisita e depravada. Sabia que os bebês sentem tudo?*

— Sim, inclusive a rejeição da mãe quando descobriu um defeito nela. Para de hipocrisia! — alterei o tom da minha voz.

— *Eu estava em depressão!* — ela falou em um tom mais alto que o meu. — *Não vejo a hora dela nascer e resolver tudo isso. Ela ficará marcada para sempre por causa da sua irresponsabilidade.*

— Céus, você vai me culpar, de verdade, pela fenda labial da Joana? Que absurdo é esse, ela não tem nada genético meu, se alguém tem culpa são vocês. — Comecei a chorar. Não poderia e não queria cair na neura de que as palavras dela eram verdadeiras. Já havia superado isso, ou pelo menos achava.

— *Sua alimentação, trabalho excessivo, egoísmo, esse namoro...*

— A egoísta aqui é você, que fala que o bebê sente tudo e está falando esse monte de merda. É assim que você vai educar Joana? Uma mãe desequilibrada, que foge e ainda vê mal a única pessoa que a conseguiu gerar? Se depender de mim, nos encontramos apenas na maternidade, não sou obrigada a ser humilhada dessa forma.

— *Vou chamar a polícia, sua vagabunda! Eu...*

Peguei o celular, encerrei a ligação ao mesmo tempo que desliguei o aparelho e o joguei no chão, numa tentativa frustrada para afogar minha irmã, já que colocar dentro d'água me daria prejuízo. Chorei de soluçar e como prometido, Davi cuidou de mim. Sentou na borda da banheira e deixou que abraçasse sua cintura, sem se preocupar comigo o molhando.

— Ela é tão injusta. — Choraminguei e ele alisou meus cabelos.

— Vocês não aliviaram, pegaram no calo uma da outra.

— Não falei nem metade do que queria. — Senti algo entre minhas pernas, mas como estava submersa deu a sensação de ser apenas contração muscular. — Quero sair daqui.

Esquecendo do pudor, exausta por me manter de uma forma que não queria, levantei quando Davi trouxe a toalha e me envolveu. As lágrimas estavam diminuindo, mas não pararam.

Andando até o quarto, lembrei do meu pijama surrado e fiz bico. Se não fosse ele, não seria nada.

— Você se importa se eu deitar apenas de toalha?

— Não quer uma camiseta minha? — Ele me abraçou com o meu corpo de lado, eu envolvi meus braços no seu.

— Eu só quero dormir e esquecer. Queria tanto fazer o parto do meu jeito, mas pelo visto, ela manda no meu corpo. Na primeira oportunidade eu saio daquela casa.

— E vem para mim. — Seu aperto aumentou. — Estarei aqui para você, não esqueça disso.

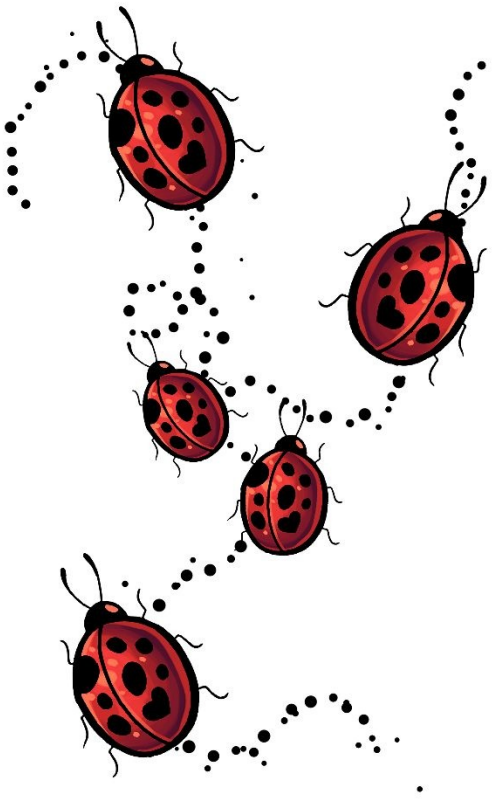
— Céus, acho que ficaria louca que não tivesse você.

— Tenho certeza que você conseguiria sem mim. — Colocou a mão no meu queixo, ergueu minha cabeça e me encarou. — Você é forte e especial. Te amo.

Nossos lábios se uniram e novamente senti algo no meu baixo ventre. Correspondi ao beijo, aos lábios suaves nos meus por poucos segundos. Algo me dizia para deitar e foi isso que fiz logo que me afastei.

— Vou tomar um banho e já volto.

Aninhei minha cabeça em cima do travesseiro e apenas movimentei para concordar. A toalha era das grandes e cobria tudo o que importava. Virada para o lado esquerdo, porque essa era a única posição que Joana gostava, limpei minha mente e chamei o sono para me acalentar.



# Capítulo 64
## Bia

Senti que havia caído. Acordei em um sobressalto ao mesmo tempo que fazia xixi na cama. Olhei para os lados e o barulho do chuveiro indicava que Davi ainda não tinha saído do banho. Não havia dormido nem cinco minutos então.

Envergonhada por ter molhado a cama dele, sentei e senti mais líquido sair de mim.

— Já não fui humilhada o suficiente? — resmunguei e então o cheiro forte de água sanitária invadiu meu olfato.

Acelerando meu coração de zero a cem, peguei o lençol para olhar mais de perto e perceber que o líquido que manchou a cama tinha textura e não tinha nada a ver com urina.

Seria minha bolsa?

Coloquei a mão na minha barriga e não senti Joana se mexer. Apesar dela ter diminuído suas movimentações agora no final da gestação, a noite era quando mais se movimentava. Coloquei a mão na minha barriga e a senti estranha.

O chuveiro parou no mesmo momento que minhas lágrimas voltaram a cair. Será que estava perdendo o bebê? Será que carregaria mais esse fardo nas minhas costas?

— Davi! — instintivamente gritei. Não deu dois segundos e ele estava na minha frente, ensaboado e nu. Não tive tempo de olhar cada detalhe, minha preocupação estava na bebê. — Acho que estou perdendo Joana. Por favor... — choraminguei.

— O quê? Como? — Ele se olhou e correu para o banheiro. — De onde você tirou essa ideia?

— Achei que tinha feito xixi na sua cama, algumas vezes ele já escapou, mas agora é um cheiro estranho...

— Água sanitária. — Ele voltou com a toalha envolta do seu quadril. — Sua bolsa estourou.

— Mas não é o momento, estou só de trinta e oito semanas, a Renata...

— Vamos para a maternidade. Você consegue se vestir? — Ele parecia calmo demais para o meu gosto.

— Estou surtando aqui, Davi. Vou perder Joana e você está preocupado em se vestir? — falei com raiva e um pouco alto. Minhas lágrimas ainda escorrendo pelo meu rosto.

— Você não vai perder ninguém. Sua gravidez está chegando ao fim. Minha irmã Dora teve a bolsa estourada em um almoço de domingo, Marco Antônio está aí, lindo e forte.

Então, a resolução de que Joana ia nascer me bateu. Estava entrando em trabalho de parto.

A raiva e o desespero foram embora. Como se alguém tivesse tocado minha cabeça e toda a minha preocupação fosse dizimada, respirei fundo e acolhi o que estava por vir.

Levantei com a toalha envolta do corpo e fui até o guarda-roupa de Davi, que estava escolhendo algo.

— Me empresta alguma roupa?

— Não quer que eu peça para uma irmã trazer para você? Diná não mora tão longe.

— Sei que sua irmã traria, mas a última pessoa que quero ver é ela. Chega de sinceridade sem filtro.

Ele colocou a cueca por baixo da toalha, ajeitou e removeu o tecido felpudo do corpo.

— Verdade, que se foda, vista o que quiser.

E foi isso que fiz, escolhi uma cueca, um short com elástico na cintura e uma camiseta. Quando ele terminou de se vestir, me olhou da cabeça aos pés e sorriu de orelha a orelha.

— Está a grávida mais linda.

— Não por muito tempo. Se realmente for o parto hoje, amanhã estarei livre. — As palavras fizeram mais sentido na minha mente e sussurrei: — Livre.

Queria liberdade? Essa gestação era uma prisão? Quão injusta estava sendo comigo e com Joana?

Não tive tempo de encontrar as respostas, porque Davi pegou a toalha, minha mão e saímos em disparada para o carro. No caminho, peguei minha bolsa, que estava na sala e Davi voltou para pegar o celular que estava no banheiro. Dessa vez ele não pagaria nada.

— Você acha que eu devo ligar para o médico? — perguntei.

— Isso, ligue para ele e veja se está de plantão em algum lugar. Senão, peça para ir na maternidade. Como tem a fenda labial e a questão da barriga

solidária, chame o médico.

Chegamos no carro, coloquei a toalha no banco e sentei. Peguei meu celular com as mãos trêmulas, busquei o contato do médico e disquei. Droga, precisava ligar para o Rildo, porque não tinha o contato da junta médica de Joana.

Era sério, iria começar tudo isso sem comunicar minha irmã. Porém, quando percebi que mais uma vez ela planejou algo e não daria certo, como o dia do parto, me faz ter um pouco de satisfação. Não passava nem um segundo e me sentia a pior pessoa do mundo, contente com a infelicidade da minha única família.

Não mais, Renata não era mais minha única família. Joana chegaria.

— Eu e Renata não estaremos mais sozinhas — falei assim que encerrei a ligação com o médico obstetra, que estava dormindo, mas acordou e estava pronto para o que precisasse. Pelo menos, nessas horas, o dinheiro comprava segurança. Ter o médico a sua disposição era mais que um alívio, mas a um alto custo monetário, coisa que não era problema para os pais de Joana.

— Você não está sozinha, Bia. — Davi pegou minha mão e beijou. — Vai dar tudo certo.

Apesar dessa declaração, minha mente estava voltada única e exclusivamente para a dor que comecei a sentir, como da última vez.

— Acho que estou tendo contração.

— Já estamos chegando — falou com pressa. Ele soltou minha mão e focou na direção.

Relutante, encontrei o nome de Rildo nos contatos e liguei.

*— Bia? Você está bem? Olha, não leve em consideração...*

— Estou indo para a maternidade, acho que a bolsa estourou.

*— Hã? Você acha?*

— Sim, eu acho porque nunca passei por isso. Não posso afirmar se é apenas perda de líquido ou... — Fiz uma careta, sentindo a contração. Isso eu tinha certeza que era. — Já liguei para o obstetra, agora preciso que veja com os médicos de Joana.

*— Você está sofrendo? Como Joana está?*

— Vou sofrer, porque faz parte de sentir contração. Se apresse.

Encerrei a ligação, não tendo um pingo de paciência para lidar com mais dúvidas do que minha cabeça poderia suportar.

Apesar da pressa, quando o carro parou na frente da maternidade,

andei devagar até chegar à recepção. Todos pareciam calmos e sem nenhuma preocupação, por isso, me mantive plácida esperando ser atendida. Já Davi demonstrava sinais de que toda a calma não passava de fachada, já que sua perna não parava quieta.

— Nervoso?

— Como se o filho fosse meu — falou sem pensar e tivemos um momento de olhos nos olhos.

— Eu te...

— Beatriz Carrero — a médica me interrompeu e levantei segurando a toalha envolta do quadril até entrar na sala de colsuta. Minha roupa pareceu não fazer muita diferença para eles. — Como você está?

— Acho que minha bolsa estourou.

— Tudo bem, vamos examinar. Quando foi sua última menstruação? — E então, as perguntas que me fizeram da outra vez que estive aqui foram feitas novamente. Ela cobrou o pré-natal e pedi para Davi ligar para meu cunhado e resolver isso enquanto eu era examinada.

Senti as contrações quando deitei e a médica colocou a mão na minha barriga. Ela não esboçou nenhuma reação quando me invadiu com seu dedo e causou dor com o toque.

Céus, esse exame era o pior de todos!

Ela colocou o doppler na minha barriga para escutar o coração do bebê, que estava firme e forte.

*Vucum, vucum, vucum, vucum...*

— É, vai ser hoje. Você está com três centímetros de dilatação e a mocinha está bem. Vai fazer normal ou cesárea?

— O que você acha? — perguntei insegura.

— Cesárea, iremos te preparar para a anestesia e daqui quarenta minutos a uma hora, sua bebê vai nascer. Parto normal, bem... você terá que ter paciência, pode ser daqui uma hora como doze ou vinte e quatro.

Ter que fazer essa escolha me deixou sem chão. Como poderia decidir, sendo que Joana era a mais interessada? Será que ela poderia me dar um sinal ou algo do tipo?

Olhei minha barriga, coberta com aquela camisola hospitalar, sentada na maca e não soube responder.

— Não sei...

— Vamos conversar, venha.

Coloquei minha roupa novamente e voltei para a cadeira em frente à mesa da médica. Davi estava nervoso e não escondia mais com sua testa franzida.

— O que foi? — perguntei preocupada.

— Falei com seu cunhado, ele e sua irmã estão vindo. Os médicos já foram acionados.

— A maternidade não tem suporte para tratar crianças com lábios leporinos. Vocês irão até Bauru para isso?

Como assim não tinha suporte?

Enquanto comecei a surtar, a porta foi aberta e o obstetra apareceu. Como uma pessoa que não está envolvida em tudo isso, vi os médicos conversarem e Davi segurar na minha mão em busca de apoio. Apertei seus dedos, inclinei meu corpo e beijei sua bochecha.

— Eu te amo — finalmente saiu.

Quando minhas emoções e hormônios estavam em ebulição, as palavras saíram de forma natural. Tudo nele parou e seus olhos se arregalaram. Ele tentou me beijar, mas o consultório foi invadido por mais médicos e os pais de Joana, me tirando da bolha que estava vivendo naqueles míseros minutos.

— Ela vai fazer cesárea. Pode preparar tudo — Renata anunciou.

— Eu... — A contração veio e me impediu de falar por alguns segundos. — Essa dor dá para aguentar, acho que vou tentar normal — pedi olhando para o médico, ainda rancorosa com as coisas que Renata me disse. Fazer o contrário do que ela imaginava parecia muito bom.

— Você está louca?

O meu obstetra não deixou a discussão continuar. Eles pediram para que me internassem, que ficasse em um quarto e depois voltariam para conversar conosco. Enquanto isso, minha mão não soltava a de Davi por nada nesse mundo.

— Você pode ir embora, isso é algo apenas para a família — minha irmã tentou dispensar Davi depois que fizemos minha internação e seguimos até o elevador.

— Renata, por favor, você prometeu — Rildo chamou atenção dela com voz magoada. Sem acreditar, ela abaixou a cabeça e o abraçou. Ele me olhou pedindo desculpas e falou outras coisas em seu ouvido, que a fizeram chorar.

Tive outra contração e apertei a mão de Davi com força.

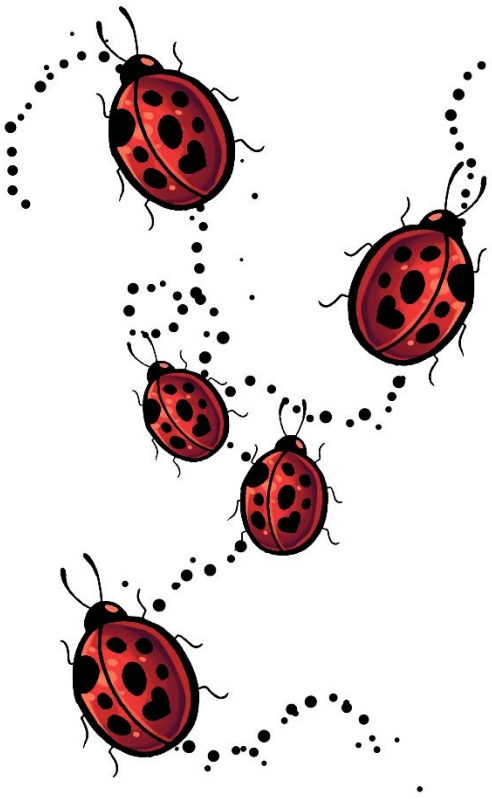
— Contração?

— Acho que não será a última do dia. Que horas são? — perguntei, sabendo que era muito tarde, mas sem noção exata.

— Quase uma da manhã.

— A madrugada será longa — falei alisando minha barriga e fazendo uma oração, finalmente vinculando o parto como um milagre, não tinha outra explicação.

Lembrei da parábola de Jó e como ele, entreguei tudo nas mãos de Deus.



# Capítulo 65

## Bia

Andando de um lado para o outro no quarto, eu sentia as contrações e relaxava a cada seis a dez minutos. O médico saiu do quarto há alguns minutos e pediu para que o chamasse assim que as contrações chegassem a ser de cinco em cinco minutos.

Davi estava sentado na poltrona distraído com o celular. Minha irmã e meu cunhado estavam no sofá-cama, abraçados e me observando.

— Desculpa — escutei minha irmã sussurrar e fiz uma careta por causa da contração. Caminhei até ela, que apenas abaixou a cabeça ao invés de me encarar. — Eu falei muita besteira.

— Sim, eu também. — Meu coração apertou, sabendo que se desculpar, com testemunhas ainda por cima, era muito mais do que poderia imaginar vindo dela.

— Você não tem culpa de nada. Eu estou tomando remédios, estou em depressão, Bia. — Ela finalmente levantou a cabeça e me encarou com os olhos marejados. — Eu tentei ser uma mãe, mas não consegui. Desde a minha dificuldade para engravidar que venho sofrendo frustações a cada dia. Eu não aguento mais essa tristeza.

Fechei os olhos, mais uma contração.

— Davi, começa a marcar para mim, acho que já está de cinco em cinco minutos. A intensidade da dor também aumentou. — Respirei fundo. — Caramba, que dor!

— Faça cesárea, vamos acabar logo com isso. Não aguento te ver sofrendo assim, não precisa de todo esse sacrifício. — Minha irmã choramingou, se levantou e veio me abraçar. — Me perdoa.

Entre dores e choros, a abracei com força.

— Eu só queria ter minha vida, mas não conseguia sem saber que você não estaria completa — falei quando consegui um fôlego. — Eu amo você e a Joana.

— Me perdoa, Bia. Por favor, me perdoa.

Tive que me soltar de seu abraço, porque a dor estava demais e sentei no chão.

— Vou chamar o médico, o intervalo está de menos de cinco minutos

entre cada contração — Davi pulou da poltrona e saiu.

Peguei a toalha, coloquei na poltrona e sentei nela, me contorcendo a cada dor. Da barriga às costas, do útero ao intestino, parecia que meu quadril iria quebrar ao meio.

Finalmente soltei o gemido de dor.

— Eu não posso te perder, Bia. Não posso viver sem você, sem Joana. Me perdoa, por favor, eu vou melhorar, vou ser uma irmã melhor, uma mãe como você para Joana.

— Você é a mãe de Joana — falei com aflição. — Continue buscando ajuda, Renata. Ela vai precisar muito de você.

— Eu sei que é pecado, mas estou com muita inveja de você. Queria tanto estar no seu lugar, me sinto tão quebrada por não conseguir gerar um filho. — Ela continuou chorando e eu, tentando não a mandar calar a boca, porque no nível de dor que eu estava, só queria que passasse. — Não me sinto mulher, minha irmã, você é tão completa...

— Para de falar besteira. Eu vou sentir a dor, enquanto você será a primeira a pegar e a terá pelo resto da vida! — Gemi, aceitando finalmente a derrota. — Chame o médico, não aguento mais, é muita dor.

Foi tudo muito rápido, ou devagar, a noção do tempo era outra enquanto estava sofrendo daquela maneira. O médico me examinou e falou que eu estava com cinco centímetros de dilatação. Ele poderia fazer a cesárea ou faria analgesia e teria normal, já que tinha passado por tudo isso.

E eu? Bem, só queria que isso acabasse, porque sentia que ia morrer.

Não vi mais Davi quando saí em uma cadeira de rodas e segui para o centro cirúrgico. Rildo e Renata também foram, mas seguiram uma direção diferente, para colocarem uma roupa específica e assistirem ao parto.

— E então, mamãe, será normal ou cesárea? — O anestesista perguntou e senti uma pontada a mais de dor no meu coração.

Eu não era a mãe.

— Está tudo bem, fique tranquila. O momento do bebê é agora e independente do que você escolher, fará bem a ela — meu obstetra falou para mim com toda calma do mundo e transmitiu segurança, apesar de ainda sofrer com as dores.

— Vamos de normal.

Analgesia.

O centro cirúrgico começou a encher de médicos.

Rildo e Renata apareceram e ficaram encostados na parede me observando.

As contrações diminuíram.

Renata veio para o meu lado me abraçar e se desculpar.

Eu a perdoei.

Ela me agradeceu.

Senti vontade de fazer xixi.

— Preciso ir ao banheiro.

— A enfermeira vai trazer algo para você fazer aqui. Como você está? — O obstetra me abordou.

— A dor está menor... quando que ela vai nascer?

— Você vai saber. — Ele sorriu e se afastou quando me ajeitaram para fazer xixi na comadre.

Uma força e... era Joana.

— Acho que ela vai nascer — falei insegura e todos os médicos começaram a se movimentar dentro do centro cirúrgico.

Eu não via mais Rildo, Renata continuava ao meu lado, segurando minha mão. Colocaram duas barras para apoiar minhas pernas, o médico fez o exame do toque e senti até minha alma doer.

— Quando você sentir contração, empurra. Renata, ajuda apoiando as costas dela e quando ela empurrar, empurre para frente seu corpo.

E assim foi. Forcei uma vez e parecia que o bebê não ia sair por nada.

— Você consegue, Bia. Mais uma vez! — minha irmã falou ao meu ouvido e na próxima contração, fiz mais força e então senti. Ela estava saindo.

Tinha toda uma equipe olhando entre minhas pernas e o pudor, nessas horas, era a última coisa com que estava preocupada.

— Não se preocupa em fazer xixi ou cocô, só faça força! — meu médico falou e incentivada, na próxima contração, algo mágico aconteceu.

Junto com o alívio de sentir Joana sair, o choro suave dela e da minha irmã fizeram com que eu estivesse imersa em uma bolha de amor, puro e imaculado.

— Pulmão forte. — A pediatra falou e colocou o pequeno ser em cima do meu colo.

Era o bebê mais lindo do mundo. Não havia sujeira ou imperfeição que mudaria o que estava sentindo.

— Oh, meu Deus. — Virei meu rosto para Renata e a vi tampar a boca para abafar seu choro. Seguindo meus instintos, peguei a pequena Joana do meu colo e ofereci.

— Pegue sua filha, minha irmã. Olhe para a perfeição, tem tudo de você e de Rildo.

Ela não hesitou e tinha certeza que nunca havia pegado um bebê no colo daquele tamanho. Seus olhos estavam fixos no seu rosto e meu coração estava aquecido pelo amor que sentia e via em seus olhos.

— Eu te amo minha filha — Renata falou baixinho e vi Rildo aparecer ao lado dela.

— Vamos levar o bebê para seu primeiro atendimento? — a pediatra interrompeu.

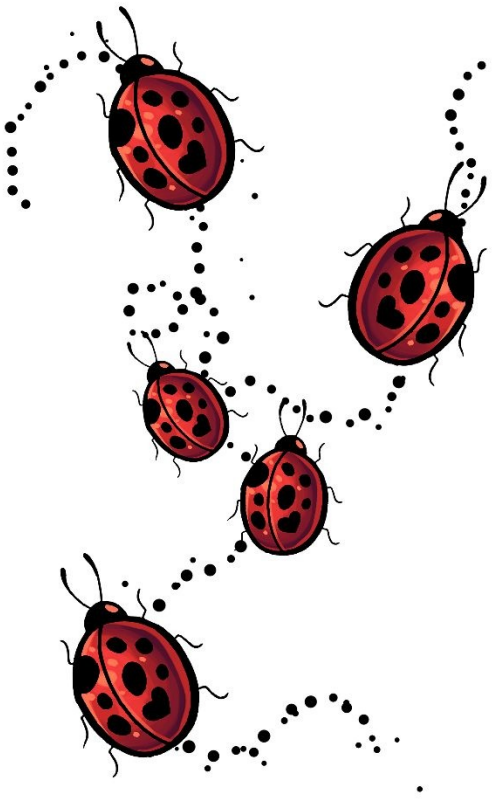
E assim eles foram, me deixando com um vazio no útero e no coração.

Ela não era minha.

— Agora vamos tirar a placenta.

Não percebi que o médico ainda estava com sua atenção em mim. Franzi a testa e me preparei para o segundo parto da madrugada. Olhei para a parede e encontrei um relógio informando ser seis horas da manhã.

Eu estava livre, mas estava longe de me sentir assim.



# Capítulo 66

## Bia

— Onde está todo mundo? — perguntei para Davi depois de ficar alguns minutos na sala de recuperação e voltar para o quarto sozinha.

— Encontrei com Rildo no corredor, ele falou que os médicos estão terminando de avaliar a fenda labial e já vai liberar para vir para o quarto.

Deitada, fui colocada da maca para a cama com o esforço da enfermeira. Davi ajudou a me ajeitar, beijou minha testa e alisou meu cabelo com carinho.

— Como foi?

— Uau, que loucura. — Sorri ao lembrar daquele sentimento lindo que senti.

— Faria de novo? — perguntou como brincadeira.

— Com certeza sim! — falei e fechei os olhos, com medo de sua reação com minha resposta com mais de um significado. — Joana é linda.

— Imagino que sim. Avisei minha família, elas querem vir te ver.

— Melhor deixar para quando estivermos em casa. Estou com medo de Renata mudar de ideia, foi tão emocionante. — Abri os olhos e os senti molhados. — Ela aceitou a filha.

— Acho que no fundo ela nunca rejeitou, só não sabia se expressar.

Ergui minha mão para fazer carinho na sua bochecha e a porta do quarto foi aberta. Rildo entrou com uma enfermeira atrás segurando um pacotinho.

— Querida, ela está dormindo, mas daqui uma hora tente amamentar. O médico me explicou sobre a barriga solidária, mas se você não se importar e tentar dar, nem que seja um pouco de leite, vai ajudar muito a criar um vínculo materno.

— Mas eu não sou a mãe.

— Bia. — Rildo se aproximou enquanto a enfermeira deixava a bebê no carrinho e saía do quarto. Davi foi sentar na cadeira, mas seu olhar nunca me deixou. — Renata... — Ele suspirou e olhou para a bebê. — Ela pediu um tempo, ver o atendimento da bebê e as informações que os médicos repassaram foi muito. Ela pediu desculpas novamente.

Ele parecia tão perdido quanto eu. Como assim ela pediu um tempo? Ser mãe não tinha férias ou recesso.

Olhei para Joana no pequeno berço e depois para o meu cunhado. Eu sabia o que tinha que fazer e nada iria me impedir de executar meu papel, mesmo que emprestado.

— Joana não ficará desamparada, Rildo. Ela saiu de mim e mesmo não sendo mãe, serei enquanto Renata for se tratar. Onde ela foi?

— Eu não sei, ela precisa de tempo e eu darei. Já acionei uma babá, você não precisa fazer isso.

— Não vou deixar ninguém cuidar dela se eu mesma posso fazer. Viu o que a enfermeira falou, ela precisa de um vínculo materno e mais uma vez vou me emprestar para isso.

Não tinha noção do que essas palavras poderiam fazer para mim ou meu futuro. Estava hipnotizada pela maternidade e em não desamparar um bebê que não tinha culpa de nada, nem de ter a mãe fujona.

— Vou deixar vocês, me ligue quando eu e minha família pudermos visitar — com voz séria, Davi se aproximou, beijou minha testa, cumprimentou Rildo e se foi.

— Bia, você quer que eu veja para você a licença maternidade no seu serviço?

— Sim, por favor. — Peguei na sua mão e apertei. — Você pode contar comigo, Joana não ficará desamparada. Agora me conte sobre Joana e sua fenda.

De forma analítica, ele me falou sobre prótese, exames, amamentar, comprar algumas coisas e o que nos aguardava. Olhei para todos os cantos e constatei que havia duas bolsas no quarto. Mesmo com raiva de mim, ela lembrou de trazer não só as coisas de Joana, mas as minhas.

— Você não quer descansar? Parece que vai dormir em pé, Rildo — falei quando o vi piscar assim que terminou de contar tudo.

— Só preciso comprar as coisas para ela e descansar algumas horas.

— Pode ir, Rildo, eu fico com ela. Vou chamar a enfermeira e tentar amamentar.

— A fono também precisa estar aqui para ajudar. Eu vou, mas volto. — Ele olhou para a filha com insegurança.

— Pode ir tranquilo. Qualquer coisa, estou num hospital — brinquei e tentei sentar, sentido o efeito da analgesia passar. — Inclusive, preciso me

arrumar. Você longe é menos constrangedor.

— Tudo bem. — Ele não soube o que fazer, tentou abaixar, movimentou a mão para o meu rosto, mas todos interrompidos. Ele era um nerd sem noção de como se portar com alguém que acabou de dar à luz a sua própria filha. Isso queria dizer que nosso nível de intimidade estava muito além da vergonha.

Sozinha por alguns minutos, admirei o bebê que me acompanhava. Por um momento me permiti sentir como se fosse minha própria filha, coloquei minha mão em sua barriga, senti seus dedinhos minúsculos e sua pele delicada.

— Vamos tentar amamentar? — perguntou a enfermeira logo que entrou acompanhada da fono.

— Vamos, estou pronta.

E algo que achei que seria difícil, pareceu quase impossível. O céu da boca aberto, o lábio que não fechava bem no bico do meu peito me frustrou além do necessário. Precisava repetir na minha mente que eu não era mãe, não era meu dever... mas em vão. No momento, tudo o que sentia era que essa bebê era minha.

Seria a mãe que Joana precisava até Renata voltar.

***

Enquanto estive na maternidade, aprendi tantas coisas e foquei apenas no bem-estar de Joana. Incrível que o cansaço só foi aparecer a noite, mesmo ficando mais de 48 horas sem dormir por conta do parto.

Rildo não voltou naquele dia, tivemos que improvisar um complemento ao leite materno, já que a bebê não conseguiu se alimentar de mim e sua sucção era quase nula.

No outro dia estava ansiosa e com medo da bebê não conseguir se alimentar novamente. Vários médicos apareceram, vacina dada e sangue coletado.

Enquanto a enfermeira parecia judiar da Joana para tirar sangue de seu pulso, ela comentou, depois que soube que eu era barriga solidária, que mesmo que o bebê não tenha sido feito com meus óvulos, eu ainda compartilhava algo com ela. Meu sangue correu nas veias dela enquanto estava sendo gerada, que minha irmã tinha muita sorte de me ter assumindo tudo enquanto ela tentava se encontrar.

Rildo, em nenhum momento teve coragem de pegar a pequena Joana. Ele me observava, cuidava dela, mas qualquer coisa que precisava fazer, ele me chamava.

— Tem certeza que não precisamos da babá? — Rildo perguntou quando eu recebi alta e Joana também, três dias depois. O caminho dela ainda seria longo, visita semanal ao pediatra para acompanhar seu crescimento e as dificuldades com a fenda labial.

— Você vai trocar e dar banho? — perguntei ousada, sabendo a resposta. — Pode deixar que está tudo sob controle, quando eu precisar, aviso. Acho um absurdo alguém ter condições de cuidar de uma criança e contratar uma babá.

— Talvez, o absurdo está em querer fazer além do necessário. — Ele me olhou com intensidade e desviou para a filha. — Não sei se é o certo te deixar assumir o lugar da minha mulher na vida de Joana.

— E cadê Renata?

— Ela está buscando ajuda. Se ela diz que é mais saudável e seguro estar longe de nós, irei concordar.

— Então concorde que por enquanto a mãe serei eu — falei e me arrependi, porque senti exatamente o que ele estava sentido. Parecia ocupar um lugar que não era meu. — Desculpe, Rildo, só estou confusa.

— Não precisa se desculpar, penso no melhor para minha filha, mas nunca parece o suficiente. — Ele tocou seus pequenos dedos e ela resmungou. — Parece que vai quebrar.

— Ela é forte. Se não bastasse a teimosia de Renata, tem a minha também. Vamos embora, estou cansada de ficar aqui.

— Davi não apareceu mais.

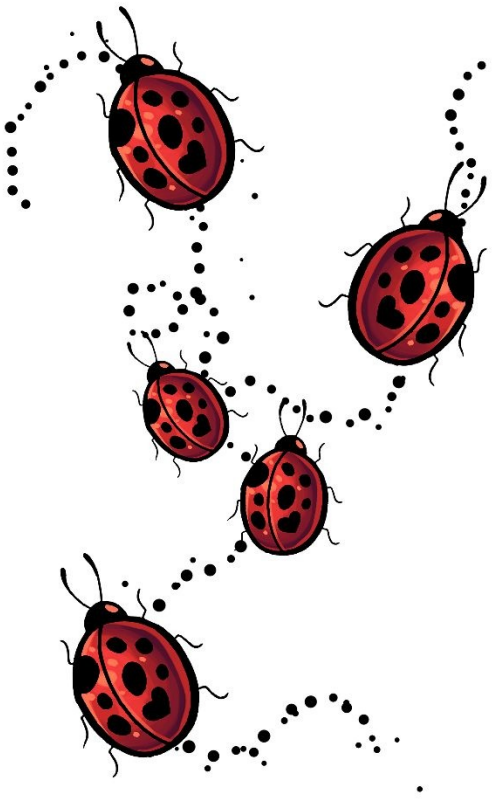
Terminei de fazer nossas malas, peguei meu pacotinho rosa e senti meu coração apertar. O olhar de Rildo era preocupado e curioso.

— Eu amo aquele homem, cunhado. O que ele fez por mim até agora não há como eu pagar. Mas precisava escolher e Joana é meu sangue acima de tudo. Ela precisa de mim e... — Olhei o bebê no meu colo, inspirei seu cheiro suave e me acalmei. — Quando estiver mais segura, vou chamar ele e sua família para nos visitar. Não vou anular minha vida, mas Joana terá prioridade sempre.

Fomos para casa em silêncio, o peso das minhas palavras afundando cada vez mais dentro do meu ser. Antes, quando Joana estava na minha barriga, largar toda a minha vida para tê-la era um absurdo, agora, parecia que todo

sacrifício não era suficiente para seu bem-estar.

Minha vida agora era Joana.



# Capítulo 67
## Bia

Foi no quarto dia estando em casa que lembrei que existia celular ou vida social. Sem dormir direito, minha vida estava em função de Joana e suas necessidades.

Amamentar se tornou impossível. Sentindo-me como incompetente, ainda tentei extrair meu leite e colocar na mamadeira, para que ela pelo menos conseguisse os nutrientes importantes e que também conseguisse fazer a conexão com a mãe. Demorava mais de meia hora apenas para usar a bombinha, não aguentava mais.

Quando conseguia mamar bem, ela dormia e eu não podia fazer o mesmo. Às vezes velava seu sono, outras cuidava da minha higiene pessoal ou alimentação.

Rildo insistia, todos os dias, para que o deixasse contratar uma babá. Ainda bem que ele respeitava a minha vontade de querer cuidar da bebê, já que ele mesmo só aparecia para olhá-la ou fazer carinho. Pegar no colo, a desculpa era sempre a mesma: “Quando ela ficar mais durinha, eu pego”.

Isso será quando? Com quinze anos?

Por um lado, achava ótimo, porque tinha liberdade de ir e vir dentro da casa, de fazê-la dormir ou acordar sem nenhuma preocupação de que alguém jogasse na minha cara que a filha não era minha.

Lá no fundo, uma sementinha estava sendo plantada de que eu estava fazendo algo errado. Não só dificultando a começo do laço familiar entre os pais verdadeiros, como eu estava perdendo minha vida, aquela que sempre ergui a bandeira enquanto estava grávida.

Mas a árvore dentro de mim, que já estava dando frutos, dizia que eu estava sendo nobre, cuidando de um bebê que não era meu, para que ele não se traumatizasse pelo abandono.

Joana tinha finalmente dormido. Envolta em um dos cueiros que minha irmã fez na sua máquina de costura, com a naninha em forma de joaninha que comprei e estava guardado dentro do meu guarda-roupas, coloquei meu celular para carregar no meu quarto e fui olhar as notificações.

Bocejei alto enquanto sentava na cama com o aparelho na mão. Era um ato corriqueiro, o sono parecia uma constante.

Entre centenas mensagens e dezenas de ligações, o nome de Davi se destacou. Meu coração apertou ao lembrar daquele dia que ele foi embora e não mais entrou em contato. Bem, na verdade ele entrou, eu que não estava disponível.

Fui atrás das mensagens dele, que envolvia sobre estar orgulhoso do meu parto e também preocupado. Ele queria conversar, pediu para não o afastar e que me amava.

Céus, eu disse que o amava também!

Com o coração acelerado, entre pensar no que Joana precisava e o próprio Davi, apertei no botão discar e coloquei o celular no ouvido.

— *Bia!* — atendeu surpreso.

— Oi Davi, desculpe não te atender ou retornar, é que...

— *Eu entendo, não se preocupe. Estava preocupado.*

— Eu simplesmente esqueci que existe celular. — Bocejei.

— *Você está bem? Joana se adaptou bem a casa? Rildo contratou uma babá para te ajudar?*

— Nossa, quantas perguntas — brinquei, porém, do outro lado parecia sério. — Estou me adaptando, ela está bem de acordo com sua condição, é um desafio todo dia para alimentar.

— *Você sabe que a responsabilidade de Joana é de Renata. Seu cunhado precisa trazer sua irmã de volta.*

Só de pensar que minha irmã voltaria e não me deixaria cuidar daquele pequeno pacotinho, jogando na minha cara que eu era apenas tia, meu coração apertou.

— Então, você e sua família ainda querem me visitar? — Mudei de assunto, não querendo discutir algo que eu mesma não sabia lidar. — Já criei uma rotina com ela, se vocês vierem as duas horas a pegarão entre uma mamada e um sono.

Escutei ele suspirar alto antes de responder:

— *No final de semana pode ser? São muitas pessoas para te visitar?*

— Se não estiverem doentes, não tem problema. Tem espaço de sobra aqui e ver gente vai ser bom.

— *Eu também quero te ver* — sussurrou e senti a pontada da cobrança. Precisava ser mãe agora, não namorada. Ainda tínhamos a quarentena para enfrentar.

— Agora falta pouco, Davi. Um mês e pouco.

*— Por que você só pensa que eu quero sexo?*

— Mas... — Bocejei novamente, cansada mentalmente dessa vez.

*— Não é por isso que quero te ver, é... deixa para lá. Aguarde a visita da família Diniz* — falou sem entusiasmo.

Tive vontade de chorar. Qualquer coisa que fizesse com relação a minha vida pessoal me deixaria em prantos.

— Desculpe Davi — sussurrei, controlando meu choro.

*— Meu amor, esqueça o que eu disse, tudo bem? Quando quiser e precisar, você sabe onde me encontrar. Eu vou te esperar.*

— Eu não te mereço.

*— Talvez não... mas eu também não te mereço, então ficamos quites* — brincou e ri entre lágrimas.

— Obrigada... te amo.

*— Eu também te amo.*

Encerramos a ligação e meu coração parecia um pouco mais calmo. Ele esperaria, isso queria dizer que poderia me dedicar a Joana como deveria. Era só até Renata voltar, ela não ficaria mais de trinta dias fora.

Aproveitei para tomar banho e escovar os dentes. Incrível como era só ligar o chuveiro que eu achava que Joana estava chorando. Tive que desligar duas vezes a ducha para escutar e ter certeza que não havia nenhum choro.

Assim que terminei minha higiene, fui para o quarto da Joana e velei o fim do seu sono para a próxima mamada. Antes, precisaria ver se a fralda estava molhada, senão, vazaria tudo em mim enquanto tentava fazê-la mamar.

Segui numa rotina automática, me permitindo ser uma pessoa que não era e usurpando o lugar de quem de fato tinha direito. Todos os dias pensava na minha irmã e o quanto ela era fraca. Acreditava piamente que uma mãe de verdade precisaria dar à luz, porque eu nunca tive intensão de ser uma e agora, como num passe de mágica, me sentia.

Todo dia achava que estava fazendo algo errado, mas ajuda eu só tinha dos médicos. No grupo de mães da Renata eu saí, cansada de receber perguntas que não queria responder, além da minha irmã não ter contado sobre a fenda labial da pequena.

Eu e Rildo levamos Joana na sua primeira consulta com a pediatra. Ela não tinha engordado nada e a seriedade do meu cunhado era o meu desespero. A pediatra poderia dizer que estava tudo na normalidade, de acordo com sua condição, mas eu não aceitava. Para mim, o bebê não engordar, além da

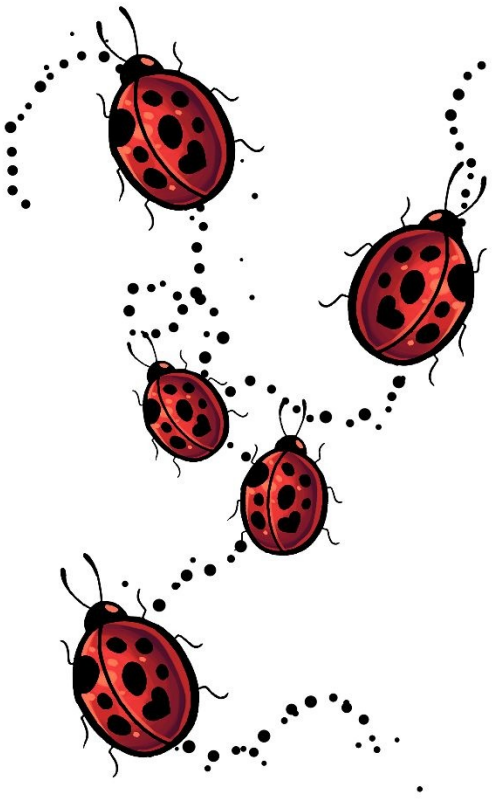
frustação por ter feito tanto esforço para nada, era meu atestado de incompetência.

A médica indicou alguns complementos alimentares e não pediu para que parasse de dar meu próprio leite. Ela também falou que se eu cansasse de extrair o leite, que não me sentisse mal, porque era um esforço além do normal por não ser mãe. O tanto que eu conseguisse dar era o necessário para Joana.

Novamente, Rildo insistiu em uma babá e dessa vez eu cedi, mas apenas para um turno. Tinha certeza que ninguém faria melhor do que eu.

Aproveitamos e fomos no cartório fazer o registro. Com o documento oferecido pelo hospital e pelo médico, registramos Joana com os nomes dos pais verdadeiros e esse foi mais um momento de realidade. Estava vivendo um sonho, confundindo as coisas, mas não conseguia evitar, era muito mais forte que eu cuidar de Joana como se fosse realmente uma mãe. Ela precisava de mim.

Foi quando a família Diniz veio me visitar que minha vida realmente desandou de vez e tomei a melhor, ou talvez a pior decisão da minha vida.



# Capítulo 68
## Bia

— Sejam bem-vindos! — falei cumprimentando todos que passavam pela porta de entrada. — Vamos ficar naquela salona, tem espaço para as crianças brincarem.

Joana estava dormindo no berço móvel perto do sofá. Apenas o marido de Denília veio, os outros não apareceram. O abraço de dona Maria foi o primeiro. Seu cheiro de mãe fez minha bateria de forças recarregar.

— Que saudades desse cheirinho de bebê! — ela falou.

— A gente fica, não é? Nem estou passando perfume ou sabonete com cheiro para poder sentir — falei animada e as irmãs de Davi, que estavam atrás, concordaram com um sorriso.

Eu não era tão estranha assim.

— Ah, as olheiras, elas não vão embora tão cedo — Dora disse ao me abraçar. — Quero saber como foi tudo.

— Mulher, você é corajosa, parto normal? Deram muitos pontos aí embaixo? — Diná, como sempre, fez a pergunta mais indiscreta.

— Tudo sob controle, Diná! — respondi sorrindo, percebendo que estava com saudades até dela. — Você não precisou de pontos?

— Mulher, o meu foi cesárea e ainda tive queloide. Nem me lembre, até hoje passo produtos para melhorar essa cicatriz horrível.

— Mãe, o que é *quilode*? — João Lucas, o neto mais velho da família perguntou.

— Queloide, é uma cicatriz que fica bem mais marcada — Denília falou, já se acomodando na sala.

— Igual essa aqui? — ele perguntou mostrando uma cicatriz do queixo.

— Isso. — sorriu para ele e depois para mim. — Se prepare.

— Relaxa, Denília, que Bia é a melhor mãe de todas. Só gerou e terá só a parte boa. Quando der trabalho, entrega para a mãe de verdade — Diná falou como brincadeira, mas acertou em cheio o meu calo. Meu sorriso morreu e meu estômago virou.

— Oi! — Davi me tirou da zona negra. Ele foi o último a entrar e

estava tão entretida com as mulheres que nem o percebi. Seu Everaldo me cumprimentou e foi se sentar também.

Abracei meu homem, precisando tanto desse apoio que ele me dava apenas com seu cheiro e seu corpo. Ele retribuiu com força, o que me acalmou.

— Que saudades.

O choro tímido de Joana me tirou de seus braços sem hesitar e fui em sua direção.

— Posso pegar? — Marco Antônio perguntou e ri baixo pela sua inocência de achar que conseguiria.

— Filho, não é um boneco, é só para olhar.

Peguei a pequenina do berço, que acalmou no mesmo momento. Virei para a família e a apresentei.

— Oi pessoal, eu sou a Joana.

— E sua irmã, como está? — Denília perguntou. — Que bom que ela procurou ajuda o quanto antes.

— Não sei como ela está, nem ela sabe da filha. Ela tinha sido perfeita no parto, agora... — Dei de ombros, ainda sentida pelo seu sumiço.

— Tenho certeza que se ela está sofrendo por isso...

— Não sei. Tenho certeza que se ela não fugisse no parto, faria isso com as noites sem dormir.

— Todo mundo quer fugir nessa hora, Bia. Sábias são aquelas que aceitam ajuda ou a derrota. Não precisamos ser fortes o tempo todo. Somos mães e não heroínas — Dora falou.

— Você acha que ela não aguentou ver a bebê? — Diná perguntou, apontando o queixo para o berço.

— Não, ela pegou Joana no colo, foi uma cena emocionante. Eu não sei o que se passa na cabeça da minha irmã.

— E como foi o parto? Conta, queremos saber — dona Maria interviu e mudou de assunto.

E desde esse momento, não houve um segundo sem conversa. Contei sobre quando a bolsa se rompeu, o parto, minha irmã recebendo a filha, a consulta médica, as noites sem dormir, a dificuldade de amamentar, os choros pelas cólicas...

Era muita informação, mas que não me cansava de falar. Cada uma deu seu testemunho de seu próprio parto enquanto as crianças brincavam no chão com algum carrinho e pista que eles mesmos trouxeram.

Nem reparei que Davi havia ficado de pé todo o tempo, incomodado demais para se sentar. Focada tanto no meu momento sendo mãe, esqueci que dentro de mim também gritava para ser mulher.

— Vou buscar a mamadeira dela — anunciei levantando do sofá com Joana no colo.

— Quer eu que vá? — dona Maria perguntou.

— Pode deixar, já está tudo pronto.

Fiz tudo sozinha até voltar.

— Coloca ela um pouco mais inclinada para cima, porque senão o leite vai para o ouvido — Denília comentou e fiz, mudando completamente a posição que eu normalmente faço e atrapalhando a forma que eu amamentava.

Joana começou a chorar.

— Ela deve estar suja, quando você trocou a fralda? — Diná perguntou e não escutei mais nada depois, porque foi uma chuva de palpites.

Os motivos do choro, o jeito errado, como deveria fazer, tudo isso me irritou de uma forma que não imaginei que poderia acontecer. Sentia tanta falta deles, havia esquecido o quanto eram intrometidos.

Nem percebi o nervosismo tomar conta, não consegui dar comida e nem a fazer se acalmar. Dora tentou pegar a bebê do meu colo e só faltou eu avançar nela quando disse “não” de forma estúpida.

O clima pesou, todos ficaram sem graça e dona Maria anunciou a partida.

— Bia... — Davi tentou se aproximar, mas a mãe não permitiu.

— Preciso de um minuto, meu filho. Deixe para falar com ela depois.

Ele hesitou, mas fez o que a mãe ordenou. Vi todos se despedirem, as crianças se aproximarem com cautela para dar adeus a bebê e fiquei sozinha com minha sogra.

— Estou nervosa, dona Maria. Desculpe como me portei, mas nunca tive tanta dificuldade para dar *mamá* para ela — tentei me desculpar, porque ela sempre foi tão boa para mim.

— Você precisa respirar, minha filha. — Ela me fez sentar e sentou ao meu lado. — Tem algo errado.

— Sim, minha irmã não fazer o papel de mãe está errado. Estou cansada. — Joana começou a chorar e comecei a fazer barulhos para acalmá-la.

— Posso segurar por um momento? — com suavidade, dona Maria me convenceu a dar-lhe Joana e a fez dormir com poucos movimentos sentada. —

Mesmo não estando na sua barriga, ela ainda sente tudo.

— Eu sei que não sou perfeita, nem mesmo sou a mãe. — Controlei o choro.

— E quero que você se agarre a essa afirmação com todas as suas forças, Bia. Conversei com o meu filho essa semana e agora farei com você sobre isso. A maternidade, mesmo sendo emprestada, não é o mar de rosas que as redes sociais e algumas mulheres pregam. Ninguém conta das noites sem dormir ou dos dias preocupados por causa de uma doença. Muitos acham exagero, mas cada mulher enfrenta o papel de mãe de uma forma diferente. Você está crucificando sua irmã, que ainda não soube lidar com ser mãe. Você não é perfeita, por que sua irmã deveria ser?

— Mas é a verdade, Joana precisa dela!

— E o que você está fazendo para que ela saiba disso? Ou para resolver essa situação? — Seu tom de voz não mudava do calmo.

— Estou cuidando de Joana até ela voltar.

— E quando ela voltar, o que vai acontecer? Se ela demorar um ano para isso, você vai parar sua vida novamente? Fará isso com meu filho?

As lágrimas escorreram dos meus olhos e ela tentou me acalmar com um sorriso apaziguador.

— Eu sei que não mereço seu filho.

— Qualquer um pode merecer alguém, basta ter atitude. Essa conversa não foi para te recriminar, você está em um momento delicado, nada do que está fazendo é errado... mas não torna certo. É sublime seu papel de mãe e tia, só que suas escolhas não afetam apenas a bebê, mas você.

— Eu não sei o que fazer. Não posso parar de cuidar, me sentirei culpada. — Choraminguei.

— Você sabe, por isso disse primeiro, respire. Foque alguns minutos apenas na sua respiração, organize suas ideias e veja o que quer para sua vida. Joana era sua enquanto estava na sua barriga, minha filha. Agora, mesmo se você fosse a mãe de sangue e no papel passado, ela é do mundo e cabe você cuidar e proteger, não acorrentar. Aceite suas limitações e não recuse ajuda, muito menos a oportunidade de seguir a SUA vida.

— O que a senhora faria? — perguntei, respirando fundo.

— Cada mãe com sua cruz, Bia. Eu tive quatro filhos e não deveria ter tido mais de dois. Eu vivi e sobrevivi. O que você está passando é uma fase e por experiência própria, eu te aconselho, mesmo não tendo pedido ser barriga

solidária, dê preferência para viver a SUA vida.

— Estou vivendo.

— Escolha suas batalhas e aceite as consequências. Joana é sua vida agora, mas deixará de ser assim que sua irmã voltar. Ou você não a deixará assumir o papel de mãe?

Céus, que tapa na cara.

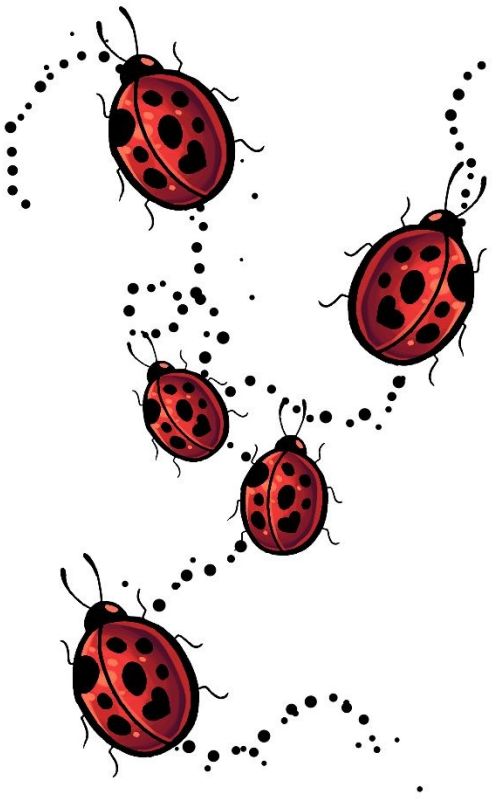
Não respondi e segundos depois, dona Maria colocou Joana no bercinho, fez carinho na minha cabeça e deixou seu golpe final:

— Davi te ama. Descartar sua dedicação apenas por alguns momentos de satisfação pessoal é trocar luxo por lixo. Os pais de Joana são ricos, deixe que eles assumam ou paguem para alguém fazer isso, faça seu papel de tia e vá ser feliz.

— E se algo acontecer com ela? — Levantei minha cabeça para encará-la. — Se por meu egoísmo de viver minha vida, algo acontecer?

— E se Davi finalmente ceder as investidas de Juliana? E se algo de ruim acontecer enquanto Joana estiver sob seus cuidados? — Arregalei meus olhos em horror e ela apenas deu de ombros. — Há coisas que podemos controlar, outras não. Por isso, respire fundo, minha filha. Independentemente da sua decisão, minha casa e meus braços estarão sempre abertos para você.

E assim ela se foi, me deixando na zona negra e sem saber o que fazer.



# Capítulo 69
## Davi

Depois da longa conversa que tive com minha mãe, sabia que não conseguiria lidar. Ou melhor, eu repetia isso na minha mente, mas algo me movia até ela, Bia.

Eu a amava, muito mais do que imaginei ser possível. Eu só pensava em ter um momento com ela, sozinho, para poder lembrar dos vários motivos que me fizeram anular minha própria vida para esperar a dela voltar ao normal.

Ela estava submersa na maternidade. Como minhas irmãs, que se dedicaram para fazer o melhor para os seus filhos, Bia fazia e isso parecia tão errado.

Pensei que na primeira semana depois do parto poderíamos sair para jantar, passear no shopping de mãos dadas, sem nos importar de beijar e achar que estávamos violando algo sagrado.

Maldita hora que comecei a pensar como uma mulher. Pelo jeito, pensei de forma errada, porque Bia era mulher e estava focada apenas na bebê.

Recusava cogitar ter ciúmes de Joana, que havia roubado a mulher de mim. Olhava para Bia, tão aplicada e de olhos inchados pela falta de sono e minha vontade era de perguntar se ela queria ajuda.

Poderia ter impedido a conversa da minha mãe, sabia que se fosse pressionada, eu poderia sair prejudicado. E não teve outro resultado, Bia saiu do grupo da minha família e enviou uma mensagem:

**Bia>> Eu te amo, Davi. Eu amo Joana e acho injusto ter que dividir meu amor por duas pessoas, por isso, preciso tomar uma decisão. Saiba que é a pior que já tomei na vida, acho que nunca irei me recuperar, mas prefiro isso a te fazer sofrer ou sua família. Preciso de um tempo.**

— Porra! — xinguei sentado no sofá da sala, esperando o tempo passar.

Havíamos chegado na casa dos meus pais há pouco menos de cinco minutos, não se falava em outra coisa que não fosse o comportamento da Bia.

— Não fale isso perto das crianças! — Dora reclamou.

— Preciso ir. — Levantei de subido e segui para fora.

— Meu filho, é Bia? — Minha mãe tentou me acalmar.

— Sim, mãe, é ela e não sei mais o que fazer.

— Você fica atrás da barriga solidária que agora quer ser mãe de verdade ao invés de curtir com a Ju.

Aproveitei o momento para descarregar toda a minha raiva:

— Cuidem das suas vidas! — Quase gritei. Apontei para minhas irmãs no sofá. — Vocês têm filhos e maridos, esqueçam minha vida, eu farei o que quiser.

— Vai esperar a donzela cansar de brincar de mamãe e filhinha? — Diná zombou? — Que trouxa...

— E se eu quiser? — Dei um passo para frente e as crianças se assustaram.

— Por que estão brigando? — Vitor Miguel perguntou choroso.

— Desculpe, campeão, não estamos brigando, mas preciso dizer algumas coisas para sua mãe e tias. — Voltei minha atenção a elas. — E se que quiser esperar? Hã? Ser trouxa e esperar? Se eu quiser errar?

— Não vou deixar, meu irmão.

— Vocês não têm que deixar, na verdade, não têm nada a ver com isso! — rosnei. — Se eu pedir um conselho, vocês me dão, senão, façam um favor para mim e para vocês mesmas, cuidem das suas vidas! Eu dou conta de mim mesmo.

Joguei minhas mãos para o ar e respirei de forma ofegante. Minha mãe se aproximou, passou a mão nas minhas costas e suspirou.

— Faça o que quiser, meu filho. A partir do momento que você isso começar a fazer mal a você, sinto lhe dizer, nós iremos interferir, porque você tem família e essa é a forma que amamos. — Beijou meu rosto e se afastou.

Saí da casa dos meus pais cuspindo fogo. Queria voltar para casa de Bia e exigir que me escolhesse, que jogasse fora aquela mensagem e fosse passar o dia comigo.

Não fiz. E por muitos dias continuei dessa forma, querendo algo que não poderia ter. Tentei disfarçar, tentei ser o melhor chefe do meu setor e o cara mais acessível, mas Catarina percebeu. E, como eu a ajudei de alguma forma com Jarbas, ela resolveu me ajudar com Bia.

# Bia

Sobrevivia.

Minha vida se resumia a isso. Não poderia usar minha camisola velha e consoladora, porque acordava de madrugada para fazer Joana dormir e Rildo, muitas vezes, acordava também e acompanhava alguns minutos antes de voltar para cama. Ele parecia sofrer com a anuência da minha irmã e tinha horas que queria gritar com ele, para trazê-la de volta na marra.

Não podia tomar o meu sorvete napolitano, porque ainda insistia em dar meu leite materno e todos os derivados de leite de vaca contribuíam para a cólica, o que ela tinha em demasia.

Muito choro, quase o dia inteiro. Eu tinha um minuto de tranquilidade e culpa quando a babá aparecia no período da tarde, depois do almoço. Triste e isolada, aproveitava esse momento apenas para dormir. Via todos os dias a mensagem que enviei para Davi e ele nunca me respondeu. Nunca tentou contato comigo.

Ele desistiu de mim.

E novamente estava sendo injusta com a vida, já que estava colhendo o que plantei. A conversa com dona Maria me atormentava todos os dias, que tudo o que estava fazendo seria em vão, porque Renata apareceria e eu perderia Davi.

Toda vez que tomava banho, eu chorava. Não sabia de onde tirava forças para continuar, não reclamar e apenas... sobreviver.

Parecia que estava cuidando de Joana por tanto tempo, que quando chegou o primeiro mês, eu chorei. Fazia tanto tempo que não falava com ninguém além de Camila, a cozinheira. Tinha saudades de Jarbas, Nina e principalmente Davi.

Várias vezes pensei em mandar mensagem para a mãe dele ou uma de suas irmãs, mas tinha certeza que elas estariam me achando a pior pessoa do mundo.

Eu mesma me sentia a pior pessoa.

Depois do primeiro *mêsversário* de Joana, não passou muitos dias para que encontrasse Jarbas e Nina na cozinha. Eu tinha acabado de tomar banho e ia, finalmente, almoçar.

Em choque, olhei para os dois, que se levantaram do banco do balcão e me abraçaram com força.

— O que... — comecei, mas Catarina me interrompeu.

— Que saudades de você Bia. Me perdoa.

Ela começou a chorar e não tive como não a acompanhar. Eu me sentia ainda em ebulição hormonal, além da minha jornada diária de sofrimento e auto piedade.

— Nina... — choraminguei, o que fez com que Jarbas se afastasse e deixasse nós duas juntas. — Eu deveria ter te procurado.

— Esqueça! — Ela se afastou, seu rosto molhado como o meu. — Você me perdoa, certo? — Balancei a cabeça em afirmação. — Bem, então vamos colocar tudo o que aconteceu com a gente num canto e seguir em frente. Numa briga futura a gente lembra, joga isso na cara e voltamos a ser nós duas, tudo bem?

— Como vocês entraram? — perguntei e Jarbas veio me abraçar. Não foi normal, foi mecânico e não reclamei. Se precisasse receber algo mais frio de sua parte para ter os dois comigo, não iria reclamar.

— Meu primo liberou a entrada. Ele falou que você normalmente almoça nesse horário, então, viemos fazer companhia.

— E... — Nina falou e passou a mão na barriga. — Contar que estou grávida!

— Parabéns! — Abracei-a novamente e alisei sua barriga, lembrando das cicatrizes. — Você merece toda a felicidade do mundo. Quando sai casamento?

Fui para a geladeira pegar meu prato, para pôr no micro-ondas. Eles voltaram a se sentar.

— Bom que você perguntou, porque quero você e Davi como meus padrinhos. Vamos nos casar depois que Jarbas terminar a primeira temporada na Moto 3.

— Viu, Bia, ela já até decorou o nome — ele brincou e um pouco da tristeza que sentia no peito, sumiu.

— Se prepare, porque serei sua técnica, senhor piloto.

Virei de costas quando eles trocaram um beijo. Peguei meu prato e sentei a frente deles.

— Fico tão feliz por vocês.

— Amiga, até alguns dias atrás, eu te odiava, com todas as minhas forças — Nina falou, sem parecer brava e não consegui começar a comer, com medo do que ela tinha para dizer. — Não posso garantir que nunca terei ciúmes de você e Jarbas sozinhos, é algo que não some de um dia para o outro. Mas uma

coisa eu estou resoluta, eu e Jarbas nos amamos e isso sobrepõe qualquer coisa.

Sorri sem graça, olhei para o meu amigo e percebi que nunca o teria de volta. Voltei a olhar minha amiga e suspirei aliviada.

— Isso quer dizer que posso voltar a mandar mensagem para você de madrugada? — perguntei a ela com diversão.

— Sim, porque farei o mesmo quando não conseguir dormir por causa desse bebê!

— Isso só quando eu estiver viajando — falou Jarbas com malícia e ela bateu seu ombro no dele.

— Por favor, sem demonstração de afeto na minha frente, porque estou de abstinência há um bom tempo, se não se lembram.

Foquei no meu prato e senti os olhares em mim.

— Sobre isso, Bia, você vai deixar Davi escapar?

— Não é questão de deixar o não. Um bebê com necessidades especiais precisa de alguém...

— Precisa de uma mãe e sei que vai doer, mas preciso ser curta e grossa: você não é a mãe!

Engoli a saliva como se fosse lixa. Depois de tanto tempo sofrendo, essa afirmação não pareceu mais verdadeira do que hoje.

— Eu sei, mas não tenho coragem.

— De quê?

— De deixá-la sozinha — sussurrei, controlando as lágrimas.

— Esse seu cunhado está mão de vaca com a própria filha? Tenho certeza que ele pode contratar uma enfermeira para cuidar de Joana vinte e quatro horas por dia.

— Sim, mas eu que pedi que não. — Empurrei o prato para o lado. — Já não sei mais o que fazer. Renata não está, Rildo a blinda e nunca segurou a própria filha. Tenho medo de me afastar e ela perder a única pessoa que parece amar de verdade.

— Tenho outra verdade para te dizer, Bia, está preparada?

Meu coração começou a acelerar. Acenei em concordância.

— As pessoas não amam iguais. Tem gente que ama e está afastado, outros que não te deixam um minuto sozinha. Algumas pessoas falam, outras omitem... somos diferentes.

— E se...

— E se eu deixasse meu ciúme falar mais alto tinha perdido o homem da minha vida. — Inclinou o corpo na minha direção e pegou minha mão. — Está na hora de você viver sua vida. Se escutar esse lado materno que não é seu, se arrependerá para o resto da vida.

— Já me arrependo hoje. — Deixei uma lágrima cair e percebi que Jarbas queria se levantar, mas não fez. Abraçou sua mulher e tentou me dar apoio por ela.

Por que as coisas precisavam ser assim?

— O negócio é o seguinte, Bia. No sábado, o patrocinador do Jarbas fará uma festa de apresentação aqui no país e convidei todos da fiscalização. Faça um favor ao meu amigo que está sofrendo e para você mesma, vá. Coloque seu melhor decote, salto alto e maquiagem, vá para reconquistar seu homem!

— Reconquistar? — Céus, esqueci que ele poderia estar com outra. — Eu o perdi.

— Ainda não, minha cara amiga.

— Eu não terei coragem de deixar Joana. Se Renata estivesse aqui, tudo bem, mas Rildo nunca a pegou no colo.

— Bia! Acorda! — Ela bateu no balcão e me assustou. — Ele é o pai e tem que se virar! Estou te dando um tratamento de choque, faça o mesmo com seu cunhado. E outra, mesmo com Renata aqui, você ainda sentiria isso. É compreensivo, você gerou essa criança. Só que o combinado não sai caro, ela é a mãe, você apenas a tia. Você foi importante na concepção, a partir de agora, é momento de finalizar o seu papel.

Era verdade, não teria coragem de deixar minha pequena com sua mãe de verdade. Mesmo que não falasse, eu relutaria internamente.

Que absurdo o que pensei, não cabia a mim saber o que era melhor. Precisava desapegar.

— É tão difícil.

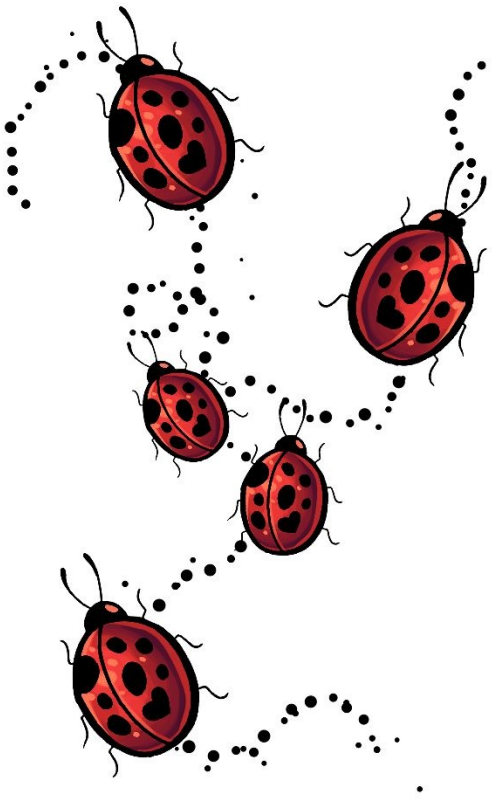
— Por isso entrei em cena. Davi interviu quando eu mais precisei, agora estou devolvendo o favor. A diferença é que não vou sair na porrada com você.

Olhei para meu amigo, que fez uma careta e rimos. Parecia que se passaram anos desde aquele dia, desde quando tudo parecia bem.

Falando em tempo... eu devia isso para ele e para mim mesma. Minha vida tinha que mudar, Joana precisava de seus pais. Percebi que na ânsia de assumir o papel de mãe, não permiti que os pais de verdade fizessem seus

papéis.

Não mais, isso iria mudar.



# Capítulo 70
## Bia

Demorei mais que o normal, olhando a pequena Joana deitada em seu berço. Já estava alimentada, dormia placidamente, como o anjo que era. A babá se foi e num surto, decidi não só desafiar meu cunhado, mas a mim mesma.

Buscando canais na televisão, numa tentativa de clarear minha mente a tarde, já que o sono não veio de tanta ansiedade pela festa que tinha certeza que não iria, uma cena me chamou atenção. Do filme “O dia em que a Terra parou”, a mocinha falou algo para o mocinho que me chocou ao mesmo tempo que me fez acordar para a vida:

*“Apenas à beira do abismo evoluímos”.*

Eu não conseguiria desapegar de Joana se não fizesse de forma radical. Rildo não assumiria seu papel de pai se eu não o pressionasse. Renata não voltaria para a casa se ela não soubesse que Joana precisasse.

Ouvi no dia anterior meu cunhado conversar com minha irmã pelo telefone. Se era um *spa* ou clínica, não me importava. Ela tinha que estar aqui e seria hoje.

— Te amo, minha joaninha. Você sempre será minha de alguma forma, mas está na hora de conhecer sua verdadeira mãe — sussurrei, para que ela escutasse e soubesse que fazia tudo isso por ela.

Saí do seu quarto, procurei por Rildo e o encontrei no seu quarto, como sempre, sentado na mesa que tinha lá. Ele poderia estar no escritório no andar de baixo, mas preferia sempre seu refúgio.

Voltei para Joana, peguei-a no colo e segui até o pai da criança. Não bati na porta, apenas me aproximei e o assustei.

— Bia? Está tudo bem com Joana?

— Não está, ela precisa do pai e da mãe.

— Você sabe... — ele começou, mas não deixei continuar, porque coloquei o pequeno pacote no seu colo. Ele endureceu o corpo e os braços, o que foi perfeito para o encaixe dela.

— Estou saindo e não tenho hora para voltar. Cuide dela. — Com meu coração em pedaços, virei e andei em direção a porta.

— Como assim você vai sair? Por que não avisou para a babá ficar com ela?

Respirei fundo, dar os passos para sair dali parecia impossível.

— Porque até o momento que ela entrou nessa casa você não a pegou, não trocou uma fralda, fez arrotar ou dormir.

— A babá...

— Não, Rildo, isso não é responsabilidade da babá! — falei alto e pressionei meus lábios para conter minhas emoções.

— Você falou que iria assumir o papel de mãe até Renata voltar. Você está sendo injusta jogando Joana no meu colo para ir festejar.

— Realmente eu assumi algo que não tinha noção do que era. Errei e estou corrigindo começando com você. Eu fiz o papel de mãe que era de Renata, mas você não fez o de pai. Você nunca a alimentou!

— Você sempre a monopolizou, não me deixando tocar, olhando como se eu fosse incapaz. — Ele olhou para o seu colo e respirou fundo, ficou hipnotizado.

— Me culpe por tudo isso, porque é verdade. A vilã nessa história fui eu, por isso, me desculpe, estou saindo de cena.

Como ele continuou olhando para a bebê, parecendo não me escutar, virei novamente e dei um passo para fora.

— Eu não sei o que fazer — ele falou com desespero.

— Ligue para Renata e avise que a filha de vocês precisa de uma mãe e ela não sou eu — respondi sem virar para trás, continuei andando e as lágrimas começaram a cair.

Vestida com um dos milhares vestidos de grife que minha irmã me deu, além da cinta modeladora por baixo e os sapatos de salto, segui para o estacionamento da casa. Não estava confortável com meu corpo, no meu sutiã estavam absorventes de seios, era uma mãe sem um filho.

Não iria levar bolsa, meu celular estava em uma carteira de couro contendo apenas meu documento, dinheiro e cartão. Precisaria das mãos livres para o que tinha em mente. A chave do carro eu guardaria no decote recatado que usava na frente.

Nina falou que estaria às oito horas no evento, por isso preferi sair uma hora mais tarde de casa, para ter certeza que chegaria quando todos estivessem lá. Dei partida, acelerei e deixei uma parte do meu coração para trás. Se algo acontecesse com ela, não me perdoaria por nada nesse mundo. Sabia também que essa seria a mesma sensação de Rildo e com todo o poder financeiro que ele tinha, não iria deixar acontecer. Precisava acreditar que ele daria conta.

Se eu não fosse nessa festa ou não voltasse a falar com Davi, também iria me arrepender pelo resto da vida. Dessa vez, minha escolha era ele.

Guiei em silêncio, meus pensamentos voltados para tudo o que aconteceu na minha vida desde o dia em que coloquei os pés nessa cidade. Meu carinho imediato por Jarbas, a amizade de Nina, a atração intelectual e depois física por Davi, o presente que ele trouxe das férias.

Olhei para meu pulso por um momento e sorri com tristeza, por saber que não aproveitei todos os momentos que tive oportunidade. Se hoje a separação será definitiva, eu mudaria drasticamente. Não entendia por que não fazia amizades, me sentia muito fria, mas era questão de proteção. Perder era muito pior do que não ter.

Parei o carro na entrada, onde um manobrista me ajudou a sair e ele entrou para estacionar o carro. Bem, menos uma coisa para segurar. Sorri engessado para as pessoas, luzes e som. Era um buffet famoso, com lustres clássicos e decoração fina.

Busquei minha amiga por todos os cantos e nada. Uma moça me abordou e levou-me até uma mesa, onde sentei em uma das cadeiras e deixei minha perna nervosa balançar. Havia um casal sentado, que sorri como cumprimento e eles retribuíram.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para ela:

**Bia>> Onde você está?**

Pensei na Joana, se Rildo teria conseguido assumir tudo ou fugiu como sempre fazia. Céus, precisava parar de pensar que larguei minha menina com alguém que nunca a segurou. Ele era o pai, não ia deixar nada de mal acontecer.

E se ela ficar com fome e ele não perceber? Ela assar por que não trocou a fralda?

Perdida no meu sofrimento interno foi que meu olho encontrou quem eu mais estimava. Davi estava de pé do outro lado do salão com alguns colegas fiscais e mulheres. Modelos com vestidos maravilhosos e corpos exuberantes. Meu coração acelerou ao ver a mão dele tocar as costas dela e a troca de olhares.

Ele tinha seguido em frente.

— Demorou para chegar! — Nina beijou meu rosto, cumprimentou o casal e sentou do meu lado. — Preparada?

— Não — resmunguei e olhei para Davi, que agora ria com todos da roda. A mulher estava mais perto e ele não parecia incomodado.

— Ah, você já o achou. — Pareceu despreocupada. — Vai deixar isso

acontecer? Seu homem ficar com outra mulher?

— Ele não é meu.

— Ah, então será da Juliana.

— O quê? — Olhei novamente a mulher ao seu lado e percebi que era Juliana. — Ele não faria isso, com ela!

— Ah, até parece que não conhece a peça. Ela apareceu outras vezes lá no serviço. Apesar de Davi não a ter recebido, ela marcou presença.

— Por que você não me contou? — reclamei olhando minha amiga.

— Porque eu voltei a te amar há menos de uma semana. Confesso que até torci em algum momento por ela.

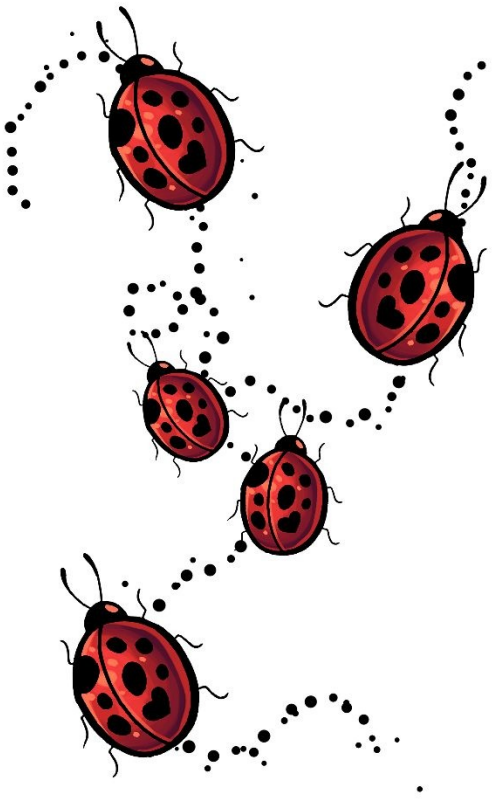
Fiz uma careta, ela também. Essa situação estava pior do que imaginava, já que Juliana parecia ter “reconquistado” Davi.

— Eu vou ter que me humilhar. — Voltei a ver Davi. Juliana saiu da roda e levantei de súbito. — É agora ou nunca.

Não sabia o que ia fazer ou como, minha questão era apenas seguir os extintos e o meu gritava para ir até ele.

— Vai que é sua Beatriz! — Catarina gritou, chamando mais atenção do que deveria enquanto caminhava até o meu futuro.

Davi virou o rosto, seu sorriso morreu quando me viu e não deixei que me intimidasse. Ele ouviria meu perdão e decidiria o rumo da nossa relação.



# Capítulo 71
## Bia

De propósito, cumprimentei todos na roda que eu conhecia antes de Davi. Fiquei feliz por rever Guilherme e João Paulo, que contou ter voltado para a Receita e me preparou para ficar de olho nas notícias policiais e políticas.

Não era momento de pensar na minha satisfação profissional, minha felicidade pessoal estava em jogo.

— Oi, podemos conversar? — quase implorei a Davi quando parei na sua frente. Olhei por cima do seu ombro e vi Juliana vindo. Ela me reconheceu e acelerou o passo. Voltei a encarar Davi. — Eu pedi um tempo, fui injusta e gostaria de uma chance para me explicar.

— Estou pronta, Davi, podemos dançar — Juliana chegou enganchando um braço no seu. Mordi minha língua, numa tentativa para não dizer nada além do necessário.

Nada fez com que nós dois desviássemos o olhar. Como em duelo, ou apenas Davi tentando verificar se valeria a pena estar comigo.

Por favor!

— Vamos dançar — ele falou e meu coração foi espatifado no chão. Ele iria com Juliana.

Dei um passo para trás e vi Davi remover o braço de Juliana do seu e pegar minha mão.

— Davi! — Juliana reclamou.

— Ih, vai dar merda. — Esta voz era de Guilherme e não dei importância, porque agora eu precisava dar o meu melhor.

Uma música calma tocava, ninguém no salão dançava junto, mas Davi parou no meio, puxou meu corpo para ficar colado com o dele, pegou uma mão direita e ergueu, como uma dança lenta.

— Estou escutando — ele disse observando o salão.

— Davi, não sei por onde começar, estou sentindo tantas coisas.

— Somos adultos e maduros, fale qualquer coisa, não vou te julgar.

— Eu queria te pedir desculpas. — Respirei fundo quando ele me virou e me desconcentrou. — Sinto sua falta como nunca senti de ninguém. Sinto falta dos meus pais, estou sentindo falta de Joana, mas a dor que senti por

perder a pessoa que mais me apoiou na gestação abriu uma ferida diferente. Você me marcou de forma permanente, não sei o que fazer a partir de agora.

— Mora comigo.

Tropecei, mas Davi me segurou e ainda por cima riu.

— O quê?

— Hoje é o dia que esperei desde quando decidi ficar com você, Bia. Quarenta dias depois do parto. Joana ainda me agraciou com uma semana antecipada. — Ele finalmente me olhou, mas não deixou de dançar. — Pensei que seria diferente, que conseguiríamos construir nosso relacionamento enquanto você se recuperava, para então, eu finalmente te pedir em namoro. Já que você não gosta de normalidade e estamos perdendo tempo conversando, estou pedindo para você morar comigo.

Estava chocada por ele ter contado os dias. Fiz as contas, hoje é o quadragésimo dia depois do parto.

— Eu não posso, Joana...

— Essa é a nossa última chance, Bia. Loucura, precipitação... nosso relacionamento nunca seguiu uma convenção social. Te conheço o suficiente para saber que te quero do meu lado. Se grávida eu me apaixonei por você, acho que dou conta de todo o resto.

Franzi a testa e preocupei com seu pedido. Queria mudar minha vida, fazer algo radical, mas me limitei a uma noite fora e não... mudar de casa.

Apoiei minha cabeça no seu peito e suspirei. Estava com medo de falar mais alguma coisa e ele me largar. Queria aproveitar meus últimos momentos, porque uma coisa era passar um final de semana, outro era não morar na mesma casa.

— Preciso te responder agora, Davi?

— Digamos que sua resposta a isso será interpretada como a intensidade do seu amor por mim. — Ele parou de dançar, segurou meu rosto com as mãos e continuou: — Eu te amo, Bia. Muita coisa mudou, eu mudei, você também, mas o fato de que você continuar sendo uma jovem servidora pública em busca do seu futuro.

— Joana precisa de mim. — Coloquei minha mão em seu pulso e ele apertou minha cabeça.

— E ela sempre te terá, mas no seu verdadeiro papel, como tia. Te quero o quanto antes, mas posso esperar um ou dois dias. — Ele sorriu e tocou seus lábios nos meus com suavidade. — Não demore muito, eu não aguento

mais viver longe de você.

Joguei-me nele, meus braços envolveram seu pescoço e minha boca tomou a sua, com fome e voracidade. Diferente daquele primeiro beijo, que senti ser bom, mas com pitadas de pecado, hoje estava entregue. Deixei todo meu corpo reagir como deveria e minha boca explorou a sua, que estava tão ansiosa quanto a minha.

— Gente, vamos com calma, vocês estão chamando atenção — Jarbas falou perto de nós e me afastei de forma relutante.

Feliz, pulei no pescoço de Jarbas e beijei sua bochecha três vezes.

— Ele me perdoou, Jarbas, ele me perdoou!

— Tira as mãos do meu homem. Estou grávida e muito mais perigosa — Nina apareceu nos separando de brincadeira, mas sabia que o fundo de verdade era um fato.

Pedi desculpas com o olhar e a abraçando.

— Amo você, minha amiga, obrigada por tudo e desculpe qualquer coisa.

— Relaxa, foi apenas uma brincadeira. Agora, vá embora com seu homem antes que aquela que não deve ser nomeada escape da armadilha que criei.

E então entendi. Enquanto não tomasse uma ação nesse precipício que era perder Davi, eu viveria a sombra da dúvida. Havia um limite para que eu testasse o amor que ele sentia por mim. Fui aceita de volta. Não, ele me esperou e não poderia retribuir todo esse esforço com pensar.

Sabia que Joana não era minha filha. Afastar-me daquela casa poderia ser a melhor coisa para mim e para Renata, quem sabe? Só saberia se fizesse, como eu não cansava de repetir para mim mesma, ela não será maltratada pelos próprios pais. Tinha que acreditar que eles dariam conta. E então, eu poderei ficar o dia inteiro com ela enquanto Davi trabalhava e eu estava de licença gestacional.

Mas as noites... essas seriam minha e dele.

Virei de frente a Davi, peguei na sua mão e sorri.

— Você tem compromisso para amanhã?

— Não. Por quê? — Seu olhar era de admiração.

— Preciso de ajuda para embalar e fazer mudança.

— A gente conversa amanhã.

Ele beijou meus lábios, se despediu dos meus amigos e seguimos até a

porta de saída. Pela minha visão periférica vi Juliana vindo em nossa direção e sem vergonha, comecei a correr e levar Davi comigo.

— O que foi isso? — perguntou rindo quando chegamos ao manobrista.

— Ainda não tenho condições de lidar com Juliana agora. Estou de carro, você vai no seu, eu te sigo.

— Aonde você vai moça? — O homem disse e continuei arrastando Davi, para dentro do estacionamento.

— Eu não vou ficar com ela. Não precisa correr, meu amor.

— Prefiro não arriscar, estou com cinco quilos acima do meu peso normal e ela parece bem gostosa.

— Quem está gostosa é você!

Ele me parou encostada em um carro e me beijou. Como dois namorados adolescentes, que não se viam em anos, trocamos carícias, salivas e muito mais do que contato físico.

Meu corpo reconheceu o seu e minhas mãos finalmente exploraram, sem nenhum pudor, seu corpo. A mão dele fez a mesma coisa e ele riu ao alisar minha cintura e sentir algo duro.

— Você está vestindo aquelas cintas? — perguntou com graça, seus lábios a centímetros dos meus.

— E absorvente de seios no sutiã, eu estou completamente broxante.

Começamos a rir, ele encostou sua testa no meu ombro e aproveitei para alisar seus cabelos.

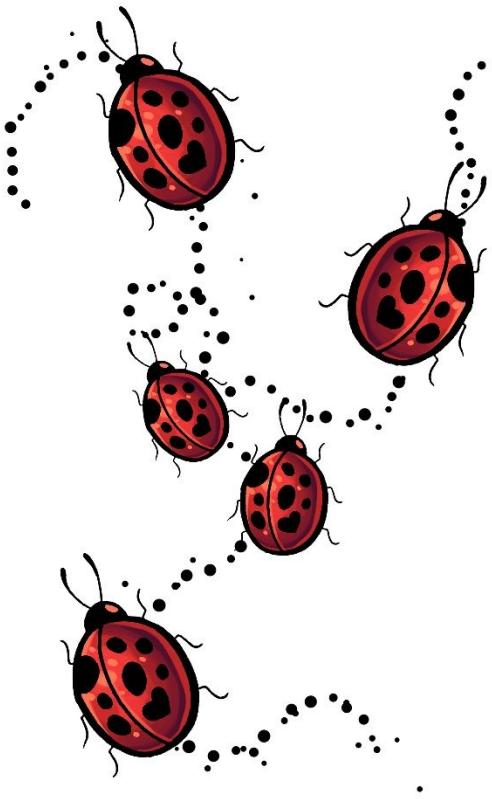
— Não desiste de mim — sussurrei.

— Vai precisar mais do que isso para me afastar. A não ser que você tenha uma penca entre as pernas.

— Você me viu nua, eu sou 100% mulher.

— Amém.

Ele beijou meus lábios novamente e continuamos com nosso amasso antes de seguirmos caminho. Como dois apaixonados, a minha vida parecia ter encontrado, finalmente, seu caminho certo.



# Capítulo 72
## Bia

Meu corpo estava febril. A cada toque e contato com o corpo de Davi doía de um jeito que nunca experimentei, ou melhor, há muito não sentia.

Demoramos um bom tempo no estacionamento, beijando e antecipando tudo o que queríamos sentir. Ele falou que não estava interessado apenas em sexo, porém, isso era tudo o que eu queria, ansiava.

Quando fomos interrompidos pelo manobrista, porque iria entregar o carro, que estávamos escorados, ao seu dono, seguimos para o apartamento de Davi, cada um em seu carro.

Minha mão não parava quieta no volante, necessitada pelos toques desse homem. Será que ele iria se importar com as estrias? O peso em excesso que ainda me marcava?

— Droga, deveria ter me depilado. — Lembrei em voz alta, batendo no volante e pensando numa estratégia para que ele não me visse de verdade, não naquele momento.

Se algum dia tive confiança sobre meu corpo, caiu por terra e fugiu assustada. A maternidade tirou completamente minha identidade, mesmo que isso não fosse algo negativo. Havia mudado, minhas prioridades e interesses estavam diferentes, mas tinha um detalhe, tudo isso não era meu.

O rostinho angelical de Joana invadiu meus pensamentos mudando minha preocupação de mim para ela. Será que estava bem? Renata voltou ou Rildo chamou a babá?

Na minha mente escutei seu chorinho sofrido e suspirei com sofrimento. Não deveria tê-la deixado sozinha.

— O que foi? — Davi bateu na janela do meu carro e apenas naquele momento percebi que estava parada na frente do seu prédio.

Chacoalhei a cabeça. O meu futuro, o homem que me esperou estava do outro lado do vidro apenas aguardando que me entregasse a ele.

No automático, saí do carro e me joguei em seus braços, com a intenção de sentir seu cheiro e esquecer qualquer preocupação que não era minha.

O quanto antes eu entendesse que Joana não era minha para manter ou cuidar, mais rápido conseguiria voltar a minha vida. Poder viajar, estudar e ter o

amor que sempre sonhei.

Dentro de mim duelavam duas vozes, a primeira me dizendo o quão mesquinha estava sendo, preferindo aventuras a cuidar de uma bebê como Joana, que não pediu para nascer. A segunda voz estava rouca de dizer que essa não era minha vida, que precisava esquecer que um dia eu pensei que era mãe. Eu gerei um filho, mas tudo isso foi emprestado. Os pais da criança dariam conta do recado.

— Davi, por que eu me sinto tão mal e tão bem? Queria poder me entregar de corpo e alma para você, mas meus pensamentos não conseguem se manter no aqui.

— Não se preocupe, meu amor, farei com que sua mente se concentre apenas no que minha língua poderá fazer!

Céus, ele queria fazer algo que não estava preparada, ou melhor, minha virilha não.

Ele me tirou dos seus braços com cuidado, segurou na minha mão com todo carinho e seguimos mais calmos para dentro do prédio e então, seu apartamento.

— Você quer uma água? — perguntou quando fechou a porta atrás de si e andou até a cozinha.

— Eu aceito.

Ele não iria me jogar na parede e me fazer esquecer? Acho que o clima havia acabado, porque não sentia mais o fogo de antes.

Andei até o sofá, tirei meus sapatos e dobrei minhas pernas debaixo de mim. A posição não era nem um pouco adequada para o tipo de vestido que usava.

Olhei para a fita que envolvia meu pulso, dada por Davi e foquei todos os meus sentimentos naquele momento em especial, quando ele se declarou para mim.

Quando o percebi se aproximar, ele não vinha da cozinha, mas do quarto. Com uma caixa pequena nas mãos, ele se sentou ao meu lado e me entregou.

— Quando eu fui para a praia, trouxe mais presentes para você do que para minhas irmãs. Tive que escutar por um tempo minha mãe reclamando sobre a consideração com a família e tudo mais.

Ele abriu e um par de colares prateados brilhou aos meus olhos. Havia um pingente em forma de coração unidos.

— É lindo.

— Mandei gravar o nosso nome. — Ele virou para mostrar e com um movimento suave, separou as partes. — Não sou de usar acessórios a não ser meu relógio, mas quando vi isso, sabia que era para você.

— Para mim? — perguntei assustada, buscando uma resposta nos seus olhos. — Para nós?

— Quer namorar comigo?

Mordi minha língua para não fazer outra pergunta. Céus, ele estava sendo tão perfeito, seguindo o atalho mais amoroso e prazeroso até o meu coração.

— Eu te amo, claro que quero namorar com você.

Seu sorriso espelhou o meu, tão grande e satisfeito com o andar da noite. Ele abriu o fecho de uma das correntes, envolveu meu pescoço e falou no meu ouvido:

— Te quero hoje à noite vestindo apenas ele.

Arrepiei, porque também imaginei essa mesma cena na minha mente, o fogo de antes se acendendo, como se nunca estivesse apagado em definitivo.

Fiz o mesmo com sua corrente e fiquei por um bom tempo admirando-a pendurada em seu pescoço.

— Acho que quero a mesma coisa.

Ele entendeu minhas palavras, porque colocou suas mãos nas minhas bochechas e trouxe meus lábios até os seus. Sensual e nem um pouco tímido, ele tocou cada centímetro da minha boca com sua língua, me fazendo derreter.

Ousada, montei em seu colo e continuei o beijo, adicionando carícias em seus braços. Sua camisa social estava me incomodando, precisava sentir sua pele o quanto antes.

Como se lesse meus pensamentos, ele começou a se despir, sem desgrudar de mim. A cada segundo movimentava minha cabeça, a procura da posição perfeita, o encaixe ideal de nossas bocas.

— Tira também — ele pediu quando parou para tomar fôlego e remover a camisa do corpo.

— Eu preciso ir no banheiro antes.

— Então vamos para o quarto... tudo bem? — perguntou com cautela, como se a intenção de toda essa ação não fosse terminar lá.

— Não escolheria outro lugar para terminar nossa noite — falei andando para o banheiro da suíte.

— Poderia ser na banheira, dessa vez comigo dentro.

Meu ventre se contraiu antes que eu fechasse a porta e apoiasse meu corpo na pia. Caramba, ele sabia as falas perfeitas para me desestabilizar.

Olhei-me no espelho e percebi o quanto estava feliz. Esse era o caminho certo, não daria voz a nenhum outro pensamento, pelo menos por agora.

Removi meu vestido, verifiquei a situação dos meus seios que começaram a ficar duros do leite não retirado. Eles ficariam intocados no momento, porque estavam muito sensíveis e me remetia a outro lado da minha vida que não tinha espaço nesse momento. A cinta não precisou de conferência e saiu rapidamente do meu corpo. Voltei a pôr o vestido e respirei fundo antes de abrir a porta.

Davi já estava apenas de cueca, visivelmente ansioso e preparado.

— Posso apagar a luz? — perguntei, acendendo a do banheiro e procurando o interruptor do quarto.

— Você não precisa se esconder.

— Talvez não, mas me sentirei mais confortável assim. Eu não estava preparada.

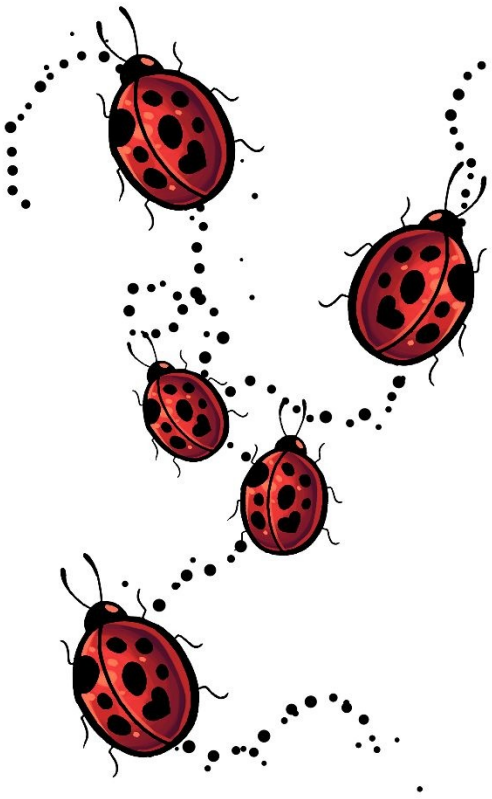
Apaguei a luz do quarto e a penumbra estava ideal para o que queria. Conseguia identificar formas, alguns detalhes, mas não todos.

— Não sei o que você está pensando, por isso, foque apenas que eu te amo. — Ele levantou da cama e alisou meus braços. — Saiba que não há nada nesse mundo que irá me afastar de você.

— Não faça promessas que não pode cumprir — sussurrei quando ele começou a me despir e meu coração começou a acelerar.

— Eu não faço.

Meu vestido saiu do meu corpo e segundos depois estávamos na cama, nos conhecendo da única forma que faltava, carnal. O momento foi mágico, mesmo me sentindo virgem novamente por causa da dor infernal no momento que ele esteve dentro de mim. Esses eram apenas detalhes, quando um sentimento muito maior estava envolvido no ato, o amor.



# Capítulo 73
## Bia

Queria dormir, mas depois do que passei, minha mente estava em ebulição. Deitada de lado, com Davi me abraçando por trás, olhava para seu guarda-roupas e viajava na minha mente problemática.

Joana me deu algumas horas de folga, mas agora veio com tudo. Deveria voltar para casa, ela poderia precisar de mim.

— Não vai dormir? — perguntou sonolento, virando de barriga para cima e me trazendo para o seu lado. — Não te cansei o suficiente?

— Cansou o corpo. A mente continua trabalhando. — Suspirei e me acomodei melhor ao seu lado. — Algo dentro de mim diz para eu voltar para casa.

— De madrugada? — Ele beijou minha cabeça. — Estão todos dormindo, amanhã de manhã estaremos lá.

— A noite não é mais a mesma depois de Joana. Ela acorda de hora em hora e é mais outra hora para dar mamadeira.

— Não é à toa que há bolsas negras debaixo dos seus olhos disfarçados com maquiagem. Você não anda dormindo bem, mais um motivo para fechar os olhos e esquecer.

— Eu sei, mas quando fecho os olhos... — Fiz e a imagem de Joana chorando me assustou. Precisava voltar.

— Você realmente acha que precisa ir? — Ele sentou na cama e fiz o mesmo, o clima mudando de calmo para tenso.

Céus, eu não poderia fazer isso com ele, conosco. Senti o metal frio da corrente que ele me deu e coloquei a mão, para sustentar minha permanência.

— Deite, por favor, não vou sair daqui. — Coloquei minhas mãos em seu peito e ele cedeu. Seu braço me mantendo ao seu lado agora mais firme do que antes. Desta vez, estávamos frente a frente.

— Tenho medo de te segurar aqui e sua necessidade de querer estar lá ser sua intuição. Minha mãe sempre me colocou medo sobre isso.

— Preciso desapegar, Davi, não sou a mãe dela. Preciso confiar que eles darão conta do recado. — Beijei seu peito. — Tenha um pouco de paciência comigo, vou falar certas coisas que não quero fazer, apenas para externar o que sinto, mas não o que DEVO fazer.

— Pense no quanto irá perder se não morar comigo — falou em tom de brincadeira e virou de frente para mim. — Você vai mesmo vir amanhã?

— Não, será hoje, passou da meia noite. — Beijei seu nariz. — Vou precisar da sua ajuda.

— Vou levar um saco preto, colocar suas roupas dentro e ir embora.

— A ajuda que precisarei é para que não me deixe ficar. Sei que quando a ver, poderei fraquejar.

— Esse é o tipo de coisa que deve partir de você. — Beijou meus lábios. — Não posso te forçar a ser infeliz. Isso é algo que deverá fazer por si. Estarei ao seu lado para apoiar a sua decisão, não para decidir por você.

— Apoio, sim, como senti falta. É disso que preciso.

— Ficarei com você, mas não vou te carregar no colo para vir comigo. — Bocejou e me puxou para perto. — Apesar que não me incomodaria de te amarrar no pé da cama e não deixar você ir embora nunca mais.

— Quem vai amarrar alguém aqui sou eu.

Comecei a fazer cosquinhas em seu corpo, ele revidou e claro, pedi socorro ao senhor protetor das reféns das cosquinhas dos homens fortes e apaixonantes.

— Você não sabe brincar. — Virei de costas para ele, que envolveu minha cintura e se encaixou atrás de mim.

— Ah, você precisa que eu mostre quais são as brincadeiras que conheço? Aprendi algumas novas.

— Não, senhor pegador. Não quero saber o que você fez enquanto eu te afastei.

— Treinei muito, eu contra cinco.

— Cinco mulheres? — Afastei-me dele, ofendida e magoada. Pisaria no meu orgulho se ele pegasse uma, mas cinco?

O descarado teve a capacidade de rir alto, me trazer para debaixo dele e beijar meu pescoço.

— Polegar, indicador, médio, anelar e mínimo. Minha mão é muito masculina e os dedos também.

Arregalei meus olhos e ele tomou minha boca com a sua, fazendo com que a ebulição de sentimentos começasse novamente e meu corpo clamasse pelo dele.

— Até queria uma nova rodada, mas tenho uma mudança para fazer, preciso dormir, tenho certeza que seis da manhã você estará me acordando. —

Virou meu corpo para o lado, se encaixou novamente atrás e bateu no meu quadril de forma suave. — Durma.

— Você não ficou com ninguém? — Estava curiosa.

— Defina ficar. — Ele estava me testando.

— Você entendeu o que eu quis dizer, mas se a resposta for mais de uma, prefiro ficar na ignorância. O importante é que estamos aqui, juntos. Ponto final.

— Exatamente, meu amor, ponto final. — Beijou minha cabeça. — Você é meu fim para qualquer outra pessoa. Te coloquei no meu coração, agora está difícil tirar.

— E Juliana? Por que estava lá?

— Cansei de lutar contra, Bia. — Suspirou. — No próximo domingo você irá comigo almoçar e verá como está. Percebi que quanto mais eu a mandava embora, mais grudava. Decidi tratar normal e parece que ela... melhorou.

— Ela não tentou nada?

— Ah, as indiretas sempre estão lá, só fingi ser ignorante. — Passou a mão na minha barriga e se acomodou melhor. — Não quero falar dela.

— Nem eu.

Meus olhos ainda não conseguiram se fechar, meu coração não estava calmo o suficiente.

Comecei a pensar na minha irmã e numa forma de resgatá-la. Se Rildo tivesse cuidado sozinho de Joana, iria forçá-lo a me falar onde ela estava e conversaria. Nossa mãe não ensinou sermos tão covardes assim.

As palavras de dona Maria também me assombraram, o quanto estava sendo injusta e julgando Renata pela sua fraqueza, sendo que eu mesma estava fazendo um péssimo papel. Cada uma tinha suas limitações, precisava conhecer o que realmente a afligia para poder ajudar. E o mais difícil, acreditar que ela daria conta.

Se o problema da minha irmã com Joana fosse apenas estético, seriam apenas alguns meses para poder fazer a cirurgia. O médico avisou que estávamos caminhando bem e que logo tudo isso iria normalizar e não passaria de uma fase.

Maldita frase, todo mundo dizia que era apenas isso, mas para mim, parecia uma eternidade, o sofrimento de cinquenta vidas.

— Não vai dormir? Seus pensamentos não estão me deixando relaxar — Davi zombou.

— Você quer ser pai?

— Você já quer engravidar de novo?

— Não, só quero saber, de filhos já tenho um monte, agora preciso cuidar deles.

— Um monte? Mulher, vai dormir, você está delirando.

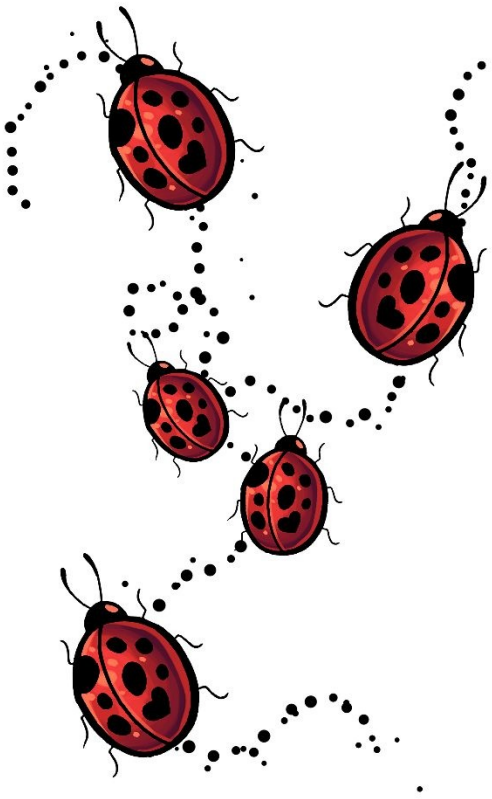
— Meu trabalho, Davi. Sinto lhe dizer, mas não quero ser fiscal, quero trabalhar na auditoria.

— Você usou alguma coisa ilícita? Fiscalização é o melhor trabalho do mundo. — Cutucou meu quadril com o seu. — Tenho mil e uma formas de te convencer.

— Não sei de nada. — Brinquei, querendo me envolver com a exaustão para poder finalmente descansar. — Eu não consigo dormir.

— Se isso é um pedido para sacanagem, conseguiu um companheiro.

Num movimento rápido, ele me colocou debaixo do seu corpo e envolveu todos os meus pensamentos para o agora. Queria ser amada e desejada, só assim para poder entender que meu momento não era o que estava na casa da minha irmã, mas o que me dominava com seus lábios.



# Capítulo 74
## Davi

Poderia ser uma manhã qualquer se não fosse a pessoa que me acompanhava na cama. Apesar de ter dormido bem e meu sono ser pesado, estava desacostumado a ter companhia. Ainda bem que esse tipo de coisa a gente nunca esquecia, mesmo que ficasse uma gestação e mais quarenta dias sem.

Poderia ser apenas o tempero perfeito para uma relação íntima, mas esse tempo serviu para que tudo entrasse nos eixos e tomassem a devida importância na minha vida.

Poderia ser teimosia, ou mostrar a mim mesmo que poderia aguentar quase um ano esperando uma mulher que tentava de tudo dificultar a nossa vida, não me importava o motivo, ainda mais quando o que sentia era felicidade.

Quando ajeitei meu braço dormente debaixo do seu corpo, ela acordou e se afastou, sentando na beirada da cama.

— Preparado? — perguntou e sorri, porque sabia que, depois da nossa última conversa, o quanto sua mente estava em uma luta interna entre se manter com a ilusão ou a realidade. Ela estava lutando por mim da mesma forma que fiz por ela. O equilíbrio estava conquistado.

— Bom dia, meu amor, dormiu bem? — não respondi sua pergunta de propósito, apenas para vê-la fazer uma careta para mim por cima de seu ombro.

— Pelo jeito sim, já começou a fazer piadinha — falou com bom humor.

Espreguicei na cama enquanto ela se levantava e ia para o banheiro. Paciência foi uma das coisas que aprendi a ter depois de tudo isso que nos aconteceu, principalmente a fazer piadas, para tentar esquecer que muitas coisas não tínhamos o poder decidir na hora.

— Quer tomar café em algum lugar? Estou sem nada em casa.

— Não, vamos direto para minha casa, estou agoniada.

Coloquei minhas mãos debaixo da minha cabeça e a observei se vestir com pressa.

— Até parece que você quer fugir de alguém.

— Depois você me tira do sério e eu poderei fazer greve com você.

— Remova essa palavra do seu vocabulário, porque isso não existirá

no nosso relacionamento. Aconteceu apenas uma vez e nunca mais.

Coloquei a mão na corrente que envolvia meu pescoço e me incomodei com o peso. Sentei na cama e Bia me abraçou com força, me deixando cara a cara com sua barriga e seios, já cobertos com tecido.

— Eu te amo. Muito. Poderei viver mil vidas, ter todos os tipos de relacionamentos, mas nada se comparará ao que fez por mim. Não sei se sou digna de tamanho sacrifício.

— Por nós, Bia. E você merece todo e qualquer sacrifício, porque sei que aqui dentro — beijei entre seus seios — tem um coração bom, que me conquistou no primeiro ato altruísta.

— Que foi...?

— Sentar ao meu lado e pedir para que eu ensinasse o que estava fazendo, porque percebeu o quanto estava bocejando e não era justo você estar tranquila e bem dormida enquanto eu estava um bagaço.

— Você lembra? — Ela olhou para baixo e eu olhei para cima.

— De cada sorriso tímido que você me deu depois desse dia.

Ela procurou meus lábios com os seus, carinhosa e agradecida por todas as palavras. Sabia que quando falava dos meus sentimentos, ela esquecia Joana e qualquer senso de obrigação que tinha com a sobrinha.

— Eu não quero mais ser fiscal, só para que você não tenha mais ilusões sobre eu te ajudar — ela sussurrou ainda de olhos fechados.

— Isso é o que veremos! — Peguei na sua bunda, ergui seu corpo e joguei na cama. — Espere que vou tomar um banho para irmos.

— Você tomou um banho antes de dormir — reclamou.

— Isso tinha sido antes da segunda rodada. Você vai ver Joana cheirando a sexo? — provoquei de brincadeira, mas não imaginei que levaria tão a sério quando começou a remover a roupa com pressa. — Estava...

— Você está certo, não posso ir assim.

— Ninguém vai saber, Bia. Você não está cheirando a nada além de você mesma.

— Claro que vão saber, estou sentindo esse cheiro em mim! Vamos logo tomar banho e sem gracinhas.

Ela entrou dentro do box do banho primeiro que eu. Tomamos banhos e refleti que existia algo muito mais enraizado sobre a relação com o bebê do que conhecíamos. Mas o mais importante aconteceu, ela estava em meus braços e lutando para ficar comigo.

# Bia

Parados do lado de fora da casa onde gestei Joana, tive medo de sair do carro, de voltar para as minhas preocupações e abandonar mais uma vez o meu sonho, porque eu sentia algum dever para com eles.

— Vai dar tudo certo.

— Sim, você está do meu lado, já está tudo certo.

Saí, aproveitando meu momento de resolução. Quem abriu o portão foi o primo do Jarbas, sempre sério e impessoal. A cada passo que dava, meu coração parecia acelerar e tinha medo que pulasse da minha boca.

— Do seu lado sempre. Te amo. — Essas foram as últimas palavras que escutei de Davi quando abri a porta de entrada e me deparei com o silêncio. Sua mão colada na minha, sua pele enviando calor que precisava.

Eles não estavam aqui?

Olhei para todos os lados, procurando não sei o quê, até o choro mais singelo e gratificante soar e quase corri para subir as escadas. Seria Joana sentido minha presença?

Logo o barulho sumiu e segui para seu quarto, sem a encontrar. Soltei da mão de Davi, fui para o meu quarto, depois para a suíte principal, onde meu mundo ruiu e ressurgiu em segundos, como uma poderosa fênix.

A porta estava aberta, os passos que dei foram lentos e sem barulho para que não interrompesse minha visão.

Renata estava sentada, segurando em seu colo Joana. Rildo estava sentado ao seu lado, ambos olhando o pequeno embrulho com amor e admiração. Estavam velando seu sono, admirando sua beleza especial.

Acho que respirei mais alto do que deveria, porque os dois olharam para frente e me encontraram. Um misto de dúvida e sofrimento foi perceptível em seus olhares, fazendo-me recuar um passo, mas com vontade de correr e tirar o bebê de seus braços.

— Você voltou de verdade? — perguntei, não conseguindo controlar meu tom de acusação.

— Ela ficará o tempo necessário e o tanto que se sentir bem. — Rildo se levantou e vi minha irmã virar o corpo, numa tentativa de proteger sua filha de mim, a mesma criança que saiu do meu ventre.

Como eu podia mudar de opinião de forma tão drástica? Minha

intenção não era interromper nada do que eles estivessem fazendo, apenas juntar minhas coisas e ir embora.

— Joana precisa de uma referência materna.

— Ela tem a mim! — Renata empinou o nariz e se levantou da cama. — Não gerei essa criança, não escolhi seu sexo, muito menos sua condição de saúde ou formação. Também não escolhi fraquejar, ter medo e achar que o certo era deixar esse bebê com você. Já cansei de me frustrar.

— Que bom que você voltou então. Ela já tomou a mamadeira do meio do dia? — Levantei a mão e dei um passo à frente, mas Rildo se colocou entre nós.

Só então que percebi o que realmente estava acontecendo, eles a protegiam de mim.

— Eu não vou fazer mal a Joana. Por que estão me tratando desse jeito? — reclamei e senti Davi dar um passo ao meu lado e colocar uma mão nas minhas costas. — Por que não me querem perto da bebê?

— Tenho medo que ela prefira você a mim. Sonho todos os dias que quando ela tiver idade suficiente para entender e saber que saiu da sua barriga, ela te chame de mãe e não a mim.

— Claro que não.

— É sim! — falou firme e fez Joana chorar. Ela começou a chacoalhá-la e respirar de forma ofegante.

— Assim você vai assustar a pequena.

— Não mais do que já estou, Bia. Preciso aprender a ser mãe!

— Eu te ajudo.

— Não preciso da sua ajuda! — Nós duas nos olhamos e começamos a chorar. Céus, ela estava me enxotando de uma vida que ajudei a gerar. Ela precisava entender que dava conta, mas por que não poderia participar?

— Quando foi para engravidar você não pensava dessa forma.

— Eu não sei fazer isso. — Renata olhou para Rildo e seguiu em minha direção. Parecia que ela queria me dar Joana, mas desistiu do último momento, por causa do peso do olhar do seu marido. — Céus, eu não sirvo para nada, não consigo me separar dela.

— Bia não vai tirar a nossa filha, Renata. — Rildo tentou acalmá-la com uma mão na sua cabeça. — Nós somos os pais de Joana.

— Ela não precisa, é perfeita o suficiente para provar que é melhor do que eu.

— Não sou perfeita — eu disse ressentida.

— Você é e sempre foi! — Desviou a atenção do marido rapidamente e depois voltou. — Por favor, fale com ela, Rildo, não deixe que me tire Joana.

— Defenda sua cria. Eu não deixarei que ela se aproxime, mas quem está com o bebê no colo é você! — Rildo falou de forma alterada.

— Por que vocês estão me colocando como ruim? Eu nunca quis fazer mal a ela, nunca sumi ou a abandonei. — Choraminguei. — Parem com isso.

— E esse será só mais um item na minha lista do quanto não mereço ser mãe. Joana merecia alguém como você, precisa de alguém forte, que não fraqueje e se afunda no poço como eu. Eu não sou perfeita.

Chorei com ela, a essa altura Joana começou a nos acompanhar inquieta. Rildo, com todo cuidado e pedindo autorização com os olhos, pegou a bebê em seu colo, como se tivesse feito isso a vida inteira e não tento aprendido no dia anterior. Chamou Davi e ambos saíram do quarto, nos deixando com nosso sofrimento. Mordi minha língua para não perguntar se eles precisariam de ajuda, homem não conseguia cuidar de um bebê, imagine um especial.

Caramba, precisava me tratar urgente. Antes disso, iria confrontar minha irmã. Não dava mais para pensar em mim ou no melhor para a Joana, mas em toda a situação.

— Por que você fugiu? — perguntei e me sentei na cama. Renata continuou de pé e olhava para todos os lugares menos para mim. — Achei que você tinha mudado depois do parto.

— Não me senti digna.

— Isso não é motivo.

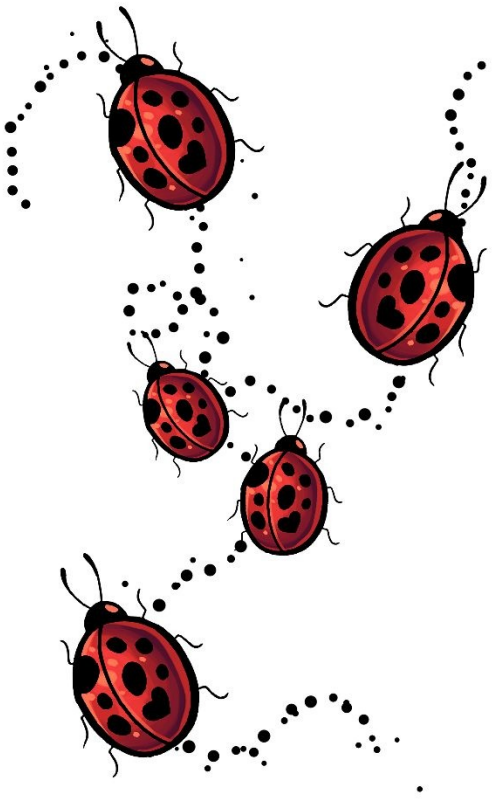
— Quando eu quis engravidar, minha intenção era apenas seguir conforme a música. Todas as minhas amigas engravidaram, menos eu. Todas falavam sobre bebês, roupas e saídas no parque. Queria estar na mesma fase que elas e achei que seria fácil. Elas reclamavam uma e outra coisa, mas nada se comparou a nossa experiência.

— Então veio Joana.

Ela se virou para mim, as lágrimas molhando seu rosto.

— Sim, então veio Joana e o peso de ter um bebê se tornou real. Eu não cuidaria de uma boneca ou o filho de uma amiga, era um ser humano real, especial e isso me assustou muito mais do que você possa imaginar. Meu primeiro pensamento quando fizemos a ultrassom morfológica foi, onde eu apertava para voltar e não te pedir para ter o meu bebê. — Ela fechou os olhos e

fungou. — Me tornei a pior pessoa do mundo ao não aceitar o meu destino.



# Capítulo 75
## Bia

Renata não era a pior pessoa do mundo. Ela tinha seus defeitos como eu tinha os meus e nem por isso poderia considerá-la ruim. A autoestima dela estava abalada, sua depressão estava real e palpável.

As palavras de dona Maria vieram novamente me atormentar, mostrando o que não queria aceitar, que estava sendo realmente a vilã, julgando e impondo vontade que não cabiam a mim. Ela dava conta, sendo imperfeita e não fazendo do jeito que eu queria.

Levantei da cama, abracei minha irmã, que retribuiu e chorou tanto quanto nossos pais morreram.

— Vou embora — falei de forma suave.

— O quê? — Ela tentou se afastar, mas a mantive nos meus braços.

— Pensei que assumindo a maternidade da Joana ajudaria em seu desenvolvimento. Criei uma ilusão na minha mente e confundi todas as coisas. Eu preciso me afastar.

— Não vá embora. — Voltou a chorar mais forte. — Por favor, vá embora. Tenho vontade das duas coisas, não sei como lidar com isso.

— Quando engravidei, nunca pensei que teria um amor tão grande por essa criança que gerava. Até poucos dias antes do parto, eu estava no automático. Depois do parto, pensei que finalmente iria me encontrar... foi uma confusão.

— Tenho vergonha de assumir... eu olhei para Joana uma segunda vez e não achei que ela fosse minha. Até hoje penso isso às vezes. Por que teve que ser assim?

Desta vez nos afastamos e encaramos. Renata esboçava cansaço e mil outros sentimentos contraditórios.

— Por que foi embora? — insisti na pergunta.

— Tive medo de não dar conta, de fazer mal. — Ela precisava de força tanto quanto eu.

— O que te fez voltar?

— Não sei, eu só senti que precisava voltar para casa e encontrei Rildo sozinho com Joana nos braços. Ele havia me contado que ainda não tinha

conseguido um tempo sozinho com ela.

— Ele não te ligou? — Arregalei meus olhos, não acreditando que ela tinha voltado baseada em sua intuição.

— Estranho né? — Ela deu um meio sorriso. — Senti um aperto no coração e só vim.

Seria essa a intuição materna? Minha irmã era muito mais mãe do que imaginava e nem percebia isso.

— O que você fez nesse mês fora?

— Todos os tipos de terapia que você possa imaginar. Fui em psicólogos, psiquiatras, terapia em grupo, coach, Microfisioterapia, Constelação Familiar... — Suspirou. — Eu só fugi porque me achava prejudicial a minha filha. Só agora percebi que me manter afastada foi pior. Perdi um mês da minha Joana.

Tentei não me sentir magoada, já que era assim que eu a chamava na minha mente.

— Perdeu um para ganhar todos os outros. — Eu precisava acreditar nisso tanto quanto ela. Renata daria conta da sua filha e eu, do meu relacionamento com Davi. — Você se sente melhor?

— Não, mas minha vontade de fugir sumiu. Eu não quero mais sair de perto dela.

— Que bom. Você precisa ficar e eu ir embora. — Olhei para o chão e controlei o choro. — Me apeguei demais a Joana.

— Eu quero que você vá, mas não precisa ir de uma vez, só não cuidar dela. Você fala e eu faço. — Tocou meu braço e percebi sua insegurança.

— Está na hora de viver minha própria vida, Renata. — Levantei meu rosto. — Vou morar com Davi e ficarei um tempo sem contato com vocês.

— Vai fazer igual a mim? Fugir?

— Se esse é o preço para nos colocarmos em nosso lugar, você mãe e eu tia, sim, eu fugirei. Preciso acreditar e também você, que você e Rildo dão conta. — Abracei-a e beijei seu rosto antes de me afastar. — Eu te amo. Obrigada pela oportunidade de gerar um bebê para você, não vai se repetir.

— Eu não pretendo ter outro, fique tranquila.

Rimos um pouco e seguimos para fora do quarto.

— Estamos bem? — Renata perguntou quando começarmos a descer as escadas.

— Sempre estaremos.

Segurei sua mão e nos aproximamos dos dois homens babões que estávamos conversando e fazendo gracinhas para uma bebê feliz. Com seu novo poder de mãe descoberto, minha irmã se aproximou deles e pegou a bebê para si.

— Está na hora da bonita tomar seu leite. — Ela virou para mim com um sorriso sem graça. — Quer fazer isso?

Sei que a última coisa que ela almejava seria eu com sua filha. Ela baixou a guarda para mostrar que não me queria afastada, mas precisava ter força o suficiente para não me meter na sua vida mais do que já fiz. Alimentei a criança por um mês, era sua vez de assumir o papel.

— Eu vou fazer minha mala junto com Davi. Rildo terá o maior prazer em te ajudar. — Sorri, mas queria chorar por abrir mão de algo que me fazia tão bem.

Subi as escadas com Davi atrás de mim, o sentimento de perda fazendo com que meu corpo se tornasse pesado o suficiente para não se manter em pé assim que cheguei no meu quarto.

Caí de joelhos no chão e rapidamente, Davi fechou a porta e me abraçou sentado no chão.

— Eu te amo, Bia, nunca iria pedir para que me escolhesse ao invés de Joana. Por favor, não faça isso com você mesma.

— Preciso escolher seguir minha vida, Davi. Só que dói.

Demorei um tempo para me recompor quando fiz, com cara de velório, fiz duas malas grandes com minhas roupas essenciais. Falei para mim mesma que não tinha nenhuma segunda intenção para voltar e pegar o resto em um outro dia, mas era uma mentira deslavada.

Com seu jeito querido, Davi me ajudou, fez brincadeiras e me deixou confortável com a situação. Ele desceu com as malas, se despediu dos donos da casa e me deixou sozinha para lidar com o pior adeus da minha vida.

Joana estava dormindo no colo da minha irmã e percebi que nos primeiros dias ela não teria problema nenhum em ficar segurando em seus braços, mesmo que estiver dormindo.

— Não quer almoçar com a gente?

— Renata, pare de ser educada comigo, sei o quanto me quer longe — brinquei e abracei meu cunhado, que recebeu o carinho um pouco constrangido. — Obrigada pela estadia e desculpa qualquer coisa. Eu só...

— Não há nada para se desculpar. Obrigado, nem sei por onde começar, mas se você não tivesse feito aquilo ontem... Eu mudei.

— Situações intensas, atitudes extremas. — Olhei para minha irmã e seu pequeno pacote, que por alguns dias foi meu. — Boa maternidade, minha irmã. Você teve sorte de receber Joana.

— Nós tivemos. Obrigada por estar aqui. — Ela segurou o choro e eu a abracei, sentindo por uma última vez o cheiro de bebê que me embalava o dia.

— Não importa o que pensa de si mesma ou que os outros falem, você é a melhor mãe que Joana poderia ter. — Beijei a cabeça da pequena, virei as costas e parti, sem olhar para trás ou pensar sobre arrependimentos.

Diferente das mães que não planejaram seus filhos, ser mãe de Joana não estava nos meus planos e muito menos estava preparada psicologicamente para lidar com isso. Amei estar no papel de mãe, com certeza queria um bebê para mim, mas havia um outro lado de mim que pesava e estava muito mais aflorado que a maternidade. Queria ter sucesso profissional, ainda mais agora que encontrei, de verdade, meu ofício dos sonhos.

Despedi-me do primo de Jarbas, fui até o lado de fora e encontrei Davi escorado no carro me esperando. Acomodei meu corpo e minha mente em seus braços e suspirei, tendo a certeza de que estava fazendo o que era certo, mesmo que minha mente, em alguns momentos, dissesse o contrário.

— Você está bem?

— Tenho uma casa para morar? Um namorado para me mimar?

— E uma família *buscapé* que estão sabendo da nossa união.

Afastei minha cabeça para olhar seu rosto. Havia um misto de diversão e chateação no sorriso que esboçava.

— Preciso ficar preocupada?

— Apenas o suficiente para não ser devorada pelas mulheres Diniz.

— Então só preciso lidar com sua mãe, já que suas irmãs são casadas e tem suas próprias famílias. — Beijei seus lábios. — Vamos embora, eu preciso dormir um pouco.

— E eu comer. Comida chinesa? — Ele abriu a porta do carro para eu entrar.

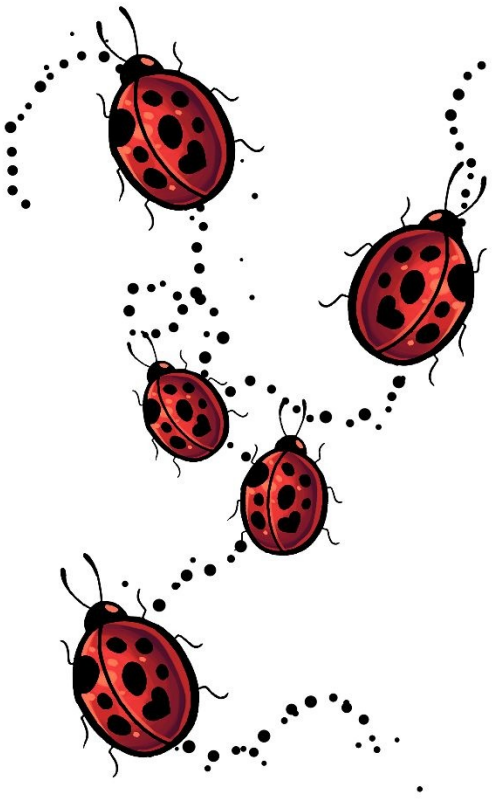
— Da esquina da sua casa igual naquele dia?

— Mais ou menos. A diferença será que haverá outro tipo de sobremesa.

Ele levantou várias vezes a sobrancelha, me fazendo rir e esquecer que um dia cogitei ser mãe de um bebê que não era meu.

Bem, pelo menos por alguns minutos, já que esse sentimento estava

muito mais enraizado do que imaginava.



# Capítulo 76
## Bia

— Estou tão orgulhosa — falei assistindo o jornal na televisão sobre as prisões preventivas motivadas pela investigação que participei.

— Pelo jeito vou ter que andar sempre na linha. Tem certeza que não quer ser policial? — Davi falou me abraçando com braços e pernas, sentando no sofá.

— Não, meu negócio é auditoria — falei para provocar, uma vez que a rivalidade divertida entre nossas profissões era uma constante.

Fazia exatamente sete dias que saí da casa da minha irmã e a única conversa que tivemos foi por mensagem de celular. Sua dúvida, como conseguir se manter acordada, porque ela estava surtando pela falta de sono. Incrível que agora que estava de fora, via a maternidade de outra forma e com muito mais tranquilidade. Como eu sempre fazia, aproveitava os momentos da babá para dormir.

A distância entre nós me ajudou a superar. Parece pouco tempo, mas ficar sozinha no apartamento de Davi e voltar a minha rotina de estudos resgatou meu ego pessoal, os planos que fiz de curtir a vida antes de realmente formar uma família.

Minha primeira noite bem dormida foi estranha e muito satisfatória. Acordava no meio da noite escutando um choro que não existia, a preocupação de não escutar o bebê reclamando parecia enraizado. Da mesma forma que foi fácil se acostumar com o luxo da casa da minha irmã, me acostumei a voltar a dormir sem me preocupar. A única responsabilidade que eu tinha era comigo mesma.

Às vezes, meus pensamentos me boicotavam, dizendo o quanto estava sendo egoísta, menosprezando meu trabalho como mãe. Ainda bem que a resolução sobre esse assunto havia chegado e se mantido firme, de que o papel que me prestei durante um mês não passou de transitório. Renata era a mãe e ponto final.

Cada pessoa era diferente, agia de diferente, amava diferente.

— Preparada para o almoço de domingo? — Davi perguntou, deitando no sofá e me levando com ele.

Vivíamos um início de namoro maravilhoso.

— Estou com saudades da sua mãe, então sim.

— Você sabe que tem as cunhadas de presente.

— E a Juliana — falei em tom zombeteiro.

— Só não retruque, uma hora ela cansará.

— Vamos ver. — Fiz uma careta e ele beijou meus lábios.

Tudo era motivo para contato físico. Davi não só esperou por mim, como reservou toda a sua atenção. Nina, inclusive, enviou uma mensagem falando que o chefe parecia outra pessoa.

Não demorou muito para nos arrumar e seguir para o almoço de domingo. Com o peito estufado de orgulho e segurando a mão de Davi, me preparei para a avalanche de emoções que era estar com a família que agora também seria a minha.

Mal saímos do carro, as crianças cercaram Davi.

— É verdade, tio Di, você está namorando a tia Bia? — João Lucas perguntou.

— É sim, homem aranha — respondeu, fazendo referência a sua camiseta do super-herói.

— Legal. — Virou para mim e olhou minha barriga. — Mas cadê a Joana?

As crianças pararam para me encarar e tentei descobrir como dizer sobre a real situação. Eles vieram em casa, viram a pequena comigo, mas ela não era minha.

— A pequena ficou com a mamãe dela, tia Renata.

— A moça que veio junto na festa das joaninhas? — Vitor Miguel franziu a testa.

— Essa mesma. Agora, vamos para dentro, estou morrendo de fome. — Com a mão estendida em minha direção, Davi me convidou para entrar junto com ele enquanto as crianças corriam para dentro.

Dona Maria foi a primeira a me recepcionar com um demorado e reconfortante abraço. Foi com lágrimas nos olhos que me afastei e agradeci por ela ser essa mulher justa e carinhosa.

— Depois quero saber tudo o que aconteceu, filha — ela falou baixo e passou a mão no meu rosto.

— Tirei força das suas palavras.

— Ah, mamãe já está nos seus pensamentos também? — Dora apareceu e me abraçou. — Bem-vinda a família.

— Obrigada Dora. Quero me desculpar por aquele dia.

— Imagina, cunhada. A gente está tão acostumada a palpitar na vida uma da outra que esquecemos que você não era da família ainda. — Diná apareceu e me abraçou. — Espero que faça meu irmão feliz, senão vou te caçar pela cidade.

Revirei os olhos, começando a me adaptar com esse jeito dela.

— Diná, menos — Davi a repreendeu.

— Estou querendo te proteger! — ela falou ofendida.

— Quem precisa de proteção é seu filho.

— Onde está Denília? — perguntei, tentando mudar o clima que estava ficando na entrada da casa.

— Ganhou o dia para ela. — Dona Maria piscou um olho para mim e me conduziu até a cozinha, onde Irma já fazia sua mágica com a comida.

— Como assim?

Achei que ficaríamos por lá, mas fui conduzida até o fundo da casa, onde os maridos e as crianças estavam.

— Ela se dedica tanto para seus filhos, o marido finalmente tomou chá de *desconfiômetro* e veio para o almoço sem ela — Diná respondeu. — Minha irmã precisa dormir um dia inteiro para poder repor o que a semana cobra dela.

— Não culpe o marido, ela também não abria a boca para reclamar — dona Maria comentou e tudo fazia sentido para mim. Ela merecia seu descanso sem culpa, com certeza.

— Vou mandar um beijo para ela.

— Você poderia voltar para o grupo da família. Sinto lhe dizer, mas terá que nos aguentar enquanto namorar Davi.

— Diná — reclamou Davi.

— O que está fazendo aqui? Vai lá para a roda dos homens. Xô! — A irmã sem noção o expulsou e não consegui evitar o riso. Quem diria que essa louca conseguiria me conquistar?

A campainha tocou e rapidamente Diná se afastou. Esquecendo que existia uma outra pessoa, me acomodei em uma cadeira como se fosse realmente da família.

— Cheguei! — Juliana anunciou e percebi que apenas as mulheres a cumprimentaram, enquanto os homens estavam focados em cuidar das crianças na piscina.

Ela cumprimentou inclusive a mim com um abraço. Não consegui me sentir confortável e como a mulher dominava qualquer ambiente com seu jeito, preferi apenas observar a interagir. Iria ignorar, como Davi mesmo me orientou a fazer.

— E aí, Bia, ainda está de licença gestacional? Folgada, hein? — Juliana comentou e arregalei meus olhos para sua indiscrição.

— Está fazendo estágio com a Diná? — Soltei sem querer e Dora cuspiu a bebida que estava ingerindo. Merda, não poderia zombar de uma destruindo a amizade de outra.

— Ah, para conseguir chegar ao meu patamar precisa de muito — Diná não se ofendeu, pelo contrário, levou como elogio e começou a zombar de Juliana, que me olhou de canto de olho com raiva.

Não estava mais movida pelos hormônios da gravidez, tinha Davi do meu lado e por isso, poderia ser eu mesma, sem máscara nenhuma.

Antes de servir o almoço, dona Maria me levou para cozinha e me fez contar tudo. Não me restringi apenas aos fatos, mas tudo o que senti e que estava sentindo.

— Nunca entenderia o lado de uma mãe se não vivenciasse. Acho que julgaria Renata eternamente se não ficasse esse mês com Joana. Como pode ser a melhor e a pior coisa do mundo?

— Não é à toa que falam que ser mãe é padecer no paraíso. Apesar de odiar essa frase, é a mais pura realidade. — A mãe de Davi segurou meu rosto com suas mãos. — Você amadureceu tanto minha filha.

— Sou muito afortunada. De ter Davi e sua família, minha irmã de ter Joana.

— Todos ganhamos. A gente acha que o mundo vai acabar a cada nova fase com o bebê. Cada passo que damos, apanhamos e crescemos. Precisamos nos libertar dos julgamentos dos outros, porque não somos iguais.

— Obrigada por me aceitar na sua família — disse contendo as lágrimas.

— Não haveria outro lugar para você que não fosse aqui.

Por um momento, o abraço que recebi da minha sogra parecia da minha mãe. Céus, como sentia falta dela.

— Seus pais estariam orgulhosos — dona Maria soltou, apenas para que a enxurrada de lágrimas pudesse escorrer livre.

— Preciso ir no banheiro. Pareço até grávida novamente — brinquei,

beijei seu rosto e segui para dentro.

Mais uma vez, a minha decisão de acolher minha própria vida cimentava como certa. Deixei as coisas como deveriam ser, a mãe para seu filho, a mulher para seu homem.

Sentei um momento no vaso sanitário fechado e olhei as mensagens no meu celular. Renata havia me enviado uma foto de Joana, vestindo o macacão cheio de joaninhas que tinha comprado e deixado em seu armário. Na legenda, algo para ser emoldurado nas paredes do meu coração.

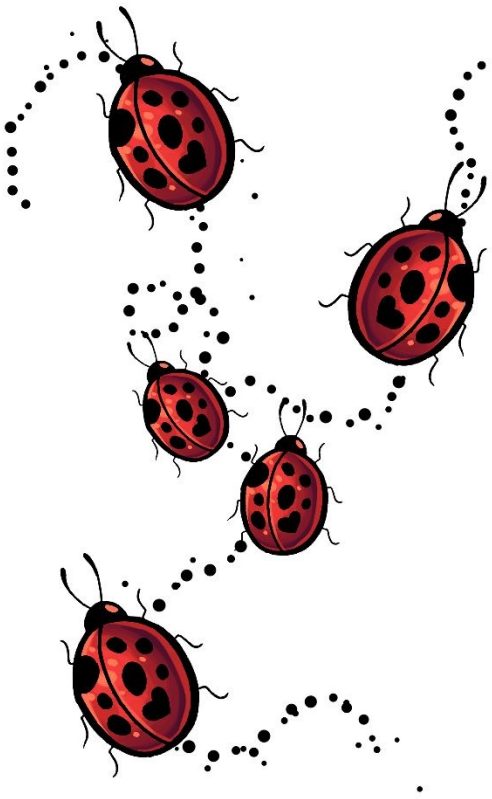
**Renata>> Dinda Bia, quando estiver pronta, gostaria de ser batizada por você. Aceita?**

**Bia>> Claro, meu amor. O quanto antes.**

Respondi, desta vez sem lágrimas, apenas com um enorme sorriso no rosto.

*— Mãe, para de me ligar, você sabe que domingo vou na casa do meu namorado.* — Essa era Juliana e meus pensamentos mudaram de foco quando escutei o resto da conversa. *— Chega de me pressionar para levar o moleque na fono, não tenho dinheiro, estou procurando um marido para poder bancar os gastos dele. — Uma pausa. — Ele é meu filho, mas o gene ruim veio da senhora, agora aguente. Tchau.*

Esperei um pouco antes de sair do banheiro e olhar para todos os lados confusa. Os pais de Juliana não eram falecidos? Ela tinha um filho que precisava de atenção?



# Capítulo 77
## Bia

Fui direto para o fundo da casa, onde o almoço estava posto.

— Agora sim podemos comer — Juliana falou quando sentei na cadeira ao lado de Davi. Acho que minha resposta anterior fez com que ela resolvesse pegar no meu pé mais que o normal.

— Você não come muito mesmo, amiga, para quer reclamar da demora da Bia? — Diná fez o favor de retrucar.

Apertei a mão de Davi para indicar que a provocação estava me incomodando. Encaramo-nos por alguns segundos e ele beijou meus lábios rapidamente antes de começar a se servir.

— Esse meu irmão é carinhoso — Dora falou e cutucou o marido, que brincou revidando os olhos.

— Davi foi sempre o mais carinhoso, apesar de sempre esquecer de trazer presentes em suas viagens — dona Maria comentou.

— Eu ganhei presente! — Resolvi entrar na brincadeira e levantei minha mão onde a fita estava. — Uma fita do Senhor do Bomfim.

— Nossa, que presentão! — Diná zombou e a mesa inteira riu, inclusive Davi.

— Na época Bia gostou muito. — Ele se inclinou e beijou meu pescoço.

Quando fui abrir a boca para responder de forma afirmativa, Juliana me atravessou:

— Tudo o que você dá é muito bom, Davi. Só que algumas pessoas não sabem valorizar.

A mesa ficou em um silêncio constrangedor. Uma coisa era brincar quando não tínhamos nada oficialmente, outra coisa era ela fazer isso agora.

— Como está Joana? Se adaptou bem com a nova rotina? — Diná perguntou e me surpreendi com ela medir as palavras para essa pergunta, por isso, empolgada, peguei meu celular e mostrei a foto que Renata tinha me enviado.

— Olha que bebê mais linda! Minha irmã me chamou para ser madrinha.

Estiquei meu braço para mostrar a foto a todos e quando Juliana viu, ela fez um som estranho, que fez meu coração acelerar. Aceitaria qualquer coisa para cima de mim, mas da minha Joaninha...

— Desculpa, gente — ela segurou o riso e pegou o celular da minha mão —, mas ela só vai ficar bonita quando fechar esse buraco extra na boca.

Eu levantei da minha cadeira, pronta para ensinar uma lição para essa abusada, mas quem fez isso foi Diná, que pegou em seu cabelo e a fez encarar seu rosto.

— Você tem noção do absurdo que acabou de falar?

— Para, Diná, está me machucando!

— Você esqueceu que tínhamos uma prima nessa mesma situação na família?

— Só estava brincando... ai! — Juliana conseguiu se desvencilhar do aperto e apontou o dedo para mim. Eu estava pronta para falar algumas verdades para essa abusada. — É tudo culpa sua!

— Juliana, peça desculpas! — Dora falou com raiva. Os maridos, sentindo o clima, pegaram as crianças e saíram da mesa.

— Mamã! — Gabriel chamou quando se afastou, mas Diná apenas encarou a sem noção futura ex-amiga, assim esperava.

Davi tocou meu ombro e saiu com os homens. Não sabia se isso era algo bom ou ruim, mas quando olhei para a matriarca da família, seu olhar ordenou sua retirada.

— Agora que estamos só nós, precisamos esclarecer algo. Juliana, você passou dos limites. Sempre abri as portas da minha casa com muito amor e carinho, não aceito desrespeito debaixo do meu teto, ainda mais com uma criança — dona Maria soou chateada.

— Vocês me empurraram para Davi e agora que ele me usou e abusou, vocês farão o mesmo? Me tratar como lixo?

Ela jogou meu celular no chão sem cuidado e arregalei meus olhos. Dei um passo para trás, porque ia contornar a mesa e liberar minha tensão na sua cara.

— Sim, a gente comprou a sua ideia de namoro com o Davi e fizemos de tudo para que desse certo. Não deu e ao invés de você suavizar, sempre insistiu — Diná falou alto. — Agora vejo que estava sendo tudo muito exagerado.

— Você me apoiava!

— Bem, acabou de perder.

— Por causa dela? — Apontou para mim. — Que chegou depois e ainda quer comer a carne nobre? Vamos ser reais, a bebê não é bonita, só estou falando o que nenhuma de vocês tem coragem de externar.

Dei a volta na mesa e novamente Diná foi mais rápida que eu e deu um tapa na cara dela.

— Cala essa boca, você só está soltando merda por ela.

— Por que você me bateu? — gritou com a mão no rosto, Dora se colocou na minha frente para não avançar em Juliana. Ela não falaria mal da minha afilhada.

— Sei que você é carente de família, entrou em depressão várias vezes e precisa de uma amiga para não fazer algo contra sua própria vida, mas já chega. Se Davi casar com Bia, Joana será nossa sobrinha também e não falamos mal da família.

— Sem família? Ela não considera a própria mãe como parente? — zombei e a raiva de Juliana foi direcionado para mim. — Eu te escutei falando no telefone com sua mãe sobre não levar o filho à fono, porque está procurando um marido para pagar o tratamento.

— Sua mãe está viva? — Um coro de vozes das mulheres Diniz soou e Juliana deu um passo para trás.

— Como assim filho? Por que ele precisa de fono? — Diná começou a respirar rapidamente.

— Ela está mentindo! — O grito desesperado de Juliana não soou firme.

— Olha a última chamada, não tenho motivo para mentir. — Apontei o dedo para ela. — Quer verdade? Se olhe no espelho antes.

— Você roubou Davi de mim!

— Ele nunca foi seu — ronsei.

Enquanto discutíamos, Diná pegou o celular da sua calça e procurou as chamadas.

— Me devolve! Vocês estão loucas!

O aparelho foi para a mão de Dora. Olhei por cima do seu ombro e vi que o contato não tinha nome. Juliana foi contida para que a irmã mais nova pudesse concluir a operação.

— Alô? Eu sou Dora, amiga da Juliana, a senhora é a mãe dela? — Ela arregalou os olhos para a irmã e Juliana começou a se debater. — Ah, sim, ela

nunca nos apresentou, porque ela falou que você morreu! Ah, ela tem um filho com Síndrome de Down que não conta para ninguém, porque tem vergonha. — Uma pausa para todas nós absorvermos. — Sim, sua filha não sabe valorizar a família que tem, mas ainda bem que a senhora existe, viu? Você fez seu melhor, foi ela quem não soube aproveitar.

A mentirosa conseguiu se soltar e com o impulso que deu para isso, voou em Dora e derrubou nós duas no chão.

— Sua vaca gorda, quando Davi cansar de você ele vai me procurar e eu vou engravidar dele!

Tentei bater ou tirá-la de cima de mim, mas a mulher era forte.

— Vai embora, sua mal-agradecida. Você está proibida de pisar na minha casa ou conversar com meus filhos. Xô! — dona Maria decretou.

— Vão todas para o inferno! — Ela se levantou e me chutou entre as costelas. Filha da mãe!

— Sua louca! — Diná pegou-a novamente pelos cabelos e seguiu para fora da casa.

— Bia, você está bem? — Dora me ajudou a levantar e gemi segurando a barriga.

— Sempre achei que ela era louca, mas isso. Pelo amor de Deus, esconder uma mãe e filho?

— Bia! — Davi veio correndo em minha direção, tirou a irmã do caminho e me avaliou, apalpando todo o meu corpo. — Ela te bateu?

— Foi só um chute, estou bem. O que importa é que ela foi embora, a máscara caiu. — Abracei seu corpo e respirei fundo. — Ela é a pior pessoa do mundo.

— Depois que anunciamos que Davi e Bia estavam oficialmente juntos, ela se transformou — Dora falou.

— Ela sempre foi assim, vocês que estavam cegas demais para ver. — Davi rebateu.

— Quem mata os próprios pais para se infiltrar em outra família? — dona Maria suspirou e os outros começaram a voltar para a mesa. — Pior, esconder um filho. Essa mulher precisa de ajuda, mas não terá aqui na minha casa. Meninos, esqueçam o que viram hoje, foi feio de ambas as partes.

— Vovó, a Joana não é feia — O neto mais velho falou, conseguindo um sorriso meu.

— Não, meu amor, nenhum bebê é feio e não seguem padrões de

beleza.

— Olha o que achei! — Vitor Miguei levantou dois aparelhos celulares, o meu com a tela quebrada e o outro, de Juliana.

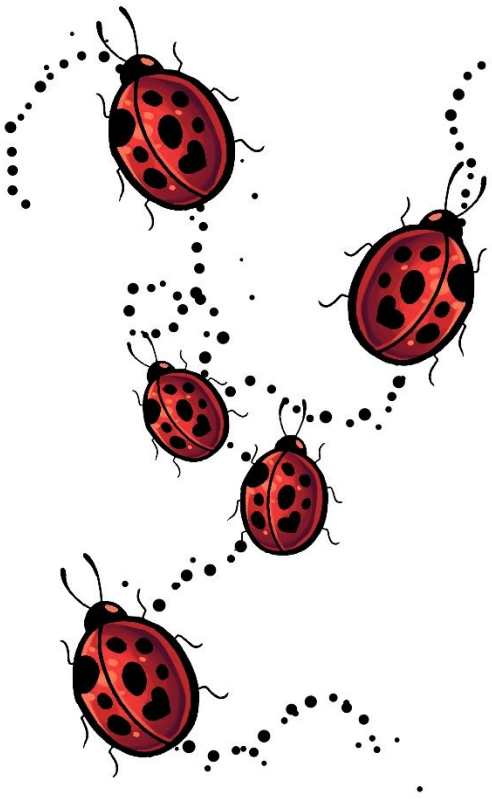
— Esse você pode colocar no lixo — Diná apareceu, pegou os dois aparelhos e jogou um no grande tambor. — Esse aqui é da Bia. Desculpe, querida.

— Ela precisou ofender um bebê para vocês perceberem o quanto ela era louca? — Davi resmungou.

— Vamos colocar esse assunto como encerrado. Temos que comemorar, porque Bia será madrinha! — Diná tratou com naturalidade.

Sorri, mesmo que por dentro estivesse num misto de chateação e alívio. O que Davi disse foi certo, precisou de algo extremo para que elas tomassem alguma atitude. Quanto julgamento, precisava parar com isso, pois era exemplo de agir quando algo extremo acontecesse.

Precisou meu mundo ruir para conseguir seguir minha própria vida.



# Capítulo 78
## Davi

Abri minha gaveta de cuecas, coloquei minha mão no fundo e retirei a pequena caixa de joia. Comprado na minha viagem de férias há quase um ano atrás, por impulso e sem imaginar que era realmente o que queria, estava uma aliança de noivado.

Lembrei do dia que minha mãe me obrigou a comprar presentes para os meus sobrinhos, porque não comprei nada para ninguém. Mal sabia que passei grande parte das minhas férias sonhando com um relacionamento que iria mexer não só com minha cabeça, mas com todos os conceitos pré-definidos que nela existia.

Bia tornou minha vida muito mais prazerosa. Companheira e inteligente, muitos reclamavam de se prender a alguém e limitar sua vida. Minha mulher era tão parceira, que começou a fazer academia junto comigo e pretendia me fazer estudar para um novo concurso.

Não tinha intenção de mudar de profissão, apenas apoiá-la na sua nova descoberta, ser auditora.

Depois do dia que Juliana desapareceu das nossas vidas, Bia entrou com um pedido para reaver sua licença gestacional. Ela disse que não foi motivada pela indireta que recebeu no dia, mas sei que a incomodou. Minha mulher sofria com seu enorme coração e senso de justiça.

Em poucos dias ela voltará para sua função junto de Nina e mais uma vez terei o prazer de trabalhar diariamente com a mulher da minha vida. Apaixonado, esse era eu todos os dias que acordava e encontrava o meu prêmio da vida.

— Está demorando por quê? — Bia me assustou e escondi a caixa no bolso de trás da minha calça jeans. Iríamos jantar juntos com Jarbas e Nina, aproveitar que o amigo estava na cidade. Ela ainda estava na sala e isso me daria uma brecha para guardar a joia de forma correta.

— Estou indo — respondi e segui para o banheiro. Deixei a caixa em cima da pia e guardei apenas o pequeno anel, com uma pedra azul clara redonda em cima.

Deveria ter pensado no tamanho que ela usava, mas usei como padrão meu menor dedo, que observando nossas mãos, memorizei ser semelhante ao

que portaria a aliança.

— Você está muito misterioso, senhor fiscal.

Com um vestido solto, ela virou no próprio eixo e me agradou dando uma visão completa de sua roupa. Perfeita para se tornar a minha mulher de verdade.

— E você continua linda como sempre, senhora futura auditora que por enquanto será minha secretária.

Ela faz bico e eu sorrio, sabendo que pisei em um calo dolorido.

— Não serei sua secretária. Usarei todos os meios que conheço para fazer muito mais do que fui designada antes do meu afastamento para a investigação.

— Espero que seu chefe seja muito feio e careca, porque sentirei ciúmes de te dividir com ele.

Ela deu um passo em minha direção, envolveu os braços no meu pescoço e beijou meus lábios.

— Ah, meu amor, meu chefe é o mais gostoso de todos.

Sem que ela esperasse, segurei em sua bunda e levantei seu corpo enquanto nossos lábios se uniram. Suas pernas envolveram a minha cintura, facilitando a minha caminhada até a porta de saída. Adorava tudo o que fazíamos, o modo como um complementava o outro, como se tivéssemos ensaiado antes de realmente fazer. Andando, aproveitei meus últimos minutos como homem solteiro... bem, assim esperava.

— Pronta para ter o jantar da sua vida? — Coloquei-a no chão e abri a porta. Ela ajeitou seu vestido e o cabelo.

— Esse não é o nosso casamento, Davi. Jarbas e Nina são queridos, mas nem tanto — brincou e meu coração pulou e quase saiu para fora da minha boca. Isso era um sinal positivo, ela pensar em casamento, não era mesmo?

Como o verdadeiro cavalheiro que os meus pais me ensinaram a ser, abri portas, falei palavras carinhosas e segurei a mão da minha mulher enquanto seguíamos para o restaurante. Não soltei nem para trocar de marcha.

Quando chegamos, nossos amigos já estavam lá e o cumprimento deles na minha mulher não me fez sentir nada de ruim. Não havia mais insegurança ou medo de perder Bia. Antes, acreditava que enquanto ela não me conhecesse de todas as formas, nunca teria certeza de seus sentimentos.

Não haveria nada que me abalasse, mesmo que Jarbas a abraçasse além do normal como fazia nesse momento.

— E aí, motoqueiro, correndo muito? — Batemos as mãos e depois nas nossas costas.

— O suficiente para ganhar tanto dinheiro quanto você, fiscal.

A provocação nunca desapareceria. Achei que nossa luta iria nos tornar inimigos para sempre, mas teve o efeito contrário. Conversamos, acertamos nossas diferenças e nos tornamos amigos... na medida do possível.

— E os enjoos, já passaram? — Bia perguntou, ainda de pé, passando a mão na barriga de Nina. Eu e Jarbas nos sentamos.

— Agora é a azia. Como você não teve nada disso, amiga? Nem te conto o sono.

— Joana puxou a tia, uma anja! — Bia brincou e seu olho brilhou diferente, todas as vezes que falava da sobrinha. O batizado estava programado para quando ela fizesse quatro meses.

— Até parece, puxou o pai, mais paciente que seu cunhado, impossível!

Catarina se sentou e o garçom apareceu para fazermos o pedido.

— Acho que quero de tudo um pouco, Jarbas.

— Que seja feita a vontade das minhas pérolas — ele beijou sua mulher.

— É menina? — Bia deduziu.

— Ainda não sabemos o sexo, mas o senhor vidente já está considerando que é uma menina.

— Jarbas! — repreendeu minha mulher e o amigo apenas deu de ombros. Acho que ela se lembrou da fixação da sua irmã em ter um menino e se incomodou com a preferência.

Havia fantasmas que a assombrariam por um tempo.

— Se for um menino vou amar do mesmo jeito e ainda vou ensinar a andar de moto.

— Se isso acontecer, vou enfartar antes de completar quarenta anos — Nina brincou e o clima da conversa seguiu dessa forma, falando sobre gravidez e bebês.

Não sabia o que passava exatamente na cabeça de Bia, se incomodava não ter contato com a sobrinha ou ter perdido a maternidade da forma que foi. Sabia que às vezes ela acordava a noite, olhava para um ponto e sonhava acordada. Quando perguntava, sua resposta era a mesma, que estava feliz com sua decisão e que depois do batizado, voltaria a se relacionar com a irmã e em

doses terapêuticas, com Joana.

Acho que tudo isso era como o vício de algo que você precisava ter contato sempre. Primeiro vem a desintoxicação, depois a superação e o retorno em pequenas doses.

— Não vai comer? — Bia perguntou e só naquele momento percebi que o prato havia sido servido.

— Acho que o fiscal está pensando se está tudo certo com o imposto de renda desse ano — Jarbas brincou.

— Na verdade, lembrei da corrida de Moto 3 que assisti esses dias e das garotas propagandas!

— Davi! — Bia me bateu e Nina jogou um pedaço de pão em mim.

— É só uma brincadeira, tenho olhos apenas para a nova maromba da academia. — Abracei-a de lado e beijei sua testa.

— Catarina sabe o que acontece quando ela duvida do meu amor — Jarbas piscou para a mulher, que ficou vermelha como um pimentão e fez todos rirem, imaginando o que realmente ele fazia.

Enquanto olhava de canto de olho para Bia a cada minuto, esperando o momento certo para fazer a proposta, Jarbas chutou minha perna e chamou minha atenção. Ele fez um sinal com a cabeça para nos levantar e fiz, anunciando que iria no banheiro.

— Vou aproveitar e ir também.

— Era só o que me faltava, seu namorado e o meu, indo juntos no mesmo banheiro — Nina brincou.

— O caso deles é raro, socos de amor — Bia entrou na brincadeira e nos afastamos sem retrucar.

— Você vai pedir Bia em casamento, estou certo? — Jarbas perguntou assim que entramos no banheiro do restaurante.

— Puta merda, como você sabe? — Arregalei meus olhos, me odiando por ter dado bandeira.

— Você falou alguma coisa para minha mulher, que falou para mim e pelo seu comportamento, deduzi o óbvio. Eu vou sair com Catarina quando voltarmos para a mesa e te daremos a privacidade que precisam. — Ele bateu no meu braço e sorriu. — Parabéns cara.

— Obrigado. Eu amo essa mulher.

— Só sendo assim para passar por tudo o que vocês passaram. Fique um minuto aqui, eu já vou deixar o caminho livre.

Quando Jarbas saiu do banheiro, lembrei do primeiro conselho para mim, sobre o sorvete napolitano que ela tanto gostava. Fui até a cozinha do restaurante, que não ficava visível para a mesa que estávamos e verifiquei se tinha o tal doce gelado. Para minha sorte, a dona do restaurante gostava do sabor e possuía na sua geladeira pessoal um pouco.

Como expliquei o motivo, eles fizeram uma linda taça com duas bolas, chantili e no lugar da cereja, coloquei o anel.

— A senhora acha brega de mais? — perguntei para a dona, olhando o resultado e achando tudo muito bobo.

— Se você não for logo fazer o pedido, eu vou aceitar no lugar dela. — Piscou um olho e estendeu o braço indicando o caminho a seguir.

Devo ter demorado muito, porque Bia me olhava com a testa franzida e bico nos lábios. Vendo a taça na minha mão, um sorriso apareceu. Nossos amigos não estavam por perto, o momento era esse.

— Eu queria te fazer uma surpresa — falei sem saber por onde começar. Minhas mãos começaram a suar, inclusive.

Ela pegou a colher da minha mão, foi se servir de um pedaço e viu o anel. Olhou para mim e depois para o sorvete umas três vezes antes de remover o pequeno símbolo do nosso amor e abrir a boca.

— Isso é...

— Um pedido de casamento. — Peguei sua mão, coloquei seus dedos, que seguravam a aliança na boca e removi o chantili. — Não parece tão romântico como imaginei, mas vai ter que servir.

— Não é romântico?

— Bia, você entrou no meu mundo e se tornou a mulher da minha vida desde então. Comprei a fita, a corrente e o anel. Todos na minha viagem de férias, depois do nosso primeiro beijo.

— Desde aquela viagem? Não é possível, não foi para mim. Davi, isso é tão...

Ela olhou novamente para o anel e aproveitei para colocar em seu dedo. Ficou levemente solto, quase perfeito. Beijei sua mão e coloquei no meu coração.

— Mulher de coração forte, guerreira e apaixonada por trabalhar. Adoradora de sorvete napolitano, madrinha da Joana e melhor irmã da Renata.

— Você vai me fazer chorar.

— Eu te vejo quando se perde nos próprios pensamentos, quando

acorda de madrugada ou quando me abraça mais forte. Você luta batalhas com você mesma e acha que perde muitas. Só que a verdade é única, que você é a melhor pessoa do meu mundo e tenho sorte por ter me escolhido. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, casa comigo, Bia?

Antes que ela respondesse, ainda segurando sua mão, afastei a cadeira com minhas pernas e ajoelhei na sua frente, chamando atenção de todos no restaurante. Algumas exclamações foram soltadas antes da única coisa que queria como resposta soasse em meus ouvidos.

— Eu te amo, Davi, claro que caso com você!

— Ela disse sim! — Olhei ao redor, levantei-me e a ajudei a ficar de pé, para selar nosso compromisso com a assinatura dos amantes, um beijo.

— Parabéns! — Nina e Jarbas nos interromperam. Ao som de aplausos e vibrações positivas das pessoas ao redor, eu finalmente consegui concluir o que pretendia quando voltei de férias.

# Bia

Apesar dos meus melhores amigos estarem esperando para o abraço, não consegui me soltar do homem que com tanta paciência e carinho esperou meu tempo para sermos felizes.

— Obrigada por me esperar — beijei seus lábios, com as lágrimas de felicidade escorrendo pelos meus olhos.

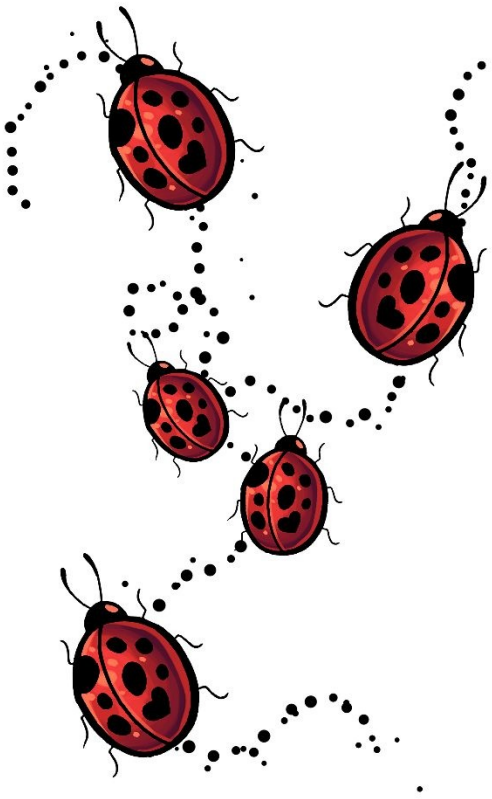
— Obrigado por me dar a oportunidade de mostrar que nós dois valíamos a pena.

— Chega de *melação*, depois vocês comemoram. Agora queremos comer a sobremesa, senão meu filho vai nascer com cara de sorvete — Nina apareceu do meu lado e finalmente me soltei de Davi.

Uma coisa era verdade, depois iríamos comemorar e o faríamos todas as noites pelo o resto dos nossos dias. O relacionamento foi construído com sinceridade e sacrifício e parecia muito mais sólido e enraizado no meu coração.

No final das contas, meu sonho ao passar num concurso público e mudado de cidade foi concretizado bem como o pedido feito para a fita do Senhor do Bomfim.

Consegui ser feliz.



# Epílogo

## Bia

— Você *tá* linda, dinda! — Joaninha, minha pequena guerreira falou assim que saí do quarto.

Estávamos em um salão chique, patrocinado pela madrinha do casamento, minha irmã, tendo meu dia de princesa, ou melhor, de noiva. Nina, todas as irmãs de Davi e sua mãe me acompanhavam e complementaram o elogio da minha afilhada.

Uma coisa era certa, o elogio de uma criança, de forma espontânea como foi, valia muito mais.

Foram mais quatro anos para que finalmente essa data chegasse, meu casamento. O noivado durou muito por minha causa, por estar tão focada em aproveitar meus dias e estudar um pouquinho mais. A cada ano, eu e Davi saíamos de férias para conhecer cidades diferentes e criar mais lembranças.

A vida era nossa.

Foi depois do batizado de Joana, quando eu finalmente me permiti voltar a me relacionar com minha família de sangue. Percebi que meus medos estavam apenas na minha cabeça. Minha sobrinha estava sendo bem tratada por minha irmã, pela babá e todos os médicos que a acompanhavam. Ela não precisava ser minha filha para participar do seu dia a dia e sua evolução.

Com seis meses ela fez a primeira cirurgia e o início de várias batalhas diárias. Imunidade baixa, adaptação para novas comidas, noites ainda mal dormidas... Às vezes, eu me permitia assumir um dia de cuidados dela para que minha irmã e Rildo tivessem um dia de descanso.

Meu cunhado era outro, um pai babão e protetor, não mais aquele viciado em trabalho. Percebi que viver afastado dos seus pais o tornou frio e calculista. Nada que uma criança não transformasse opiniões e atitudes.

Foi pensando em tudo o que passei que olhei para as mulheres que me acompanhavam desde que me mudei.

— Meu irmão vai perguntar o motivo de não ter casado antes com você! — Diná falou e alisou minha saia.

Vestindo um tomara que caia branco, uma fita azul abaixo dos seios e o resto solto e rodado, por causa da minha barriga de sete meses, foi que percebi que demorei demais para planejar esse casamento.

— O padre vai ter que fazer a cerimônia rápido — Renata falou e pegou sua filha no colo. Minha dama de honra estava com um vestido semelhante ao meu.

— Por que a fita azul mesmo? — Nina perguntou, olhando cada canto do meu vestido.

— É para simbolizar o primeiro presente que Davi me deu, a fita do Senhor do Bomfim.

— Essa mulher é romântica mesmo — Dora falou e suspirou.

Andei até o espelho e observei o quanto estava radiante. Era minha segunda gestação, mas curti como se fosse a primeira. Em um surto, não quis saber o sexo do bebê, apesar de Davi e suas irmãs saberem. Irei descobrir no chá de bebê que elas estão planejando para depois da lua de mel.

Um dos motivos que me motivaram a sair do estado de noivado para casada foi esse, a gravidez. Eu morava junto com Davi, nosso relacionamento era harmonioso, tínhamos os mesmos interesses e não seria um papel ou uma festa que mudaria tudo isso.

Foi depois de uma conversa com dona Maria, no dia que anunciamos a gravidez, que ela nos fez mudar de ideia. Com seus sábios conselhos, ela falou que merecíamos uma transição na nossa vida e a festa de casamento faria esse papel. Estávamos confortáveis na nossa rotina, mas sofremos muito até chegarmos no noivado. Estávamos seguindo a corrente do rio, estava na hora de mudar de águas. Não seríamos mais um casal vivendo para nós mesmos e sim, para a família.

Um filho não estava planejado para o momento. Ver Joana em todas as suas etapas saciava minha necessidade de formar minha própria família. Foi em um mês de estresse com os estudos para uma prova de concurso que peguei uma infecção de garganta, esqueci de tomar meu anticoncepcional além de tomar antibióticos, que a barreira sumiu e nosso bebê apareceu.

Confessava que tinha alguns traumas da minha primeira gestação e tentava exorcizar minhas neuras fazendo mistério para mim mesma. O bebê estava sendo gerado na minha barriga e isso tinha que ser o suficiente para mim nesse momento, independente do seu sexo ou possíveis particularidades.

— Vamos tirar uma foto? — A moça do salão perguntou e desviei minha atenção do reflexo no espelho para todas que estavam comigo.

— Obrigada por todas estarem aqui. Nessa sala estão apenas quem importa e quem eu amo.

— E nossos filhos? — Diná fingiu ofensa e as irmãs a repreenderam,

porque sabiam que eu falava apenas das mulheres.

— Você merece toda a felicidade do mundo. — Renata beijou meu rosto.

— Te amo dinda! — Minha pequena me beijou também e segurei para não deixar as lágrimas caírem. Céus, nunca me cansaria de escutar sua voz angelical e sentir seu carinho. Sua fenda estava quase 100%, as últimas cirurgias seriam apenas estéticas e ela seguiria sua vida normal.

Comigo no meio e todas a minha volta, tiramos várias fotos antes de nos despedirmos e embarcarmos para os carros.

Renata e Joana foram comigo na limusine. Com o sapato azul a mostra e o buquê da mesma cor, olhei para as luzes da cidade e sonhei com meus pais estando aqui comigo, se eles estavam orgulhosos de mim.

— Ah, Bia, não vá chorar! O que você está pensando? — Renata falou e me entregou um lenço, que passei no olho, tentando conter a lágrima de escorrer.

— Em nossos pais — sussurrei e ela deu um sorriso triste, sabendo que era algo inevitável.

— Quem? — Joana perguntou, confusa com a melancolia.

— O vovô e a vovó estão lá no céu fazendo festa também.

— Vovó Maria? — Sorri, feliz que pelo menos ela conseguiu avós postiços com a família de Davi.

— Não, minha Joana, e mamãe e o papai da mamãe.

O silêncio dominou, a confusão nos olhos de Joana era nítida, mas ela não insistiu. Tinha apenas quatro anos, em algum momento entenderia.

Paramos na entrada do buffet e apenas eu fiquei no carro. Assim que a moça do cerimonial acenou, saí do carro com um pouco de dificuldade e Jarbas e Nina me esperavam na porta de entrada.

— Depois te mostro Felipe e Joana entrando juntos. Meu filho está tão homenzinho! — Nina vibrou assim que me aproximei. Ela beijou meu rosto e entrou pela lateral.

Olhei para meu amigo, que se ofereceu para entrar comigo no lugar do meu pai, mesmo estando com a agenda apertada entre suas corridas e patrocinadores.

Depois que Felipe nasceu, Catarina decidiu seguir os passos do marido e ser sua assistente. Ela amava seu emprego e ter sua independência, mas nada se comparava a estar ao lado de quem completava sua vida. Ignorando qualquer

sentimento de saudades do país, ela, seus pais e seu filho foram morar nos Estados Unidos, onde Jarbas já possuía uma residência física e ficava grande parte do tempo.

Nosso relacionamento voltou ao normal, conversava com Nina sempre que podia e trocávamos foto, na época, de Joana e Felipe. Hoje, troco não só da minha afilhada, mas do meu próprio barrigão.

— Você está linda, eu finalmente posso dizer que é uma honra te levar ao altar, minha irmã. — Ele conseguiu arrancar uma lágrima e enxugou rapidamente.

— Deixe-me entrar, depois me faça chorar.

Ele beijou minha testa, ajeitou meu braço no dele e respirou fundo.

— Sou o homem mais sortudo do mundo. Tenho a mulher dos meus sonhos ao meu lado e ganhei uma irmã maravilhosa, que me ensinou, acima de tudo, não esquecer as minhas origens. — Jarbas fez referência a uma conversa que tivemos, acho que uma das últimas as sós, sobre ele virar famoso e esquecer que um dia foi motorista. Que ele deveria manter a cabeça no lugar, o dinheiro era apenas um complemento na vida, a família que era tudo.

Qualquer sombra de sentimento dúbio que existia entre nós sumiu quando ele se tornou pai, o mais coruja de todos, que me fazia inclusive lavar as mãos antes de pegá-lo.

— Obrigada — falei e olhei para frente, esperando a porta se abrir.

— Serei eternamente agradecido a você, querida.

A porta se abriu, os convidados se levantaram e uma versão lenta da música “Com você é melhor”, originalmente cantada por Dux e Di Ferrero soou nos altos falantes e me fizeram dá um passo à frente. Meus olhos estavam em todo mudo. A família de Davi, amigos que fizemos no serviço e a minha própria família nos aguardava.

“Porque o mundo não se encontra só

De encontro ao vento

Eu vejo que com você é melhor”

No meio do caminho meus olhos encontraram os de Davi e minha noite se tornou completa. Com a gravata azul no mesmo tom da minha fita e um fraque de três peças, parecendo um lorde antigo, me fizeram apaixonar mais uma vez por ele.

— Você está bonito, fiscal — Jarbas falou assim que nós três nos reunimos perto do altar.

— Tire seu olho de mim, porque sou toda dela — Davi respondeu, beijando minha testa e tomando minhas mãos nas suas. — Eu te amo, Bia.

— Eu te amo, Davi.

O que me daria se soubesse tudo na minha vida? Planejamento era importante, mas havia coisas que não poderíamos controlar, como o sexo do bebê. Se não estava nas minhas mãos, que entrasse na minha vida de bom grado.

E a partir desse momento, o que a sábia dona Maria disse fez sentido. Essa era uma nova fase da minha vida, eu deixava de ser apenas de Davi e me tornaria uma mãe, além da mulher, tia e irmã que já era antes.

Eu seria família.

# FIM

# Agradecimentos

Depois de um ano de história engavetada, Joaninha foi para o mundo transformar a vida das pessoas. Muito mais do que um enredo sobre a maternidade, esse livro tem a intenção de valorizar a transformação das mulheres quando escolhem ser mães.

Gratidão pelo dom e pela vida aos meus pais, que também passaram por isso da forma deles. Cada um fez seu melhor e honro suas ações com meu dia a dia, principalmente, com meu trabalho. Obrigada pai e mãe, meu presente de Deus.

À minha família a qual ocupo papel de mãe e esposa, obrigada por serem fonte de inspiração sempre. Situações que a personagem principal passou aconteceram comigo durante as duas gestações que tive. Fabricio, Amanda e Daniel, amo vocês.

Às minhas amigas que nunca desistiram de mim, mesmo nos momentos mais sombrios ou surtos de trabalho árduo. Betas, Encantadas, LS, Musas, Panela, Sortudas e Superpoderosas, vocês fazem a diferença em cada gesto e palavra.

Enquanto revisava esse livro, tive a companhia de escritoras especiais em busca de não deixar a escrita solitária. Mulheres dueladoras, juntas e shallow now, muito obrigada por estarem no meu dia a dia. Não me sinto estranha obcecada em escrever, existem outras como eu!

Um agradecimento especial para Michele, Sara, Digo e Carla, que leram a primeira versão dessa história e declararam sua grande admiração por mim. Nunca esquecerei os áudios e claro, a torcida para que essa história viesse a público. Chegou a hora da nossa Joaninha!

Um agradecimento especial para Re Sanrehd. Ela me ajudou na área dos lábios leporinos, por ter um bebê na família que passou por isso.

Não posso deixar de agradecer meus parceiros poderosos, aqueles que, a cada lançamento, estão ao meu lado! Como não posso colocar todos em um potinho, eternizo nos meus livros (Instagram):

@50livros

@AlfasLiterarias

@anaflpimentta

@betaliteraria

@blogcheirodelivros
@cafecomletras.oficial
@cia_da_leitura
@contandocapitulos
@dayukie
@duaslivrolatras
@ebtb_brasil
@ellyteratura
@enquadrandolivros
@epifania_literaria
@estantedagabii
@sayociosa
@folhadepolen
@gabieumlivro
@indicacoes_literarias
@issoateparecemagia
@jheni_literaria
@jujueoslivros
@literariaraposa
@literatura.hot.livros
@literaturaemdiajessica
@divaliteraria
@lmeninados
@lua.de.papel
@mafiosas_literarias
@maniaca_literaria
@menina.que.amaler
@minhapequenacolecao
@ocantinhodaleituraa
@coice_literario
@queen_of_literature
@samurailiteraria
@a_magiadoslivros

@totoroliterario
@viciadosemliteraturanacional
@vidadebibliotecaria
@bibliovicio.da.jess
@Sussurrando_Sonhos
@paraleloliterario
@euleitoraminhapaixao
@impressaodoleitor
@naosoucompulsiva
@umlivroumamor1
@divando_livros
@jaqueronaminhaestante
@resenhasnacionais
@mariindicanacional
@lsapoioliterario

# Sobre a Autora

Mari Sales é mãe, esposa e escritora em tempo integral, analista de sistema quando requisitada e leitora assídua durante as noites e madrugadas. Nos intervalos entre suas vocações, procura controlar a mente para não se atropelar em todas as ideias que têm. Entusiasta das obras nacionais de romance contemporâneo, contribuiu com esse universo literário através do blog Resenhas Nacionais e entrou no universo das publicações independentes em janeiro de 2017 com Superando com Amor, e desde então, não tem planos para parar tão cedo.

**Facebook:** https://www.facebook.com/autoramarisales/

**Instagram:** https://www.instagram.com/autoramarisales/

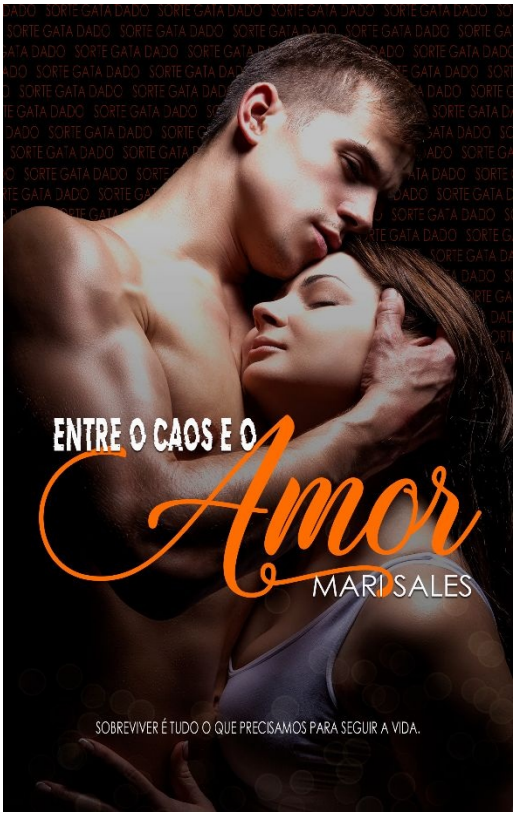
**Wattpad:** https://www.wattpad.com/user/mari_sales

**Site:** www.autoramarisales.com.br

**Livros Físicos e outros brindes:** http://loja.autoramarisales.com.br



# Outras Obras




**Entre o Caos e o Amor:** https://amzn.to/2F2ib3j

**Sinopse:** Quem disse que os acontecimentos ruins da nossa vida não podem ser o prenúncio de dias melhores?

Mesmo com o coração em pedaços, Elaine seguiu sua vida e conseguiu o seu tão sonhado espaço para eventos, o Espaço Vivifica. Morando debaixo de um teto diferente do que seus pais, sua independência estava quase completa, apenas um assunto do passado perturbava sua paz.

Jonathan de Paula viu a morte. Seu companheiro de anos na polícia foi morto de forma cruel em um acidente e ele só não teve o mesmo destino, porque uma mulher corajosa desviou seu caminho. Só que do acidente veio sequelas e com elas, a vontade de se vingar, mesmo não fazendo mais parte do batalhão.

O encontro dessas almas marcadas por um dia trágico tinha tudo para que o assunto mal resolvido fosse esclarecido. Mas quando se tratava de um dia de azar, nada seria fácil.

Elaine procura paz e independência, Jonathan, paz de espírito e justiça. Juntos,

eles não imaginavam, mas encontrariam o amor e a resolução de suas vidas.

Obs. Essa história também conta o surgimento da empresa que Leonides Saad, da série Quarteto de Noivos, faz parte.




**BOX – Família Valentini:** https://amzn.to/2RWtizX

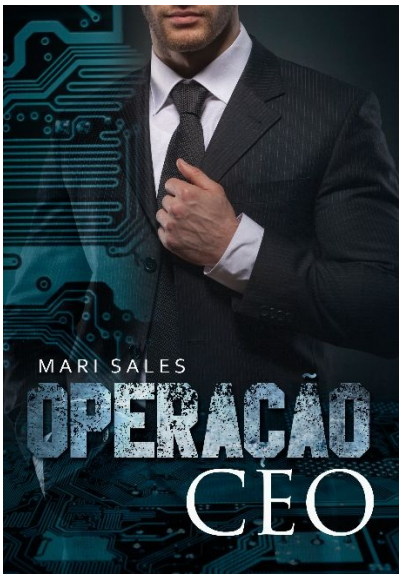
**Sinopse:** Esse e-book contém os seis livros da série família Valentini:

1 - Benjamin
2 - Carlos Eduardo
3 - Arthur
4 - Antonio
5 - Vinicius
6 – Rodrigo

1 - Benjamin – sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma desilusão para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne, uma mulher insegura, desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.




**Operação CEO:** https://amzn.to/2Chlamo

**Sinopse:** Sabrina é uma profissional da área de TI que está tentando sobreviver aos trinta dias de férias repentinas do seu chefe setorial. Sua primeira atividade será ajudar o mais novo CEO da empresa, que possui um sotaque irresistível e olhos hipnotizantes.

Enrico Zanetti assumiu a posição de CEO de forma repentina, depois que seu pai foi afastado por causa de um infarto. Em poucos dias de presidência descobriu que a empresa possui um rombo em suas finanças, e agora está disposto a encontrar o responsável a qualquer custo.

Com a ajuda do setor de TI, Enrico descobrirá não só o responsável pelas falcatruas em sua empresa, mas também uma mulher competente, destemida e que, aos poucos, despertará seus sentimentos mais profundos e nem um pouco profissionais.

No meio dessa complexa investigação, Enrico e Sabrina descobrirão afinidades, traição e amor.




**Encantadas por Livros e Música – Primeira Temporada:**
https://amzn.to/2GFfZlF

**Sinopse:** Os dez contos da primeira temporária da série Encantadas por Livros e Música está aqui, com um capítulo bônus final.

10 contos em um só livro! Serão várias páginas de muito amor, emoção e erotismo.

O Desejo de Leo

O Sonho de Justin

A Aposta de Kant

A Farsa de Evandro

O Charme de Alex

O Rompante de Well

O Retorno de Fabiano

A Escolha de Bruno

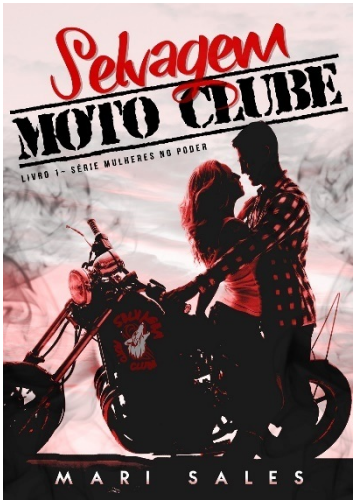
A Marca de Ryan

A Promessa de Thor




**Encantadas por Livros e Música – Segunda Temporada:**
https://amzn.to/2GSAIk9

**Sinopse:** Os doze contos da segunda temporada da série Encantadas por Livros e Música estão aqui!
2 contos em um só livro! Serão várias páginas de muito amor, emoção e erotismo.
Um Amor Real Para Danilo & Hay
Um Jantar Para Tom & Cami
Uma Resposta Para Ethan & Helo
Uma Aventura Para Wires & Bruna
Um Convite Para Andreas & Thais
Uma Conquista Para Jake & Rita
Uma Nova Perspectiva Para Andrew & Simone
Um Recomeço Para Renner & Cassia
Um Passo Parra Daniel & vivianne
Uma Lenda Para Jared & Nayane
Um Abraço Para Denis & Juliana
Uma Ousadia Para Phil & Lilian

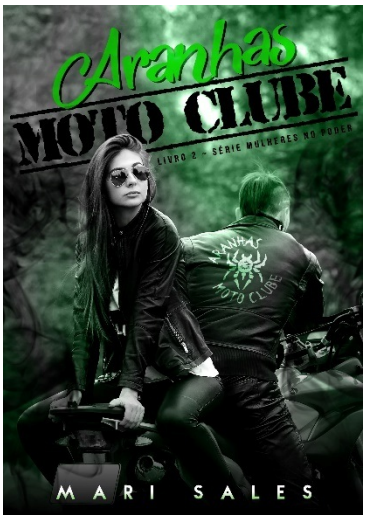



**Selvagem Moto Clube:** https://amzn.to/2QlULdz

**Sinopse:** O presidente do Selvagem Moto Clube está gravemente doente e um sucessor precisará ser escolhido antes que John morra. O vice-presidente deveria ser o herdeiro legítimo, mas seu mal caráter e negócios ilícitos fazem com que essa vaga seja disputada.

John nunca quis que sua família se envolvesse com seu Moto Clube, mas sua filha Valentine entra na disputa pela presidência e nada mudará sua decisão. No meio dessa disputa entre o comando do Selvagem, Doc é o único homem que ela poderá confiar para lutar pelo Moto Clube e quem sabe pelo seu coração, que há muito foi judiado por outro motociclista.

Entre a brutalidade e o preconceito, Doc e Valentine encontrarão muito mais do que resistência nos membros do Moto Clube, mas intrigas e traição.



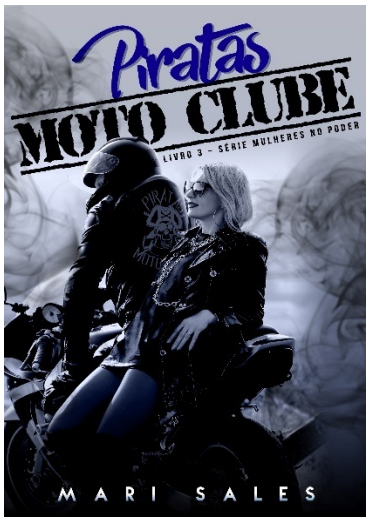

**Aranhas Moto Clube:** https://amzn.to/2x62CDU

**Sinopse:** Ter um relacionamento afetivo nunca foi preferência na vida de Rachel Collins. Seu trabalho e seu irmão eram as únicas prioridades, até que seu caminho cruza com o de Victor Aranha em um tribunal, em lados opostos. O homem de postura arrogante e confiante, presidente de um Moto Clube, abalou os planos da advogada.

Tempos depois, os dois se encontram informalmente e a chama adormecida se acende. Prudente e competente, Rachel acaba em conflito de interesses ao ser convidada por Victor, para uma noite sem compromisso. O lado pessoal dos dois estava pronto para colocar em risco tudo o que construíram.

Ela seguia as leis. Ele as quebrava.

Victor precisa de assessoria jurídica, e claro que convoca a atrevida Rachel Collins. Tentada pelo desafio, acaba envolvida em muito mais do que suas teias, mas no lado obscuro do Aranhas Moto Clube.




**Piratas Moto Clube:** https://amzn.to/2QpLOzN

**Sinopse:** Ser o presidente do Piratas Moto Clube nunca tinha passado pela cabeça de Richard Collins, um homem respeitado e de valores tradicionais. Ele assumiu o posto de chefe de família muito cedo e isso trouxe sequelas para sua confiança. Apesar disso, ninguém sabia que debaixo daquela postura firme e cheia de argumentos morava um homem assombrado pelas suas limitações.
Nina está envolvida em todos os assuntos dos seus amigos, principalmente quando Richard, seu Lorde da vida, está em causa. Quando ele precisa de proteção extra, além do que já tem por causa de JFreeman, ela não só se voluntaria, mas decide investir, finalmente, na sua atração pelo homem que é o verdadeiro príncipe de terno e gravata.
Apesar de serem de mundos diferentes e com convicções completamente opostas, as circunstâncias colocarão à prova tudo o que acreditam, inclusive seus próprios medos.
As aparências trazem julgamentos precipitados e as histórias de família mal contadas também. Existem muito mais segredos pirateados do que ocultos nessa história.

# Table of Contents

Sinopse
Prólogo
Renata
Capítulo 1
Bia
Capítulo 2
Bia
Capítulo 3
Bia
Capítulo 4
Bia
Capítulo 5
Bia
Capítulo 6
Davi
Capítulo 7
Bia
Capítulo 8
Bia
Capítulo 9
Bia
Capítulo 10
Bia
Capítulo 11
Bia
Capítulo 12
Bia
Capítulo 13
Davi
Capítulo 14
Bia
Capítulo 15
Bia
Capítulo 16
Bia

Capítulo 17
Bia
Capítulo 18
Bia
Capítulo 19
Bia
Capítulo 20
Bia
Capítulo 21
Davi
Capítulo 22
Bia
Capítulo 23
Bia
Sete semanas
Capítulo 24
Bia
Nove semanas
Capítulo 25
Davi
Capítulo 26
Bia
Capítulo 27
Bia
Capítulo 28
Bia
Capítulo 29
Bia
Capítulo 30
Bia
Doze semanas
Capítulo 31
Bia
Capítulo 32
Bia
Vinte e duas semanas
Capítulo 33
Davi
Capítulo 34

Bia
Capítulo 35
Bia
Capítulo 36
Bia
Capítulo 37
Bia
Vinte e cinco semanas
Capítulo 38
Bia
Capítulo 39
Bia
Capítulo 40
Bia
Capítulo 41
Bia
Trinta e duas semanas
Capítulo 42
Bia
Capítulo 43
Davi
Capítulo 44
Davi
Capítulo 45
Bia
Trinta e seis semanas
Capítulo 46
Bia
Capítulo 47
Bia
Capítulo 48
Bia
Capítulo 49
Bia
Capítulo 50
Davi
Capítulo 51
Davi
Capítulo 52

Bia
Trinta e sete semanas
Capítulo 53
Bia
Davi
Capítulo 54
Bia
Capítulo 55
Bia
Capítulo 56
Bia
Capítulo 57
Bia
Capítulo 58
Jarbas
Capítulo 59
Catarina
Capítulo 60
Bia
Trinta e oito semanas e três dias
Capítulo 61
Bia
Capítulo 62
Bia
Capítulo 63
Bia
Capítulo 64
Bia
Capítulo 65
Bia
Capítulo 66
Bia
Capítulo 67
Bia
Capítulo 68
Bia
Capítulo 69
Davi
Bia

Capítulo 70
Bia
Capítulo 71
Bia
Capítulo 72
Bia
Capítulo 73
Bia
Capítulo 74
Davi
Bia
Capítulo 75
Bia
Capítulo 76
Bia
Capítulo 77
Bia
Capítulo 78
Davi
Bia
Epílogo
Bia
FIM
Agradecimentos
Sobre a Autora
Outras Obras